

AMORES

DE

VIEIRA LUSITANO

JULIO DE CASTILHO

AMORES

DE

VIEIRA LUSITANO

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS



LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
Rua Augusta—50, 52, 54
1901

Typographia da Parceria Antonio Maria Pereira — Beco dos Apostolos, 11, 1.º — LISBOA

Á

memoria do meu mestre

e prestante amigo

Ignacio de Vilhena Barbosa

Lumiar

Abril de 1901

J. de C.

ADVERTENCIA

O presente estudo biographico sahiu em primeira edição no excellente periodico *O Instituto*, de Coimbra. Publicando-o agora, deseja o autor demonstrar novamente a sua admiração ao insigne Pintor portuguez do seculo XVIII, e a mais entranhada sympathia aos cultores da Arte em Portugal.

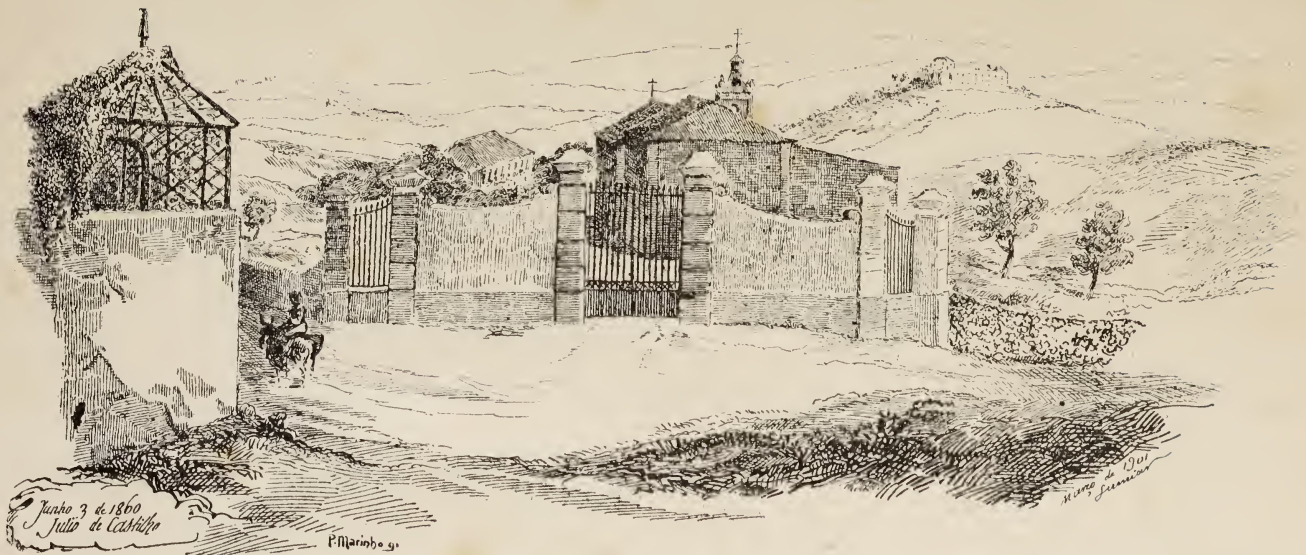
Se o nome, a vida, os amores, os enthusiasmos, as obras, do eminente Francisco Vieira Lusitano, trazidos hoje a publico, poderem acordar nas almas dos modernos artistas um lampejo sequer de inspiração, por bem pago se dará da sua longa tarefa o escriptor d'estas paginas. Foi apenas o evocador do grande Homem que tanto honrou a sua terra; mas evocou-o de todo o coração.

LUMIAR

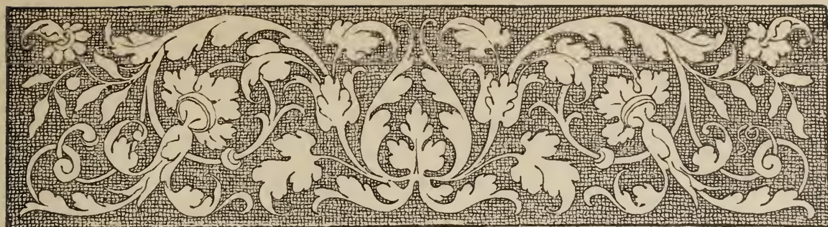
ABRIL DE 1901

Vista do palacio dos Falcões ao longe; primeiro aspecto a quem chega ao topo do largo de Carnide. No 1.º plano vêem-se as portas modernas gradeadas do cemiterio, e a freguesia velha. O mirante com seu caramanchão, á esquerda, pertence ás casas onde no corrente anno de 1901 móra o snr. General Henrique das Neves, a cuja obsequiosa e espontanea recommendação e intervenção se deve a actual edição d'este livro. O palacio que se avista mais ao meio da gravura, entre o olival do Bom-Nome, pertenceu ao insigne camonianista Visconde de Juromenha por cabeça de sua mulher a senhora Viscondessa; é a quinta do Bom-Nome, ou do Sarmento. No monticulo, á direita, vê-se o palacio dos Falcões. Desenho á penna por Julio de Castilho em Março de 1901, segundo outro do mesmo autor feito em 3 de Junho de 1860.

Vista do palacio dos Falcões ao longe; primeiro aspecto a quem chega ao topo do largo de Carnide. No 1.° plano vêem-se as portas modernas gradeadas do cemiterio, e a freguesia velha. O mirante com seu caramanchão, á esquerda, pertence ás casas onde no corrente anno de 1901 móra o snr. General Henrique das Neves, a cuja obsequiosa e espontanea recommendação e intervenção se deve a actual edição d'este livro. O palacio que se avista mais ao meio da gravura, entre o olival do Bom-Nome, pertenceu ao insigne camonianista Visconde de Juromenha por cabeça de sua mulher a senhora Viscondessa; é a quinta do Bom-Nome, ou do Sarmento. No monticulo, á direita, vê-se o palacio dos Falcões. Desenho á penna por Julio de Castilho em Março de 1901, segundo outro do mesmo autor feito em 3 de Junho de 1860.



Junho 3 de 1860
Julio de Castilho
P. Marinho g.
Março de 1901
Lumiar



I

Quem chega ao fim do largo de Carnide, e espraia a vista para o poente, vê a meio quarto de legua, sobre um oiteiro d'onde se descortina lindissimo scenario, uma casa grande, isolada, largamente recostada no alto do cabeço, e interessante no seu todo desmantelado e funebre. É ainda senhoril e grandioso aquelle conjunto arruinado.

Conheço a casa desde os meus dezoito annos; e nem suspeitava então o que ella fosse.

— Alguma tristeza grande passou ali — dizia eu ás vezes comigo mesmo, encostado ás oliveiras, a mirar o oiteiro.

Nunca interrogava os camponezes, que esses, por via de regra, nada sabem, ou nada querem dizer. Senti, perante o enigmatico edificio, o que sentiu Balzac no jardim já semi-silvestre do caduco palacio provinciano que elle chama algures «*La grande Bretêche.*»

Aquella habitação seiscentista espelhava aos meus olhos todo o passado. Ás vezes, nos meus delirios de sonhador, parecia-me ver habitada pelos primitivos senhores (que eu ignorava quem fossem) aquella vasta mole; parecia-me ver abrirem-se as varandas, por mão de alguma vaporosa fi-

gura de cabelleira de anneis, que ficasse sobresahindo immovel e attenta no fundo escuro do aposento, como um retrato grande de familia. Ás vezes apparecia aos meus olhos visionarios o vulto branco de uma mulher, moça e formosa, que eu só de relance entrevia, mas reconhecia ser sempre a mesma.

Uma noite (ha coisas singularissimas no mundo!) recolhia-me eu de fóra com meu Pae; meu Pae acompanha todas as minhas recordações de mocidade; foi, por signal, na noite de 30 de Novembro para 1 de Dezembro de 1858. Subiamos a calçada da Estrella, de braço dado, de vagarinho. Conversavamos; ou antes: eu escutava religiosamente a conversação d'Elle, sempre instructiva e variada, e ás vezes tão chistosa! Elle, que sabia tudo, falou-me (não sei já dizer a que proposito) no nosso pintor Francisco Vieira Lusitano, personagem de quem a minha ignorancia de dezoito primaveras nunca ouvira sequer o nome. Meu Pae lêra em tempo a auto-biographia do celebre artista, falou-me d'ella com muito agrado, e prometteu que juntos começariamos essa leitura; deu-me em poucas palavras ideia do homem, e do livro. Fiquei ancioso.

No dia seguinte, pelo meio dia, encetámos a agradavel tarefa, interrompida pelos commentarios historicos, philologicos, e litterarios d'Elle, e continuámol-a em 2, 3, 4, 5, e 6, saboreando de vagar a muita poesia nacional e intima, que de cada uma d'aquellas pobres quadrinhas em toantes se destilla. D'essa data em diante, não sei por que motivo, meu Pae não teve tempo de proseguir a leitura comigo. Conclui-a sosinho.

Dois dias andados, logo na quinta-feira 9 de Dezembro, fui a Carnide procurar a quinta onde passava grande parte do drama biographico de Vieira, e que elle caracterisava sob o titulo de quinta da Boa-Vista, no cimo de um montículo, a diante do olival do Bom-Nome, transposta a povoação de Carnide. Procurei, interroguei, encaminhei-me; e qual não foi a minha alegria, quando ao interpellar uma pobre velha que ia passando, para estender roupa nas sil-

vas de um vallado, ella me disse ser a «quinta da Boa-Vista» aquella, aquella mesma que eu desde mezes namorava, aquella, o meu desatinado e querido enigma de adolescencia! Accrescentou a boa mulher, sem de todo perceber a minha expansão alegre, ter lá ouvido Missa, na capella de Nossa Senhora da Assumpção, havia mais de sessenta annos, achar se a capella profanada, e deshabitado e arruinado o palacio. Isto, confesso, ennevoou de melancolia o meu enthusiasmo. Momentos d'esses, ainda assim, poucas vezes se experimentam.

Já de 9 de Dezembro, possuo um esboceto á penna representando o palacio da Boa-Vista; d'ahi em diante succederam-se com a possivel frequencia as minhas peregrinações, mais ou menos demoradas, á quinta e aos arredores.

.........laissant pendre à la main
Un livre interrompu, debout sur le chemin...

O livro era a auto-biographia do grande pintor, intitulada (com pouca modestia, mas com exacção) O INSIGNE PINTOR E LEAL ESPOSO FRANCISCO VIEIRA LUSITANO. Ia lel-a á sombra das paredes que o tinham abrigado, pelo meio dos arvoredos que o tinham ouvido talvez; ia cotejar os sitios com os versos, e o sentimento dos versos com o meu proprio sentimento. Tornou-se Vieira por muito tempo a minha monomania. O que em taes devaneios gosei, quero repartil-o com o leitor.

II

Costuma dizer-se que são aridos os arredores de Lisboa. São; alguns; principalmente, se os compararmos com os de Coimbra, com os do Porto, com os de Vianna do Minho;

mas não comparemos; a comparação estraga tudo n'este mundo; acceitemol-os como elles são.

Procurem entre Nossa Senhora da Luz e Odivellas o valle da Paian, e estou certo de que os mais incontentaveis desdenhadores do que é nosso hão-de achar ahi uma brilhantissima excepção á tal aridez de que falam os exclusivos enthusiastas de Cintra; hão-de achar verdura, sombras profundas, muita fresquidão, linhas grandiosas, e todo o sorriso das eglogas virgilianas. A Paian é um valle privilegiado; a Paian alastra o seu bucolismo pelas encostas da Luz, chora de ternura na sua fonte «das Lagrimas», e estende o verdejar das suas oliveiras e dos seus vinhedos por aquelles oiteiros fóra, que se vão levantando até ao logarejo de Carnide.

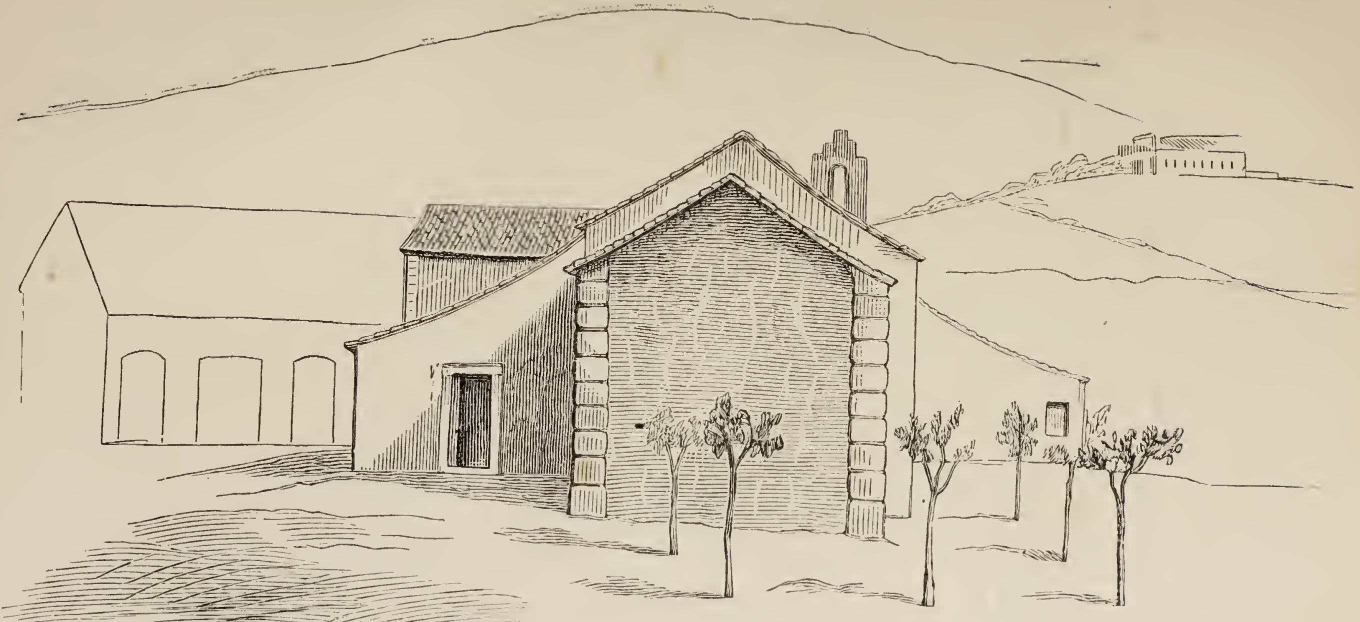
«Ao norte, e em distancia de uma legua da cidade de Lisboa — diz Frei José de Jesus Maria, laborioso continuador da Chronica dos Carmelitas — fica situado o logar de Carnide, em campo largo, alegre, e de ares tão puros e temperados, que, por experiencia e conselho dos medicos, se retiram a elle varios enfermos a buscar a saude, que não poderam achar em outros sitios com a applicação de reiterados remedios. É cercado de muitas e curiosas quintas, que servem egualmente para o lucro, que ao recreio. Gosa terreno fertil de pão, vinho, azeite, e outros fructos, de boa qualidade, e de melhor extracção pela visinhança da Côrte»[1].

Essa pintura rapida está ainda hoje exactissima. Com as suas azinhagas sombrias, e os seus horizontes luminosos e desaffrontados, com as suas hortas, vinhedos e laranjaes, é Carnide apetecivel ponto de desenfastiada residencia.

Ao topo do largo, ainda eu conheci, mesmo á beira da quebra do terreno, defronte dos portaes de ferro do actual cemiterio, no ponto de intersecção das duas estradas de Santo Eloy e da Porcalhota, uma vetusta ermidinha da invocação do Espirito Santo, demolida por 1858. D'esse

[1] *Chron. dos Carm.*, tom. III, pag. 147.

Ermida do Espirito Santo no topo occidental do largo de Carnide; demolida pelos annos de 1858. Gravura em madeira, segundo um desenho á penna por Julio de Castilho em Março de 1901, copiado de outro do mesmo autor desenhado em 28 de Agosto de 1858.



1858. Agosto 28
Julio de Castilho

Março de 1901

extremo occidental do largo é que se avista a nobre quinta a que acima me refiro; vê-se logo, com a sua renque de sacadas antigas, e os seus telhados muito amplos; vê-se logo. É a quinta *da Boa-Vista,* ou *dos Falcões.*

. . . .

Remontemo'-nos de relance ao principio do seculo XVIII. Tinha então o Morgado Falcão, dono da quinta, o costume de reunir semanalmente (ha bons cento e oitenta e tantos annos) um grupo de sujeitos serios, que, ao uso d'então, se congregavam amigavelmente para palestrar. Palestrar é um dos prazeres da vida. As boticas, onde por uso e costume se discreteia, são muita vez academiasinhas em ponto pequeno. Os Portuguezes são cavaqueadores por indole; e nossos avós, esses então palestravam as estopinhas. Houve tempo, no reinado d'el-Rei D. João V, fundador, elle só á sua parte, de varias Academias, houve tempo, em que, por assim dizer, pullularam em Portugal essas reuniões litterarias, ou philosophicas, mais ou menos comesinhas, mais ou menos seccantes, em ponto grande, e em ponto pequeno. Os *Estudiosos*, os *Applicados*, os *Generosos*, os *Particulares*, os *Occultos*, os *Escolhidos*, os *Unidos,* os *Anonymos*, os *Aventureiros Scalabitanos*, os *Obsequiosos de Sacavem,* os *Singulares*, e até, segundo parece, os *Humildes* e *Ignorantes*, todos se arregimentavam, para praticar entre si, como sabiam ou podiam, duvidas theologicas, argucias philologicas, subtilezas philosophicas, singelos problemas historicos, paradoxos madrigalescos, ou algumas vezes acastellar em commum séccas monumentaes de decassyllabos empavezados de mythologia. Foi um prurido geral. Ficava bem n'uma casa grande um dia de discussão; o chefe da familia sentia certo orgulho em se ver assim tornado nucleo de um pequenino systema planetario de homens instruidos; e (não sejamos pessimistas) esses esforços particulares de tanta gente não contribuiram pouco para a sociabilidade em geral, e para o esplendor scientifico do reinado do nosso Luiz XIV. A Academia Real da Historia brotou d'essa ebullição dos espiritos.

Ora nos taes dias aprazados, era a quinta da Boa-Vista uma pequenina academia, mas creio que sem grandes presumpções. Os frequentadores não constam; um ou outro me estará talvez n'este momento ouvindo, ali de dentro do Diccionario de Innocencio, aquelle assombroso Josaphat da bibliographia portugueza; mas eu é que não sei desencantar taes sujeitos.

Membro presidente era certamente o dono da casa, Francisco Falcão de Gamboa, nascido em 1649 na freguezia de Sant'Anna da Carnota, na quinta de seus paes chamada a Gataria, Cavalleiro professo do Habito de Christo, e Fidalgo da Casa Real desde 1694. Outro membro nato havia de ser o seu irmão immediato, que se chamou Leonardo de Mello e Lima. Depois d'elle provavelmente o Capellão da familia, já se vê, e alguns Frades mais ou menos doutos dos proximos conventos de Bemfica ou da Luz. Quem sabe se tambem ali não viria alguma vez o famoso Diogo de Mendoça Corte-Real, amigo dos Falcões, e cuja quinta (hoje pertencente ao snr. D. Duarte Manuel de Noronha, por cabeça de sua mulher, a snr.ª D. Maria Bernardina de Mendoça Corte-Real de Sousa Tavares), fica tão visinha, na estrada de Bemfica!

D'esse grupo, que se reunia para entretenimentos puramente intellectuaes, nada resta, e pouquissimo consta; só se sabe com certeza que ali concorria um certo Francisco Vieira de Mattos, fabricante de meias em Lisboa, e cuja personalidade vulgar e burgueza se occulta na sombra; a sua gloria unica é ter sido pae de um talentoso filho, que soube, como pintor insigne que veio a ser, nobilitar as bellas artes portuguezas.

III

Antes de proseguirmos, vejamos quem era esta familia dos Falcões, e depois examinaremos a dos Vieiras.

Era casado Francisco Falcão de Gamboa, desde 25 de maio de 1692, com D. Francisca Theresa de Almeida.

Fôra pae d'esta senhora João Coelho de Almeida, formado em Leis, Desembargador, e Vereador do Senado da Camara de Lisboa, casado com D. Margarida Bernarda da Cunha, natural de Matacães, termo de Torres Vedras.

O avô de D. Francisca, João Coelho, fallecido havia então quasi sessenta annos, tinha instituido aquella quinta em cabeça de morgado, ali vivêra, e ali se mandara enterrar. Por signal, lá vi eu o seu jazigo, no carneiro que fica na ermida, d'onde sobe uma escada para o interior da residencia: lá copiei (1) o epitaphio, que se lê embebido na parede do lado do Evangelho, junto ao altar. Diz assim:

NESTA CAP^{A} ESTA ENTERADO IOAÕ
COELHO $\overline{Q}$ $\overline{DS}$ $\overline{TE}$ $\overline{Q}$ INSTITVIO ESTA QT^{A}
EMMORGADO T$\overline{E}$ OBRIGASÃ OS POSSVID
ORES DE LE MANDAR$\overline{E}$ DIZER NESTA
CAP^{A} $\overline{HV}$A MISA TODOS OS D^{OS} ES^{TOS}
POR SVA ALMA FALECEO A 9 D 9^{BRO} D
1647

---

(1) Em 7 de Novembro de 1861.

Que formoso que era esse costume das grandes Casas! Ha tanta poesia n'uma egreja! mas ha-a em dobro n'uma ermida aldean, que nos serve de companhia e testemunha, viu baptisar nossos maiores e nossos filhos, e nos acompanha nas alegrias e nos luctos.

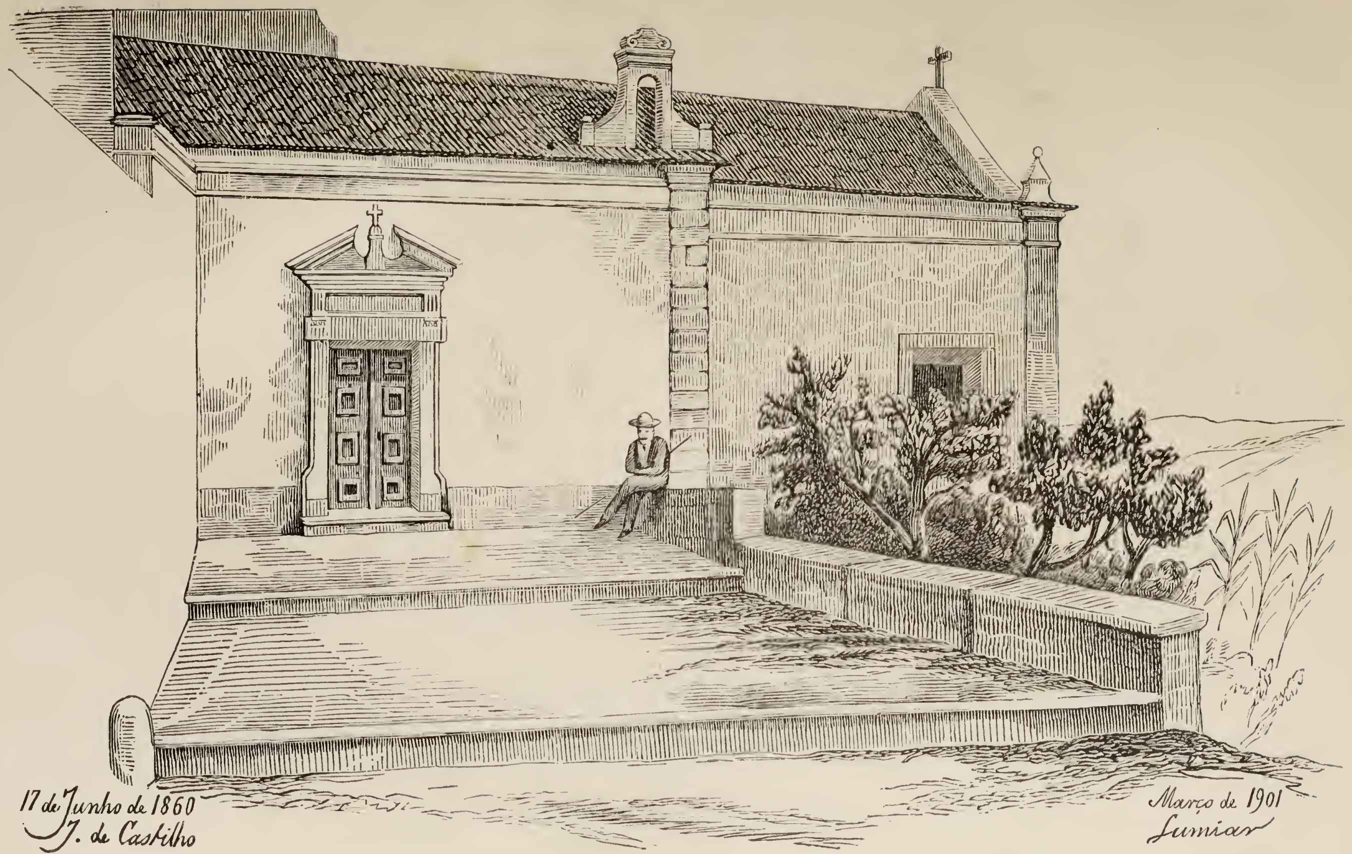
A ermida da Assumpção não póde avistar-se de Carnide; mas é ella, quem dá o *salve* a todo o caminhante que acerte de chegar ao cume de uma alameda de freixos, que desce desde o palacio até ao caminho vicinal entre Carnide e a Porcalhota. Fica por fóra do pateo, e occupa a extremidade da ala do nascente. Tem, diante do portal, singelo, e só adornado de attica sobrepojada de Cruz de pedra, um pequeno terrado esconço, ou adro de lagedo, a servir-lhe de ádito. Antigamente um sicómoro sombreava essa entrada, implantado n'um terreirinho confinante com o adro, e circumdado de parapeito quadrangular. Tudo isso lá está na mesma; os Morgados, se ressuscitassem hoje, só tinham que deplorar o seu sicómoro, que morreu, mas ainda assim achou successoras n'uma honrada figueira, e n'uma esbelta arvorinha, cujo nome não sei, que ambas lhe tomaram o logar.

Tem esta ermida um altar sómente, que lhe fica na cabeceira, á mão direita de quem entra. A architectura é aquelle sabidissimo romano do seculo XVII, estylo pesado, sem raptos, mas com um certo effeito inconfundivel de ordem e symetria pausada.

Isso é (ou antes isso foi) a ermida, hoje profanada e solitaria, onde as mãos das castellans da Boa-Vista se esmeraram em palmitos e festões de flores, e onde os camponezes do arredor, e os numerosos creados da lavoira, ouviam Missa na companhia do Morgado.

Avista-se de todo o arredor no alto da alameda esta vivenda suburbana, que veio a ser theatro dos mais dolorosos dramas domesticos, e que, segundo mostrei, adviera ao Morgado Falcão por cabeça de sua mulher, Morgada tambem; elle, de Santo Aleixo; ella, da Boa-Vista. N'esta propriedade se fixou o casal, e aqui viveu boa somma de annos.

Ermida de Nossa Senhora da Assumpção por fora do pateo do palacio dos Falcões. A cabeceira do templo é para o lado direito do espectador; em frente, da banda esquerda, é a vasta tribuna d'onde os Morgados ouviam Missa. Gravura em madeira segundo um desenho á penna por Julio de Castilho, em Março de 1901, copia de outro do mesmo autor feito em 17 de Junho de 1860.


17 de Junho de 1860
J. de Castilho
Março de 1901
Lumiar

Nasceram quatro filhos: dois rapazes, e duas meninas. Chamou-se o primogenito José Falcão de Gamboa; não seguiu carreira; limitou-se a andar algum tempo cursando estudos em Coimbra, mas não concluiu a formatura; e em 3 de Dezembro de 1722 obteve carta de Familiar do Santo Officio. Foi o segundo Joaquim de Mello de Lima, formado em Canones pela Universidade de Coimbra. As duas filhas eram D. Ignez Helena de Lima e Mello, e D. Margarida Antonia de Lima.

Tal era, nos primeiros annos do seculo XVIII, a familia que habitava, com toda a conchegada liberdade campestre, a quinta da Boa-Vista.

Que ameno viver, tão repoisado e largo! Francisco Falcão, amanhando por sua conta a vasta propriedade de sua mulher, superintendendo na educação dos filhos, e espalhando em volta de si o influxo benefico da sua caridade senhoril, afigura-se hoje, aos nossos olhos modernos, um verdadeiro typo do antigo morgado, filho e herdeiro d'aquellas altas classes-medias, que tanto á propria personificavam o velho e bom Portugal.

Para as suas devoções, para as festas rituaes, para o terço resado em familia, para as confidencias mysticas da sua alma honesta, lá estava, a um lado do palacio, a sua querida capella de Nossa Senhora da Assumpção.

Conhecida assim a familia nobre que vivia n'esta quinta, vejamos quem vinha a ser, d'entre os varios frequentadores da tertulia semanal, aquelle que mais nos interessa agora: o mencionado Francisco Vieira de Mattos.

Por desventura, pouco me consta ainda a seu respeito; homem sizudo, como mil circumstancias nos levam a crer que fosse, creado religiosamente á moda velha, e já então chefe de numerosa familia, pois tinha mulher, tres filhos, e tres filhas. Elles chamavam-se Francisco, João, e Joaquim; a mais velha das meninas era Catherina; das outras duas não sei os nomes. Dois dos rapazes foram artistas: Francisco veio a ser um dos luminares da Arte portugueza; João, tambem pintor, segundo creio, falleceu na flor da edade, e

á sua morte prematura dedicou seu illustre irmão um desenho allegorico, bem conhecido dos collectores.

Quanto á estirpe nada sei. A mulher d'esse Vieira de Mattos era, segundo o processo para a entrada do filho na Ordem de S. Thiago, filha de um sapateiro. Vieira, como já indiquei, era fabricante de meias; o que tudo não impediu o grande artista de dizer, falando de seu pae,

que dos insignes Vieiras
era successor ingenuo.

Nascera Francisco Vieira filho (o assumpto d'estes meus estudos biographicos) em Lisboa, ignoro em que freguezia, a 4 de Outubro de 1699. Até aos seis annos e tanto, é completamente desconhecida a sua vida; nem sequer pude ainda apurar onde moravam seus paes.

IV

Uma vez, n'uma das reuniões do verão de 1706 na quinta da Boa-Vista, contou Vieira pae aos seus amaveis companheiros o talento precoce do filho, pequenito que ainda não cumprira os sete annos, menino-prodigio em coisas artisticas. Em tudo se lhe revelava a propensão; o minimo traço de lapis tinha *caracter*. Os seus caderninhos de estudante, dizia o pae que eram enfeitados

de cercaduras ornadas
todas de lindos brutescos,
com mariposas, com flores,
com mil bichinhos diversos;

e que passar não deixava
nem saloia nem carreiro,
que os não retratasse á penna,
com seus bois, com seus jumentos;

que de armas brancas armados
debuxára uns cavalleiros,
só por uma vez ter visto
de San-Jorge o escudeiro.

Eu não quero nem devo transcrever aqui, nem sequer traduzir em prosa, o que o nosso grande pintor lá conta no citado livrinho, com aquelle seu dizer original e ingenuo, que hoje faz rir a muita gente, e bocejar a muita outra; mas, por Deus! colloquem-se no ponto de vista d'esse escriptor, tão engraçadamente intruso no campo das lettras, d'essa alma de eleição ainda vibrante das commoções da mocidade, d'esse poeta singular, que as mais das vezes escreve como escreveria um pequeno de poucos annos, e cujo estylo é garrafal como a lettra, com grossos e finos, e sem a fugitiva elegancia de mão assente e experimentada; colloquem-se no ponto de vista verdadeiro, e hão-de achar aquelle livro (tão pobre, e tão rico!) um manancial de sentimento amoroso, uma joia litteraria preciosa.

Aquillo é nosso, e muito nosso. No pintar, no descrever exacto, ninguem o eguala. Tenho para mim que o longévo artista escreveu este poema nos ultimos annos da vida, com a mão já tremula, mas o coração ainda vivissimo, porque nos homens de eleição não envelhecem os affectos. Tenho para mim, que esses rosarios interminaveis de quadrinhas em toantes eram o entretenimento valído dos seus annos decadentes. Fazer versos assim, tão humildes mas tão sentidos, era estar orando; e quanto elle era religioso, e quanto elle era espiritualista, é difficil expressal-o.

Quem quizer pois saborear-se nos pormenores antigos, conservados pelo autor, n'aquellas minucias affectuosas, que na memoria do coração se lhe tinham aninhado desde mancebo; quem quizer entrar, pela mão d'elle, no viver domestico de uma casa nobre do seculo XVIII, assistir ás refei-

ções, ao jantar á uma hora, á sésta regalada, penetrar no quarto interior, em que as senhoras, sentadas em almofadas de damasco, se entretinham em roda com o rancho das creadas a fazer fios para mandar aos doentes do Hospital; quem quizer presencear as civilidades de nossos maiores, a mesura, o joelho em terra ás senhoras nobres; quem quizer assistir ás devoções do Portugal velho, á oração meridiana e vespertina quando tangiam Ave-Marias, ás festas na capella senhoril; quem quizer espairecer-se nas caçadas equestres pelas cercanias de Carnide e Odivellas, nas danças de ronda da creançada, nas cantorias á viola no pateo, á luz da fogueira, em noite de Santo Antonio, S. João, S. Pedro ou S. Marçal; quem quizer deliciar-se n'um romance verdadeiro, o mais historico possivel, de amores puros e dignos, de usos e costumes muito nossos, pintados incorrectamente, sim, mas com inexcedivel vigor e instincto da verdade; quem quizer tudo isso, leia o bondoso livrinho chamado *O insigne pintor e leal esposo,* e affirmo-lhe que não têm de arrepender-se.

Quem ali procurar metrificação de mestre, rasgos de soberano da palavra, sublimidades no dizer, erra o alvo. Isso não se acha lá. Mas se gostar de escutar umas historias muito minuciosas (ás vezes até de mais) contadas á lareira por umas amas velhas em aldeia serrana, ao lume, no inverno, ha-de apreciar de véras aquelle esquecido volume, tão sincero e tão triste, tão ingenuamente crendeiro, e tão repassado de bonhomia!

Tenho quasi a certeza de que é uma obra senil; e por isso em muitos pontos se confunde com uma obra pueril.

Grande livro! tenho-o lido dez mil vezes, e acho-lhe sempre coisas novas.

O que ahi fica dito, serve para explicar que me não atrevo, por mais que o deseje, a reproduzir a historia do *leal amante*, a não ser nos pontos essenciaes. A fórma, essa é d'elle, e não se traduz.

V

Tinhamos ficado nos encarecimentos do Vieira pae ácerca dos meritos do seu menino. Pediu-lhe o dono da casa, que o levasse lá. Isto de paes e mães ha-de ser sempre a mesma coisa: lisonjeou-se tanto o Vieira com o pedido, que oito dias se não passaram sem que o portento fosse apresentado na quinta da Boa-Vista. Foi isso, por signal, uma terça-feira, 28 de Setembro de 1706, vespera do Archanjo S. Miguel.

Um escudeiro da casa, que, já prevenido de tal visita, andára espreitando a ver se lobrigava despontar na alameda dos freixos os dois visitantes, provavelmente a cavallo em burrinhos (como então se usava tanto), sahiu-lhes ao encontro, e introduziu-os. O pae seguiu direito para o gabinete onde o Morgado se achava com os seus companheiros do parlamento semanal; o pequeno foi levado para a camara onde as senhoras passavam parte do dia. Ahi achou, rodeadas das aias, a mãe, D. Francisca, e as filhas, D. Ignez e D. Margarida; todas sentadas em roda: umas fiando, outras cosendo, e as duas meninas entretendo-se a fazer fios de linho, por devoção, para esmola aos doentes do proximo Hospital da Luz, fundação da grande Infanta D. Maria; costumavam andar pelas quintas e casas do logar de Carnide, e até por Lisboa, uns pregoeiros do Hospital pedindo essa esmola abençoada.

Ao verem entrar o pequenote, nedio e bem posto, pararam todas, e a uma voz soou o nosso franco e expansivo enthusiasmo portuguez. O recem-chegado, a quem tinham affeito em casa, desde todo o principio, ás graciosas ceremonias da civilidade, foi-se direito á Morgada, poz o joelho em terra, e beijou a mão que se lhe estendia. A senho-

ra, sorrindo do desembaraço, passou a mão na face do pequeno, e deu-lhe um beijo. Ás perguntas que lhe fizeram, respondeu o lisboeta com a mais chistosa segurança; e a boa dama, hospedeira e graciosa como era, tirou de uma das mil gavetinhas de um contador de ebano, que a um lado do aposento se erguia todo flammante, com os seus marchetados de marfim, uma figa doirada, e enfiando-a n'um laço a pendurou ella propria n'uma casa da véstia (ou *collete* como hoje diriamos) do seu hospedesinho. Os dois meninos da casa, esses não assistiram á scena, porque ao tempo achavam-se longe, em não sei que passeio com o Capellão pelas sombras da quinta.

D'ali foi o Vieirinha conduzido ao gabinete do Morgado. Estava justamente a dar meio dia no relogio da Luz. Ao toque solemne das badaladas de Ave-Marias, ajoelharam e oraram todos os circumstantes; e ao erguerem-se, dão com o pequenito. Entrar, reconhecer o Morgado pelo apurado trajo caseiro que usava, e chegar-se a elle para o comprimentar com uma mesura de pé cruzado, foi tudo obra de momentos; feito isso, curvou-se gentilmente no mesmo passo de dança, e saudou a companhia.

Ás muitas festas que lhe fizeram ali, poz termo a noticia de que estava na mesa o jantar, talvez um d'aquelles jantarões de familia, em que as peças fortes se succediam com uma persistencia desesperadora, entre o rutilar da antiga e boa prata, e os sorrisos não menos de lei.

Acabado o jantar, chegou a sésta. Nós hoje cá em Lisboa não sabemos o que isso é, mas sabe-o muito bem o ardente Algarve; todo elle dorme da uma ás duas, que é um louvar a Deus!

A pequenada, por via de regra, não dorme a sésta. A da quinta da Boa-Vista, os dois rebentões masculinos, que acima mencionei, da velha arvore da familia, metteram requerimento para poderem ir brincar com o menino que ali estava de fóra. Foi o requerimento bem despachado, com a circumstancia, notavel e rara, de terem tambem licença as duas fidalguinhas para entrar na folía infantil.

O theatro da brincadeira foi um quarto que havia antes da tribuna da capella, ornado de varandas sobre a quinta. Chegou-se a uma d'ellas o morgadinho, José Falcão, e cha mou para baixo:

— Oh Francisquinho!

Achava-se o Vieira em parte d'onde percebeu o chamamento; sahiu fóra, e ouviu pedirem-lhe que subisse.

Foi um instante muito agradavel esse para todos, porque ainda se não tinham avistado. O lisboeta era um apetite: de cabello loiro anellado, parecia um Amor, quando uma das aias, que assistiam aos jogos puerís, o despiu da casaquinha, e o deixou, como os outros dois companheiros, em simples véstia e mangas de camisa.

Jogaram a cabra-cega; quiz a sorte, que o vendado fosse o Morgadinho; e quiz tambem a sorte, que a apanhada por elle fosse D. Ignez. Viu-se então o Vieirinha animado de sentimentos cavalleirosos, raros n'aquella edade, que não os sabe ainda comprehender, offerecer-se para substituir na condemnação a graciosa menina, por quem elle, sem o saber, já morria. Affligiu-se ella com a inesperada abnegação, e não poude suster as lagrimas. Assustaram-se todos ao verem-n-a chorar, e a pedido d'ella mudou-se de jogo.

Passou-se ao dos abraços.

Quiz o acaso, ou o deus do amor, que muita vez se disfarça em *acaso*, que Ignez e Francisco tirassem junco inteiro; abraçaram-se. Repetiu-se o jogo; tornaram a abraçar-se.

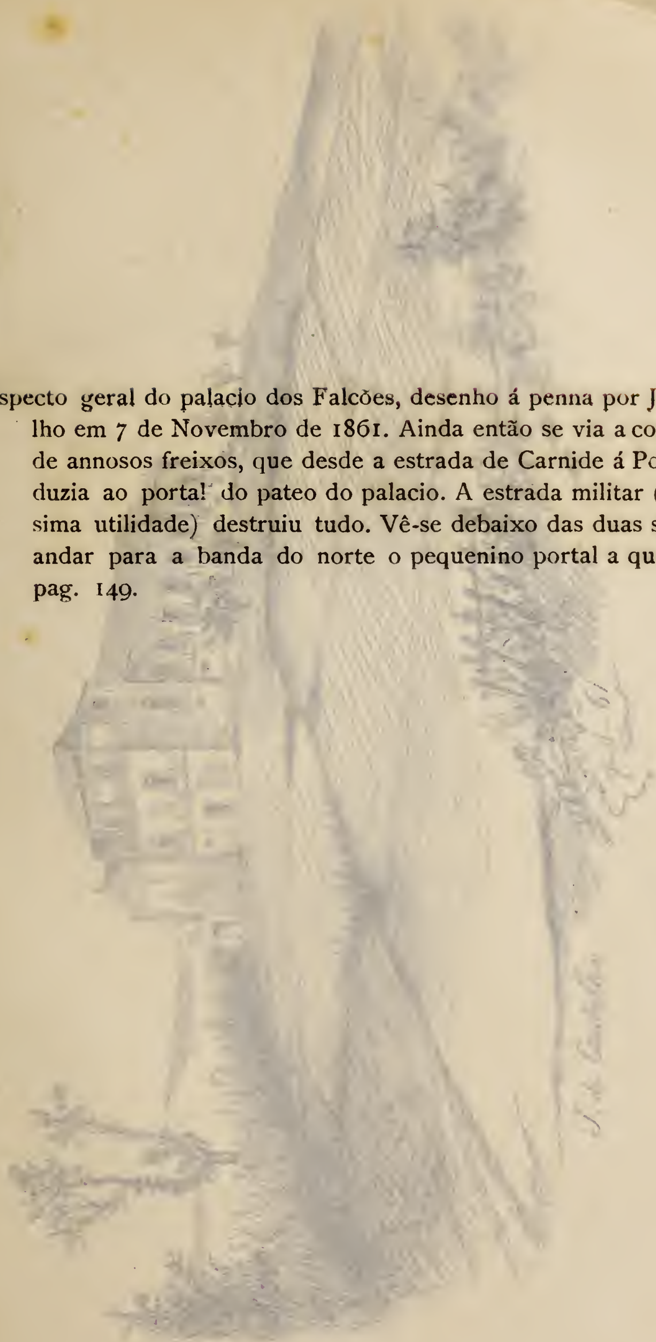
Acabada a hora do recreio, tiveram de separar-se os amiguinhos novos. Desceu Francisco, e encontrou-se na sala com a dona da casa, que, tendo visto já os desenhos do pequeno, lhe pediu um risco para certo bordado em velludo azul, destinado ao xairel de um cavallo andaluz, em que seu marido havia de apparecer em certa festa. Já as creadas estendiam o velludo no bastidor. Mostrou D. Francisca ao artista principiante os azulejos flamengos d'essa mesma sala, composições em que se viam os assumptos principaes entremeados e divididos por vasos de flores. Um

d'esses vasos queria ella reduzido ás proporções do canto do xairel, entre uma cercadura tirada dos mesmos motivos ornamentaes. Metteu o pequeno mãos á obra, e sahiu-se com todo o primor. Os applausos que lhe deram, mereceu-os em cheio.

Tres dias mais se conservaram os dois Vieiras na quinta; isto é: o 29 e 30 de Setembro, e o 1.º de Outubro; tres dias de folía brava para o rapazito, que, além de repetir os jogos já mencionados, andou com os seus alegres amphitriões a cavallo em burros pelos oiteiros da Paian, assistindo á caçada dos coelhos, e bebendo aquelle ar oxigenado e vivificante, que não tem rival n'estes contornos. Tres dias foram elles, em que a paixão precoce das duas creanças se desenvolveu como labareda.

Na tarde de 1 de Outubro d'este anno de 1706, tendo primeiro os Falcões mandado de manhan a casa dos Vieiras uma condeça de formosas uvas, chegou o momento fatal. Na força da brincadeira, vieram dizer ao menino que o chamava seu pae, e que era tempo de abalar. Nós todos avaliâmos o que nos custaram esses cortes, assim abruptos e crueis, no fio dos entretenimentos infantís. Foi um não-acabar de chóros de parte a parte; choraram os que ficavam, e chorou o que se ia embora!... Ignez e Francisco choraram mais que todos.

D'ahi em diante, continuaram por festas as visitas do pae e do filho á quinta da Boa-Vista: era no Natal, quando tanto apetecia já o brazeiro e o magusto, e quando a ceia, obrigada a pirum e a boroas, se alastrava, conversada e vagarosa, pela noite velha, depois da Missa repicada e alegre na capella do palacio; era no Santo Antonio e no San-João, quando as fogueiras do pateo chamavam ali todos os moços e moças do arredor, e quando os foguetes atroavam com as suas gargalhadas aereas a sombra da alameda. Sempre as mesmas recepções cordeaes, a mesma risonha chegada, e a mesma tristissima separação!...



Aspecto geral do palacio dos Falcões, desenho á penna por Julio de Castilho em 7 de Novembro de 1861. Ainda então se via a copada alameda de annosos freixos, que desde a estrada de Carnide á Porcalhota conduzia ao portal do pateo do palacio. A estrada militar (de duvidosissima utilidade) destruiu tudo. Vê-se debaixo das duas sacadas do 1.º andar para a banda do norte o pequenino portal a que se allude na pag. 149.


J. de Castilho
7-11-61

VI

N'isto, e em alguns estudos de desenho, foi Francisco Vieira passando os seis annos seguintes, desenvolvendo a intelligencia, e sentindo crescer-lhe, a olhos visto, o amor que o ligava a D. Ignez.

Aconteceu que a fama do talentoso estudante chegasse aos ouvidos de um Mecenas, elevado espirito como era o Marquez de Fontes, Rodrigo Annes de Sá de Menezes e Almeida, homem menos notavel pelo esplendor da genealogia, do que pelo merito pessoal de variadissimos talentos.

Era nos fins do anno de 1711 o Marquez de Fontes um moço de trinta e cinco annos, muito acceito a el-Rei D. João V, senhor de diversas villas, e Gentil-homem da Camara Real, depois de ter servido na guerra com o posto de Mestre de campo de Infanteria. Ninguem mais bizarro do que elle; ninguem mais applicado; ninguem mais curioso de augmentar o seu peculio de sciencia; ninguem mais costumado a ajudar os esforços alheios. Á sua indole essencialmente benevola agradou a noticia do talento d'aquelle rapaz, cuja familia, de mediana posição social, e pouco abastada, não poderia abalançar-se ás despezas grandes de uma educação artistica á altura de tão auspiciosas faculdades.

Mandou o Marquez dizer aos Vieiras, que muito desejava conhecer o mocinho, e ver algumas das suas tentativas.

Morava esse notavel fidalgo n'uma parte do torreão do paço da Ribeira, em baixo, na sobreloja d'aquella mole magnifica de marmores, com que os Filippes opulentaram a fundação de D. Manuel. Tres janellas tinha sobre o Tejo o aposento, que ao Marquez de Fontes competia na sua qualidade de Gentil-homem. Foi n'essa casa, que pela pri-

meira vez teve a honra de lhe ser apresentado o obscuro menino, que em poucos annos havia de tornar-se tão illustre em Portugal.

Quatro desenhos, escolhidos d'entre os seus melhores, levava comsigo enrolados o pequeno; composições, segundo parece, do seu estro imaginoso; concepções a que já se abalançava, sem ainda saber ao certo o que fazia; os primeiros adejos da aguia. Eram esses desenhos: a oração no Horto, S. Pedro chorando, a Magdalena penitente, e S. Thiago a cavallo perseguindo os moiros.

A uma vasta meza de trabalho achava-se o Marquez entretido (como muitas vezes costumava) na tarefa de traçar assumptos de architectura; d'esta vez delineava o plano de certo edificio Real.

Apenas introduziram os dois visitantes, pae e filho, largou o Marquez os compassos, e adiantou-se, correspondendo civilmente ás saudações dos dois. Tomou os desenhos com avidez de apreciador; desenrolou-os cautelosamente, e deteve-se a contemplal-os. No seu rosto attento, no elevar intelligente das sobrancelhas, na minucia com que perscrutava a ideia e a execução, via o Vieira pae o gosto que estavam dando áquella alma grande os tentames do innocente filho. Reinava silencio, que nenhum dos recem-chegados se atrevia a interromper; até que o Marquez, depois de observar tudo, se virou com affabilidade para o neophyto da Arte, e sorrindo com bonhomia lhe perguntou, curvando-se até elle:

—Diga-me uma coisa: quer ser pintor?

O pequeno não respondeu. Affluiu-lhe o sangue ao rosto, e não achou expressões para proferir aquelle «*Sim*», que resumia todo o tumultuoso sentir da sua alma.

Interveio o pae, e instou para que respondesse; então, de olhos baixos, em voz timida, disse Francisco:

—Era o que eu mais desejava, senhor Marquez!...

Palavras que decidiram para sempre a vocação do artista.

D'essa hora em diante, estendeu-se sobre elle a aza pro-

tectora do Marquez de Fontes. Teve este generoso homem artes de vencer a repugnancia da familia Vieira, que (talvez por temer o menospreço das bellas artes em Portugal, e levada de ideias mysticas) queria que Francisco fosse ordenado Sacerdote. Pelos conselhos sensatissimos do Marquez, foi o mancebo continuando os seus encetados estudos de humanidades, entremeados dos de desenho sob a direcção do mais abalisado professor que então havia em Lisboa, e preparando-se para vir a ser o grande pintor, piedoso e elevado, que Deus em seus insondaveis designios tinha predestinado que elle fosse.

Desenhou pois, já debaixo de preceito, uma copia do quadro de Santo Antonio pelo celebre italiano Ciro Ferri, quasi contemporaneo então, e mestre, que pelo grandioso da sua maneira, se inculcava por si mesmo para guia de um alumno de genio. Essa copia mereceu muitos gabos do professor. (1) Copiou mais o martyrio de S. Lourenço, obra de Ticiano, o triumpho notabilissimo do Sacramento pelo grande Rubens, e finalmente um S. Paulo prégando, obra

---

(1) Diz Vieira no seu livro autobiographico:

Teve por feliz annuncio
começar pelo seu mesmo
patricio, de santidade
o mais decantado espelho.

Com effeito, o nosso inclyto Santo Antonio de Lisboa foi assumpto de varios desenhos e quadros do grande Vieira. Occorre-me o painel da egreja de S. Francisco de Paula, o Santo prégando aos peixinhos, na egreja da casa professa de S. Roque, o Santo recebendo das mãos da Virgem o Menino Jesus, na mesma egreja, uma lindissima gravura do mesmo assumpto, composição elegantissima, de que possuo um calco da penna do insigne aguarellista amador, hoje fallecido, o snr. Manuel Braga San Romão, que m'o offereceu em Março de 1896, e, além de uma gravurinha de que lá para diante hei-de dar descripção e interpretação, outra gravura que tenho, representando o Santo amparando da furia do vento um grande pinheiro prestes a desabar junto de uma antiga ermida, e um desenho a lapis vermelho, que tambem se acha na minha collecção, representando o Santo.

do mestre de todos, o immortal Raphael. É um dos frescos do Vaticano.

Toda esta serie de tentativas, que tão acertadamente o iam amestrando na maneira e no estylo dos pintores eminentes, ia alcançando do Mecenas do paço da Ribeira sinceros applausos, que se traduziam de quando em quando na fórma tangivel e animadora de premiosinhos, com que os esforços do estudante se augmentavam.

Com os estudos não esqueciam ao esperançoso adolescente os seus affectos, tão infantis, da quinta de Carnide; quem sabe até, se os triumphos que elle alcançava não dariam novo alento ao seu amor? Quem sabe se, como os paladins de outras eras, não dedicaria elle, de longe e em silencio, todas as suas palmas á graciosa creança, á gentil D. Ignez, que se lhe tornára já, depois de Deus e de seus paes, a maior affeição!?

Ora mas como ambos iam crescendo, já as liberdades puerís se lhes tinham cerceado. D. Francisca, a vigilante mãe, não consentia as antigas intimidades. Estavam, os dois, quasi umas pessoas grandes. Além d'isso, os Falcões pequenos tinham as horas muito tomadas pelos estudos. Continuavam porém, com a possivel frequencia, as visitas dos Vieiras á quinta da Boa Vista.

VII

Chegou a occasião de mencionar, que, desejoso el-Rei D. João V de dar uma alta prova de respeito á Santa Sé, e em especial á Pessoa do Santo Padre Clemente XI, junto do qual mantinha um Ministro, determinou mandar a Roma, na qualidade de Embaixador, o Marquez de Fontes.

Este, não esquecendo o seu protegido, offereceu aos paes leval-o comsigo para a Cidade Eterna. Ali poderia o mancebo entregar-se em cheio á sua paixão pela pintura, e crescer muito mais do que em Portugal conseguiria crescer.

Sabe Deus com que lagrimas não acolheria a pobre mãe a generosissima proposta do Marquez! Sabe Deus quanto lhe não custaria a dizer o «sim»! mas disse-o, e aguardava-se para breve a sahida do Embaixador.

Vespera de Todos os Santos, 31 de Outubro de 1711, por um tempo esplendido, que parecia verão, partiram de madrugada o pae e o filho, ambos a cavallo. Tomaram a Sete-Rios; seguiram á estrada da Luz, então muito menos povoada de casas do que hoje, conforme demonstravam datas que ainda li nas frontarias e capellas de algumas d'aquellas quintas, hoje transformadas; atravessaram a Luz, entre o bello edificio do hospital (Collegio militar), diversissimo do que vemos, e a sumptuosa egreja, reduzida pelo terremoto ao que lá está, que é apenas o cruzeiro e a capella mór; seguiram a Carnide, logarejo semsaborissimo; enfiaram pelo olival de S. Lourenço, onde agora é o cemiterio em volta da egreja antiga parochial; passaram o Bom-Nome (quinta do Sarmento, que ultimamente era do meu sempre chorado e querido Visconde de Juromenha), e n'essas alturas lhes despontou com um sorriso o nosso lindo sol de Outomno. Subiram á direita a alameda dos freixos, que ainda conheci frondosa, e acharam já aberto o portão do grande pateo da quinta, mas tudo ainda envolto no silencio matutino. Para não fazer reboliço, apearam-se, sentaram-se n'um poial, e esperaram. Acordava a quinta a pouco e pouco; rescendiam deliciosamente as vinhas e os mattos; ouvia-se ao longe o canto dos gallos, o vago ladrido dos cães de gado que iam para a serra, ou o canto de algum maltez que encetava alegre o trabalho diario. Nas grimpas da capella brincava o sol.

Uma creada, que então fazia de porteira, avistou-os quando vinha abrir a porta do vestibulo, e, depois de os saudar, espalhou por todo o palacio a agradavel noticia.

Veio o feitor, fel-os entrar para uma das salas, onde esperaram, mandou recolher as cavalgaduras, e um pedaço depois começou a apparecer a familia dos Falcões, todos com entranhado gosto de tal visita. Muitas festas, muitas expansões, sejam muito bem apparecidos, sim senhor isto é que é ter feição, e começou a agradavel convivencia.

Ás tardes é que os meninos tinham licença para brincar com o lisboeta, porque o mais do tempo levavam-lh'o as lições, já mais seguidas e pesadas do que eram d'antes.

De mil galantissimas travessuras se lembrou toda a vida o Vieira; uma só, porém, deixou escrita no seu livro; é como segue:

Vivia na quinta um caturra muito engraçado, que, pela sua figura caricata, e pelas furias comicas de que se possuia de quando em quando ás peças e lograções que lhe pregavam, se tornára o divertimento de todos. Muito estimado, mas sempre muito azoinado de brincadeiras; não o deixavam parar.

Era um velho, que os mais velhos do predio se lembravam de ter sempre conhecido; filho e neto de creados; ali nascido, como as nabiças da horta ou as ortigas da alameda; fazia parte integrante do edificio. Sem o Pedro (o seu nome era Pedro, por alcunha «*o Pescocinho*») sem o velho Pedro, sem as suas observações atrevidas, que provocavam muita gargalhada, sem as suas más-creações e respostadas, sem a sua carranca franzida de egoista da gemma, a quinta da Boa Vista ficava incompleta.

Chamavam-lhe «*o Pescocinho*» por isto: tinha a cabeça cahida para a banda, e o pescoço encolhido e torto, que assim lhe ficára de uma quéda em pequeno.

Uma tarde, estava o pobre bobo aparelhando um jumentinho para ir levar não sei que recado longe; deram com o grupo (Sileno e o seu orelhudo companheiro), deram com o grupo os meninos da casa, e vieram puchar pela lingua ao Pedro.

E disse o morgadinho:


Abril d. 1901
Lumiar



Caricatura do Pedro Pescocinho. Desenho á penna por Julio de Castilho em Abril de 1901. A que desenhou com o seu carvão de rapaz inexperiente o grande Artista, sempre havia de ter mais chiste e mais verdade. Como não existe, serve esta conjectura despretenciosa.

—Quem me dera o bom do gebo retratado, quando mais não fosse, com lapis de carvoeiro!

—Se não deseja mais do que isso—volveu Francisco Vieira—está servido. Onde ha ahi carvão?

Foi o outro irmão buscar a correr um pedacito de carvão, e o artista metteu logo mãos á obra.

A tela para o quadro, deu-lh'a a parede do palheiro, caiada havia pouco. Veio da casa das liteiras, ali ao-pé, um môxo de pau. Subiu-se o pintor a elle; e com o modelo á vista (o mais rabujento, mas tambem o mais engraçado dos modelos) começou riscando a largos traços, com franqueza, verdade, e chiste natural, o grotesco figurão: de pescoço torto, olho mau, estatura mesquinha, escanchado no bucephalo felpudo. Com o seu largo sombreiro esfarrapado, via-se o Pedro todo revirado sobre si mesmo,a tentar enterrar na anca do burrinho um garaveto.

A attitude, a expressão silvestre e burlesca do misero jogral da Boa Vista, o seu ar velhaco de cigano, tudo tanto á propria expressou a privilegiada mão do desenhista, que este entre applausos de assombro foi saudado de amos e creados, e todos concorreram para ver a maravilha! Elle, radiante, confuso, sorrindo de ufania, descia do môxo como quem descesse do Capitolio depois de coroado.

Oh talento! brilhas tanto nas paginas immortaes da Capella Sixtina, como na parede caiada de um palheiro. O genio é um só.

Ficou o velho Morgado Falcão pasmado; e dizia:

—Bemdito seja o Senhor! felizes paes de um tal portento! Ora deixa tu estar, meu Francisquinho, que em voltando de Roma has-de-me pintar o tecto da nossa ermida da Assumpção.

Essas palavras animadoras, proferidas diante de D. Ignez, encheram de justa ufania o talentoso mancebo. Que momentos!...

....

VIII

Mas pressentia D. Ignez que seria aquella a ultima occasião em que se encontrava com o escolhido da sua alma; queria falar-lhe a sós, ainda que fosse um momento; era urgente; era indispensavel. Oh! que segredo teem as mulheres n'estas finissimas astucias do coração!

Havia em casa, pintado a varias côres, um jogo que então chamavam *da Oca*, e nós hoje chamâmos *da Gloria*. Bluteau, que de tudo sabia (extraordinario encyclopedista!), diz que este genero de jogo é italiano de origem. «Joga-se— diz o Theatino — com dados sobre um papel que tem varias divisões, e se se chega á em que está representado um ganso, se anda outro tanto. Tem pintadas outras figuras, que ou deteem ou adiantam os que jogam.» Foi a gentil menina pedir ao pae licença para ser copiado o tal jogo; e com tão bons argumentos e tanta meiguice instruiu a petição, que se lhe seguiu o «*Como pede.*»

Mandou a dona da casa (que por sua parte approvou a ideia, pois tencionava obsequiar com esse novo jogo alguem do seu conhecimento) pôr um bufete n'um quarto retirado. Dava esse quarto para uma varanda, onde desembocava um corredor. Mandou pôr no bufete pinceis e tintas, que ainda eram do tempo de certo Capellão da casa, muito dado a entretenimentos artisticos; e, depois de prevenir D. Ignez de que para lá levasse o jogo velho, foi ella propria abancar o Francisquinho á tarefa. D. Ignez, voando a cumprir as ordens da mãe, ainda se encontrou com ella no corredor. Bem sabemos que o Amor tem azas. Entraram as duas senhoras mais o juvenil artista, estendeu-se o desenho, e Francisco, cheio do entono proprio da sua edade, respondeu (formaes palavras), depois de observar o de que se tratava:

— Minha senhora, se a coisa não é mais do que a que eu vejo, bem que outro tanto ella fosse não me faria receio. De mais difficeis emprezas (sem comparação) já tenho dado conta; e já fiz Santos novos desbancar os velhos.

Gostou d'esta confiança a boa senhora, e afagou o rosto do noviço pintor. Depois deixaram-n-o sósinho, mãe e filha, e elle concentrou-se á obra, como se principiasse a gisar na tela a Transfiguração!

Apenas tinha riscado os primeiros traços, eis vê entrar de novo a graciosa D. Ignez, ladina e furtiva como verdadeira namorada que era. Aproveitou o haver n'aquelle mesmo quarto um guarda vestidos, e trazendo a chave, começou por abrir o movel, fingindo querer tirar de lá qualquer coisa. Francisco Vieira estupefacto suspendeu a tarefa, encarando assustado a formosa rapariga.

— Que temes, meu bem? — disse ella — Não, não tenhas medo, que meus paes estão agora lá em baixo com uma visita de comprimento; se por acaso vier alguem, attende tu ao teu risco, e eu attenderei á guarda-roupa. Vim aqui para dizer-te uma coisa. Vivo n'um tormento desde que sei que vais para Roma. Só te quero pedir, por tudo quanto ha mais sagrado, que, andes por onde andares, te não esqueças de mim. Sou tua mulher diante de Deus; aqui te dou a minha mão.

N'essa mão, que assim se lhe estendia, depôz soffrego o noivo mil beijos, confirmados com mil juramentos de fidelidade mutua.

Passados poucos minutos n'aquelle delicioso extase, tão puro o tão inesperado, soltou-se ella d'entre os braços de Francisco, e fugiu...

Elle ficou pasmado, inerte, com os olhos rasos de agua, olhando para a porta por onde acabava de sumir-se a visão aerea, e escutando tremulo o suave rumor d'aquelles passos queridos que lhe fugiam...

IX

D'ahi a pedaço veio D. Francisca presencear os progressos do desenho, e approvou-os. Vinha cercada dos quatro filhos, para quem aquelles trabalhos nunca vistos eram verdadeira festa.

No dia 9 d'esse mez de Novembro achava-se prompta e concluida a oitava maravilha.

Ainda na noite d'esse dia a casa de jantar da Boa-Vista viu congregada a familia toda, e os dois hospedes, na farta ceia, á luz dos grandes e polidissimos candieiros de tres bicos, que ainda agora se usam em algumas provincias, e que não desdiriam n'um quadro de costumes do seculo XV.

Conversou-se muito, libou-se em cordeaes saudes á prospera viagem do estudante, e (conforme o costume do Morgado, que parecia nascido com sua bossa de rábula) discutiram-se varios pontos doutrinaes mais ou menos divertidos, com applauso geral da companhia.

N'uma sala proxima a esta campeava um grande relogio sobre um bufete. Os relogios são quasi sempre indiscretos; aquelle, sem ninguem o interrogar, pôz-se de lá a badalar ás escuras a importuna noticia de que eram onze horas da noite. Ora a grande coisa! não valia a pena sahir se com tal novidade; era melhor deixar-se ficar calado. O que elle conseguiu com essa imprudencia foi levantar a sessão, e levar a dois corações feridos, só desejosos de que a noite não tivesse cancellas, o desespero e a tristeza.

Desmanchou-se o rancho, e cada qual se recolheu.

Todos dormiram, e bem; menos Ignez, e Francisco. Dilacerava-os a ideia de que tinha sido aquella (só Deus sabia por quanto tempo!) a ultima vez que passavam em tão doce intimidade.

No dia 10, de manhan muito cedo, estavam todos a pé. Como não eram horas de almoço, serviram as creadas o perfumado chocolate em apetitosas chicaras de Japão antigo, em que se ensoparam biscoitos.

Feitas as despedidas, que nos dois amantes foram tão disfarçadas como poude ser, encavalgaram nos seus murzellos os dois hospedes; e voltando-se de quando em quando, para corresponder aos acenos dos que ficavam, desceram a alameda e sumiram-se a caminho de Lisboa.

No dia seguinte, 11, foram o pae e o filho visitar o Marquez de Fontes. Encontraram-se lá com o professor de Francisco. Disse-lhes n'essa visita o Embaixador, que para muito breve seria a abalada, e que, assim, cumpria preparar-se de todo o viajante.

A nova, quando em casa a deram á mãe do Vieirinha, teve o natural resultado: muita lagrima. Apezar das desanimações e melancolias, tão sabidas n'um coração maternal, foi-se apromptando o fardel do peregrino; este, sempre attento ao preceito do grande artista grego, ia continuando a não deixar passar dia sem trabalhar na sua arte. *Nulla dies sine linea.*

Fez uma copia da *Andrómeda* de Annibal Caracci, e da *Galathêa escutando Poliphemo,* obra do mesmo autor...

X

E n'isto se estava, quando de repente, chegou da parte do Marquez um escudeiro com a noticia de que no dia seguinte, 16 de Janeiro de 1712, tinha de ser o embarque, de manhan muito cedo.

Uma noticia d'essas é em casa uma avalancha. Ovidio, o pobre Ovidio, que o diga! Mas o cantor das *Tristezas* ia

para o exilio; e cá o nosso Vieira ia para Roma. Quem fi-cava no exilio, a final de contas, era o coração da mãe. O que ella padeceu, sabem-n-o todas as mães; não o direi eu. Aquelles aprestos finaes, as malas arranjadas pela mão d'ella, as carinhosas recommendações ao filho para se não esque-cer do sitio de tal ou tal objecto, em determinado canto do saco, as prendas escondidas entre a roupa branca, os mi-nadas que as mulheres aprenderam com os Anjos, e que a um homem nem em cem annos poderiam occorrer, os adeuses derradeiros afogados em lagrimas, o chôro dos ir-mãos, as caricias embaçadas do pae, tudo isso viu o man-cebo, pasmado de si proprio, tristissimo e alegrissimo, vi-brante de commoção, e impossibilitado de chorar.

D'essa boa e excellente mãe nada consta; era simples-mente a senhora Antonia Maria (á moda do tempo, porqu o *Dom* não tinha ainda os cunhos tão gastos como hoje) uma carinhosa Portugueza, como felizmente ainda ha mui-tas; a Providencia do lar.

Ao romper da manhan de 16, já toda a familia se prepa-rava para o ultimo arranco. A mãe insta com o viajant para que tome algum alimento, mette-lhe nas algibeiras al-guns doces seccos, manda adiante a mesquinha bagagem que era um d'aquelles bahus, que já se não vêem senã muito raro, cobertos de coiro encarnado com pregos ama-rellos; faz ao filho mil recommendações moraes, d'aquella que é tão bom e tão doce ouvir, e que tanta impressão no deixam para sempre; e a final, lá sai o pae com o seu filho arrancando-se ambos ás caricias da casa, e voltando-s ainda na esquina da rua para ver um adeus suffocado en chôro, que lhes acena da varanda.

Seguiram calados os dois. Chegaram ao Terreiro d Paço; mesmo das janellas dos quartos do Marquez-Emba xador lhes foi dito que Sua Excellencia se achava já bordo; que por sua ordem os esperava na ponte da Cas da India um escaler de vinte e quatro remeiros, e que n'ess momento partira uma calessa que o Marquez enviava buscar o menino.

Desceram, e encontraram-se com um velho, estribeiro fiel do Marquez de Fontes, que os recebeu de braços abertos, e lhes disse que já mandara metter no escaler o bahu vermelho. Abraçaram-se affectuosissimamente o pae e o filho, o pequeno recebeu de joelhos a benção paterna, e embarcou logo com o estribeiro.

Pegam em remos os remeiros, e despega da ponte em voga larga o escaler; e ao passo que se afastava, e ao passo que a magnifica Lisboa ia a pouco e pouco desenrolando-se na sua acastellada extensão, não desfitava Francisco os olhos de sobre a ponte, onde até ao fim se foi revendo na figura querida de seu pae, que ali tinha ficado, seguindo com a vista aquella metade d'alma que lhe fugia.

Abicam á embarcação do Marquez; levam os remos, sobem ao portaló. Tudo novidades espantosas para o rapaz. Chamava-se o navio «Santa Rosa de Viterbo». No seu alojamento se achava o Embaixador, revolvendo não sei que papelada de importancia. Francisco, absorto nas fainas maritimas, foi examinando tudo, e impregnando a alma, observadora e sagaz como toda a alma de artista, no espectaculo grandioso e unico do mar!...

XI

Maré de rosas, e bom vento norte; era preciso aproveitar o ensejo.

Mandou o capitão dar por sotavento o signal de leva com um tiro, e ao apito do contramestre principiou a manobra.

Ás vozes gutturaes da companha mistura-se o arfar dos panos, e o ranger do cabestante. Sôltas as vellas, começa

o navio a descer devagarinho o Tejo, bordejando para a barra. O mesmo fazem cinco outras embarcações que vão na conserva do «Santa Rosa». Saudam os canhões das fortalezas a pessoa do Embaixador.

Sai-se a barra; passa-se a Roca, o Espichel, o Cabo de S. Vicente, e entra-se ao Mediterraneo. Perderam se de vista as cinco barcas.

Vai o navio costeando a terra andaluza; lobrigam-se os cabeços ponteagudos das serras de Granada; transpõe-se o cabo de Gata. Para Francisco tudo são admirações! vai attento observando os phenomenos marinhos: o nascer e o pôr do sol, tão brilhantes no mar! o verde negro das vagas! os golphinhos, ou toninhas, a correr sempre contra a linha do vento! Passa-se o cabo de Palos. Nas alturas de Cartagena tomou aos nossos de subito um furacão medonho, que os obrigou a arriar mastaréos e ferrar todo o pano. Era insupportavel o baloiço, e estiveram a pique de afundar-se.

Iam a bordo, como passageiros, dois rapazes de familia distincta, que não consta qual fosse, e gemeos. Foi tal o terror de ambos, que fizeram promessa de entrar na Ordem dos Franciscanos, caso escapassem ao temporal; e vieram depois a cumpril-a.

Vieira, religiosissimo tambem, fez outra promessa, bem notavel em tão verdes annos: que nunca em tempo algum o seu pincel se macularia em assumptos impuros. Consagrou assim á seriedade e honestidade o seu brioso talento, e tambem soube manter o promettido. Eis explicado o motivo, por que nenhuma obra de Vieira celebra assumptos de mythologia desbragada. As proprias nudezes das suas figuras são envolvidas, por que assim o digâmos, em castidade. Nos muitos quadros em que pintou a Virgem, teve sempre artes de esconder sob o manto os pés da Senhora, como para maior signal de resguardo e pudicicia.

Um parenthesis:

Poderá talvez assentar-se n'uma circumstancia interessante: n'esta data seria composto pelo Vieira um desenho



Vocação honesta de um pintor. Copia á penna, por Julio de Castilho, de uma antiga copia, a lapis vermelho, por Joaquim Manuel da Róxa, de um desenho de Vieira Lusitano. O desenho de Róxa foi offerecido ao ultimo copista pelo sr. Dr. Xavier da Cunha em 30 de Julho de 1892.

Vocação honesta de um pintor. Copia á penna, por Julio de Castilho, de uma antiga copia, a lapis vermelho, por Joaquim Manuel da Róxa, de um desenho de Vieira Lusitano. O desenho de Róxa foi offerecido ao ultimo copista pelo sr. Dr. Xavier da Cunha em 30 de Julho de 1892.

a lapis sanguinho, cujo assumpto vou explicar. Se o desenho original existe ainda, não sei eu; sei que possuo d'elle uma excellente copia da mão do antigo pintor Joaquim Manuel da Roxa, apparecida no espolio do nosso honrado escultor Francisco de Assis Rodrigues, e comprada n'um alfarrabista pelo meu velho amigo o Dr. Xavier da Cunha, que em 30 de Julho de 1892 teve a bondade de m'a offerecer. O assumpto é este, por mim interpretado da linguagem symbolica então usada, e muito especialmente pelo nosso Vieira.

A Prudencia, ou talvez a Virtude, sob o aspecto de uma veneravel matrona coroada de loiros, induz um joven pintor, agrilhoado pelo Genio, a offerecer para todo sempre o coração, ardente nas chammas juvenis, ao altar da Pureza, em cujo templo a scena passa. O mancebo descobre o peito, como quem não tem na consciencia remorso que lhe peze; aos pés vêem-se-lhe os pinceis, a palheta, e o tento; no tornozello prende-se-lhe a cadeia por onde o seu Genio o captiva. A Pureza é uma singela rapariga, em veste muito simples, e sorrindo com innocencia; tem á direita uma ara, onde arde o fogo de Vesta, deusa da immaculada candidez; e no pedestal onde assenta a figurinha entrevê-se o crescente de Diana, outro prototypo de castidade. Á direita do quadro jaz o Tempo maniatado e immovel, significando que o voto do pintor é perpetuo.

N'esta clara linguagem allegorica rutila todo o estro e toda a honestidade do nosso artista.

As tres grandes linhas estheticas, faceis e bem achadas, são: 1.ª, a que parte da cabeça da Pureza, segue á ara, á cabeça da Prudencia, á do Pintor, á do Genio, e morre na aza d'este; 2.ª, da cabeça da Pureza á mão da Prudencia, ao coração, á mão do Pintor, e á argola; 3.ª, da cabeça da Pureza ao joelho d'esta, á cabeça do Tempo, e ao pé esquerdo do mesmo. As horizontaes do fundo, as do pedestal, e as do degrau, completam a affirmação vertical.

Basta do assumpto. Amainadas as furias da tormenta, felicitou o Marquez ao seu joven pupillo pela sua resolução nobre e digna.

Passam as Baleares, e entram o terrivel golpho lionez. Foi ahi, que outra vez os assaltou a tempestade. Vieira descreve-a com todo o apparato fabuloso, descendo para isso ao Cocyto e ao Acheronte, e incommodando as Euménides, o Boreas, Neptuno, Protheu, e outros sujeitos da mesma plana. Tudo aquillo significa terem passado um máo boccado, e terem sido arrojados em arvore secca até á banda sueste das costas da Sardenha!

Ahi se lhes defrontaram duas escabrosas ilhotas, que n'aquellas partes se erguem á maneira de guarda-costa. Conhecidas de Romanos pelos nomes de Hieræa, e Enosis, são hoje denominadas ilhas de Santo Antiocho e S. Pedro. Resvalou o «Santa Rosa» pelo meio de ambas, vendo rebentar na penedia o impeto das vagas, que espadanavam a grande altura. Dobraram o cabo Spartivento, o mais meridional de toda a Sardenha, e entraram com bonança na vasta enseada de Cagliari, capital da ilha, e cidade em frente da qual desagôa o Muraglia.

Só quem sabe por experiencia o quanto apreciam a terra firme os que penaram dias e noites

.... *sobre aguas do mar*,

avalia o gosto de todos os de bordo.

Recommendou o Marquez ao seu joven cliente, quando desembarcaram, não esquecesse a caixa dos lapis, para tomar nota do que fosse vendo.

A primeira coisa que se fez foi procurar uma egreja. Entraram todos na Cathedral, vetusto edificio de Godos, respeitavel na sua majestosa postura. Cagliari é Arcebispado antiquissimo. Mandaram-se dizer varias Missas promettidas, não esquecendo uma a Santa Rosa de Viterbo, padroeira do navio.

Tres dias que ahi se deteve o Marquez, bastaram para se ver tudo que havia para ver. N'essa demora executou o juvenil artista portuguez muitos desenhos do natural; por exemplo: a vista exterior da Sé, a sua perspectiva interior,

trajos caracteristicos do povo sardo, da cidade e do campo, etc. Tudo isso arrecadava com soffreguidão o Marquez de Fontes. Se acaso existem ainda, onde pararão hoje tantas preciosidades?

Ao fim do terceiro dia suspenderam, sahiram da enseada, tornaram a passar não longe dos ilhéos, e com um tempo admiravel foram devagarinho subindo as costas occidentaes da Sardenha e da Corsega, para depois buscarem o rumo de Genova.

Poude Francisco Vieira ir archivando na sua pasta o aspecto d'essas formosas terras, o do celebre Estreito de Bonifacio, e a linha dos empinados cabeços da Corsega, que de longe semelhavam, no fendilhado e abrupto, corucheos e minaretes.

XII

Passados poucos dias, dão vista do porto de Genova.

Genova é a cidade dos palacios.

Dorias, Pallavicinos, Brignoles, Durazzos, Balbis, e quantos outros nomes primaciaes, ali ostentam ao brilhante sol de Italia os seus magnificos solares. É deslumbramento dos viajantes aquelle risonho amphitheatro de marmores e jardins. Atrio admiravel da Italia!

Saudado o porto com a artilheria do Santa Rosa», e communicado o navio com a terra, constou logo a bordo achar-se ali surto um dos cinco vasos desgarrados da conserva, mas muito alquebrado do mar. Dos outros quatro, sabia-se terem demandado Gibraltar em lamentavel destroço.

Prompto o primeiro escaler do navio, com os seus dezasseis remadores escolhidos, todos de sobre-camisas bran-

cas, e carapuças de velludo preto agaloadas de prata, desceu o Marquez, e mais o Capitão, que era um velho genovez, de boa presença e agradavel trato. Vai tambem Francisco Vieira, e dão-lhe logar debaixo do toldo de seda que os abriga da calma. Desliza o bergantim sobre a face nitidissima das aguas, entre um sem-numero de arrogantes navios de todas as procedencias, ali attrahidos pelo espantoso commercio da capital da antiga Liguria.

Dirigiu-se o Marquez e o Vieirinha para um palacio, já tomado de antemão, e convenientemente mobilado. Ahi se demoraram cinco dias, que lhes pareceram deliciosos de socego.

Viram muita coisa. Menciona Vieira no seu roteiro a taça de esmeralda, conservada na Casa de S. Lourenço, e á qual uma tradição absurda attribue a honra de ter servido na Ceia do Redemptor! Da Sé cathedral fala o nosso Portuguez com certo desdem; e por lhe ter desagradado a frontaria vetusta d'esse templo, toda revestida de um xadrezado preto e branco, infere que não valia a pena penetrar no interior. Viram o palacio dos Principes Dorias, no tecto de cuja sala principal admiraram um fresco representando o despenho dos Gigantes, por Perino del Vaga (Pedro Buonaccorsi), pintor da primeira metade do seculo XVI. Além d'esta, outras muitas pinturas do mesmo mestre enfeitam o palacio. Divagaram nos sumptuosos jardins, adornados de estatuas e arvoredo soberbo; e n'um dos lagos viram uma curiosa barca, arranjada por tal fórma, que podia, á vontade dos tripulantes, mergulhar facilmente D'ella tirou Vieira um esboço. Copiou tambem o magnifico farol do porto, e além d'isso, fez uma especie da relatorio da viagem, e mandou-o a seus paes. Veio provavelmente a servir-lhe de muito auxilio depois, quando, passados annos, escreveu o seu livro.

Esse relatorio-diario, pedia elle em carta ao pae, que o mandasse á quinta da Luz; modo indirecto de dar noticias suas minuciosas a D. Ignez.

Oh! como é agradavel, lá fóra, entre as opulencias de

civilisações adiantadas, entre nações ricas de tradições e arte, recordar qualquer fugitivo pormenor d'este nosso pobre cantinho, tão atrazado, tão afastado de tudo, mas tão querido, e tão nosso! Com que saudade não recordaria Francisco, entre as magnificencias da estatuaria e da architectura italiana, a feição austera e pobre da quinta seiscentista de Carnide! entre os arvoredos em socalco da villa Doria, a sombria alameda dos freixos! a modesta residencia paterna! as scenas caseiras do seu lar! as escravas pretas! a sua ama! o Pescocinho! as cavalgadas pelos oiteiros da Luz! Como sabia bem ao juvenil viajante lembrar essa serie de quadros essencialmente portuguezes, de que o destino o separára, só Deus sabia para quanto tempo!

Fretou o Marquez duas galeras, que o levassem a Civita-Vecchia; n'uma ia elle com os seus; na outra uma companhia de granadeiros, que o Doge de Genova punha á disposição do personagem. Ao sahirem salvaram o porto ao som da artilheria, e a toque de trombetas postadas á prôa.

Breve chegaram a Liorne, onde tambem foram acolhidos com todo o arreganho das etiquetas bellico-maritimas.

Ahi, desembarcou o Embaixador, e foi de vez. Já não podia supportar os baloiços do mar, e preferiu seguir por terra até Roma.

Um dia apenas se demorou em Liorne com os demais passageiros; vistas as curiosidades, partiu o Marquez, logo na madrugada seguinte, em *calesso*, seguido de outros dois vehiculos do mesmo genero, onde iam os creados mais graves. Francisco Vieira e os seus outros companheiros tomaram uma embarcação, que á noite os desembarcou em Civita-Vecchia

Todos estes meios de transporte mudaram immenso desde então. Civita-Vecchia perdeu muita da sua antiga importancia, de ante-sala que foi da Cidade Eterna. Os caminhos de ferro deram cabo do pittoresco da jornada. O romeiro de hoje em dia, levado em ferro-carril, entre estofos, e ás horas previstas em horarios, já não póde comparar-se (por mais devoto que elle seja) com o antigo e poetico pe-

regrino, que a pé, desde longes terras, se encaminhava para Roma, e exhausto de fadiga, e commovido de devoções intraduziveis, cahia de joelhos, todo elle enthusiasmo, ao avistar, na linha final da planicie, ennevoado e mal distincto, o vulto sacro-santo da Cupola de S. Pedro. Não; esse momento de extase piedoso, não o sente hoje o viajante, ao apear-se no recinto mais prosaico e semsabor que ha no mundo: uma estação de caminho de ferro. Tudo, até a maneira de sentir, tudo, até os raptos do mysticismo, mudou, Santo Deus!

Quanto ao nosso pintor, calcule-se o seu enthusiasmo! portuguez, mancebo, artista, e religioso! Confessa elle mesmo, que, ao saber-se apenas a doze milhas de Roma, a Cidade dos prodigios, Roma, a Cidade dos seus sonhos, lhe não foi possivel dormir mais em toda a noite.

Ao romper da alvorada, achavam-se já promptos os calesseiros, com as bestas arreadas de sonoras campainhas, e uns carrinhos especiaes chamados *strascini*, para as bagagens. Tomar logar foi obra de instantes. Soaram os chicotes, e abalou o rancho todo.

Tempo magnifico. Francisco vai calado, absorvido em pensamentos de mysticismo, arte, e amor. Sopra uma aragem deliciosa do Norte. Estende-se a campanha romana, monotona, immensa, severa, triste. Os olhos do mancebo correm a uma banda, a outra, anciosos, admirando tudo, assimilando tudo. No matagal pastam grandes manadas de bufalos. D'entre o verdenegro do solo, escassamente alumiado ainda, destacam de quando em quando os vultos meio esterroados de ruinas dispersas. De repente, do alto de uma ondulação de terreno, avista-se ao longe, muito ao longe, projectado no opalino matinal do céo, e por cima de um sombreado que parece arvoredo, um Zimborio! e o calesseiro, vociferando, e descobrindo-se do seu chapéo ponteagudo, aponta com o dedo, e annuncia aos viajeiros:

—Roma! Roma!...

. . . .

XIII

Roma não se descreve.

Nem as exclamações e reticencias dos viajantes, nem a opulenta seccura dos mais eruditos roteiros, nem a commoção vibrante dos ascetas peregrinos, nem os arrebatados louvores dos mais altos engenhos litterarios de todos os tempos, nem os sonhos delirantes do opio, conseguirão nunca retratar a grandeza d'aquella Povoação, unica no mundo, e unica na Historia.

Avulta Roma, d'entre as ruinas de todas as edades, como excepção das excepções. Roma é a Cidade por excellencia. *Urbs* — lhe chamava, na sua concisão magnifica, a lingua dos Latinos.

Ahi temos pois o nosso protagonista. Ahi o temos, entrado pela Porta do Santo Espirito, que não sei ao certo a qual das actuaes serventias corresponde.

Conforme o sabio Samuel Pitisco, era um postigo ao sopé do monte Janiculo, perto da antiga *Porta triumphalis;* e a sua denominação christan moderna, tirava-a de certa capella visinha. Será talvez hoje a Porta Fabbrica, ou a Cavalleggeri. Ficava, diz Vieira, na proximidade do Vaticano.

Acompanhemos pois o nosso ancioso viajante penetrando por essa entrada na sua suspirada Roma das maravilhas, e atravessando de relance, poucos momentos depois, em frente da perola do Orbe Catholico, a Egreja pontifical de S. Pedro! Ahi o vemos, extatico, de fronte descoberta, parando ao contemplar pela primeira vez o estupendo edificio!

Dava meio dia. Passaram a ponte de Santo Angelo. Atravessaram boa parte da Cidade. Chegaram por fim ao palacio da Legação de Portugal, para onde tinha já ido hospedar-se o novo Embaixador, o nosso já conhecido Marquez de Fontes.

Era então Ministro d'el-Rei D. João V em Roma um dos ascendentes da actual Casa das Galvêas, André de Mello e Castro, que primeiro seguira a vida ecclesiastica, chegando a ser Deão de Villa-Viçosa. Largára essa carreira, e fôra nomeado Enviado Extraordinario junto á Santa Sé em 1711, onde subiu tambem a Embaixador em 1718, merecendo em 1721 a honra do titulo de quarto Conde das Galvêas. Depois, veio a ser Vice-Rei do Brazil em 1736. No seu palacio se aposentou provisoriamente o pessoal da Embaixada do Marquez.

A chegada do moço Francisco deu grande alegria ao seu Mecenas. Apresentado por este ao dono da casa, de ambos recebeu o Vieirinha as cariciosas expressões, de que os Portuguezes teem o segredo.

Andavam já os mantieiros preparando as mezas para o jantar. O jantar era então cedissimo em toda a Europa, no proprio *mundo elegante*. Que dirão a isto os nossos contemporaneos, que só sabem jantar depois da noite fechada?

Passaram ahi o resto do dia, e a noite; e logo na manhan seguinte transportaram-se todos os recem-chegados para outro palacio, que já fôra tomado por conta do Marquez de Fontes, na rua então chamada «Lactea», em frente da praça *Colonna*, assim denominada por se adornar com a *columna* romana dedicada ao Imperador Marco Aurelio Antonino, depois das suas victorias na Germania. Campeara d'antes no tope do fuste a colossal estatua d'aquelle Imperador, toda de bronze doirado; Xisto V, que em 1589 mandou restaurar o monumento pelo insigne cavalheiro Fontana, fez lá collocar a effigie de S. Paulo, tambem em bronze.

Que palacio fosse este, onde se aposentou a Embaixada d'el-Rei Fidelissímo, não me consta. Sobre esta praça, na extremidade da qual passa o celeberrimo *Corso*, cahiam varios palacios: o dos Principes Chigi; defronte d'elle o palacio Niccolíni; o dos Principes de Piombino, ao réz do Corso; e outros. Algum d'elles foi, mas não tenho (por mais que o diligenciei) modo de verificar este ponto, aliás interessante.

Só me consta, pois o diz algures o proprio Vieira, que havia n'esse palacio uma nobre sala de recepção (provavelmente a do docél, que ao Marquez competia como Grande do Reino, e como Embaixador) admiravelmente adornada. A mobilia, doirada e forrada de damasco, era digna de Pessoa Real; as paredes revestiam-se de magnificos pannos de raz vindos de Flandres, representando os feitos de Alexandre Magno; a illuminação era toda de lustres e placas de puro crystal de Veneza. Tudo segundo o risco mais elegante e sumptuoso da era.

Albergaram Francisco Vieira n'um lindo quarto do segundo andar; depois do que, logo elle metteu empenho ao Marquez para poder sahir, e saciar, por seus olhos, a sêde, que o devorava, de vêr, de admirar! Foi attendido: acompanhado de um creado italiano, sahiu.

Pediu ao guia que o conduzisse primeiro ao Vaticano. Absorto e pasmado, não atinava expressões para o que sentia. S. Pedro, aquella maravilha sem fim, esmagou-o. Ahi ouviu Missa, e deu graças a Deus de lhe ter concedido presencear tamanhos portentos. Examinou detidamente a ponte de Santo Angelo, onde passára de vespera no *calessino*. Observou o aspecto grandioso e monumental da Cidade, tão outra da sua querida Lisboa moirisca; e pensando muito e muito em seus paes, enviou lá de tão longe um pensamento amoroso á sua gentil D. Ignez!...

Ao chegar o pequeno a casa, quiz o Marquez ouvir-lhe da propria bocca as impressões. Elle nada poude contar; só disse isto:

— Nada sei dizer, senhor Marquez; apenas sei, que entrei na Egreja de S. Pedro.

XIV

. . . .

Os tres dias seguintes, levou-os visitando palacios e templos, qual a qual mais formoso, qual a qual mais artistico; passados os quaes, foi sem demora entregue aos cuidados do melhor professor que então havia em Roma, o notavel Bento Lutti, homem que então orçava pelos cincoenta de edade, e que a prodigiosa actividade cerebral unia os mais altos dotes de colorista eximio.

Nos desenhos, que desejou ver, do joven Vieira, obras ainda informes, feitas em Lisboa, quasi espontaneas e incultas, rastreou a perspicacia de Lutti o muito que devia esperar-se de talento d'aquella ordem. O leão cachorro é já leão.

Tomou-o á sua conta. Fel-o estudar affincadamente a *maneira* dos Caraches (Luiz e Agostinho); fel-o frequentar assiduo as académias nocturnas, e impregnar a alma na influencia deliciosa dos artistas de raça.

Não sei de retrato do Lutti, mas estou-o a ver. Tenho tratado de perto muitos artistas: Assis Rodrigues, Fonseca pae e filho, o Lupi, o Annunciação, o meu bom mestre Christino, Marciano, Victor Bastos, Simões de Almeida, Alberto Nunes, Soares dos Reis, e quantos mais! é talvez a minha sociedade predilecta. Conheço a linguagem d'elles; conheço os enthusiasmos d'elles ao perceberem o fogo sagrado latente n'uma alma novél; conheço aquelle seu relampejar de olhos ao apreciarem as manifestações do bello n'um simples traço! Estou a ver o Lutti, com a sua cabelleira, a sua cara rapada e fina, aconselhando o moço Portuguez, encaminhando-o com um conselho paternal, e prevendo n'elle um futuro collega, com a sagacidade pratica

dos experimentados! Para mim Lutti afigura-se (não sei dizer porquê) na expansão leal, nos bravos desinvejosos, uma especie do bom José Cinatti, o grande scenographo! uma das almas completas que tenho encontrado na vida! sonhador acordado! vidente de alem-mundo! Os artistas são a minha gente; e percebo em cheio todo aquelle vibrar, que parece loucura, todo aquelle remecher, que parece infantilidade, todo aquelle enthusiasmo, que é o supremo goso das almas elevadas.

Uma vez (aqui vai um a-proposito necessario) uma vez subia eu a rua do Ferragial de cima. Junto ao hotel de Bragança cruzei-me com Cinatti. Cinatti era um santo, para quem o mundo era uma collecção de amigos; todos o amavam, e elle achava na alma affecto a trasbordar para todos. Além d'isso, grande artista, para quem a Natureza figurava como perpetua officina, ou antes, perpetua galeria de quadros esplendidos. Tudo o arrebatava: o brilho do sol na esquina lavrada de um palacio velho! o azul do Tejo a assomar d'entre uns telhados negros, e emmoldurado no cinzento da serra da Arrabida! o claro-escuro de uma viella alfamista escassamente allumiada do luar! o sorrir de umas pobres arvores municipaes tocadas da luz da tarde! Ia pela rua, e parava, como um beócio sublime, diante de qualquer d'esses quadrinhos vulgares, altamente significativos, que a turba não percebe. Queria muito ao nosso céo, que é o da sua saudosa Italia; queria muito á nossa gente, que é, por assim dizer, a sua.

Cruzei-me com Cinatti, falámo-nos, e (não sei já como) perguntei-lhe o que pintava n'esse momento em S. Carlos. Illuminou-se-lhe o olhar; quiz logo o meu insigne artista dar-me uma ideia da sua obra. Tirou da algibeira um pedacito de lapis de carvão, e começou a desenhar na cantaria lisa do embasamento do palacio ducal umas arcadas que fugiam, uma arvore que as cortava, e não sei que mais; e explicava, e coloria com a voz, e indicava as sombras *proprias* e as *projectadas*, e o lapis partia-se-lhe, e elle apanhava-o, e continuava a explicar, pensando que pintava!

A tela era vasta; elle corria a baixo, a cima, sobre o passeio, e indicava na parede, com valentia, aquellas linhas sabias e firmes; e eu, pelas explicações do artista, ia vendo, absorto, os effeitos, a côr, a intensidade das contraposições; e exclamei:

— *Bravo, maestro!*

O mestre, tremulo de enthusiasmo, olhava para a parede e para mim, como se effectivamente aquillo fosse uma tela, e como se uma plateia inteira estivesse applaudindo aquella scenographia grandiosa, que só existia na alma d'elle. Ao que eu senti, ao que eu vi, chamam hoje os psychólogos *suggestão*.

Ora estes raptos ideaes, sem os quaes não ha artista verdadeiro, comprazo-me eu de os suppôr no mestre Lutti, ao explicar a Vieira, obscuro discipulo, as regras e segredos da sua arte soberana. Oh! sem estas singularissimas loucuras, nada ha grande no mundo das officinas.

Foi pois o bom Lutti o primeiro guia do juvenil portento em Roma. Ao mestre italiano devemos os primeiros passos d'aquella gloria portugueza.

XV

Depois de dois annos de estudos serios, o Marquez de Fontes, que presenceava a viveza do engenho do Vieirinha, e a sua natural bossa inventiva nas allegorias sacras e mythologicas (á maneira do tempo), lembrou-se de utilisar tão poderosas faculdades, e tomou uma resolução, que (embora dictada pela sua muita benevolencia) não deixou de ser importuna e intempestiva. Pediu ao seu pupillo fosse desenhando as figuras e trajos dos variados festejos sacros da Egreja de Roma; tarefa improba em verdade, e prosaica

no seu tanto, para quem já principiava a conviver com as maravilhas da arte classica, e a penetrar na intimidade dos oraculos. Comtudo, não havia que hesitar: pedia o Marquez; e um pedido d'elle era uma ordem. Prometteu Francisco obedecer; prometteu, escondendo a sua dôr; prometteu, chorando lagrimas, que soube disfarçar.

Era ao cahir da tarde, hora triste, e que muito mais triste lhe pareceu. Ao entrar a noite são sempre mais fundas, pungem muito mais, as melancolias.

Recolheu-se ao aposento, e chorou sosinho muito á vontade. Chorou, amesquinhou-se, lembrou-lhe Ignez! Ignez, por quem elle ali estava moirejando o seu futuro! Ignez, que elle amava tanto! Ignez, por quem elle almejava ser grande e illustrar-se! e n'um d'aquelles arrebatamentos proprios da edade, e da indole, exhalou as maguas em ais e suspiros. Não quiz cear; levou o serão a passear sosinho no quarto, de canto a canto, imaginando truncada de repente a sua carreira de artista pelas puerís exigencias do seu omnipotente protector; viu interrompidos os estudos serios, por aquella tarefa sem arte, aquella tarefa, por assim dizer, material, aquella labutação ingloria e servil, que assim lhe era barbaramente imposta.

Quando raiava o dia resolveu sahir; precisava ar!

Ia no corredor; sentiu que n'um quarto contiguo ao d'elle se abria uma porta, e viu vir ao seu encontro, cautelosa e com carinho de amigo, uma figura. Quem era?

Era um transmontano, commensal do Embaixador, e creio que talvez empregado na Embaixada, Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos. Escriptor e poeta de pulso, merecera Francisco Botelho, homem então de seus quarenta e tantos annos, larga nomeada litteraria por varios versos e estudos, hoje esquecidos, entre os quaes figurava o poema em castelhano, *El Alfonso,* em que se celebra a fundação da nossa Monarchia.

Chegou-se o poeta ao joven pintor, e pediu-lhe quizesse entrar no seu quarto. Annuiu Francisco, e disse Botelho:

—Meu caro visinho, que tem? aqui anda tristeza, que

não sei entender. Toda a santa noite o ouvi n'um desassocego, que me deu cuidado. Vamos, desabafe comigo, meu menino. Que tem? que foi isto?

Contou o sincero moço o motivo da sua dôr, e contou-o chorando.

Atalhou Botelho sorrindo com bondosa melancolia:

— Não exagere o caso; não creia superior ás suas forças o encargo que recebeu do senhor Marquez; não faça de um argueiro um cavalleiro. Anime-se! o seu protector não teve certamente em vista magoal-o, nem empecel-o; o que só quiz foi utilisar-lhe os talentos. Mal pareceria que elle, tendo aqui ao pé um rapaz de tanta esperança, incumbisse o caso a outrem, não é assim? Vamos! animo! ha-de sahir-se muito bem da empreza, e nem por isso os seus estudos, e o seu futuro, hão-de padecer.

Botelho era um triste, um infeliz. Perseguido na patria, por motivos ainda hoje ignorados, fixara-se lá fóra, andou por Italia, e em Salamanca veio a acabar. Ora quando um triste nos consola, teem dobrado condão as suas palavras. Com aquellas e outras razões, suavemente expostas, com tino e acerto, e expostas por quem sabia a fundo o que era a dôr, levantou-se o quebrantado animo do pobre estudante, e recobrou forças, que o iam desamparando. Tanto é certo que precisamos sempre ouvir os avisos alheios, e que muita vez nos salva do desespero, e do crime, a voz suave de um amigo! E ha quem argumente contra o balsamo celeste da Confissão auricular!

Mostrou Botelho ao seu amiguinho quanto é aspero o caminho da gloria. A gloria é um alcantil. Para exemplificar o que dizia, correu uma cortininha de seda esverdeada que recobria um quadro que tinha na parede, o qual representava assumpto adequado á situação; era isto: Por escabrosa vereda, quasi a pino, ia subindo um cavalleiro armado. Sahiam-lhe ao encontro os reptís mais medonhos, de fauces abertas, a embargar-lhe a passagem. Ia o mancebo caminhando sereno, entre duas formosas matronas, que o esforçavam: uma, a Virtude; a outra, a Constancia. No pi-

naculo do monte rutilava um templo entre palmeiras e loireiraes. Podia haver concepção mais de molde para illustrar o texto do discurso do poeta? certamente que não. As palavras d'elle, e a vista do quadro (cujo autor ignoro) realisaram o milagre: sentiu-se Francisco Vieira renascer.

XVI

Ia-se aproximando a festa do Corpo de Deus, celebre em toda a Christandade, celeberrima na Capital do Orbe catholico. Aderessadas as ruas, alvoroçado o publico, repleta Roma de forasteiros curiosos, aguardavam todos aquella solemnidade religiosa e artistica de tamanho esplendor.

Sahiu Francisco, e presenceou da rua a magnificencia commovente do prestito! as filas das Confrarias e Ordens, o concertado e suave das musicas triumphaes, o luzimento dos Principes Romanos e do Sacro Collegio, e por fim teve a dita de ver, por seus olhos, passar, n'um genuflexorio de velludo, e com a Sagrada Custodia entre as mãos, o proprio Santo Padre levado n'um andor, debaixo de pallio riquissimo, entre os dois flabellos rituaes! espectaculo sublime para quem sinta na alma a vibração do Bello e da Religião! espectaculo insolito para um pobre lisboeta, não affeito a pompas d'aquelle jaez!

Impossivel era copiar a longa serie dos trajos, no relance do desfilar da Procissão; comtudo, tentou, e alguns esbocetos ia tirando; mas com que trabalho improbo!

Aconteceu vel-o n'essa tarefa um dos mestres de ceremonias do Vaticano; approximou-se-lhe; interrogou-o; soube então por ordem de que alto personagem diplomatico trabalhava o Vieirinha. Era, já se vê, homem bon-

doso e intelligente; offereceu ao moço artista auxilial-o, e socegou-lhe as justas impaciencias, promettendo-lhe que depois, descançadamente, lhe facultaria os paramentos e trajos, e, além d'isso, lhe daria uma lista exacta da successão das figuras diversas e corporações do cortejo. Que allivio indisivel isso não foi para as responsabilidades do artista!

Ao tornar-se ao palacio, não só mostrou Vieira ao Marquez os esboços e apontamentos que podéra tírar, mas tambem lhe narrou o espontaneo e obsequioso offerecimento do mestre de ceremonias. Alegrou-se Sua Excellencia com tudo isto, e logo no dia seguinte mandou por um famulo respeitavel comprimentar o Ecclesiastico.

Graças a tão benevolo auxiliar, debuxou Vieira consideravel numero das taes figuras, com os atavíos proprios, e as insignias peculiares; e ao concluir a obra mereceu ao seu Mecenas muitos elogios, e um premio.

As noites, essas levava-as sem falta a frequentar as aulas nocturnas de desenho, e a conviver, como podia, com os alumnos e mestres de maior nomeada. Eram os serões as suas horas vagas, porque o melhor dos dias absorveu-lh'o por muito tempo o servil e fastidioso desenho dos ornamentos sacros e outras alfaias da Basilica de S. Pedro, tudo em duplicado: uma copia do tamanho natural, e outra em ponto menor, a claro-escuro amarello para figurar oiro; exceptuando os tocheiros da capella do Sacramento, esculpidos por Miguel Angelo, que esses, por serem de bronze, pintou-os o Vieira da mesma côr verdoenga que ostentavam.

Acabada essa tarefa herculea, mais propria de lavrante, ou de aprendiz de ourives, que de pintor, quiz o insaciavel Marquez possuir uma copia exacta do mausoleu do nosso patricio, o Cardeal D. Jorge da Costa, outra da Cruz com o Santo Lenho conservada no Quirinal, outra do salão grande da Embaixada; em summa: um não-acabar de ninharias artisticas, em que o tempo, a vontade, o estro, a paciencia, a energia, e o talento do maniatado desenhista

se iam a pouco e pouco gastando entre tedios e insoffrimentos! Egoismos de senhor, habituado a mandar.

Tres annos! tres annos britou n'estas inglorias e estólidas labutações, tão avêssas ao seu genio, tão improprias da sua edade, toda de assimilação, o talentoso mancebo! tres annos, que juntos aos dois primeiros, levados a estudar á séria, perfaziam um quinquenio em Roma. Como o tempo vôa!

Cinco annos de trabalhos, e ainda tanto e tanto para conseguir!

Oh! se o Marquez de Fontes reflectisse no roubo que fez ao seu protegido, se podesse imaginar quanto o prejudicou, de certo haveria modificado a catadupa das suas exigencias. Verdade seja, que depois veio a compensar nobremente o mal que fez á Arte. Veremos como.

XVII

Quanto a este Embaixador, folgo de reconhecer que a sua Missão surtira em cheio o effeito desejado. As relações da Sagrada Curia com os Portuguezes achavam-se na intimidade mais cordeal.

«Um dos primeiros acertos do Governo do nosso Monarcha — diz o Marquez de Valença no *Elogio historico* do seu collega Marquez de Fontes, já depois de trocado esse titulo no de Abrantes—foi nomear o snr. Marquez de Abrantes por Gentil-Homem da Camara e Embaixador de Roma.»

Tão alto reside a sacro-santa Personalidade do Summo Pontifice, a meio caminho, por que assim o digâmos, entre o Céo e a Terra, que os maiores d'entre os grandes devem afigurar-se-lhe pigmeus. Observa Goethe (e muito bem) no seu *Torquato Tasso*, que do alto do Vaticano se avistam,

amesquinhados pela prodigiosa distancia, os Estados e os homens. Pois eram taes os meritos reaes do representante de Portugal, deram tanto na vista as suas qualidades e bizarrias, que o mimoseou com affecto especial o Santo Padre.

«O favor, o agrado, — continúa o biographo — a distincção, que achou justamente o snr. Marquez de Abrantes nas palavras e acções do Papa Clemente XI, excede os limites do credito, ainda empregando o pensamento na grande pessoa que era, e na maior que representava este Ministro... Como este maravilhoso Pontifice era enriquecido de muita erudição e engenho, mui pratico nas lettras humanas e sagradas, mui dotado de eloquencia romana nos seus discursos, mui ameno nas suas praticas, e mui sentencioso e prompto nas suas respostas, como se não havia de agradar inteiramente do snr. Marquez de Abrantes, que era ornado dos mesmos attributos? Eu ouvi a uma pessoa de muita verdade, que este Pontifice, desejando sempre a companhia do snr. Marquez de Abrantes, se affligia algumas vezes quando elle lhe falava em negocios de Portugal, sem lhe dar muito tempo para lhe responder com madura consideração.»

Enumerando os serviços prestados pelo Embaixador portuguez, diz por ultimo o seu panegyrista já citado:

«Elle conseguiu n'aquelle Pontificado grandes honras e privilegios para a sua Patria; elle executou o gosto do seu Principe, sem aquelles perigos que costuma encontrar esse gosto quando depende da vontade egualmente soberana. Uns negocios, fiou-os do beneficio do tempo; outros, da sua industria; alguns, do seu caracter; muitos, da sua confiança; não poucos, da sua grandeza; e todos, da sua fortuna.»

Estava-se em 1716. Começava o anno com aquelle frio secco peculiar ao inverno em Roma. Um dia, chegando Vieira da Academia, enregelado e triste (nada mais cruel que a tristeza das almas artisticas), disseram-lhe que o mandava chamar o Marquez.

Entrou logo no gabinete; e depois de comprimentar o seu vice-pae, ouviu-lhe o seguinte recado: queria elle que o artista, continuando nas escolas a sua pesada tarefa habi-

tual, lhe desenhasse nas horas vagas, não a lapis vermelho (que parece era genero muito valído do Vieira), mas perfiladas a traço simples e firme, e sombreadas a tinta da China, todas as peças do trem de gala da Embaixada: as carroagens, os coches, os cavallos com os seus complicados arreios, os lacaios com as suas fardas, os estribeiros, tudo! queria mais, o insaciavel homem, que esse trabalho corresse pela posta, pois se aproximava o praso do regresso a Portugal, e intentava o fastuoso diplomata mandar gravar em cobre esses desenhos, e publical-os em volume, para não ficar na cola de André de Mello e Castro, que já fizera o mesmo[1]. Era um acto de ostentação, que havia de produzir muito effeito n'aquella Côrte opulenta, e levar ao setimo céo a grandeza do Fidelissimo, e as bizarrias do seu directo representante.

Já era de mais!

Ouviu Francisco, e não poude conter as lagrimas. Sorriu-se admirado o Marquez, e perguntou:

— Por que choras, menino? que é isto? que ha? que succedeu? dize-me tudo com franqueza.

— Senhor! — soluçou o pobre escravo ajoelhando: — Vou falar com a franqueza que Vossa Excellencia exige. Estou prompto, de alma e coração, para executar tudo quanto a sua vontade me ordenar; mas só peço a Vossa Excellencia uma coisa: já que vim a Roma, não permitta o meu protector que eu torne á minha terra sem me sentir de todo aparelhado para o muito de que me sinto capaz. Conceda-me que fique por aqui mais algum tempo, para poder

---

[1] *Relação da viagem do excellentissimo senhor André de Mello de Castro á côrte de Roma por enviado extraordinario d'el-rei de Portugal D. João V á santidade do papa Clemente XI—Paris, chez Anison—1709*. Fol. max. de 56 pag. — Diz Innocencio que é escrita nas linguas portugueza e franceza, e tem cinco gravuras com os desenhos dos ornatos das carroças, que compunham a equipagem e trem do Ministro, na sua entrada solemne. Ha exemplares na Bibliotheca Nacional de Lisboa, no Archivo da Torre do Tombo, e na livraria do Convento de Jesus.

adiantar-me na pintura, além do que tenho adiantado até hoje. Reconheço-me ainda muito fraco; desejo crescer.

Franziu o sobr'olho o Marquez; vendo n'aquellas palavras uma censura, levantou-se, e, n'um primeiro impeto mal refreado, disse em tom severo:

— Bem. Vae-te embora.

Passaram alguns minutos. Cahiu em si aquelle espirito nobilissimo; reflectiu no que havia de justo na supplica do rapaz, e tornou a mandal-o chamar.

— Francisco, — lhe disse então o Marquez, já n'outro som de voz — Ficarás; ficarás o tempo que ficarem alguns dos meus creados que em Roma deixo.

Sentiu Francisco uma alma nova, e deu principio, com toda a diligencia, ao que lhe fôra exigido.

XVIII

Como começasse a primavera, tão risonha na Italia, foi o Marquez de Fontes cumprir certa promessa devota que tinha feito: emprehendeu uma peregrinação até á Santa Casa de Loreto, na alta Italia, santuario celebre em toda a Christandade. É edificante presencear a alluvião de piedosos forasteiros, que de toda a parte lá affluem annualmente. Deve Loreto a sua fama ao milagroso apparecimento ali da propria habitação modestissima da Virgem Maria, habitação ou camara de uns trinta pés de comprido, quinze de largo, e dezoito de alto, toda engenhada de tijolos, e que (segundo a respeitavel crença) lá vieram collocar uma noite as mãos dos Anjos. Ainda está tudo isso intacto, e em começos do seculo XVI fabricou-se-lhe de volta um como revestimento magnifico de marmores preciosos adornado de estatuas.

Cumprido o voto, voltou o Marquez a Roma meado Maio d'esse anno de 1716.

Em 8 de Junho seguinte, anniversario da nossa victoria do Ameixial, presencearam os Romanos o estupendo espectaculo do solemne cortejo da audiencia de despedida, que ao Embaixador de Portugal concedeu a Santidade de Clemente XI. Fosse por acaso, fosse de proposito, escolheu o Marquez aquella data patriotica.

Do seu palacio da praça Colonna sahiu em grande pompa. A descripção minuciosissima d'esse cortejo, verdadeiramente Real, consta de um folheto italiano, precioso para a historia dos costumes e para a chronica das artes sumptuarias antigas. Nada hoje poderia egualar o apparato extraordinario, a profusão de magnificencias, com que aos olhos do Povo Romano se ostentou a gloria portugueza. As librés dos innumeraveis pagens, escudeiros, lacaios, cavalhariços, palafreneiros, o debuxo emphatico d'aquella serie de coches, que pareciam *montes de oiro,* a belleza e custo dos cavallos ajaezados de prata, a ordem e etiqueta de todo o prestito, tudo isso é indescriptivel aqui, onde não posso transcrever na sua integra o folheto [1].

E diz com orgulho o proprio Vieira, testemunha presencial:

Quando os riquissimos coches
em publico appareceram,
serem montes pareciam
de oiro batido a martello;

como affirmava o que vimos,
que, por memoria, trazel-o
fez o Marquez desde Roma,
que ardeu no fatal incendio!

---

[1] Intitula-se: *Distinto raguaglio* | *del Sontuoso Treno delle Çarrozze,* | *con cui* | *Andò all' Vdienza di Sua Santità il dì 8. Luglio 1716.* | *L'Illustrissimo, ed Eccellentissimo Signore* | *Don Rodrigo* | *Annes de Saa, Almeida, e Meneses,* | *Marchese di Fontes,*..........—*In Roma* MDCCXVI. | ....

N. B. — O folheto dá a esta festa a data de 8 de Julho; o Vieira a de 7, que me parece engano.

Eram vistosissimos os coches antigos em Portugal. Ainda hoje os da Casa Real são reputados os mais bellos da Europa. Os Grandes, ecclesiasticos e seculares, usavam nos seus vehiculos o maior apuro. Conheço, entre outros, um coche, que pertenceu ao primeiro Patriarcha de Lisboa, o illustre Cardeal D. Thomaz de Almeida, e existe n'uma cocheira do palacio que foi d'esse Prelado, na chamada quinta da Mitra, ao Poço do Bispo [1].

Figuremos portanto como seriam, em plena Roma, em pleno reinado de D. João V, e n'uma solemnidade de tal brilho, como foi sempre e em toda a parte a recepção de um Embaixador, os apparatosos vehiculos da comitiva do Marquez Rodrigo!

Entendeu o Santo Padre conceder a el-Rei D. João V a alta mercê de erigir em Egreja Patriarchal e Metropolitana a Capella Real dos nossos Soberanos, dividindo Lisboa em duas cidades, a oriental e a occidental. Foi na tarde de 9 de Dezembro, d'este mesmo anno de 1716, que chegou a el-Rei um expresso, de ordem do Marquez de Fontes, communicando-lhe a grata noticia. Os repiques de todos os campanarios, e as luminarias de todas as frontarias de egrejas e conventos, annunciaram ao publico esse successo fastuoso.

Dois dias depois, a 11, fazia annos a pequenina Infanta D. Maria. Toda a côrte correu a duplos parabens ao paço Real; e no Porto, onde era Bispo D. Thomaz de Almeida, acima referido recebeu este Prelado aviso do Secretario de Estado noticiando-lhe a sua nomeação para Patriarcha de Lisboa. Tocou o seu auge a alegria do Conde de Avintes, irmão do novo Patriarcha; o seu palacio do campo de Santa Clara illuminou-se com mais de oito mil luzes e es-

---

[1] Pertencia o coche, o palacio, e a quinta, ao meu querido amigo o sr. Horacio Justus Perry, ex-Encarregado de Negocios dos Estados-Unidos da America em Madrid, casado com a ex.^{ma} snr.^{a} D. Carolina Coronado, fallecido em 22 de Fevereiro de 1891 na sua quinta de Paço d'Arcos.

plendidos fogos de vista; depois, concertos admiraveis nas suas salas reuniram a Nobreza lisbonense em successivas noites [1].

O Marquez de Fontes, promotor d'estas altas concessões da Curia Romana, poucos mezes mais se demorou em Roma. Despedindo-se do Santo Padre, tornou-se á Patria portugueza. Veio por terra, porque receava repetição dos baldões da primeira viagem, annos antes; não tinha nascido com bossa muito accentuada para marinheiro, nem para peixe, e não tinha o mais leve empenho em augmentar com a sua pessoa o jantar dos gorazes e toninhas do Mediterraneo. Quanto a mim, fez mil vezes bem.

Em 17 de Janeiro de 1718 sahiu de Roma em companhia do Padre Jesuita Provana, celebre Missionario na China, que o acompanhou até Florença, onde se separaram em 30 [2].

Em 9 de Abril chegou emfim a Lisboa, e foi logo beijar a mão a el-Rei, «que o recebeu com muitas demonstrações de agrado» [3].

Fez-lhe com effeito, el-Rei D. João V cordealissima acolhença, e, logo, passadas semanas, lhe deu o senhorio da villa de Abrantes, com o titulo de Marquez e as honras de Parente, conservando-lhe a mesma antiguidade que lhe competia no titulo de Fontes, tudo de juro e herdade, tres vezes fora da lei mental, e mais o titulo de Conde de Penaguião para os primogenitos dos Marquezes de Abrantes. Confirmou-lhe todos os bens da Corôa que já possuia, e concedeu-lhe mais quatro vidas nos bens das Ordens militares que disfrutava, incluindo-se n'estes as Commendas de S. Pedro de Cavalleiros, que era da Casa de Bragança, e a de Santa Maria de Mascarenhas, do lote de tres mil cruzados [4].

---

1 *Gazeta de Lisboa* n.° 50, de 12 de dezembro de 1716.
2 *Gazeta de Lisboa* n.° 6 de 10 Fevereiro, e n.° 9, de 3 Março de 1718.
3 *Gazeta de Lisboa* n.° 15, de 14 de Abril de 1718.
4 *Gazeta de Lisboa* n.° 26 de 30 de Junho de 1718.

Deixemos agora o Marquez de Abrantes, e voltemos ao nosso Francisco Vieira. Não perdemos na troca. Se aquelle é um Grande da Terra, este é um Grande da Arte. Se n'aquelle brilha a nobreza do sangue, rutila n'este a fidalguia do talento. No de mais, dignos um do outro pela alma. Comprehenderam-se; e isso faz o elogio de ambos.

XIX

Francisco Vieira, que, pela munificencia do seu protector, permanecêra em Roma, endoideceu de enthusiasmo por ver que podia entregar-se todo, sem peias, sem distracções importunas, ao pensamento fixo da sua vida: o estudo serio das Bellas-Artes! As saudades que padecia de Lisboa, e da sua querida quinta da Boa-Vista, eram immensas; teriam vencido um animo de menos rija tempera do que a sua; a nostalgia é o peor dos males; nada ha que se lhe compare. Pois resistiu-lhe Francisco, resistiu-lhe em nome da arte, em nome do estudo, em nome do dever, em nome da gloria, em nome do amor, em nome de Ignez! Contentava-se com as cartas que de mez a mez recebia, e com as que escrevia de mez a mez! De Roma para Lisboa, só de quatro em quatro semanas havia correio ordinario, segundo li n'um Itinerario antigo que possuo. Isto hoje... nem se comprehende.

Corria Vieira, sem cessar, as galerias publicas dos Principes Romanos, os templos, que são galerias, as academias, onde aprendeu tanto, os jardins, modelados pelas *villas* opulentas dos regalões do Imperio; enriquecia a memoria, pelos olhos e pelos ouvidos, adextrava a mão, elevava o espirito, inundava-se no sol do Bello, que é tão intenso n'aquella Peninsula privilegiada. Copiou muitos assumptos na galeria

Farnese, impregnou-se da *maneira* dos mestres, compondo ao mesmo tempo a sua *maneira,* e creou na alma um culto ao inimitavel Raphael. Copiou a estatuária grega, fez estudos do nù, realisou prodigios de perseverança.

Quando se lhe deparavam occasiões extraordinarias, mandava minuciosas noticias a seus paes, uma vez (além de outras) por intermedio de certo mancebo portuguez, que de Roma sahiu para Portugal, e lhes trouxe para Lisboa, da parte de Francisco, um mimo apreciadissimo então: algumas reliquias de Santos.

Passaram n'um relance os dois annos supplementares concedidos pelo Marquez.

Certa manhan, acordou o mundo artistico á inesperada noticia, que os editaes espalhavam, de que ia abrir-se concurso, ou certame, entre os estudantes de pintura, escultura, e architectura. Quem pretendesse informar-se dos pormenores e condições, devia dirigir-se á egreja de S. Lucas, onde era a séde da Irmandade dos pintores. Correu Francisco a ler por seus olhos as clausulas que tinham os pretendentes de cumprir.

Os concorrentes ao certame da pintura (este sómente é que nos interessa no presente estudo biographico) tinham por assumpto o seguinte: *A tornada do um troço de guerreiros victoriosos.*

Olhou Francisco; leu; releu. Aquellas poucas lettras tremeluziam; d'aquellas poucas palavras jorrava-lhe para o cerebro um fluido desconhecido.

Entrou no templo antes de mais; e, segundo o seu piedosissimo costume de invocar sempre o Céo, ajoelhou, e fez oração fervorosa ao Patrono dos pintores: S. Lucas.

D'ahi tornou-se para casa, e começou a meditar affincadamente no complicado assumpto proposto.

E um momento esse intraduzivel, em que assim vibra na alma do artista o primeiro lampejo da inspiração.

Tudo são sombras, mas por entre os nevoeiros parecem definir-se a pouco e pouco figuras de um grandioso e de um acabado encantador. Illusões! essas figuras desvanecem-se;

são substituidas por outras; o assumpto incompleto vai tomando, como n'um sonho prolongado, variados aspectos.

No horizonte cheio de neblinas rompe uma luz; accentuam-se as fórmas, para de novo se emmaranhar o plano em confusões de pesadello.

Vieira, com a fronte entre as mãos, sonhou assim:

Viu os Heroes, caminhando a compasso, com os elmos enramados de palmas; luzem as lorigas, retinem as espadas, ouve-se o tropel accentuado d'aquella turba nobremente allucinada; parecem ainda cruentas de sangue inimigo aquellas mãos; brilha n'aquelles rostos afogueados a satisfação do dever cumprido, o justo orgulho de quem tem por si o applauso dos fortes. As mães e irmans, que em lagrimas os abraçam, os irmãosinhos que os acclamam, o povo que os sauda, erguem ao Céo um clamor de festa, que torna aos Heroes mais querido ainda o triumpho. Sobre todo o grupo, agitado, vivaz, paira uma ideia grande: a Patria.

No referver d'esta visão, batem á porta do quarto do Vieira; é o creado que o vem prevenir, no tom mais vulgar do mundo, de que o espera o jantar. O artista não ouviu. O creado bateu quatro vezes!

....

XX

Esqueceu-me dizer uma coisa (nem tudo póde lembrar): já, desde algum tempo, não era o nosso conhecido Lutti professor de Vieira; tinha-lhe succedido o grande Trevisani.

Era Trevisani um mestre consumado. Orçava então pelos seus cincoenta e dois annos de edade; achava-se na pujança do talento, e na plenitude da mestria. Disfrutava

em Roma a justissima reputação de oraculo; em todos os retabulos e em todos os salões rutilavam producções suas. Incumbira-lhe o Duque de Modena varias copias de Correggio, de Mazzuoli, e de Paulo Veronez; encarregára-o o Pontifice Clemente XI de obras em S. João de Latrão, e de parte da pintura do zimborio de Urbino; outras tarefas de pulso lhe commettêra não menos o Czar Pedro o Grande. No seu estudo profundo em variadas *escolas* e *maneiras*, accrescentou-se ao Trevisani o vigor e a elasticidade do talento que lhe dera Deus.

Tenho como certo ser convenientissimo, indispensavel até, conhecer o artista (quer seja pintor, escultor, musico, ou poeta), conhecer e praticar o estylo do maior numero possivel de artistas seus predecessores. Longe de atrophiar e *banalisar*, como se pensa, as faculdades, essa gymnastica intellectual dá-lhes consideravel agilidade e vigor.

«Sigam sómente a inspiração! rejeitem os modelos, se querem ser *originaes!*» — pregam alguns. Doutrina erronea. A individualidade de um artista é resultado de muitas causas complexas; fórma-se pelo estudo. Sem o trabalho e o estudo, são nada as faculdades naturaes. Deixem uma terra de poisío, deixem intonsa uma charneca, e verão o que dá. Cultor e jardineiro não são destructores, são aproveitadores, directores, do terreno. Se o chão não fôr bom, pouco poderão fazer; mas o terreno pouquissimo dará, se o cultivo lhe faltar. Ora o conhecimento das *maneiras* dos artistas que lidaram no mesmo genero que nós lidâmos, não destroe a originalidade propria; pelo contrario: dá-lhe azas.

Na historia do espirito humano a tradição é tudo. A tradição constitue a solidariedade da familia humana; e essa solidariedade é a sua força.

Nas anciosas incertezas do concurso em que ia entrar o nosso Vieirinha, deu Trevisani ao moço Portuguez alguns conselhos praticos, e incitou-o.

Comprou Francisco pinceis, papel, tintas; e trabalhou como já sabia e podia trabalhar.

Por occasião da entrega dos quadros na Academia de

S. Lucas, marcou-se o dia aos concorrentes para a prova pratica extemporanea.

No praso apontado, reuniram-se n'uma grande sala os estudantes, sob a presidencia de tres pintores e um secretario. A cada estudante se distribuiu papel; e pregoou o bedel, em voz muito alta e clara, o assumpto sobre que haviam de improvisar; a saber: Sem, Chão e Japhet assistindo á embriaguez de Noé. Para esse improviso concediam-se apenas duas horas!

Dos desenhos apresentados só nove escolheu o jury, passados dias; d'entre os eleitos sobresahia Vieira, com a circumstancia honrosa de ser o primeiro Portuguez que em Roma alcançava tal honra, sendo, de mais a mais, o mais novo dos seus emulos. Realisada essa victoria, restava o triumpho, a parte brilhante do caso, a scena dos premios no Capitolio.

A esse nome, quasi sagrado, de Capitolio, acordam no espirito as grandezas heroicas do Povo-Rei. A sala era vasta, e ricamente aderessada. Ao lado direito, sob um docel de brocado, o retrato do Santo Padre, obra do pintor Antonio David; a pequena distancia, um estrado de seis degráus, com tribuna para o orador da festa. Ao pé, tres longas fileiras de bancos: uma para os premiandos; outra para os membros da Academia de S. Lucas; a outra, para os poetas que viessem realçar o acto; e aos dois lados do docel, dois córos para os musicos. O resto do salão era corrido de bancadas para os Principes romanos, Nobres da Côrte pontificia, Ministros extrangeiros, e forasteiros illustres. Finalmente, n'um semi-circulo reservado, cadeiras ricas para os Cardeaes e Bispos. Todo o chão alcatifado, e o tecto adornado de lustres de crystal.

Nas salas adjacentes a esta, viam-se expostas as obras dos concorrentes.

Chegada a hora marcada nos bilhetes de convite, e cheio o salão principal, rompeu a solemnidade com uma symphonia. Logo depois subiu á tribuna um orador, e proferiu um bello discurso, em que, n'aquella cadente e sonora

lingua italiana, que é só por si melodia e harmonia, elogiou a Arte e seus cultores, explicando o nobre motivo que ali reunia tão escolhida sociedade. Acabado o discurso, recitaram os poetas varios sonetos encomiasticos; findo o que, deu-se principio á distribuição dos premios.

Consistiam os premios em duas medalhas, tendo cada uma no anverso a effigie de S. Lucas, e no reverso o retrato do Santo Padre. Eram apresentadas n'uma salva de prata a designados Cardeaes, que, tomando-as, as offereciam a cada qual dos premiados, precedendo a entrega com algumas palavras animadoras.

Coube por sorte a Francisco receber a sua medalha da mão do Cardeal Francisco Barberini, membro de uma das mais illustres familias, sem duvida, do Patriciado romano. Tinha então o amavel Cardeal uns sessenta e seis annos, e servia cargos ecclesiasticos de alta responsabilidade, havendo exercido os de Legado pontificio, Prefeito da Congregação *de Propaganda Fide,* Auditor geral da Camara Apostolica, Bispo de Ostia e de Veletri, etc. Dir-se-hia que, pelo seu genio aguçoso e trabalhador, procurava honrar, imitando-as, as *tres abelhas de oiro, em roquete*, que figuravam em campo azul no escudo de armas da sua familia.

Fôra seu pae Maffeo Barberini, Principe da Palestrina, Grande de Hespanha, Cavalleiro do Tosão-de-oiro; e sua mãe, que ainda então vivia, era filha do Principe de Bassano, Olympia Giustiniani. A gloria maior da Casa tinha sido o Papa Urbano VIII, no seculo XVII, grande theologo, grande administrador, grande politico, grande humanista, e poeta, grego, latino, e italiano.

Distribuidos successsivamente os premios todos, tornou a ouvir-se uma longa peça instrumental, e depois uma cantata, em que tomaram parte afamados artistas. Eram luzes accezas quando se concluiu a magnifica ceremonia.

Isso foi, pouco mais ou menos, com os pormenores que pude alcançar, o primeiro triumpho academico do artista portuguez Francisco Vieira na Capital das Artes.

XXI

No Palacio da Embaixada tinha ficado, como acima indiquei, a creadagem do Marquez, esperando que de Lisboa chegasse o dinheiro necessario para o resgate da rica baixella, que o mesmo Marquez se vira constrangido a empenhar para occorrer ás despezas do seu fausto; tanto é verdade que em porfia de grandezas costumaram sempre hombrear Portuguezes com extrangeiros! e tanto é certo, que, ainda mesmo nos *aureos* tempos de um D. João V, foi muitas vezes indispensavel aos representantes d'esta Nação briosa cortar pelos proprios interesses, para sahirem com gloria d'esses apertados compromissos. Succedeu isso ao Marquez. Tendo tido que ausentar-se de Roma antes de satisfeitos os debitos a que o arrastára a pompa do viver official, deixou como refens a sua copa aos argentarios do Ghetto; e só em abril de 1719 a poude mandar resgatar.

Ora no palacio da Embaixada, onde Francisco morava, graças á munificente condescendencia do seu patrono, almejavam os creados todos, e com todas as veras da mais lusitana *saudade*, pela chegada das lettras sobre Roma; ao passo que Francisco, agitado de bem diversos sentimentos, estudioso, aproveitador do tempo, e entregue á Arte, fazia votos pela maior demora. Assim é tudo. Cada um diz da feira como lhe vai n'ella.

Ao participar-lhe o mordomo, que era preciso ir começando os preparos para a jornada, apertou-se aquelle coração de artista, com quanto anciasse desde muito pela tornada a Portugal.

Preveniu-se o mancebo com livros, estampas, modelos de gesso, pinceis muito escolhidos, boas tintas, uma lagea para as moer (por não serem ainda inventadas as capsulas

de chumbo, que hoje usâmos, nem as de tripa), em summa: os petrechos do officio; e como tinha pouco oiro, obtinha alguns d'esses objectos a troco de desenhos ou esboços da sua lavra; por outra: cunhava para seu uso moeda especial.

Foi tomando apontamentos, rascunhos de exemplares celebres, correndo as galerias com soffreguidão, despedindo-se de amigos e collegas pintores, muitos d'elles seus antigos condiscipulos, dando e recebendo mimos como recordação, gosando quanto possivel a companhia do mestre Trevisani, e por fim visitando o seu nobre padrinho o Cardeal Barberini. Fez-lhe este Purpurado o mais benevolo acolhimento, com aquella doçura senhoril, tão peculiar ao alto Clero italiano, e presenteou-o com uma caixa de oiro, dentro na qual ia um annel, tendo por ornato um camafeu grego representando as cabeças de Alexandre e Roxane. Tudo provas de affecto, e signaes da saudade que o Portuguez deixava em Roma.

Chegou o dia 18 de Abril d'este anno de 1719. Resgataram-se as opulentas baixellas do Marquez de Abrantes; arrancaram-se ás garras das harpias judaicas; emmallaram-se; restituiram-se aos adellos do Ghetto as alfaias alugadas; reuniu-se por fim toda a creadagem no caes do Tibre chamado a Ripa grande. Achava-se prompta a carregar as bagagens uma *tartana,* que parece era uma especie das nossas falúas de carga, barco de mediana grandeza, um mastro só, e vella latina.

Carregada a tartana, dirigiram-se todos á proxima egreja do convento de S. Francisco, onde se encommendaram a Deus. Aguardavam a Vieira no caes muitos amigos, que em abraços e beijos lhe fizeram a mais affectuosa despedida.

Soou a hora. Cheio de commoção embarca o joven artista; estende a um lado e outro os olhos anciosos e arrazados de pranto; aperta pela ultima vez aquellas mãos amigas; ouve pela ultima vez aquellas vozes leaes; nem saberia dizer o que mais o agita áquella hora: se a saudade do que deixa, se a esperança da proxima tornada a Portu-

gal! Larga o barco. Vieira assiste pasmado e n'um torpor silencioso aos preliminares da manobra; desfralda-se o panno; sôam as vozes dos marinheiros, e lá vai a tartana descendo o Tibre, e singrando entre as risonhas margens povoadas de habitações, e ainda mais povoadas de recordações!...

Era leste o vento; assim foram á pôppa os navegantes, e em tão boa monção, que, tendo sahido o Tibre, ao pôr do sol saudavam Civita-Vecchia (ou Civitavecquia, como escreviam phonicamente os nossos antigos), a *Centum Cellæ* dos Romanos.

Já n'esse porto aguardava pela tartana um navio fretado de ante-mão, chamado «S. Lucas»; curiosa coincidencia, sendo pintor o passageiro. Para esse navio se fez o baldeamento da bagagem na seguinte madrugada. Era quasi um vaso de guerra aquelle «S. Lucas»; jogava trinta e quatro boccas de fogo, e vinte *pedreiros*, uma especie de peças de pequenino calibre, não assentes em carreta, mas armadas em cavallete especial, sobre o qual miravam facilmente a pontaria, arrojando, em vez de ballas, saraivadas de pedra. Assim era então necessario andarem os mareantes apercebidos, n'aquelle tempo em que os corsarios e piratas infestavam o mar.

Emquanto se procedia á carga, tratou Vieira de alcançar licença para entrar na fortaleza, onde viu boas pinturas; e ainda não seriam duas horas da tarde, quando, jantados os de bordo, se começou a levantar ferro.

Foi bonançoso o começo da viagem. Tomando ao Norte avistaram Orbitello, namoraram as fertilissimas veigas de Piombino, deixaram atraz os cabos e as angras sombreadas de verdura, á beira d'aquelle mar Mediterraneo, cujas ondas teem musica, e onde se miram com especial feitiço as estrellas todas do hemispherio celeste. No meio d'aquelle scenario harmonioso, negaceava-lhes a Italia, entre sorrisos, o derradeiro adeus!

Vieira, que não sabia estar ocioso, examinava tudo, corria os olhos longos até á costa, onde quebravam as es-

pumas de prata, embevecia-se no verdenegro de olivedos e laranjaes, no arruivado azul das montanhas longinquas, e ia copiando no seu *coiseiro* artistico (emquanto a vista os alcançava), aqui o perfil de um cabeço, acolá o conjunto pittoresco de uma povoação, mais longe o vulto singular de uma rocha, mais além o recorte das nuvens, ou o encapellado do abysmo azul-ferrete. E não só isso; não se limitou a copiar; foi tambem delineando projectos de quadros, allegorias, devaneios do seu estro a referver.

Entre taes esbocetos menciona elle proprio um quadro em que trabalhava: o misero Rei Phineu, já cego, perseguido das Harpias, e d'ellas libertado pelo esforço de Zetho e Cálais.

....

XXII

Ao entardecer do dia undecimo de viagem, tendo-se até então navegado sem contratempo, avistou-se muito ao longe, em pleno mar, em plena solidão, por tempo muito limpo, um navio. Pelas mostras, isto é, por um não-sei-quê indefinivel, que olhos praticos sabem perceber, se figurou aquillo aos da companha barco de máo agoiro. Parecia vir no rumo do «S. Lucas»; e como havia luar, foram todos observando, quanto poderam, pela noite fóra, o manobrar do suspeitoso baixel. Não se crê quanto esses acontecimentos tomam a bordo proporções consideraveis; não se descreve a anciedade dos grupos e commentarios...

Ao romper da alvorada, como já se achassem proximos um navio do outro, e os de cá promptos e apercebidos para eventualidade de peleja, postados homens de murrão accezo junto ás peças, erguidos outros aos cestos de gavia, co-

lheu-se a vela grande, mais o traquete, e içou-se a bandeira. Firmada ao truz do canhão, esperou-se, da parte contraria, a devida correspondencia a taes actos de arrogancia e cortezia. O navio suspeito não respondeu; pelo que, se lhe enviou sem demora um tiro de bala. E qual não foi o espanto dos de cá, ao ver que os Moiros piratas (já reconhecidos como taes pelos oculos de longa vista) viravam de bordo, com grandes mostras de receio, desapparecendo em breve, e a todas velas, na nevoa do horizonte?!

Salvos d'esse perigo, dadas a Deus muitas graças, viram-se cinco dias depois os nossos viajantes na altura das costas de Hespanha, e deslisando ao longo da Andaluzia, caminho de Gibraltár.

Ahi se deteve o «S. Lucas» mais dois dias, abrigado com o penhascoso gigante, por causa de uma subitanea mudança no vento. Quando o risco amainou, retomaram a derrota, passaram o Estreito, navegaram

por entre as contrarias costas
de Hispanos e de Agarenos,

e entraram emfim nas aguas de Portugal.

Ao aproximarem-se do Cabo de S. Vicente, ao contemplarem aquella longa penedia uniforme, grisalha e escalvada, açoitada das ondas, que repucham por vezes a alturas desconformes, ao admirarem aquelle promontorio tão cheio de tradições religiosas e historicas, ante as quaes sempre vibrou coração portuguez, saudaram o grande Santo, e rezaram devotamente na tolda, em voz alta, em commum. Mistura sublime, a das preces humanas com o retroar dos mares! formosos e admiraveis costumes, que hoje tanto se exforça uma certa classe de gente em fazer esquecer, até mesmo aos labutadores do Oceano!

Vieira, que sempre teve o condão de saber unir ás suas manifestações artisticas as expansões da sua indole essencialmente religiosa, desenhou de vista o contorno do promontorio turdetano. Por sobre as rochas pairava uma nuvem;

via-se n'ella S. Vicente, entre um grupo de Santos a quem dedicava maior devoção o moço pintor; intercediam todos com a Virgem, collocada no alto da composição, em favor do pobre navio, que em baixo se via passar. Na tolda do «S. Lucas» percebia-se a tripulação ajoelhada, e entre os passageiros a juvenil figura de Francisco.

Ahi, n'essas alturas, sobreveio um temporal, que, segundo a narração do pintor, esteve a pique de afundar o barco. Felizmente, e graças a Deus, conjurou-se a tormenta, e poude o navio ir, cosido com a terra, subindo na direcção da barra de Lisboa.

Que entranhado gosto não era o conhecerem, povoação a povoação, palmo a palmo, o nosso moirisco Algarve, com os seus figueiraes e milharáes, entremeados de povoas a alvejar! o verem assomar os plainos immensos do Alem-Tejo! o lançarem olhos ao Cabo do Espichel! o avistarem, por ultimo, como atalaia de boas vindas, o Cabo da Roca! Tudo de joelhos na tolda, tudo a uma voz, entoou então a Salve-Rainha. No esplendido horizonte do Poente afundava-se o sol. A serra de Cintra recortava-se muito azul no horizonte.

Amainaram o andamento ao defrontarem-se com a fortaleza de Cascaes; pairaram, e fizeram signal. Veio um barco de pescadores trazer-lhes piloto da barra, e com elle as primeiras noticias de terra, as primeiras bafagens do ar da Patria!

Como vasava a maré com toda a força, e era perigoso commetter a entrada, mandou logo o piloto dar fundo. Ainda n'essa tarde se recebeu a bordo uma das visitas do costume; e quando cahia a noite, avistaram todos, a luzir e a rir-se para elles, o farol da Guia. Rezou-se logo ali, á Senhora da Guia, tão devota n'estas nossas paragens, a Ladainha e o Terço a córos alternados, em que tinha logar muito distincto, pela belleza e frescura da voz, o nosso talentoso artista.

Depois, quando afrouxou a corrente, ordenou o piloto, que, soltando-se o navio, o deixassem descahir, para ao re-

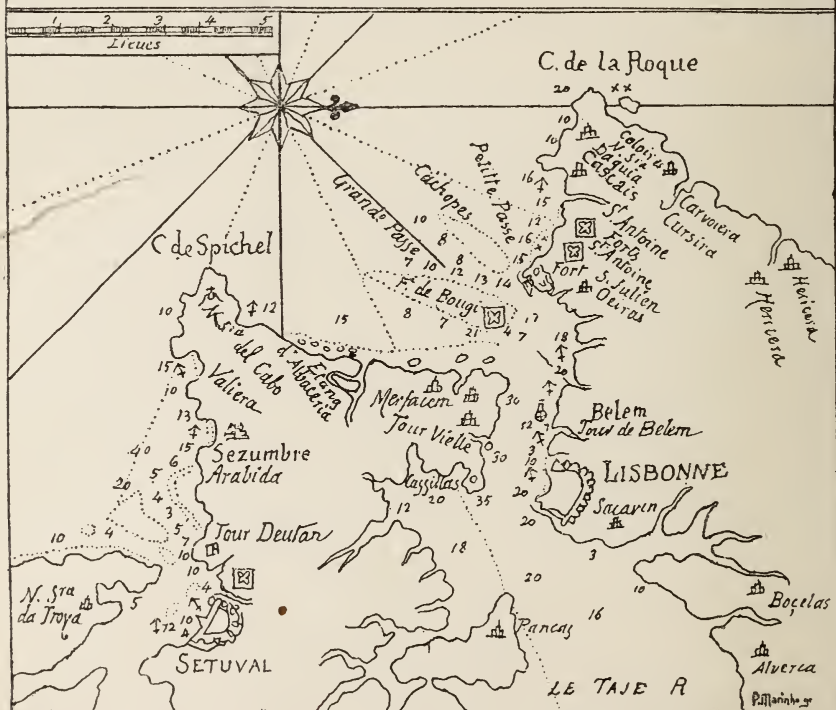
pontar da maré seguinte vir subindo o Tejo em suave andamento. Assim se fez; penetrou-se ainda de noite pela barra do Norte, e fundeou-se defronte da torre de Belem. Despedido o piloto, dormiram todos descançadissimos, e já sem balanço, até á madrugada. Achava-se cada um já como em casa.

Francisco Vieira, esse não dorme; a sua alma vibra toda n'um tremor indizivel. Avistam-se vagamente as luzes na povoação adormecida, a velha Belem; ouvem-se de bordo ladridos em terra, e as horas, aqui, acolá, nos campanarios dos conventos; sopra da banda de Lisboa uma aragem tão fresca, e tão cheirosa aos laranjaes da terra da Patria, que é uma delicia.

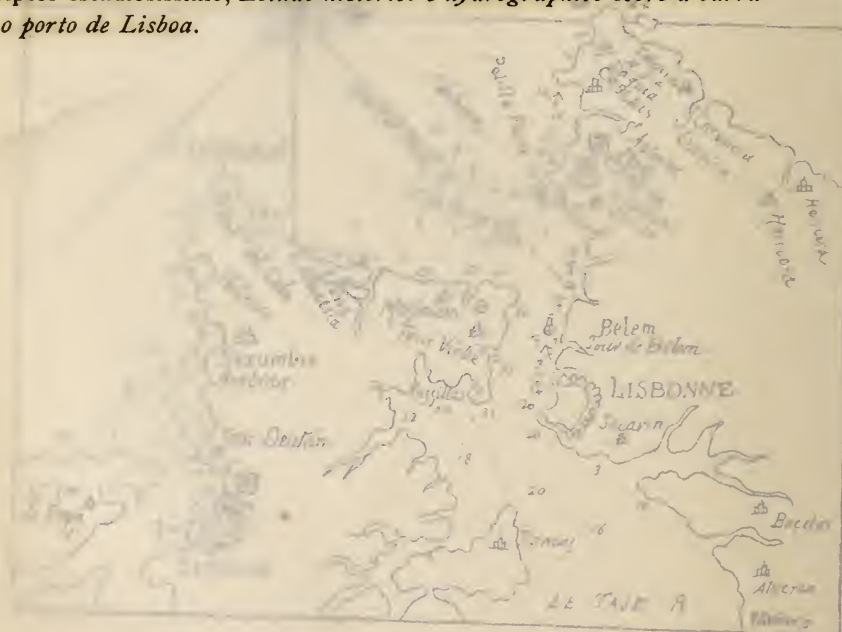
Vieira passeia na tolda, e não póde acreditar que a final se veja em Lisboa. A lingua que anda no ar, e que se crê ouvir ao longe, no escuro, entre o marulho do Tejo, de bote para bote, ao rez do areal, é o portuguez! Eil-o, a creança de hontem, o homem de hoje, eil-o na terra de seu pae! eil-o a uns quartos de legua da quinta da Boa-Vista! a uma legua da rua onde moram os seus! O que dirá sua mãe quando souber que o tem ali! e Ignez o que dirá?... Áquella mesma hora, que serenidade immensa na quinta de Carnide! cantam os gallos no pateo! Vieira por uma intuição extraordinaria da sua saudade, acha-se reposto de repente na sua querida meninice; e, na incerteza d'aquellas longas horas, quem póde dizer que de deliciosas lagrimas lhe não chora o coração!...

XXIII

Quem nunca entrou a barra de Lisboa, não póde imaginar a magnificencia do espectaculo. Descreva-lh'a o navegante, que «entre Torres» (como nós designâmos o canal


LES CÔTES DE
PORTUGAL et BARBARIE
Par
MICHELOT et BREMOND
1720
Lieues
C. de la Roque
C. de Spichel
Grande Passe
Cachopes
Petite Passe
Cascais
Carvoiera
Cursira
Fort St. Antoine
Fort S. Julien
Oeiras
F. de Bougi
Estang d'Albaeria
Valiera
Sezumbre
Arabida
Tour Deutan
Mesfaiem
Tour Vielle
Belem
Tour de Belem
LISBONNE
Sacaren
N. Sta da Troya
SETUVAL
Pancas
LE TAJE R
Boçelas
Alverca
Hericera
P. Marinho gr.

Planta hydrographica da entrada da barra do Tejo no anno seguinte ao da chegada de Vieira a Lisboa. Calco de um desenho do livro notavel do snr. A. A. Baldaque da Silva, Official superior da Armada Real, e escriptor estudiosissimo, *Estudo historico e hydrographico sobre a barra e o porto de Lisboa.*



entre S. Julião e o Bogio) demandou já o ancoradoiro da Capital. Isso é uma das vistas mais bellas e grandiosas da Europa. Tenho assistido dez vezes a esse panorama encantador, e sempre lhe acho novidades. Tenho gosado o espanto de forasteiros, e ouvido com intimo prazer as suas exclamações absôrtas!

Não mencionando as descripções, sobrias mas exactas, do cruzado Osberno, do seculo XII, notarei que já no meio do seculo XV o allemão Lanckmann de Valckenstein chama Lisboa cidade bem digna de nota, e a aprecia como muito maior que Vienna de Austria [1].

Lisboa — exclama um moderno viajante inglez, e por isso insuspeito — *é sob alguns pontos de vista a mais linda Capital da Europa* [2].

N'outra parte escapa-lhe da penna este desabafo: *Poucas cidades ha no mundo mais formosas do que é Lisboa* [3].

Ficam essas palavras sinceras para descontar muitas apreciações injustas e levianas de estrangeiros e estrangeiras, que á nossa custa ahi veem fazer de bobos e bobas, sem suspeitarem quanto nos fazem sorrir... á custa d'elles, e d'ellas.

Tantos ignorantes desdenhadores, personifica-os cabalmente certo personagem castelhano da *Aulegraphia* de Jorge Ferreira, um tal Agrimonte; esse burlesco sujeito acha a Capital portugueza equivalente apenas a um cantinho de Sevilha, e blazona que a Sé da mesma cidade será, só á sua parte, tamanha como toda Lisboa, se não maior ainda.

Deixemos porém esse Agrimonte, e os Agrimontes de todos os seculos, e tornemo-nos á historia.

Fizeram-se logo de madrugada as visitas costumadas, do registo e da saude; salvou-se com a artilheria de bordo

---

1 *Ulixbona est una notabilis civitas, multo major quam Wienna in Austria.*

2 *Lisbon is in some respects the finest capital in Europe.* J. Latouche, *Travels in Portugal*, pag. 267.

3 *There are few more beautiful cities in the world, than Lisbon.* Id. Ibid., pag. 187.

á graciosa e rendilhada Torre delineada por Garcia de Rezende; levantou-se a ancora, e começou o «S. Lucas» a subir devagarinho o Tejo, na esplendida manhã de 18 de maio de 1719, quinta feira da Ascensão.

Ouvís? tocam por toda a Cidade os campanarios chamando ás Missas; tivemol-os sempre bellissimos, e é essa musica aerea dos carrilhões uma das feições caracteristicas da primaz das povoações portuguezas. E não só cá; tambem Coimbra, por exemplo, já no seculo XVI possuia em Santa Cruz uma completa orchestra de afinados sinos, segundo Mendanha na sua *Descripçam do moesteyro*.

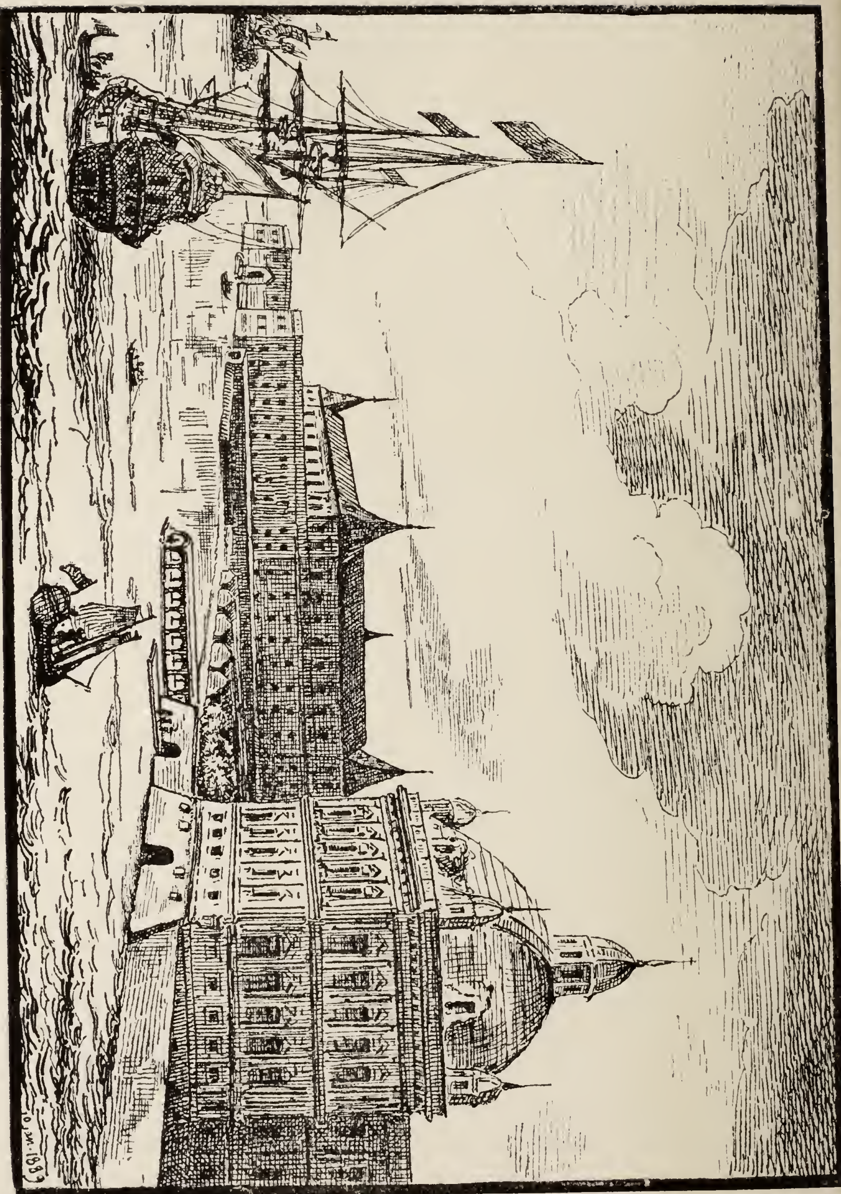
No convez, vestidos nas suas melhores galas, conversam grupos de passageiros.

Egrejas, palacios, quintas,
de que têm conhecimento,
d'aqui d'ali, apontando
vão ledamente co'o dedo.

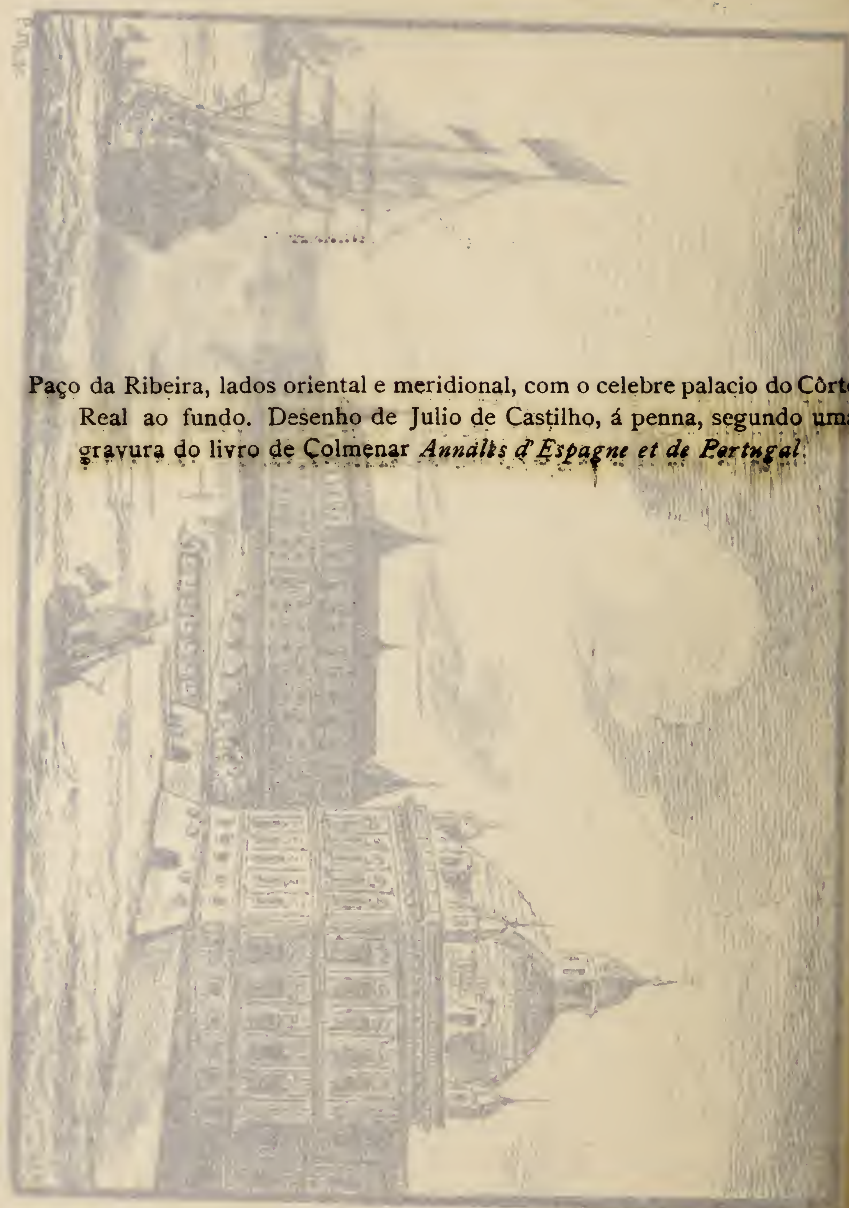
Todos falando demostram
seus jubilos manifestos;
mas o Vieira occupado
vai de um notavel silencio.

De um lado, as arribas pardacentas da Torre-Velha, antiga prisão de um dos engenhos mais vivazes das nossas Lettras, o arguto D. Francisco Manuel de Mello; em seguimento, os outeiros de Almada, com os seus pronunciados vestigios arabes.

Da banda fronteira, as praias de Algés e Ribamar; em cima o mosteirinho, antiga ermida do hieronymita do seculo XV, Frei Alvaro de Valença. Segue-se a elegantissima torre de S. Vicente, ainda então rodeada de aguas. Ao lado, sobre a orla de areia branca, o burgo de Belem, a antiga «praia das lagrimas» segundo João de Barros, Belem tão senhoril com os corucheos da casa dos Marialvas, tão grave com o mosteiro historico de S. Jeronymo, tão caracteristica no seu agglomerado de empenas agudas, realçadas com os



Paço da Ribeira, lados oriental e meridional, com o celebre palacio do Côrte Real ao fundo. Desenho de Julio de Castilho, á penna, segundo uma gravura do livro de Colmenar *Annales d'Espagne et de Portugal*.



Paço da Ribeira, lados oriental e meridional, com o celebre palacio do Côrte Real ao fundo. Desenho de Julio de Castilho, á penna, segundo uma gravura do livro de Colmenar *Annales d'Espagne et de Portugal*.

magnificos arvoredos do Conde de Aveiras, depois transformados na quinta Real.

Obra de dois tiros de espingarda desviado de Belem, conforme o calculo das *Grandezas de Lisboa*, aquelle campo de Santo Amaro (hoje a Junqueira), onde se faziam exercicios militares; e logo a diante, no seu monticulo, a ermida e escalinata de Santo Amaro, romaria dos Gallegos, e perto da qual, justamente n'esse anno de 1719, morava Thomaz Pinto Brandão.

Um pouco ávante, Alcantara, então alegrissima com os laranjaes da Real quinta do Calvario, Alcantara interessante com a lenda da moira Iza celebrada nos versos de Alcippe.

Depois, as taracenas, com o seu aspecto vetusto e severo de prisões, orlando a praia desde a Pampulha até Santos; as torres de Santos, obra do Cardeal-Rei; os jardins Reaes do Conde de Villa-Nova, hoje quasi tudo ruas e predios; a bulhenta praia de Santos; a operosa Boa-Vista, atroada de camartellos, atravancada de estalleiros, e mirando directamente o rio (quem tal crerá hoje?) a poucas braças da terra.

Por fim, os torreões e grímpas do paço do Corpo-Santo, ou do Côrte-Real, a Ribeira das naus, e os jardins regulares, e sumptuosos edificios, do paço da Ribeira.

A traz d'essa linha toda, quasi ininterrupta, de edificações, acastellam-se os oiteiros de casaria branca, entremeada de minaretes e campanarios. Por sobre todo o quadro brilha o magnifico céo do nosso clima.

Chegado o navio a certa distancia de terra, dá fundo defronte do torreão do paço da Ribeira, obra ainda filippina, arrogante com o seu zimborio e as suas platibandas de marmore. O torreão actual do Ministerio da Guerra, mais puchado ao mar do que o seu antecessor, dá ideia d'elle quasi exacta.

Tornou a artilheria do «S. Lucas» a salvar ao paço.

Francisco Vieira, encostado á amurada do navio, e enchendo a alma com a contemplação da sua Cidade natal, vai escutando o camartellar da Ribeira, os repiques festivaes do dia Santo, e, mais que tudo, uma voz intima que lhe fala

de seus paes, e de Ignez. A imaginação sobrexcitada, ora o leva á modesta casa paterna, ora o transporta á quinta. Hesitando entre essas apparições queridas, sente-se embalado entre a amisade filial e fraternal, e o ardente amor que o senhoreia. Quantos pormenores não está elle vendo, como no fundo luminoso de uma camara escura! o vulto suave da mãe! a figura esbelta e nobre de D. Francisca! o sorriso innocente das irmans! as brincadeiras e descantes no pateo da Boa-Vista! o rosto affectuoso do pae! o olhar meigo e profundo da sua adorada Ignez! Momentos d'aquelles, se se prolongassem, bastavam para matar.

. . . .

XXIV

Avisado certamente com a possivel antecedencia, esperava ancioso o Marquez de Abrantes a vinda do navio, que lhe trazia, além da sua baixella preciosa, o seu estimado Francisco.

Apenas ouviu a salva, correu á janella; percebeu que era barco de fóra, e de longe. Viu deitar do portaló a escada; pegou no oculo, affirmou-se, e alcançou distinctamente que desciam varios passageiros, entre os quaes reconheceu o afilhado. Tornou-se para dentro, e preveniu a familia. N'isto desembarcava na ponte do Forte esse pequenino grupo de Portuguezes, mesmo em frente do paço. Alvoroçado o Marquez não se tirava da janella; avistam-n-o, páram, e comprimentam-n-o. Vinham a ser o capitão do barco, os dois creados, e o Vieirinha.

Entraram logo no torreão, e dirigiram-se aos quartos do Marquez de Abrantes.

Esperava-os elle já na sua sala; abraçou com affecto o

seu artista, que todo curvado enlaçava nos braços a cintura do seu protector; fez ao capitão e aos dois outros affavel recepção, e deixou-os ir embora, porque, sendo dia Santo, era indispensavel não perderem Missa. Só Francisco ficou retido pelo Marquez.

Levou-o este logo aos aposentos interiores, onde se achavam suas talentosas e dignas filhas, D. Anna de Lorena, de vinte e sete annos, e a Condessa D. Maria Sofia de Lancastre, de vinte e tres; a primeira, já então viuva (segundo creio) de seu tio D. Rodrigo de Mello, e a quem o «Pinto renascido» celebra *em superlativos* n'um romance enthusiastico; a segunda, casada desde 29 de Outubro de 1711 com o 5.º Conde de Villa-Nova de Portimão, D. Pedro de Lancastre [1]. Havia mais o joven Conde de Penaguião, herdeiro do Marquezado, e de certo muito conhecido do Vieira, porque no tempo da Embaixada tinha ido visitar seu pae a Roma, n'uma viagem de recreio e instrucção pela Europa.

Aquellas duas senhoras, que D. Antonio Caetano de Sousa nos pinta de rara semelhança physica uma com a outra, tinham sido dotadas pela natureza com altos talentos litterarios, musicos, e pictoricos. Cultivavam as bellas-artes com esmero singular. Isso me dá a medida do apreço em que teriam o brilhante cultor da palheta, já de mais a mais precedido de boa reputação, como estudante premiado e esperançoso.

Grande honra foi para o obscuro filho do fabricante de meias essa apresentação. Encheram-n-o de perguntas, e mostraram-lhe com obsequiosas e cortezes insistencias o interesse que lhes mereciam os trabalhos d'elle. O Marquez, esse, ufano dos progressos do pupillo, não se cançava de o elogiar, de o exaltar. Applaudindo-o, applaudia-se a si proprio no fundo da consciencia, e, por um egoismo paternal, colhia para si algumas das palmas do conquistador.

---

[1] *Hist. gen.* T. XI, pag. 323.

Trazia este na algibeira as medalhas que obtivera na Academia de Roma; mostrou-as; cubiçou-as o Marquez para o seu museu. Nada mais justo; annuiu Francisco cheio de ufania a esse pedido; quiz porém o Mecenas, que fossem aquelles brasões, tão caramente ganhos, mostrados primeiro aos paes do pintor.

Passado algum tempo n'esta visita, satisfeito o primeiro tiroteio de perguntas sobre a viagem, e sobre os estudos, disse o Marquez de Abrantes:

— Muito bem, Francisco; mas agora é preciso não te demorares mais; os teus, que ainda, coitados, não sabem da tua vinda, tambem teem os seus direitos; não é assim? Para que a tua chegada não sobresalte demasiado a tua familia, vou mandar lá um recado de prevenção.

Assim fez. Deu ordem para ir logo um escudeiro avisar a familia Vieira, de que, tendo chegado o menino, em breve estaria com seus paes; e dado tempo á jornada do emissario, mandou apromptar uma sege, e pôl-a delicadamente á disposição do seu protegido.

Sempre se honrou o patriciado portuguez, honrando com affabilidade proverbial o merecimento e a virtude. Por isso é que, na historia da nossa Arte, conquistou o mais brilhante dos logares, junto ao seu pupillo immortal, o Marquez de Abrantes. Foi a iniciativa e a nobre curiosidade d'este homem, que tirou do nada aquelle pintor; foram os seus esforços generosos, que o desenvolveram e encarreiraram. É que o Marquez pertencia ao grupo dos que trabalham, e sabem trabalhar; não lhes bastava o esplendor do nome herdado; queria tornar-se digno de seus avós. As riquezas que achára no berço, não o dispensavam de as reconquistar pelo seu merecimento proprio. «Não é tão grande o vosso morgado, que possais ser tão parvo»—dizia certo cortesão a outro no paço de Almeirim [1]; carapuça bem talhada para muitos, antigos, e modernos.

---

[1] Bluteau, *Vocab.*, verb. Morgado.

Agradeçam pois as Bellas-Artes portuguezas ao Marquez de Abrantes o ter adivinhado n'aquella pobre creança um artista de cunho.

A medalha de Francisco Vieira Lusitano tem no reverso o perfil de Rodrigo Annes de Sá de Meneses e Almeida.

XXV

A chegada de Francisco ao lar paterno, decorridos sete longos annos de ausencia... Aprecie esses momentos quem podér aprecial-os.

Pára a sege de boleia. Francisco, mirando as janellas de casa, levanta á pressa o alçapão de coiro, e galga ao estribo, com toda a ligeireza. Em casa foi um *feliz reboliço* (como elle diz), *um motim de festejos*. Corre á escada a senhora Antonia Maria, já muito mais alquebrada dos annos; corre Vieira de Mattos, o feliz pae, as irmans, os irmãos. Confundem-se n'um só abraço aquellas almas; saciam-se em minutos de enthusiasmo sete annos de tormento.

Sete annos! o que sete primaveras fizeram do antigo estudantinho! Eil-o: é um esbelto rapaz de quasi vinte annos, bonita figura, olhos azues peninsulares vivissimos, tez corada, requeimada do ar marinho, expressão intelligente, audaz, e bondosa. Nas maneiras, na pronuncia, na phraseologia, notaria sem custo qualquer lisboeta da gemma alguns estrangeirismos, italianismos engraçados, que fazem rir os irmãos, a bom rir, e a elle tambem, que é de feição, e o seu genio facil e expansivo presta-se a essas bonhomias.

Quanto ao viajante, não presenceia elle tambem mil differenças no lar domestico? O pae, sempre querido, acha-se agora bem mais trabalhado dos invernos; a fronte da mãe

alveja de cans; as irmans, que deixára umas pequenitas, são quasi umas senhoras; as creadas, as negras, não o conhecem a elle, tão mudado e melhorado está! Não se cança de correr a casa, abraçado ás irmans, agarrado aos irmãos. De vez em quando pergunta por tal ou tal pessoa amiga; é morta. Os gatos da casa, o cão, fiel para todos, não o admittem á intimidade. Essas estranhezas, dissipa-as de quando em quando a mãe, que o abraça, e o abraça de novo, e o abraça e beija ainda outra vez, afogada n'um choro que é mais sorriso do que pranto; e elle, atonito e sensivel, deixa-se abraçar, e sente-se menino pequenino nos braços maternos.

Como os minutos iam passando, notou o pae que eram horas de Missa. Ha occasião para tudo; logo se conversará. Dizia um dos Condes da Ericeira, com aquella discreção conceituosa d'elles, que «perdoar, não humilha; dar esmola, não empobrece; ouvir Missa, não gasta tempo». E é tão verdade! Ir pois á Missa da festa da Ascensão não era cercear aquellas tão legitimas alegrias domesticas; pelo contrario: era accrescental-as.

Vão a diante as creadas; seguem-se os filhos da casa; depois os paes; tudo n'uma procissão. Assim era uso: amos e servos irmanava-os na categoria a devoção d'aquella hora.

A Missa era perto. Ouvida ella (não sei em que templo, mas suspeito que em S. José, ou talvez nas Freiras da Annunciada), tornaram-se todos para casa. Descançaram, reuniram-se, e disse o pae:

— Ora graças a Deus, meu amado filho, que te tornamos a ver. Pois olha que não cuidei!...

— Porquê, meu pae? a misericordia de Deus é infinita.

— Dizes bem; dizes bem. Vamos então a ouvir agora tudo que passaste desde a tua sahida de Roma. Estamos anciosos; e os sustos em que estivemos sempre, por tua causa, não se podem imaginar sequer.

Foi o viajante narrando a seus paes e irmãos, com a sua pronuncia italianada, a chronica minuciosa da viagem, como os meus leitores a sabem já, e communicando áquellas almas uma parte das suas commoções de peregrino, que, na phrase

do poeta romano, viu os usos de muitos povos, e percorreu muitas cidades. É tão bom ouvir! sim, mas é tão bom contar!

. . . .

Chegada a hora do jantar, a uma ou as duas da tarde, quando muito, veio uma creada prevenir o grupo, de que se achava na meza a refeição. Começou por trazer primeiramente uma bacia de agua ás mãos, com o seu competente jarro, e todos ali se refrescaram; costume antigo, que a sociedade baniu, mas que ainda se conserva, como reliquia, em Lisboa, em certa casa da velha e tradicional nobreza, para quem estas usanças de nossos maiores eram uma especie de religião.

Feito isso, e lançada a benção pelo chefe da casa, sentou-se á meza a familia, que eram os paes e seis filhos. Jantou-se alegremente, entremeando o repasto com a boa conversação caseira, sem refolhos, sem segundos-sentidos, sem ironias, sem as encapotadas e melllifluas malquerenças, que tanta vez enxovalham os dialogos de comprimento.

Com a devida cautela foi Francisco perguntando, muito a medo, noticias da quinta da Boa-Vista. Deram-lh'as; constava estarem todos bons. Falou-se naturalmente das duas meninas, D. Ignez e D. Margarida; o pae Vieira encareceu a gentileza de ambas, as suas prendas, o seu bom genio; mas (não posso dizer como) esses encarecimentos pendiam mais para D. Ignez. Francisco, sentindo não sei que suave aperto de coração, uma especie de soffocação voluptuosa, teve um trabalho immenso para disfarçar a sua commoção, e esconder o rubor que ás faces lhe subia.

Era quasi sol posto, e ainda duravam as narrações, e as perguntas. Chegaram então dois moços com os dois bahus da bagagem, mandados buscar a bordo por ordem do previdente Marquez; e ao mesmo tempo um saloio de Carnide, trazendo, da parte das duas meninas da quinta dos senhores Falcões, um cabazinho de fructa para as meninas Vieiras.

Pediu licença Francisco para mandar um bilhete dando parte da sua vinda, e escreveu que já de Roma era chegado o reverente servo d'aquella quinta, e que em breve lá iria

render os seus obsequios. Assignou; e, com a subtil malicia innata nos namorados, teve arte de pôr um ponto em cima da haste central da inicial do seu nome proprio, por modo que transformou um F n'um I, ou antes, entrelaçou um I n'um F; maneira indirecta de mostrar á graciosa donzella a constancia do sentimento do seu amante. Era uso muito portuguez esse entrelaçado das iniciaes; uso ainda hoje seguido, mas pouco; marido e mulher symbolisavam assim a indissolubilidade dos seus laços; Francisco Vieira e D. Ignez nunca largaram o costume, conforme testificam assignaturas suas autographas, cujos fac-similes possuo.

Calco das assignaturas de Francisco Vieira Lusitano e D. Ignez Ellena de Lima, taes como se encontram n'um antigo livro de notas do fallecido tabellião João Baptista Ferreira, hoje Calça e Pina na rua do Oiro. Essas assignaturas foram feitas em Março de 1747, morando então em Mafra os dois esposos.

Despedidos os moços, começou-se na agradavel tarefa de despejar (e examinar objecto por objecto) os dois bahus da bagagem. Isso é um dos bons prazeres dos viajantes; essa amostra a retalho, com os commentarios minuciosos, é dos melhores acepipes da volta das jornadas longas.

Trazia, entre outras muitas prendas, o piedoso artista grande somma de reliquias para offertas e lembranças a pessoas de comprimento e amisade. Entre os destinatarios estavam os Falcões. Livros, estampas, modelos de gesso, e

outras mil bagatellas, tudo foi a pouco e pouco saboreado e explicado. Livros italianos agradaram particularmente ao Vieira pae, que percebia a lingua. A mais velha das tres irmans, Catherina Vieira, talento declarado para a pintura (como a seu tempo explicarei) achava singular gosto em ir observando com vagar as estampas, os modelos, e os desenhos do irmão. Tinha estudado alguma coisa em Lisboa, sosinha, e regalou-se Francisco de ver como eram notorios os progressos d'ella.

Os dias 19, 20 e 21 d'este mez de Maio foram todos dedicados a visitas recebidas. Veio a visinhança, e vieram os conhecimentos, felicitar o recem-chegado na mais affectusa porfia de obsequios. Passados tres dias, foram então pae e filho pagar taes favores. A primeira parte onde se dirigiram foi a casa do Marquez de Abrantes, a quem Francisco presenteou com as duas medalhas, e os tres desenhos a lapis vermelho executados na viagem. Existirão por acaso no cartorio da Casa de Abrantes essas reliquias inapreciaveis?

Uma vez, por esses dias proximos, voltando Francisco de fóra, soube tel-o procurado um escudeiro da quinta da Boa-Vista, trazendo-lhe muitos recados e parabens de todos, e dizendo que os seus amigos o esperavam impacientes, para alliviarem saudades.

Não tentarei sequer descrever a alegria d'elle. Formou logo com seu pae firme tenção de não deixar passar muitos dias sem apparecer em Carnide. Oh! que momentos esses de expectativa tão dolorosa e tão agradavel! Parece que no coração dos dois amantes começava a entreabrir-se o raiar suavissimo das madrugadas de verão...

XXVI

Refere o inimitavel Frei Luiz de Sousa, que no mez de Maio era costume do *povo lisboez* (expressão de Balthazar Telles) fazer romarias nos domingos ao Mosteiro dominicano de Bemfica la essa boa gente convidada da frescura do sitio, então amenissimo de laranjaes, e obrigada não menos da devoção de uma das Imagens mais veneraveis da nobre casa claustral.

Competia a fama d'essa Imagem, conhecida pelo «S. Domingos da Barba doirada», com a lindeza do mez das flores; por modo que, se á turba apetecia, com a primavera, espairecer-se em tão repoisadas e festivas excursões campestres, e se o viçoso Maio lhe negaceava com muito sol e muitas sombras nas cercanias do Santuario, era aquella designada devoção maior estribo ainda para se todos abalarem, em alegre porfia, a festejar o milagroso da «Barba doirada».

Padroeiro dos que andam ás upas com o mar, lhe chamava o povo, e por tal o honrava n'estas aprasiveis romarias de Bemfica; e o mais é que o bom do Santo parecia pagar-se de tão sincero e antigo culto, á conta do bem que despachava os requerimentos de seus devotos. Dava Deus virtude ás intercessões de tão bom patrono; e não havia n'essa Alfama, nem n'esse Cataquefarás, mareante de longes climas, que não soubesse esmiunçar algum caso, em que, por si, ou por alguem muito do seu peito, devesse favor e auxilio ao Santo de Bemfica.

Mandára el-Rei D. João I vir de Allemanha, segundo resava a crença, por certo mercador aquella Imagem, lavrada em finissimo alabastro; e tanto a ponto quiz o Santo, logo ao embarcar-se com o mercador para o Reino, fazer

as provanças da sua valia, que em tormenta brava que sobreveio á caravella logrou ser medianeiro e advogado perante a Providencia, e, annuindo ás orações da companha, conseguiu trazel-a a salvo até ás aguas de Lisboa n'um domingo de Maio.

Á promettida romagem dos mareantes até Bemfica juntou-se de boa mente a espontanea romagem do povo, em cortejo de gala ao hospede novo dos Dominícos; com o que, ficou assente, n'aquellas eras ainda não empedrenidas na indifferença, sahir-se a gente da Cidade a festejar nos domingos de Maio o Santo «da Barba doirada.»

«Nem todos os que vão á guerra são soldados» — observa o anexim. Nem todos os alegres romeiros d'aquella festa eram devotos — pondera a razão.

Muitos dos que assim enfiavam desde madrugada por essas portas de Santo Antão a caminho de Bemfica, já a pé, já em liteiras, já em cavalgadas estrepitosas, iam pelo vezo, iam para se divertir dos apertos das lidas urbanas, iam refocillar-se com o ar puro de laranjaes e vinhedos, desde S. José «d'entre as hortas», pelo valle de Andaluz, até Sete-Rios e Bemfica. Outros muitos, tambem, attrahia-os um pensamento mystico e devoto, e nas promessas que levavam confirmavam as mercês recebidas do Santo.

De todos os contornos de Bemfica, além de Lisboa, affluia povo áquellas romarias: era da fresca Alvalade,

cuja hortaliça se rega
com tanta abundancia de agua,
que noras lançam nas prezas —

como dizia um poetastro em 1626; era da proxima Odivellas, tão risonha e tão caiada, aos pés do «mosteiro grande», sobre alcatifas de verde; era de Carnide e da Luz; era, em summa, de quanto casal e aldeola se aninha nos boleados pittorescos d'aquelles fertilissimos terrenos.

Se não temesse embrenhar-me agora por escusado caminho, havia de mostrar aqui ao leitor um *romance* do poeta

Fonseca Soares (depois Frei Antonio das Chagas), versos *a hua Dama q̃ foi a Bemfica,* segundo elles se intitulam; possuo-os n'um volume manuscrito do insigne Varatojano; emfim: não resisto, e ellas aqui vão, as taes quadrinhas trocadilhadas em toantes, ellas aqui vão como preciosa nota de côr local. Oiçam:

Estes domingos de Maio
se foi Leonor a Bemfica;
oh! que mal ficou com ella
a Cidade aquelle dia!

Foi passando, por fazer
livre couto a Cotovia;
a coutada nos quiz dar
caça a toda a cousa viva.

Passou logo a Sete-Rios
a tempo que amanhecia,
e de flores requintadas
appareciam as quintas.

Metteu na fonte do Valle
a mão Leonor crystallina,
e de ver crystal mais puro
ficou a fonte corrida.

Perguntaram-lhe os galantes:
«Como vos chamais, menina?
«bem podeis romper o nome,
«que a Aurora já é vinda.

«Impropriamente fazeis
«todas vossas romarias,
«pois vindes buscar as graças,
«sendo as vossas infinitas.

«As contas levais na mão;
«oh! quanto melhor seria
«darel-as só dos que morrem
«nas mãos d'essas tirannias!»

Estribilho

Retira, retira,
que Leonor aos amantes
faz guerra viva.
Todos se guardem
porque mata no campo
e na Cidade.

. . . .

XXVII

Na presença pois d'esse quadrinho de costumes, estou a imaginar que ás romarias de Maio de 1719 concorreram certamente as senhoras da proxima quinta da Boa Vista, nos seus nedios burrinhos ajaezados de luxo, seguidas de creadas, e moços, a cavallo e a pé; e não esqueça, como elemento de gravidade e decencia, o Padre Capellão da Casa.

«Costumam as senhoras portuguezas — diz Twiss em 1772 — cavalgar jumentos, sobre albardas com arções, seguidas de um creado, que ora vai incitando o animal com um graveto agudo, ora lhe pucha pela cauda para o fazer parar» [1].

O esboceto é pittoresco, e exacto

Tambem sobre a albarda era uso pôrem-se as *andilhas*, que foram um genero de assento de correias, suspenso em

---

[1] Les dames de ce pays montent des ânes sur des selles à arçons. Elles sont suivies d'un domestique, qui anime la bête avec un bâton pointu, et quand elle va trop vite la retient par la queue.

Twiss, *Voyage en Esp. et en Port. en 1772 et 73*, pag. 33.

quatro paus atravessados de banda a banda sobre o almofadado da albarda. N'essas correias sentavam-se assim de alto as mulheres. Não creio porém que em 1719 usassem essa moda as senhoras nobres, visto dizer-nos Bluteau, que em 1712 era uso já decahido; então, em Lisboa, só andavam em andilhas, como distinctivo, certas mulheres, a quem os Francezes chamam... (como hei-de eu encapotadamente traduzir isto?) prudentes, judiciosas, serias, circumspectas, ajuizadas, ou talvez tambem sabias; *sages*. O resto da população feminina já não.

Estou pois a ver chegar ao mosteiro o grupo: Francisco Falcão e os filhos em bons cavallos de marca, e as tres senhoras nos seus jumenticos tradicionaes. Todas levam *donarios*, que offerecem ao altar. A egreja é um jardim de flores e buxos. Ao cantochão ritual dos Frades une-se o chilreado de muitos passaros, que era uso pendurarem-se em gaiolas ao longo da nave.

No coração de Ignez, a constante e firme namorada, cantam outros passaros desconhecidos os hymnos de uma radiosa madrugada de amores. Como aquella alma anceia pelo momento em que possa tornar a ver o seu ausente querido!...

XXVIII

Vespera do Espirito Santo, 27 de Maio, sahiu Francisco Vieira com seu pae em direcção a Carnide, de manhan muito cedo.

Como lhe pareceu differente a estrada toda! Muitas casas e quintas reconheceu elle; outras eram recentes. Atravez das sebes de canniços e silvas penetrava o sol matinal, com as suas pinceladas claras projectadas nos tons quentes



Entrada principal da quinta dos Falcões tirada da alameda dos freixos (desapparecida ha annos). Desenho á penna por Julio de Castilho segundo esboço do mesmo autor tirado em 27 de Junho de 1859. Ao fundo vê-se o portal do pateo grande; á direita a capellinha, e as janellas da casa do côro. Por cima a varanda alpendrada do quarto de Ignez.

do chão. Escutavam-se por longe as sinetas das ermidas e egrejas. Brincavam pintasilgos novos na orla dos olivedos, a uma banda e outra, e chilreavam ao coração do amante segredos que elle nunca tinha ouvido. Topava-se a cada passo com os grupos de saloias e saloios, hortaliceiros e leiteiros, encaminhando-se para a Cidade. Os pomares a desabrochar, e os vinhedos em flor, espalhavam na atmosphera os seus perfumes.

Passada a Luz, e chegados os dois cavalleiros á ermida do Espirito Santo (hoje demolida), estendeu Francisco olhos soffregos para o poente; correndo aquelles oiteiros crespos de vinha verdiclara, deu com o vulto apalaçado da nobre quinta, reconheceu a renque das nove sacadas, viu a um lado o varandim coberto, e os frondosos sobreiros e freixos da alameda; e, como o cavalleiro da *Noite do castello* de Castilho, podia exclamar:

Só ali respirei. Desci as serras
sempre cheio de ti; co'os olhos longos
sempre cá; impaciente quando as voltas
do caminho, ou as mattas importunas,
vinham cegar-me.

Francisco palpitava de prazer; o pae sorria talvez á socapa.

Desceram ao Bom-Nome; ao começarem a subir a alameda de arvoredo, saltava o coração no peito do mancebo, quasi a ponto de lh'o rebentar. Que serenidade! Lá no alto via-se o portão vermelho do pateo, com a sua mesquinha architrave, e o seu friso rustico, assentando sobre os pilares lizos e pobres das hombreiras, e com os seus competentes fradinhos de pedra adiante; á esquerda do portal o sabidissimo poial, que tanta vez tinha servido a Francisco para estribo de encavalgar; tudo na mesma! Ao aproximar-se, viu Francisco cheio de gosto o sicómoro grande do terreirinho da capella, e a portada do antigo templo, com a sua attica; olhou para a sineta calada, cuja voz elle conhecia tão bem; e percebeu em todos estes pormenores a estabili-

dade e o socego d'aquelle lar, que se lhe figurava (nem elle saberia bem explicar porquê) muito seu.

São vistos; são expansivamente saudados pelos cavalhariços e liteireiros; vem um, vem outro; chegam as raparigas da cosinha; vem o Pedro Pescocinho, com os seus olhos de rafeiro velho; todos abraçam o Francisquinho, todos pasmam de o ver tão bem logrado! Recebidos, pae e filho, pelos Falcões com uma expressão sincerissima, entraram os dois para outra sala, onde appareceram logo, com alvoroço affectuoso, a mãe e as filhas. Pondo o joelho em terra, beijou-lhes Francisco as mãos, sendo abraçado pelas tres senhoras; honra e favor especial, que a antiga civilidade não permittia sempre. Quando elle dobrou o joelho a D. Ignez, poz-lhe esta rapidamente a mão no hombro, e carregando com disfarce, deu ao querido da sua alma aquelle signal occulto de intelligencia reciproca. Ambos commovidissimos, moderavam muito a custo as suas intimas alegrias.

Sentaram-se todos. Contou Francisco Vieira, a instancias do Morgado, todo o acontecido desde a sahida da barra; as costas que viram; os temporaes que passaram; regalou a sociedade com a narração minuciosa de tantas aventuras.

Durante a manhan, chegou de casa dos Vieiras um presente. Logo D. Francisca de Almeida o mandou vir a si, e, tirando de um rico estojo de costura uma thesoira, cortou as linhas com que se cosia o lenço de seda que envolvia o todo. Era um taboleirinho de Japão axaroado, contendo as reliquias que Francisco destinava ás senhoras. Logo a nobre matrona foi tirando a uma e uma aquellas veneraveis preciosidades, e pondo-as n'uma salva de prata as distribuiu pelos circumstantes, guardando as que sobejaram, e enchendo de agradecimentos o amavel doador.

No entretanto, já lá tocava pela terceira vez á Missa na ermida.

Passaram todos á tribuna, d'onde assistiram ao santo Sacrificio. Francisco, enlevado e absorto, olhava ora para o altar, onde a Senhora da Assumpção, já tão sua conhecida de outros tempos, sorria entre flores e luzes, levantando ao

Ceo os seus olhinhos de esmalte, ora para o vulto senhoril e singelissimo de Ignez, que ajoelhada junto da mãe e da irman, seguia attenta o ritual no seu livrinho de orações. Atraz do grupo das senhoras, o dos homens, todos serios e devotos. Em baixo, no corpo ladrilhado do pequenino templo, a chusma camponeza; e no altar, o Capellão da familia. Querem quadro mais authentico do Portugal velho?

Depois da Missa o jantar, alegre e intimo, onde a boa conversação versou quasi toda sobre as peripecias da viagem a Roma, e onde nos olhares disfarçados se foram ainda estreitando as relações dos dois amantes. Todos achavam muito chiste á pronuncia italianada do gentil Francisco, e entraram a chamar-lhe por brincadeira familiar «o Estrangeiro».

Estava-se a meio do repasto, quando entra um dos creados com um papel na mão.

— Que é isso? — pergunta o Morgado.

— Uma carta vinda de Lisboa por um proprio.

— Dá cá.

E olhando para o sobrescrito, accrescentou:

— Não é para mim; é para ti, Francisco. *Ao snr. Francisco Vieira Guarde Deus muitos annos — Logo logo logo.*

— Para mim?!

— Toma-a lá.

Rompendo a obreia, leu Vieira com certa commoção, bem justificada, um aviso, em que, da parte d'el-Rei, se lhe mandava que sem demora apparecesse no paço para receber ordens.

— Que virá a ser isto? — perguntava o pae Vieira, todo orgulhoso, e pondo de lado o guardanapo.

— Que será? — murmurava atonito o joven pintor, não podendo tambem disfarçar a ufania que o senhoreava.

— Chamado por el-Rei Nosso Senhor! cáspité!! — tornava o Morgado. E na expressão assombrada de todos os presentes reflectia-se o que ia n'aquellas almas.

Ás conjecturas mais inesperadas succediam-se as mais lisongeiras; todos se deitavam a adivinhar; e para qualquer

observador sagaz, tanto movimento revelava, muito ao certo, o que n'aquellas eras de inabalaveis crenças monarchicas significava um chamamento da parte d'el-Rei.

Está-se a perceber a chave do enigma. Para certa incumbencia artistica de alta responsabilidade, e que logo descreverei, fôra indigitado ao senhor D. João V pelo Marquez de Abrantes o nome do Vieira. Procurado este sem demora em casa dos paes, e não achado, mandou-se um expresso a Carnide com o aviso regio.

Pediu Francisco licença para se partir immediatamente para Lisboa. Levantou-se logo com seu pae; e entre vaticinios affectuosos se despediram ambos dos Morgados. O peor foi que o terno amante nem uma só palavra poude trocar com D. Ignez. Entretanto, uma voz intima lhes segredava a ambos, que se estreava ali um periodo novo e grande na existencia do seu amor. Junto áquelles dois entes, tão unidos, mas tão cruelmente separados pelas leis sociaes, sorria o Anjo da Guarda.

XXIX

Deixemos afastar-se os dois viandantes, a quem brevemente havemos de alcançar, quando fôr tempo, e detenhâmonos examinando de relance a familia da Boa Vista, nossa conhecida desde 1706; já lá vão treze annos!

D. Francisca Theresa de Almeida, senhora de seus sessenta e tres outomnos, é a alma da casa.

Representa uma raça moderna, mas orgulhosa; aristocráta de data nova, personifica as operosas classes médias, que souberam firmar a restauração iniciada pelos homens de 1640. Assim como as espadas de tantos lidadores valentes se cruzaram com as armas castelhanas, e as venceram,

assim tambem os obreiros da paz, os administradores, os lavradores, os legisladores, os commerciantes, os argentarios, ajudaram efficazmente a consolidar a façanha dos Heroes.

João Coelho, avô paterno de D. Francisca, o personagem cujo epitaphio transcrevi n'um dos primeiros capitulos do presente livro, era oriundo do Arcebispado de Braga; sujeito agenciador, ambicioso, e feliz; levado da sua boa estrella, fixára-se em Lisboa, onde casára com Sebastiana de Almeida, filha de Matheus Gonçalves, vimaranense, morador ao Poço do Borratem.

Não perdêra João Coelho o tempo. Desde o primeiro quartel do seculo XVII soubera no negocio grangear consideraveis haveres; soubera educar á lei da nobreza os seus herdeiros, dois filhos e uma filha, e apressou-se a formar em Coimbra o primogenito, habilitando-o aos mais altos postos. A fim de aplanar caminho, desejou, e obteve, para si a regalia de Familiar do Santo Officio, attestado da limpeza do seu sangue. Rico, livre da macula de *heretica pravidade*, e vendo que os filhos correspondiam em cheio ao que se esperava d'elles, vinculou os bens em morgado, e fundou, como cabeça da instituição, esta bellissima quinta da Boa Vista. Não morava habitualmente n'ella; a sua residencia (como convinha a um mercador abastado, e vigilante do que ia pelo mundo) era no centro da Lisboa mais concorrida, na rua da Ametade, serventia correspondente ao lanço norte da actual rua Nova dos Martyres até ao nosso largo de S. Carlos. Como os pescadores das ribas do Orenoque ou do Mississipi, tinha este laborioso pescador assentado cabana ás margens do grande Mississipi e Orenoque que denominam *o Chiado*, rua concorridissima ainda hoje, mas muito mais frequentada quando era communicação forçosa entre os bairros occidentaes e os orientaes; isto é, quando não havia a rua do Ferragial de baixo, quando nem se sonhava com a rua 24 de Julho, quando a linha da beira-mar por S. Paulo começava apenas, e quando não existia a calçada do Conde de Villa Nova (hoje do Marquez de Abrantes). Essas successivas derivações do transito para o lado do sul foram a

pouco e pouco tirando a importancia á linha da Esperança pelo Combro e Portas de Santa Catherina; mas em 1719 reinava o Chiado em todo o seu absolutismo de arteria indiscutida, tanto commercial como elegante, da Lisboa velha; e por isso é que João Coelho, entendedor do assumpto, ahi morava, e ahi tinha os seus escriptorios e a sua agencia.

Os filhos de que acima falei, eram:

O dr. João Coelho de Almeida, primogenito, a quem vou em breve referir-me;

Manuel Coelho de Almeida, que seguiu as armas.

D. Anna, que, segundo logo mostrarei, veio a casar com um irmão de Francisco Falcão de Gamboa.

O dr. João Coelho de Almeida baptisado em 1625 na egreja dos Martyres, era em 1651 ainda solteiro, mas já muito rico, senhor do vinculo instituido por seu pae, Juiz do Crime em Lisboa, e tambem Familiar do Santo Officio, de que prestou juramento em 13 de Agosto do dito anno.

Calco da assignatura do Desembargador João Coelho de Almeida, avô materno de D. Ignez, tal como se encontra no processo de habilitação do Familiar do Santo Officio Antonio de Almada da Fonseca em Abril de 1691. Existe na Torre do Tombo.

Intelligente e perseverante, subiu em 1655, a Desembargador da Relação do Porto. Era Corregedor de Santarem em 1658, Desembargador da Casa da Supplicação em 23 de Dezembro de 1669. Desde 1675 até 1678 foi um dos vereadores do Senado, logares então cubiçadissimos, e creio que ainda hoje; coube-lhe, tambem, annos depois, proferir o discurso gratulatorio em nome do mesmo Senado, nas

bodas d'el-Rei D. Pedro com a Rainha D. Maria Sofia em 30 de Agosto de 1687 [1].

N'esse seu emprego municipal teve não sei que differenças com D. Francisco Mascarenhas, seu collega, nas quaes se houve com tanta cordura, firmeza, e dignidade, que mereceu um Decreto de 10 de Agosto de 1677, em que o Principe Regente, D. Pedro, o elogia depois de ter mandado estranhar a D. Francisco os seus excessos, prohibindo-o, até nova ordem, de voltar ao Senado.

Em 1687 recebeu João Coelho de Almeida o fôro de Fidalgo Cavalleiro, e em 24 de Maio de 1690 foi nomeado Cavalleiro da Ordem de Christo com 12$000 réis de tença. Tendo sido despachado Chanceller para a India, obteve provisão para voltar ao Reino, e veio a terminar a sua laboriosa carreira no elevado posto de Desembargador do Paço, fallecendo em 23 de Agosto de 1691 [2].

Teve, pelo menos, duas filhas e um filho: a mencionada D. Francisca Theresa de Almeida, D. Anna Josepha de Almeida, a quem logo alludirei, e um filho, cujo rasto perco. Sei apenas que se chamou Bento Coelho de Almeida, Familiar do Santo Officio por carta de 9 de Setembro de 1687 [3]. Morreu de certo muito antes de sua irman Francisca, visto que ella herdou o vinculo.

Parece que o Desembargador, só depois de casar com D. Margarida da Cunha fixaria em Carnide os seus penates. O certo é que D. Francisca, sua herdeira, já aqui nasceu, em fins do anno de 56; elle tambem aqui morreu, como já acima indiquei, em 1691, e jaz na sua ermida da Assumpção.

Ainda não pude descobrir que relações havia entre estes Coelhos, gente nova, e a casa principesca dos Duques de Aveiro; mas sei, por m'o dizer um documento irrecusavel, que o padrinho baptismal de D. Francisca Theresa era nada

---

[1] *His. gen.*, T. VII, pag. 500. — Innocencio tambem cita esse discurso.

[2] Devo muitas das informações supra ao snr. Visconde de Sanches de Baêna.

[3] *Torre do Tombo* — Familiares — *Bentos* — M. 2 — N.º 41.

menos que o Duque D. Raymundo de Lancastre, aquelle mesmo, que, depois de ter acceitado longos annos, e de bom grado, o seu legitimo senhor D. João IV, o desamparou em 1659, e se bandeou com Filippe IV de Castella.

Conviveriam muito os Coelhos com a realenga estirpe dos Aveiros? teria nascido essa tal qual intimidade em vida do opulento bracharense, ou na do talentoso Desembargador? e teria o Duque D. Raymundo, depois da honra de acceitar aquelle espiritual parentesco, feito aos seus compadres a distincção de ir em pessoa a Carnide, á grande e recente quinta edificada com tanto dispendio, ou á freguezia, sustentar sobre a pia lustral a sua pequenina afilhada? Nada posso dizer. Uma certidão, que tenho á vista, não especifica o assumpto, e é pena. Parece-me porém poder suppôr, até certo ponto, que essa qualidade de afilhada de um Duque de Aveiro reflecte sobre a individualidade da castellan da Boa Vista certo esplendor, que aos olhos das suas relações, e dos seus apaniguados, a ha-de realçar sobre-maneira.

Estou a vel-a, com o seu modosinho emproado, e o seu falar apressado; estou a vel-a, tal como é em 1719, esta senhora, verdadeira representante dos seus maiores, que ao trabalho deveram tudo. Quando pensa n'elles, tem D. Francisca de Almeida a consciencia do que vale.

Viva, auctoritaria, sabe impôr o seu querer, e faz-se respeitar ás cegas pela creadagem, pelos filhos, e até obedecer pelo marido. E decidida, energica, e na sua palavra corrente e peremptoria, e na lucidez do seu olhar, mostra a promptidão da sua intelligencia. Virtuosa e austera sempre, meiga quando está para isso, não deixa ainda assim de revelar o seu orgulho de filha do Desembargador da Casa da Supplicação, e neta do instituidor do maior palacio d'aquelles contornos. Acata nos actos grandes os direitos do marido, mas manifesta nas minucias, que ali é ella a morgada, e que o vinculo de Carnide é apanagio do seu sangue.

D'esse sangue tem ella já motivo para tirar orgulho. Seu tio, Manuel Coelho de Almeida, irmão de seu pae, foi Capitão de cavallos na guerra da Acclamação; e casando com

D. Catherina Maria de Almada e Noronha fundou uma linha illustre, que ainda hoje existe. É elle quinto avô nada menos que do snr. Visconde da Lançada, e de seu irmão o actual snr. Duque de Palmella.

Tal é, em dois traços de penna, o retrato de D. Francisca, pessoa de condição social inferior á do homem a quem se uniu, é bem certo, mas de altos dotes de caracter.

XXX

Depois d'ella, Francisco Falcão de Gamboa, typo inteiramente diverso.

Remontava esta familia dos Falcões aos dias d'el-Rei D. João II, e provinha de Lopo Mendes do Rio, uma das tres testemunhas presentes ao barbaro assassinio do Duque de Vizeu. Era uma raça de *Cavalleiros-da-Casa, Cavalleiros-do Conselho, Escudeiros-fidalgos*, *Alcaides-móres*, e senhores de vinculos; gente séria, e util.

Digno neto d'essa linhagem portugueza de lei, se me afigura Francisco Falcão; homem manço, pacifico, muito cortez, e respirando certa altivez affavel, que se sabe impôr sem ferir; lavrador aristocráta; pontual nos compromissos, e respeitador dos seus Reis; muito religioso, com certa feição litteraria a distinguil-o e a extremal-o entre os seus pares; bom cavalgador; tão entendido em prendas de murzellos de Altér, como affeiçoado a discussões scientifico-litterarias, ou a leituras attentas na *Gazeta de Lisboa;* no de mais, muito amigo dos filhos, e muito inimigo de bulhas.

Contrasta o genio conciliador e urbano de Francisco Falcão, o nosso bom chefe da tertulia academico-semanal, com a indole mais altiva e sacudida da Morgada. Quando tem de ralhar, fal-o este bondoso homem por modo tal,

que os creados ainda em cima sentem por elle certa ternura; uma reprimenda de D. Francisca é, em compensação, vendaval de arrancar pinheiros.

Esses dois retratos ideaes que ahi deixo, são a minha impressão pessoal ácerca dos retratados. Da narrativa de Vieira, e da indole mesma dos factos, me provieram as varias feições, que assim agrupadas figuram aos meus olhos o vulto moral d'aquelles dois entes, tão importantes na minha historia.

Calco da assignatura de Francisco Falcão de Gamboa, Fidalgo da Casa Real, e pae de D. Ignez, feita em 8 de Outubro de 1707 no seu processo de habilitação para Familiar do Santo Officio, hoje na Torre do Tombo.

Francisco Falcão de Gamboa era filho de um tal José Falcão de Gamboa, nascido em 1629 na freguezia de S. Vicente, de Lisboa, onde a sua familia morava em casas proprias no sitio da Alfurja, ou Alfuge, e de D. Maria de Lima, baptisada na freguezia de S. Pedro Apóstolo de Formariz, Concelho de Coura, Arcebispado de Braga, e neto de outro Francisco Falcão de Gamboa, tambem de S. Vicente de fora, e de D. Sebastiana de Macedo, de Aldeia Gallega do Ribatejo [1].

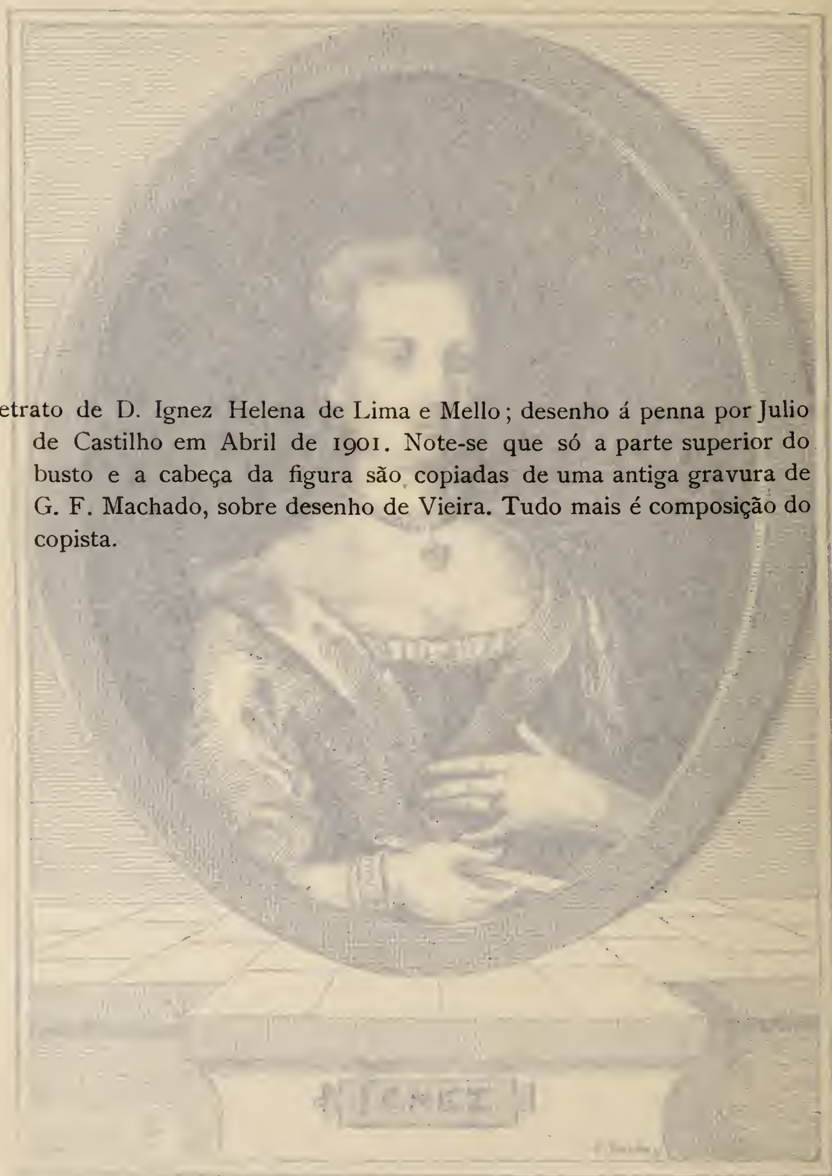
Esse José Falcão, que muito tempo morou na Carnota, prestara por mais de um quarto de seculo bons serviços na carreira das armas. Sem ter tido occasião de figurar por guerreiro de grande nome, mantivera sempre as honradas tradições de seus maiores como fiel cumpridor da disciplina em lances apertados.

Em 19 de Março de 1660 estreou-se como soldado de

[1] Torre do Tombo — *Familiares*.


FIRME
IGNEZ
Julio de Castilho des
Lumiar Abril de 1901
P. Marinho gr

Retrato de D. Ignez Helena de Lima e Mello; desenho á penna por Julio de Castilho em Abril de 1901. Note-se que só a parte superior do busto e a cabeça da figura são copiadas de uma antiga gravura de G. F. Machado, sobre desenho de Vieira. Tudo mais é composição do copista.



Retrato de D. Ignez Helena de Lima e Mello; desenho á penna por Julio de Castilho em Abril de 1901. Note-se que só a parte superior do busto e a cabeça da figura são copiadas de uma antiga gravura de G. F. Machado, sobre desenho de Vieira. Tudo mais é composição do copista.

Auxiliares na provincia do Alemtejo. Assistiu em 1661 na praça de Elvas, e serviu na campanha d'esse anno e do seguinte. Em 1664 era já Mestre de campo do Terço de Auxiliares da comarca de Torres-Vedras, e em 1665 recebeu ordem do Mestre de campo General para passar com o seu terço ao exercito do Alemtejo, a fim de guarnecer a praça de Elvas. Em 1666, cahindo os inimigos sobre a Berlenga grande, defendeu cuidadosamente esse ponto, guarnecendo com pericia e boa tactica os postos da Ericeira e Lourinhan [1].

Passemos a enumerar os filhos do nosso Francisco Falcão.

José, o «senhor Morgadinho» rasteja pelos seus vinte e seis.

O immediato, Joaquim, vai nos vinte e cinco, e parece-me (mas não se poude averiguar o facto no cartorio da Universidade de Coimbra) que tomou já em 1719 o gráu de Bacharel formado em Canones. .

D. Ignez Helena (ou Ellena, como ella assigna) é uma galante rapariga de vinte e tres primaveras, amavel e ladina, esbelta e radiosa, accessivel aos pobres e ás creanças, e com uma expressão de olhos muito amante, que bem revela a pureza da sua alma, e a sua lhaneza natural. Quem attentar na linha firme d'aquelle finissimo nariz, e na mobilidade nervosa d'aquella bocca, expressiva até no silencio, perceberá ao mesmo tempo, na indole d'esta gentil Portugueza, uma certa altivez, de reserva para as occasiões, e toda a perseverança e tenacidade do genio materno. Existem retratos d'ella.

D. Margarida emfim, a mais nova, toca nos *quatro lustros* (como cantaria um poeta do tempo); boa creaturinha, timida, conciliadora como o pae, muito cosida com a irman, e alta respeitadora do principio da auctoridade.

---

1 Torre do Tombo — *Officios e mercês* — Liv. 89, fl. 262 v. e seg. Isso tudo consta do padrão que ao dito José Falcão de Gamboa foi concedido, de 50$000 réis de tença.

Como já correu fama da formosura de ambas aquellas senhoritas, houve quem as requestasse, e propozesse aos paes bons casamentos.

D. Ignez, por exemplo, era amada em silencio por certo Morgado, rapaz illustre e rico; uma vez apresentou-se elle em Carnide, e fez officialmente o seu pedido aos Falcões. Consultada a menina, recusou; instada muitas vezes, declarou a sua tenção de não tomar estado e clausurar-se em algum Mosteiro. Coincidiu, quasi, um passo tão decisivo, com a chegada de Francisco.

Todo este bonito e brilhante rancho de quatro filhos, creados no cumprimento do dever, e nas praticas da ordem, é o encanto dos frequentadores da Boa Vista, e, por assim dizer, a providencia d'aquelles campos.

Falta-me ainda falar agora de outro personagem, que é bem verosimil habitasse tambem ali frequentemente: refiro-me ao tio Leonardo de Mello e Lima, irmão segundo do dono da casa, e senhor do praso denominado «do Falcão». Era casado desde 1693 com D. Anna Josepha de Almeida, irman de sua cunhada D. Francisca; e n'esta D. Anna instituiu um tio Arcipreste morgado de seus bens, com o titulo «do Juncal», que existe unido aos de Santo Aleixo e da Boa Vista nos actuaes representantes da familia.

Era Leonardo de Mello tão estimado do irmão primogenito, e tão seu intimo, que foi padrinho de todos os sobrinhos (menos de Margarida). Por tudo isto se me afigura elle um tio muito querido, um bondoso commensal, uma opinião consultada sempre, um companheiro dos trabalhos e das alegrias.

Para perpetuar a memoria da estirpe materna, d'onde os Falcões tiravam grande orgulho, usava este Leonardo, em vez dos appellidos de Falcão e Gamboa, que eram a varonia, os de Mello e Lima, que pertenciam a sua mãe, D. Maria de Lima, oriunda de uma familia do Minho. Esta senhora era natural de S. Pedro de Formariz, mas veio muito creança para Lisboa, e aqui se recebeu. Esse uso dos appellidos da linha feminina tambem as duas filhas de Francisco

Falcão o adoptaram; e D. Ignez (note-se) teve o seu nome proprio em lembrança de uma bisavó paterna, Ignez Taveira da Costa, casada com um Heitor Barbosa de Lima, ambos naturaes de Formariz e pessoas nobres e abastadas.

Foi Fidalgo Cavalleiro, e Enviado á Côrte de Roma não sei em que anno. Seu bisneto casou com uma terceira neta de Francisco, e por essa alliança é que se uniram um seculo depois as casas dos dois irmãos.

Eis ahi o elenco dos moradores da quinta da Boa Vista no verão de 1719. Era, como se está vendo, uma familia rica, e não só nobre, mas tambem elegante. Havia de andar toda esta parentella, mais ou menos, no que chamamos hoje o grande mundo. Ao pé d'essa gente, que frequentava de certo as melhores casas, e se ufanava de allianças na provincia... que podia figurar um Francisco Vieira?!

Mas basta por agora. Examinada assim, com a possivel minucia, a familia do Morgado de Santo Aleixo, Luz, e Aviz, passemos a ver se ainda alcançâmos os nossos dois desertores, que ao mysterioso chamado dos tres *logos* vimos levantarem-se da meza com tamanha pressa.

XXXI

Foi este o caso:

Planeava el-Rei D. João V, depois das altas regalias alcançadas da Santa Sé em favor da Egreja de Lisboa, celebrar com esplendor nunca visto, n'esse Junho, a festa do Corpo de Deus. A Cidade via-se desde quatro semanas n'uma faina desusada; por toda a parte, nas ruas destinadas ao prestito, palanques em construcção, toldos a armar, janellas a colgar de damasco.

«O Senado da Camara — diz a *Gazeta de Lisboa*, unico

orgam noticioso de que se utilisavam nossos bons avoengos[1] — «O Senado da Camara d'esta Côrte de Lisboa Occidental tem distribuido as ordens para se prepararem as ruas e praças por onde ha-de passar a Procissão de Corpus na manhan de 8 de Junho proximo futuro, e trabalha um grande numero de officiaes de todas as artes com grande calor para esta funcção, que na verdade será a mais vistosa e de maior pompa que jamais se viu.»

Lisboa, a pacifica Lisboa, acordava ao chamamento do Rei freiratico, e respondia em cheio ao que d'ella esperava a devoção do Paço. Todo o afan com que a Tanoaria, a Calcetaria, a rua dos Ourives do Ouro, a dos Douradores, a dos Escudeiros, o Rocio, a rua das Arcas, os Torneiros, a Correaria, a rua dos Ourives da Prata, a rua Nova dos Ferros, e o Terreiro do Paço, se emparamentaram de custosissimos brocados, colchas, e pannos de Arrás, e se atravancaram de columnatas, arcos, e galantes invenções, juncado o chão com areia, espadanas, e flores, tudo isso correspondia ao que em sua mente insoffrida delineára o Rei. Viu-se o que nunca talvez se tinha visto; e o genio bizarro dos Portuguezes teve azo para se expandir muito á larga n'aquella manifestação de gloriosa vassallagem ao Sacramento Augusto da Eucharistia.

Essa festa, e essa procissão de muitos milhares de figuras, procissão em que as Collegiadas, as Irmandades, as Ordens monasticas, os Tribunaes, a Patriarchal em pezo, a Côrte, os Infantes, e o Rei, conspiraram em porfia de grandezas, consagrou-as Ignacio Barbosa Machado n'um livro singular, em cujas paginas se vê ainda hoje formigar um enthusiasmo indizivel. Além de muitos poetastros, que celebraram este notavel acontecimento, mencionarei tambem um *villancico* de Thomaz Pinto Brandão[2].

A Patriarchal, que era a Capella Regia, situada junto

---

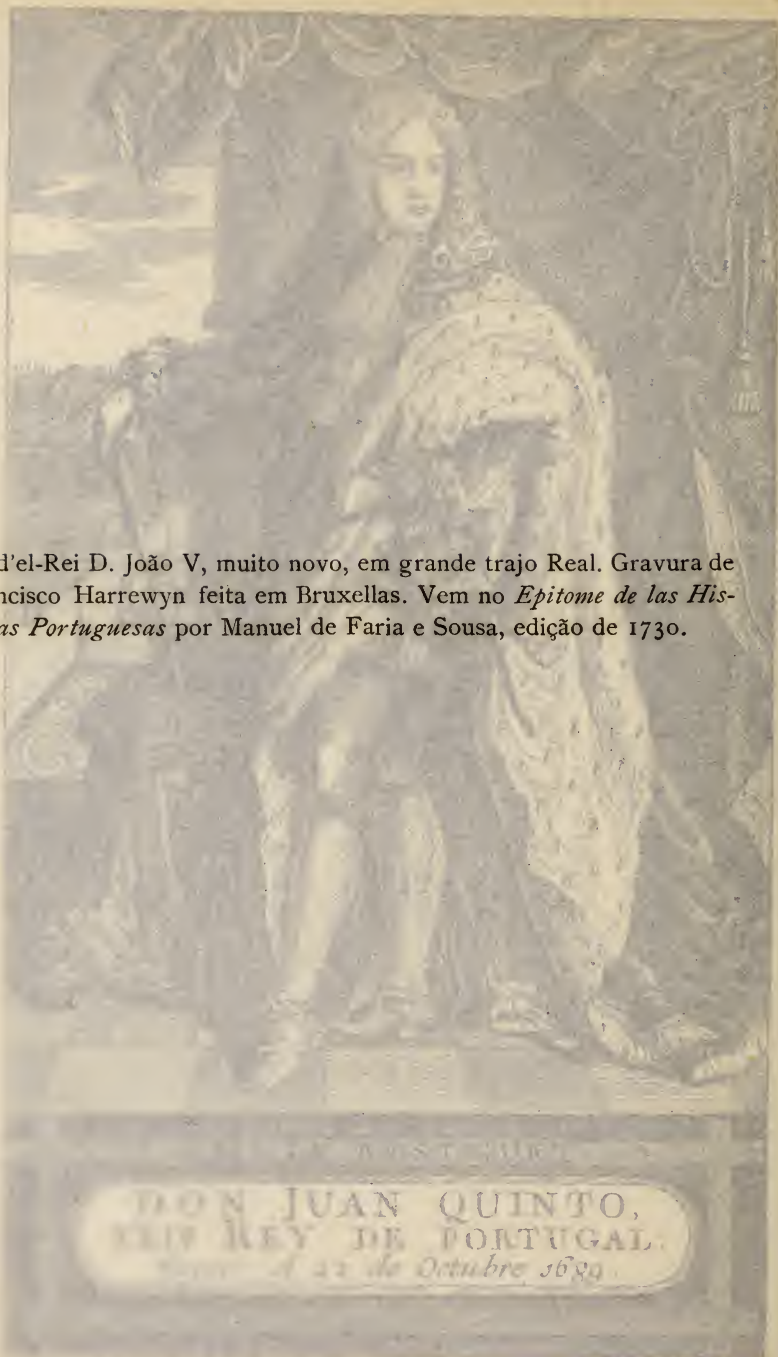
[1] N.º 19, de 11 de Maio de 1719.
[2] *Pinto renascido*, pag. 445.



OMNIA RESTITUET

DON JUAN QUINTO,
XXIV REY DE PORTUGAL,
Nació el 22 de Octubre 1689.

Retrato d'el-Rei D. João V, muito novo, em grande trajo Real. Gravura de Francisco Harrewyn feita em Bruxellas. Vem no *Epitome de las Historias Portuguesas* por Manuel de Faria e Sousa, edição de 1730.



Retrato d'el-Rei D. João V, muito novo, em grande trajo Real. Gravura de Francisco Harrewyn feita em Bruxellas. Vem no *Epitome de las Historias Portuguesas* por Manuel de Faria e Sousa, edição de 1730.

ao Paço da Ribeira, pelo sitio pouco mais ou menos onde hoje vemos o nosso largo do Pelourinho, era maravilhoso edificio, de luxo asiatico; pois no dia 8 de Junho tinha accrescentado ainda as suas galas sagradas. Aquelle recinto, já de si esplendido, parecia um ceo aberto. Pavimento, altares, arcos, tribunas, paredes, revestiam-se de pannos de seda, lós da India, tela branca franjada de oiro, galões e passamanes, damascos e velilhos.

O pateo, ou antes praça, em que desembocava a portada da Patriarchal, e que chamavam «largo do Relogio», tinha duas entradas: uma por um arco sobre a Tanoaria, que é aproximadamente uma parte da nossa rua do Arsenal, e outra sobre o Terreiro do Paço, por uma porta, denominada «Arco das Pazes», e que n'essa occasião se rompeu para mais desafogo. Esse largo, considerado serventia publica (assim como a praça do *Carroussel* nas Tulherias de París), via-se forrado de magnificos pannos de Arrás, e coberto de toldo; dir-se-hia uma sala vastissima.

O Terreiro do Paço, a que Barbosa Machado, com o enthusiasmo comarcão, proprio de quem não viajou, chama *a mayor Praça que tem algum Principe da Europa*, viu-se ennobrecido de uma columnata jonica lindissima, que, sahindo do Arco das Pazes, se alastrava n'uma superficie de trinta e um mil quatrocentos e vinte palmos quadrados, enfileirando sessenta e uma columnas, e quatorze pilares, e ostentando quatro majestosos frontispicios. Formando angulo recto em frente do Arco dos Pregos, que era outra porta da Cidade, sobre o Terreiro (pouco mais ou menos no sitio onde hoje vemos o quarteirão entre a rua da Prata e a Augusta) ia a columnata morrer ahi n'esse Arco.

Toda essa famosa e ephemera edificação, de dois lanços, assim levantada por encanto, era praticavel, como vasto portico de trinta e oito palmos de vão, ou largura; cada columna tinha outros trinta e oito palmos de alto, fingidas todas de marmore verde.

A longa face da columnata revestia-se, de espaço a espaço, de pinturas feitas de proposito, e representando as-

sumptos sacros. Uma d'ellas (aqui é que bate o ponto) foi encommendada pelo proprio Rei ao joven e esperançoso Vieira, sobre a fé especial que já merecia o seu talento, certamente apadrinhado na Côrte pelo Marquez de Abrantes.

Com effeito, chamado Francisco Vieira ao Paço, quiz o caprichoso D. João V conhecer em pessoa o seu pintor. Foi-lhe este apresentado, e recebido com benevolencia.

Era el-Rei então um moço gentilissimo de trinta annos, rosto desassombrado, olhos magnificos, e sobretudo grande ar, que entre mil pessoas o teria dado a conhecer. Movendo-se, sorrindo, ou meneando como juba de leão a sua farta cabelleira, havia n'elle um indefinivel *quid*, que parecia obrigal-o a dizer: Eu sou o Rei.

Da Rainha de França Maria Antonieta se conta, que era impossivel ás pessoas mais desprevenidas deixar de a reconhecerem logo entre o grupo das mais elegantes e formosas Princezas. Foi chamada uma vez a París a talentosa pintora M.me Vigée-Lebrun a fim de retratar a Rainha; e ao começar-se o trabalho, perguntou a Soberana, com affabilidade, para aplanar a conversação:

—Diga-me uma coisa: já me conhecia?

—Desde a primeira vez que vi a Vossa Majestade uma vez no atrio de Notre-Dame, n'uma festa, reconheci-a logo entre o grupo muitissimo numeroso de senhoras da Côrte que ali se achavam.

—Sim? e porquê?—perguntava a Rainha rindo—Em que me differençava eu d'ellas?

—Não sei, minha senhora; essa cabeça de Juno levantava-se com um aprumado differente das outras.

—Sim? o que quer dizer que me achou um ar muito insolente; ora confesse...—continuava ás gargalhadas a formosa filha dos Cesares.

—Perdôe-me Vossa Majestade, minha senhora: achava-lhe um ar muito de Rainha; um ar que se não aprende... e se não define.

Tinha razão a sagacissima artista. El-Rei D. João V possuia o mesmo condão. Ha d'este senhor retratos encan-

tadores, pela alta e natural elegancia que revelam. Lembra-me um a oleo na Torre do Tombo; outro no Ministerio dos Negocios Estrangeiros; uma linda gravura de Harrewyn na edição do *Epitome* de Faria, de 1730; mas entre todos os retratos menciono um, que nos deixou o anonymo autor de certo livro francez; querem ouvir?

«Neto do Duque de Bragança—diz o autor—é o actual reinante, D. João, Quinto do nome. É este Principe de estatura acima do mediocre; muito garboso e bem talhado; formoso de rosto, com quanto assaz moreno; aspecto majestoso. Traja ás modas de França, e de lá manda vir as suas roupas, que são esplendidas[1].»

Causou o Soberano a maior impressão em Vieira; e é de crer que o joven *Italiano*, com os seus olhos azues cheios de alma, e a sua graciosa pujança de neophyto, captivasse tambem ao Rei. Sim, provavelmente agradou-lhe o sympathico artista de vinte annos; e com a sua experteza propria, viu el-Rei que um acto de affabilidade soberana iria certamente acordar todas as forças vitaes d'aquelle genio em flor. Encommendou-lhe pois, elle mesmo, de viva voz, e para curtissimo praso, uma das pinturas que haviam de adornar a columnata do Terreiro do Paço.

Essa pintura, talvez a colla, representando o Sacramento, compôl-a Vieira em sete dias, e foi notada. Tenho bem pena de que Barbosa Machado, aliás tão conscienciosamente minucioso na medição de cornijas, balaustres, e varas de tafetá, não especificasse o assumpto e a composição do quadro de Vieira, nome certamente obscuro ainda, em 1719, mas não indigno de menção; e note-se que o livro sahiu em 1759, quando o autor do *Santo Agostinho* se achava em todo o esplendor do seu genio.

Sestro desgraçado dos nossos escriptores antigos: nunca os cultores das Bellas-Artes lhes devem attenção! Contam

---

[1] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 66.

espadeiradas, espraiam-se na narração de bodas Reaes, e resvalam aquellas pennas eruditas sobre materia de tanto interesse, como a descripção de um templo nacional, ou de um quadro nacional! Lembram-se de algum brigão sota-piloto de caravella, e atiram para o esquecimento os mestres mais insignes da Arte portugueza! que lh'o agradeça a Historia.

Levado dos seus impetos generosos, quiz uma vez o cavalleiroso espirito d'el-Rei D. Sebastião (quem sabe se impellido pelas justas lamentações do manuscripto de Francisco de Hollanda) nobilitar os pintores, e pareceu-lhe que não deviam arrolar-se os artistas da palheta na bandeira plebêa de um mistér, nem ser havidos no rol dos mechanicos. Pediu á Camara consultasse no assumpto; e que fez a Camara? ainda eivada dos preconceitos velhos, consultou que eram *mechanicos*. «Mechanico» um Grão Vasco e um Bento Coelho! um Avellar Rebello e um Pedro Alexandrido!! um Sequeira e um Vieira Lusitano!!! Não accusemos comtudo a Camara; lamentemos que ainda no seculo XVI, no XVII, no XVIII... estivesse tão baixo o nivel intellectual no que respeita a coisas artisticas. A *burocracia* ha-de ser sempre a mesma!

O silencio pois de Barbosa Machado quanto ás tarefas de Vieira n'esta festividade notavel, não espanta: contrista.

....

Descrever a procissão é impossivel aqui. Desde os mais altos funccionarios do Reino, até aos chamados *olandilhas*, que eram uns penitentes que para não serem conhecidos levavam o rosto coberto de certa fazenda d'esse nome; desde os Monsenhores da Patriarchal, até aos ultimos pretos do berimbau, e aos dançarinos e mascarados, ulteriormente prohibidos em 1752, todos os que tomaram parte no cortejo se sahiram ás maravilhas. Era um não acabar de magnificencias.

Ainda em 1730 encarece um viajante francez a pompa d'esta solemnidade annual, que, segundo elle diz, desbancava o que era uso no resto da Europa. «As ruas do

transito — escrevia elle — appareceram juncadas de verdura e flores, orladas de tropa, e toldadas de damasco carmezim, forrado, por cima, de lona de vellas. De onde em onde, pendem lustres, e de espaço a espaço erguem-se sumptuosos altares para as estações do Santissimo Sacramento. No Terreiro do Paço e no Rocio vêem-se columnatas de madeira, muito largas e altas, em feição de arcos de triumpho, envernizadas e adornadas de bellas pinturas; por essas arcadas passa a procissão ao abrigo das intemperies. Adornam-se todas as casas com sedas, e enchem-se de senhoras; aos homens é prohibido chegar ás janellas [1].»

Basta de descripção. Os porticos do Rocio, as guarnições luxuosas da rua Nova, as illuminações da rua dos Ourives do Ouro, ainda hoje nos commovem na leitura das paginas de Barbosa. A ellas remetto o curioso, e páro aqui, por não alongar demasiado este capitulo accessorio do meu estudo.

O que é certo, é que uma tal e tão apparatosa demonstração publica chamou a Lisboa o termo todo, e boa parte da Provincia. Calcúlo pois, sem custo, o alvoroço com que viriam á procissão as senhoras da quinta de Carnide. Estou a vel-as, lindamente penteadas, e mais hirtas ainda que os gorgorões das suas saias, sentadas nas liteiras, e escoltadas dos seus garbosos cavalleiros, o Morgado e os filhos; estou a vel-as apear na rua Nova ou no Rocio; estou a suppôl-as passando o dia n'alguma casa amiga, cujas janellas, aderessadas de sanefas, lhes tinham sido offerecidas de ante-mão.

Tambem a Rainha, a propria senhora D. Maria Anna de Austria, viu desfilar a procissão de uma janella; sabem d'onde? da casa do Ministro Diogo de Mendoça Côrte-Real.

N'uma cidade então morta, como esta, para a convi-

---

[1] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 123.

vencia publica, e para as diversões ruidosas e alegres das capitaes grandes, foram as solemnidades religiosas attractivo irresistivel de todas as classes. Uma boa festa de egreja, com instrumental e sermão, uma procissão muito falada, com andores, Anjos, e allegorias, deram sempre o maior gosto ao Povo, um gosto salutar, que lhe melhorava a alma, e o chamava para uma ordem de ideias elevada e nobre. Ainda hoje assim é; e muito mais seria, se um jornalismo impio e mofador não andasse a drede subvertendo as crenças, envenenando as aguas, ridiculisando tudo que é santo, e demolindo... sem poder nem saber edificar.

Seria curiosissimo poder averiguar onde as senhoras da Boa Vista assistiram ao desfilar da pompa; conhecer o sitio onde esteve Ignez, e d'onde certamente viu o seu querido Francisco, e ouviu os elogios que á primeira obra portugueza do futuro grande mestre tributaram as pessoas presentes. Tudo isso é hoje impossivel de saber; suppra a imaginação o que falta nos dados historicos.

Imaginemol-as pois em casa de algum Desembargador, ou Commendador, pessoa grave, das relações da familia. Imaginemol-as obsequiadissimas pelas suas hospedeiras, e ostentando ás sacadas as suas galas das modas francezas, obra da celebre modista Charles, ou da Martins, ou da Dias. Vista a procissão, n'essa mesma casa jantam e tomam chá; scena de costumes muito caracteristica em Lisboa. No tempo de Tolentino até se dançava, o que parecia uma especie de profanação, e motivou o lindo soneto que principia

Ainda os vagos ares atroava...

XXXXII

O desempenho artistico de Vieira nas tarefas que lhe foram entregues agradou tanto, que o Rei lhe incumbiu outras obras, entre ellas uns quadros para a Patriarchal. O proprio pintor fala d'esses quadros na sua autobiographia.

Primeiro, o Apostolado. Concluiu-se, e foi collocado *em seus sitios* pelas paredes da sacristia.

Depois, tres quadros para a capella da mesma sacristia: o do meio representava Christo na Cruz, assistido da Virgem, da Magdalena, e de S. João; o do lado do Evangelho, o Senhor preso á columna e açoitado; o do lado da Epistola, o Senhor na via dolorosa, com o Cyreneu e a mulher da Veronica.

Na extremidade de um corredor que levava a esse mencionado altar, outro quadro figurando um *Ecce Homo;* na expressão, e na maneira com que os Judeus cruzavam os dedos, via-se estarem dizendo o terrivel *Crucifige!*

Mais outros tres paineis foram encommendados ao artista, para os vãos de parede fronteiros ás janellas da mesma sacristia; já os esboços se achavam feitos, mas não se chegaram a acabar os quadros; representavam esses esboços o Salvador, acompanhado de varios Anjos, o Evangelista S. Lucas, e o Evangelista S. João.

Diz Taborda que el-Rei D. João V concedeu a Vieira a pensão de 720#000 réis annuaes, devendo o seu trabalho ser-lhe sempre pago em separado. Para esse tempo era isto quasi opulencia. Agrada ver como este Rei bizarro se portou algumas vezes com um talento de tamanho esplendor.

Além d'estas encommendas de muita responsabilidade, teve outras o moço Vieira.

É preciso saber-se, que na Repartição da Moeda (transferida por el-Rei D. João V de onde estava, na freguezia de

S. Julião, por baixo de uma parte do paço da Ribeira, para o sitio da Boa-Vista, em que está, junto ao Tejo, ás Portas do Pó) se trabalhava muito, e muito bem; diz até um escriptor francez d'esse tempo, que as moedas sahiam de lá executadas com tanta nitidez, pelo menos, como as fabricadas em França [1].

Essa perfeição de cunhos, tão admirada dos entendedores nos dobrões, meios-dobrões, e outras *especies* numismaticas, é notoria; parece redundar em gloria de um gravador da casa, chamado Mangin, ou Mangem (salva a orthographia), a quem o nosso Vieira cita.

Conta este ultimo com um mau-humor não habitual, que já por tres vezes certo desenhador allemão tentára retratar de perfil o nosso Rei para o tal Mangem gravar nas moedas, e não conseguira sahir bem da empreza; diz tambem que esse Allemão (não nomeado, mas caracterisado como

duro Cyclope tudesco),

não passava de simples ferreiro, arvorado por si mesmo e pela sua boa sorte, em architecto, e alçado, de mais a mais, á categoria de valido do Monarcha, ou admittido *ao cabimento dos thesouros da graça Real*. Vendo que o joven Vieira, mais perito do que elle, soubera, logo á primeira tentativa, tirar o perfil exacto de seu Amo, ficou despeitado e furioso, e concebeu contra o vencedor um rancor indizivel.

Isto, já se vê, conta o Vieira; eu repito apenas; nem sei quem era o Allemão. Trago este caso aqui de fugida, para mostrar a maneira como o recem-chegado pupillo do Marquez de Abrantes merecia e alcançava com presteza e justiça as suas esporas de cavalleiro.

E é apenas o principio!

---

[1] *On trouve dans la partie orientale, sur le bord du Tage, un hôtel des Monnoyes, où l'on fabrique des espèces avec autant de propreté, au moins, qu'en France.*

Description de la ville de Lisbonne, 1730, pag. 28.

XXXIII

No entretanto, ia o mez de Junho deslizando de vagarinho, e estava a chegar, com o seu arrebol de alegrias, o dia de S. João, o mais popular no calendario poetico do Christianismo. E não admira que assim seja, quando (como crê o nosso bom Povo)

té os Moiros na Moirama
festejam o San-João.

Se os Moiros, com serem perros, o festejam, como não havia de festejal-o a quinta da Boa-Vista, que era christan, e christan-velha dos quatro costados!

Tinha Francisco Vieira recebido recado para lá apparecer n'esse dia sem falta, e instancias para antecipar a sua ida; por fórma que prometteu apparecer desde o dia 21. O pae, esse não o poude acompanhar; tinham-lhe chegado não sei que hospedes, ainda parentes, que o impediram. Foi sósinho o fervoroso amante.

Era esperado (escusado será dizel-o) com a maior anciedade pela affectuosa D. Ignez.

Dia lindo, calmoso, creador. Rutíla de claridade a enorme claraboia azul: toda essa luz vai reflectir-se na alma da donzella.

Escutando distrahido o passo cadenciado do cavallo, vai Francisco, ao longo do caminho da Luz, tão seu conhecido, entregue a pensamentos intraduziveis.

São tres horas da tarde. Inteiro socego no campo, que se desenrola á direita e á esquerda, cortado de sebes, e entresachado de casaes meio atufados entre vinha e oliveiras. Grandes massas de luz intensa restrugem no aloirado das searas, e projectam já algumas sombras da banda do poente.

Abrigados pela aba do tricornio garridamente inclinado sobre a direita, vão aquelles olhos azues vivissimos revelando a anciedade da alma do mancebo. Não é, não, para os arvoredos que elle olha; não lhe importam as frontarias novas de Palhavan, nem o bucolismo do sitio das Laranjeiras ou da Ponta-Velha; o que elle vê no espelho da alma é Ignez, com a sua estatura nobre, a sua cabecinha tão bem posta, os seus cabellos loiros empoados, as suas mãos aristocraticas, e o seu sorriso de Anjo. Isso é que elle vê; isso é que o attrai; isso é que o allucina.

D. Ignez... na sua anciosa espectativa, ora se chega ao peitoril da varanda-coberta que domina a quinta quasi toda, ora das sacadas dos salões estende a vista até alcançar uma nesga de estrada, entre uns massiços de verdura, onde Elle ha-de passar. Interroga com os olhos, e interroga com o ouvido. Os seus pequeninos pés, subtis e diligentes, correm a um lado, a outro. Ora pesquiza uma sombra, que julgou vêr deslisar na azinhaga do Bom-Nome, ao longe; ora se detém, sem respiração, aos sicíos da aragem, que lhe pareceu trazerem-lhe um som de voz muito querido. Espreita, uma e mil vezes, de outra janella, por entre as chilreadas ramarias da alameda, buscando se vê chegar o adorado da sua alma.

De repente, antes mesmo de o vêr, sentiu palpitar-lhe o coração, e um pressentimento segredar-lhe:

— Eil-o! eil-o!

Não se enganou; não ha corações enganados; era elle. Disse então em voz alta para duas creadas que se achavam no mesmo quarto:

— Ai que já lá vem o nosso Vieira, o nosso «Estrangeiro»!...

Ella bem quereria poder dizer o *meu Vieira;* mas disfarçou.

Correram logo as duas á varanda, aberta de par em par sobre a copa do arvoredo; Ignez ficou escondida por traz das raparigas, curiosa, espreitando sem ser vista, e com as mãos poisadas sobre a cintura d'ellas...

Subia a pequeno trote o garboso cavalleiro, e saudou familiarmente com a mão as duas aias, que logo foram espalhar a noticia pela casa toda.

. . . .

O acolhimento que se fez ao hospede foi o mesmo que sempre. Era ali estimado desde pequenino; e (salvas as distancias de casta, muito accentuadas ainda no seculo XVIII) consideravam-n-o todos, até certo ponto, uma especie de parente. «Até certo ponto» — disse eu; e é verdade. Tinham-lhe amizade, mas andava no ar, da parte dos Falcões para com elle, um certo modo protector. É que n'esse tempo ser *Fidalgo da Casa Real* era distincção de alta valia, que sabia acarear os respeitos geraes. Entre os Falcões de Gamboa, netos de um *Cavalleiro da Casa* d'el-Rei D. João II, senhores de vinculos, e riquissimos, e o pobre plebeu Vieira, que por si tinha só o talento, abria-se um abysmo. Imagino, pois, que apesar de o tratarem com affecto, haveria, da parte dos donos da Boa-Vista, uma inconsciente, mas visivel, ostentação de superioridade affavel. Benevolencias de Rei.

São precisas ás vezes minucias microscopicas, para pintar ao vivo taes quadros de familia; sem se descer a pormenores d'este jaez, não se percebe ao certo o logar occupado entre os Falcões pelo Vieira.

Elle não se acha, por mais que o julguemos, em pé de quasi egualdade, como se acharia hoje um pintor talentoso e bem educado admittido á intimidade de um lar de aristocrata; não; a despeito de todo o orgulho nativo em Vieira, a despeito de toda a bonhomia innata em D. Francisca de Almeida, e ainda mais em Francisco Falcão, os morgados ficavam morgados, e o pintor ficava pintor.

Servem éstas observações, talvez importunas, para mostrar quanto não custou de perseverança, de disfarce, e sobre tudo de consciencia da propria dignidade humana, aquelle amor mutuo dos dois namorados. Amavam-se desde pequeninos, e ninguem o suspeitava, e era preciso que nin-

guem o suspeitasse; amavam-se, e iam vendo, assustados, que entre os dois se levantava a muralha da China; amavam-se, e uma voz intima lhes segredava os horrores que os esperavam quando esse amor fosse conhecido; amavam-se, e estavam, sem o saber, inaugurando em Portugal um principio altamente digno: a rehabilitação dos artistas, considerados ainda então *mechanicos* pela rotina official!!

Os dois amantes eram a personificação de duas classes, muito afastadas uma da outra; aproximando-se em nome da sympathia reciproca, pugnavam (pobres creanças inexperientes!) contra o exclusivismo dos foros do sangue perante o merecimento e a virtude. Quem lh'o diria? Se alguem lh'o dissesse, não o comprehenderiam, porque o papel que representavam era involuntario.

Aquelle talentoso rapaz, que tão clara tinha dentro na alma a noção da valia do seu genio, e aquella galante e virtuosa rapariga, que assim acatava o talento, o prestigio da Arte, e a sinceridade do amor, eram, por assim dizer, dois obreiros de um progresso social. Torno a perguntar: Quem lh'o diria? quem lh'o poderia dizer?!

Recebido com a costumada maneira risonha e festiva, á antiga portugueza, teve o Vieira occasião de notar que á amisade com que o tratavam vinha unir-se agora certa consideração, que até ali se lhe não manifestára. Havia o affecto ao antigo frequentador e apaniguado da casa, e havia o respeito (ou como lhe queiram chamar) ao pintor.

Anciosos todos por saber o que se passára com el-Rei D. João V, pediram-lhe, decorridos os primeiros momentos de cordeal recepção, que dissesse o acontecido desde a ultima vez que tinha estado na quinta. Tudo contou elle cheio de prazer, por ver que as altas distincções recebidas do Soberano eram uma especie de brazão, que aos olhos da fidalguinha Ignez nobilitavam o «Estrangeiro».

Entre o antigo e victoriadissimo colorista do jogo da Oca, retratista do Pedro Pescocinho, e o pintor do quadro do Sacramento, retratista d'el-Rei, havia distancia incontestavel. No fundo do coração sentia Ignez ufanias deliciosas.

De todas as ufanias as mais apreciaveis são aquellas, que referimos ao merecimento de pessoa querida.

Falou-se muito; e Vieira, com a sua indole um tanto jactanciosa (perdôem esse leve *senão* aos artistas de alma!) continuou narrando os seus trabalhos em Roma, descrevendo as grandezas de Roma, os palacios historicos delineados por eminentes architectos, as recordações gloriosas do Povo-Rei, as magnificencias da Côrte pontificia, e as victorias d'elle, Vieira, na Academia, onde foi o primeiro portuguez que recebeu a honra de um premio.

Possuia Francisco Falcão certa erudição litteraria; é sabido; essas narrações todas interessavam-n-o, pois lia sempre com gosto livros bons, e escutar é ler. O Morgadinho provavelmente seguia um pouco as pisadas paternas, e ainda se recordaria da sua latinidade com o Padre Capellão, e das suas excursões com elle em Tito Livio, Virgilio, e Eutropio. O Bacharel, cujo horizonte litterario devia ser mais vasto, saboreava com prazer academico as descripções da Cidade Eterna. As tres senhoras acompanhavam com muito interesse a voz do orador.

O caso é, que ao escutarem pasmados aquellas descripções, aquellas novidades inauditas, todos os presentes, sem o quererem, faziam confrontos. Comparavam em espirito a architectura simples do palacio da Boa Vista, com as elegantes e ornadas magnificencias, que Vieira extasiado lhes descrevia, das frontarias da praça Colonna, das fontes e obeliscos da praça Navona, dos marmores da Villa Ludovisi, das pinturas da palacio Barberini, da escalinata da praça de Hespanha, ou das columnatas triumphaes da praça pontifical de S. Pedro!

Os nomes de Miguel Angelo, Palladio, Fontana, ou Vanvitelli, brilhavam, aos olhos dos ouvintes de Vieira, como estrellas de primeira grandeza em noite de verão. Chegavam esses nomes historicos a offuscar o desconhecido mestre-de-obras, que ideára o plano do pesado e vasto palacio dos Falcões.

Teem esse condão as narrações dos viajantes. Á voz

d'elles, baralham-se no espirito dos que ficaram as antigas ideias e apreciações. Ao estacionalismo da Patria veem misturar-se os progressos de fóra.

Et vous avez mêlé la poudre de trois mondes
Aux cendres de mon feu.

Em quanto Francisco Vieira contava e descrevia, quem pensava nos mosaicos dos Principes Romanos, ou nos frescos da Capella Sixtina, olhava insensivelmente para os azulejos dos salões d'aquella quinta, e comparava a exuberancia dos assumptos mythologicos, com a seccura d'aquelles sabidos vazos ornamentaes do azulejo, enquadrados em magros arabescos de flora convencional por ladrilhadores do tempo d'el-Rei Filippe III e João Coelho.

Tudo precisa a sua verdadeira luz. Inundados de relance no sol ideal de Roma, os salões da Boa-Vista, com o seu aspecto essencialmente peninsular, não pareciam os mesmos; pareciam pobres. Em Roma, quadros maravilhosos enchiam altas galerías nobilitadas de pilastras e columnas, e corridas de frisos lavrados. Aqui, paredes caiadas, ou colgadas de damasco desbotado, com esguios tremós doirados, e algum pessimo retrato de avoengo. Em Roma, as tradições millanares de um Povo unico em toda a Historia da Humanidade. Aqui, as recordações modestas de algumas gerações quasi obscuras. Em Roma, a estupenda magnificencia do Patriciado, e da Curia Pontifical. Aqui, um lar afidalgado de alta classe media, ordeiro, abastado para as exigencias da era, e cujas tradições artisticas eram apenas algumas arvores de geração com brazões a côres!

Em geral, nunca foram dotados os Portuguezes com a bossa artistica muito accentuada; o que centuplica o merito aos artistas eminentes desabrochados em Portugal. Mais para espantos é o arbusto, que, semeado pelo acaso em algar abafadiço e pedregoso, hombreia com o tope do oiteiro, do que o cedro colossal, que brotou nos dorsos de uma serra, amimado de aguas correntes, varrido de vento, for-

talecido de bom sol, e chega quasi a topetar com as nuvens.

Contentou-se João Coelho, opulento como era, com a singeleza do portão do seu pateo, com a sobriedade da sua renque de sacadas, e com a seccura quasi monachal da sua capella. Quem sabe mesmo, quantas vezes se não extasiou perante o bem lavrado d'aquella attica, e a rigorosa esquadria d'aquelles cantos de lioz! Porquê? porque vivia aqui; respirava este ar, e o seu *meio* era este; vivia aqui, sob o jugo dos Filippes e da Inquisição, aqui, n'esta terra morta para devaneios artisticos, e onde as harmonicas innovações da Renascença italiana definharam, como tranzidas de susto, e desfecharam na pobreza da nossa architectura, e na largueza apoucada das nossas frontarias, quasi todas. Se João Coelho, ao fundar a sua nobre quinta, vivesse em Florença, em Pisa, em Genova, ou em Roma, já exigiria mais. A melhor educação é a que penetra pelos olhos.

Ora o clarão poetico trazido de relance á quinta da Boa Vista pelas coloridas narrativas de Francisco Vieira, realçava a mesquinhez vasta da casa de Carnide, e reflectia sobre o narrador, que tanto vira e tanto estudara, um singular prestigio.

Depois da sua viagem, depois dos seus triumphos nas Academias de Roma, e emfim depois d'estas suas descripções cheias de alma, Francisco Vieira, no parecer da boa familia dos Falcões, assumia já proporções de gigante.

Falou do Corso; falou do Corso em dia do Carnaval buliçoso que se usa em Roma; espraiou-se a descrever as mascaras pintalgadas, cheias de vida, graciosas, correndo como borboletas doidas n'uma restea de sol; os Scappinos e os Pantalones; descreveu os theatros, cheios de Princezas, e rutilando de luz e flores! Isto na terra gothica do entrudo brutal! isto na cidade dos theatrinhos ignobeis da Moiraria e da rua das Arcas! Aquellas narrações da vida romana, aquellas pinturas vocaes cheias de moderna e estrangeirada elegancia, fascinavam, traziam em si mesmas um retinir de guizos e gargalhadas!...

Com disfarce foi dizendo, que varias arietas italianas populares sabia elle de cór, e bem bonitas, que se usavam ás noites nas serenatas ao som do mandolim. Pediram-lhe que as cantasse; desculpou-se; instaram; rendeu-se, e cantou, com muitos sublinhados na voz. Cantou isto, por exemplo:

Quando da te son lontano,
Sente il mio cor gran tormento!
Quando a te vicino io sono,
Languir di dolcezza il sento.

Tu sei la mia tramontana,
In cui fisso è il mio pensiero!
Sei mio porto, sei mia speme
Fd io son fedel nocchiero!

Estas pobres quadras são muito d'elle; não ha que duvidar.

Nunca os Italianos fizeram settisyllabos sem os pausarem na terceira. Essas redondilhas semi-lusitanas foram lascadas no Parnaso pela enxó litteraria do nosso heroe.

D'onde se prova, que se póde ser «insigne pintor», e até «leal esposo», e não ser insigne poeta, nem mesmo metrificador leal.

XXXIV

Chegou a final a vespera de S. João, esperada em toda a quinta, desde os amos até ao ultimo maltez, mas anciosamente suspirada no fundo de dois corações que o leitor sabe, e eu tambem.

Quem, ao cahir da tarde, passasse por algum d'aquelles cabeços para a banda de Bemfica, avistaria o vulto grandioso do solar da Boa-Vista como que alegre de um sorriso estranho e desacostumado, e illuminado do nosso formo-

sissimo luar. Perceberia aberta a porta da ermida; veria gente no pequenino adro, e alguns ranchos de camponezes e saloios subindo de vagarinho a alameda, ou merendando á sombra dos freixos. Veria escancarado de par em par o portão grande do pateo; e notaria em toda a habitação (com a face cuidadosamente caiada, e as portas e grades das varandas pintadas do antigo verde-gaio nacional) um ar mais alegre e hospitaleiro que de costume.

De quando em quando, sobem ao ar os foguetes a annunciar a festa, e a dizer:

— Vamos, rapazes! vamos raparigas! vai haver fogueira! é vir cantar, tocar, e bailar!

Quem tornasse a passar ao correr do serão, veria no escuro da paizagem a frontaria da quinta, dentro no pateo, illuminada do clarão das fogueiras, e avermelhadas as grimpas do arvoredo. Ressoam em distancia as vozerias, e as guitarras; a abobada escura do ceo, sulcam-n-a de espaco a espaço as linhas serpentinas dos fogos do ar.

Aproximemo-nos. Attrái as vontades um festejo popular; e de mais, bem podemos repetir, com o amoravel espirito de Frei Luiz de Sousa: «É particularidade d'este Santo trazer alegria com suas festas.»

Noite de S. João! Tepido e embalsamado o ar, vestido o ceo de estrellas, cheias as aldeias e os casaes de descantes ao desafio, e aquecidas as almas de innocentes bemquerenças!...

Transposto o portal, eil-o, o pateo, não muito vasto, mas de rasoada capacidade para as danças e folias das cachopas, e corrido de assentos de pedra em toda a volta. Á nossa direita o palacio; em frente e á esquerda as officinas. Ao entrarem o portal, todos se descobrem, e assim ficam descobertos, em signal de respeito aos senhores.

Ha já muita gente. Grupos buliçosos que dançam e cantarolam, rapazes que saltam a fogueira, e parentes, e amigos vindos de Lisboa durante o dia, e que jantaram no palacio.

Algumas das senhoras, em cima, nas varandas, disfru-

ctam a scena; e como o quarto em que estão dá para o côro da ermida, tambem não deixaram de ir lá orar ao Santo orago de ámanhan. Outras desceram para o pateo; poz-se um pedaço de tapete junto á parede, e ali se sentaram em tamboretes de coiro, gosando o fresco.

A ermida abriu-se; e a um lado do altar, n'uma credencia de brocado, toda afoufada de flores, lá está sorrindo, com o seu saial de pegureiro por unico atavío, o vulto juvenil do Precursor.

É bello ver como o lumaréo da fogueira se levanta e crepita em faulhas, sempre que o feitor, com o ar atarefado e vigilante de quem vê presentes os seus amos, dá ordem para se deitarem mais uns braçados de buxo e pinho para o lume. Tem sanhas de grande incendio a fogueira, e é de crer que de leguas em roda se perceba aquelle vermelhejar sinistro.

O Morgadinho, o irmão Bacharel, o Vieira, e mais algum outro da mesma edade, desceram para o pateo, e por ali andam em rancho meio malicioso, observando, falando a uns e outros, e largando seu dito para as raparigas de Caneças, que são tão prasenteiras, para as lavadeirinhas de Odivellas, que teem vozes tão afinadas, para as moças de Bemfica, já quasi reputadas cidadans, ou para as bisonhas casaleiras da Preza ou de Alfornel.

A claridade tem isto comsigo: que attrái e chama os ultimos bichinhos. Quem diz lá que entre os mais diligentes em vir ver a fogueira não concorreu com toda a outra creadagem o nosso Pedro! Lá está elle, com os seus modos de fera prasenteira, sentado no fundo de um cesto vendimo revirado, e intendendo com as cachopas, que lhe dão sota e az, e o atormentam para o ouvir.

Vão foguetes sem conto esfuziando; correm os busca-pés atraz das moçoilas; rabeiam as bichinhas com o seu ar apressado; e os valverdes, ou talvez antes *belverdes* (como escreve Frei Nicolau de Oliveira), corruptella possivel do italiano *belvedere,* espanejam no escuro as suas comas luminosas. É um não acabar de exhibições variadas de fogo

prezo; tudo usanças muito velhas na Peninsula, e a que tenho achado rasto documental, aqui, ali.

Já Court de Gébelin, que era o sonhador mais sagaz que tem vindo ao mundo, um sabio como os não ha hoje, dá nas suas *Allégories Orientales*, algures, que me lembro eu, a origem scientifica das fogueiras do S. João. A mim, importam-me mediocremente essas explicações muito complicadas de usanças tão singelas. Em os sabios me vindo com tão cançadas sabedorias, deixo-os falar, e penso quanto mais me deleitava a mim, no meu tempo, uma alcachofra queimada na meia noite bemdita de 23 de Junho, um gargarejo de agua da fonte, ou uma fogueira bem pulada, do que todos os devaneios arripiados de erudição, com que se pretende achar symbolismos muito serios na historia «da carochinha», ou genealogias ás fogueiras do Santo Baptista!

O que sei, é que entre nós é immemorial esse costume de *brincar com fogo*. Camões menciona os fogos de vista; e Rodrigues Lobo, falando de uns festejos que certos militares fizeram a uma senhora, especifica na sua interessante *Côrte na aldeia* grinaldas de fogos sobre os morriões da soldadesca, bombas nos piques, que pareciam arder até á empunhadura da manopla, *e outros foguetes e invenções de polvora muito aprazíveis.*

Ainda bem que esta quinta dos Falcões era longe e fóra da Capital; se fosse dentro na Cidade, nada d'esta folia que estou descrevendo poderia dar-se, attendendo ás antigas Posturas do Senado, que vedavam a foguetada em Lisboa sob pena de oito dias de prisão e quinhentos reis de multa, Posturas reforçadas pela de 27 de Junho de 1639, que salgava a multa até vinte cruzados, e a prisão até vinte dias!

Uma ordem de 22 de Junho de 1808, expedida pelo chamado Intendente geral da Policia do Reino, um tal P. Lagarde, no tempo da dominação brutal do plebeu tirannete Junot, prohibe se accendam fogueiras, lancem fogos de petardos, morteiros, e bombas, nas ruas e praças publicas de Lisboa na vespera dos Santos de Junho, sob pena de oito

dias de prisão, e uma multa. Para deitar fogos em pateos e jardins era indispensavel licença da Policia [1].

Essas coisas cahiram em desuso; e foi preciso o Edital de 16 de Setembro de 1835, em que a nossa Camara prohibe as fogueiras na rua; e foi preciso mais outro Edital do Governador Civil Conde do Sobral, impedindo dentro das portas fiscaes os foguetes e outros fogos aereos.

Tudo isso é sensatissimo; não ha duvida; mas para uma quinta isolada, larga, e cheia de gente, não se legisla; deixa-se brincar essa creançada. E quando digo *creançada*, envolvo tudo, amos e creados, velhos e novos; na noite de S. João todos remoçam.

Mas basta de datas, citações, e digressões. Não me quero eu incurso nas mesmas séccas que reprovei ainda agora.

Visto o que havia que ver, admirados os portentos dos fogueteiros de Lisboa, e a final apagados os fogos, menos o da fogueira, e accezo a ella o rastilho de muitos amoricos aldeãos nos olhos de todo aquelle enxame de camponezas bonitas, chegou mais uma vez á janella o velho Morgado. Percebe-se-lhe de longe o vulto, pelo seu ar elegante e composto. Aquella véstia cinge-lhe bem a cintura; aquella casaca de seda côr de pulga, com punhos muito grandes, cái como deve cahir; e as guinguetas da cabelleira molduram-lhe com graça o rosto rapado e finissimo. Olha para baixo, e procura no pateo, pondo a mão adiante dos olhos:

— Ó Francisco! — diz elle de lá para o Vieirinha — tu não cantas?

— Eu, snr. Morgado?! ha por aqui melhores cantadores do que eu; e onde vai gallo de fama, não tem pinto que fazer.

— Vamos, Francisquinho! não se faça rogado! cá estamos todos para o ouvir! e para o acompanhar! — insistiam os filhos da casa.

— Pois onde estão as banzas? — perguntava o Morgado.

---

[1] *Gazeta de Lisboa* — n.º 25, de 22 de Junho de 1808.

— Eu estou prompto, sr. Morgado, se V. M.cê manda— bradava o Vieira.—Proponho uns córos, e eu darei o alamiré.

— Está dito — responderam todos.

— Façam lá isso como quizerem — assentia com bondade paternal o velho Falcão, puchando uma cadeira de espaldas e pregaria amarella, e sentando-se á varanda para ouvir melhor.— Comtanto que nos cantem alguma coisa. Vamos a isso.

As danças para o outro lado do pateo não amainavam. Os cavaquinhos e um flautim pastoril faziam de orchestra, e levavam n'um rodopío alegre os fandangos mais pulados. A Morgada, com o seu ar impaciente e insoffrido, dizia:

— Ora vejam aquillo! não se calam aquelles semsaborões! como havemos nós de ouvir cantar com aquella algazarra! Sempre tens coisas!...

E impertigava-se furiosa, olhando de lado para o marido (que ella aliás adorava).

— Como queres tu, filha, — atalhava Francisco Falcão com toda a sua bonhomia attenciosa — Como queres que elles saibam de que se trata, se não ouviram a nossa conversação, e estão lá entretidos longe?

— Pois vou mandal-os calar, e já — contestava D. Francisca, com o tom peremptorio de um capitão que vai mandar fuzilar uma companhia inteira.

— Deixa-os por minha conta — respondia sorrindo o Morgado. — Eu já os calo.

N'isto, chamou o feitor a baixo da janella, e disse-lhe em voz rapida o que quer que fosse. Não tardou o feitor em desaferrolhar a adega, e em sacar de lá um pipote de bom vinho, que bem pregoava (pelas boccas alheias) o que valia a uva d'aquellas encostas. Bastou essa ideia do Morgado, mais luminosa que os seus valverdes, para crear na turba um enthusiasmo contagioso. Calaram-se os pifanos, e começou o termo tinto a circular de mão em mão n'uma grande malga, e a desatar em chistes e risos aquella população expansiva.

— Viva o sr. Morgado! — gritaram uns.

— Viva!!!... — responderam todos.

— Obrigado, rapazes. Mas agora caluda; peço-lh'o eu — dizia com o seu modo digno Francisco Falcão de Gamboa. — Agora vamos a ouvir quatro trovas a estes senhores. Já ahi estão as guitarras?

— Já cá está tudo, meu Pae — respondia de baixo o Morgadinho. — Ó Francisco Vieira, vamos a isto.

Por baixo das janellas occupadas pelas fidalgas, fez-se um grande circulo. Vieira ao meio, e os dois rapazes Falcões aos lados, empunharam com arreganho as banzas de Braga, e de pé cruzado, desempenados, virados para as senhoras, começaram de concerto a arranhar os accordes lacrimosos e dulcissimos de um fado. Logo depois, no meio do silencio geral, entrou Vieira a cantar, com a sua voz fresca e cheia de côr, algumas das nossas trovas nacionaes, tão singelas, e sempre tão bemvindas!...

Eu não sei o que teem aquellas musicas de quatro notas; poderão não valer um seitil na cotação dos maestros; mas sei que muita vez me deixa frio uma opera, e nunca deixou de me enthusiasmar uma *Marianita*, ou uma *Merciana*, cantada de ronda, ao luar, por esses casaes da serra do Monsanto, ou por essas quintas dos Olivaes. Muita vez não attendo ás prodigiosas difficuldades de um equilibrista e prestidigitador do piano, mas páro sempre, de ouvido álerta, para escutar uma guitarra solitaria que vai passando no Tejo, á noite, ao longo do Aterro ou do Caes do Sodré.

Que é aquillo? é arte? não sei; é sentimento, e basta.

Que são os pirilampos? são fogo? não; mas são luz; isso são; e bastam para enfeitar com estrellinhas a seu modo a abobada das noites.

Aquellas quadras são pobrissimas; nenhum poeta de cunho se dignaria de assignal-as; mas n'aquellas obras minimas da arte dos pobres e dos ignorantes ha uma suavidade de côr, e um vago de contornos, que é uma delicia. O pensamento é singelo; a fórma é vulgar; mas esse pensamento é verdadeiro, e essa fórma é musical. Aquillo não cança, e commove; commove por si, e pelas recordações. Quem disser

que não temos musica e poesia popular, defrauda-nos do que é muito nosso. Temos pouco, mas alguma coisa é.

Quando nas Matinas ou na Missa do Natal se ouvem no orgam, em registo de clarinete, algumas das nossas melopêas populares, ha um frémito de alegria no povo. Quando Taborda cantava na comediasita *Ditoso fado* algumas quadras á viola, o publico em altos gritos pedia mais, e mais, e mais, e o grande, o incomparavel Taborda, enfiava centenares de quadras entre applausos. A bordo de um paquete estrangeiro, uma vez, em viagem do Cabo da Boa Esperança, peguei n'uma guitarra, e sosinho comecei a repetir uns pobres fadinhos da Moiraria. Pois não pude ir ávante; restitui a guitarra ao dono, e tive de me afastar.

N'aquella noite de S. João na quinta da Boa-Vista, n'aquella disposição de todos expansiva e alegre, calculemos portanto o que seria de commovente a voz do «Estrangeiro», entoando, respondido pelos córos, algumas quadras portuguezas muito amorosas, n'aquelle pateo senhoril e aldeão, entre o rumorejar d'aquellas arvores portuguezas, entre gente portugueza de lei, que o entendia e o amava!

Resta-me a pena de não saber o que elle cantou. Sei que entrou muito pela noite velha a cantoria; sei que se improvisaram ao desafio coisas mais ou menos semsabores, mas que faziam rir, e entretinham. Foram ephemeras? e que ha n'este mundo que o não seja? A Iliada e a Odyssêa parecem-nos eternas... porque as contemplâmos no fundo da sua pequenina eternidade de poucos milhares de janeiros. Desenganemo-nos: tanto dura o cedro do Líbano, como a herva do telhado.

Depois de certa hora, mandou-se fechar a capella; signal de despedida. Foram-se todos; e o Morgadinho, ao recolher-se para casa, com um apetite devorador para a ceia, entregou a viola a uma das aias de suas irmans, e disse:

— Ó rapariga, guarda lá a minha banza; ámanhan m'a darás; ouviste?

Abriu-se a casa de jantar. As perdizes, os pombos, e os coelhos bravos das encostas da Paian, representaram con-

dignamente os seus papeis posthumos, estofados ou recheados, com môlho ou sem môlho.

Recolhido cada qual, amos e hospedes, suspeito que duas almas houve... que velaram entre suspiros o resto da noite!...

XXXV

Antes que o sol do dia 24 doirasse os altos loireiros da quinta, já Francisco, cheio de anciedade, e não podendo parar no leito, se levantou pé ante pé. Quem tem amores não dorme.

Ficava o seu quarto a um canto do pateo, com sahida para elle, e communicação para dentro da casa. Passou para o pateo, e d'ahi para a quinta.

Não avaliemos o que ella fosse em 1719, pelo que é hoje. Meio desamparada e deshabitada, perdeu os seus antigos enfeites; os pomares, levou-os o bicho; os vinhedos .. anda a phylloxera a conta com elles; e a ausencia dos actuaes donos, netos dos antigos, não contribuiu pouco para o desamparo e tristeza d'aquella rica peça rural.

Antigamente porém era outra coisa. Imagino bem! Ruas de sombra, muita vinha, pomares de espinho e caroço, matta, aguas correntes, e até uma parte (que ainda hoje se percebe ao longo da estrada da Pontinha) ajardinada para regalo, com um mirante onde se lê a data 1622.

Andou Francisco divagando, gosando o ar matinal, e contemplando com os seus olhos de pintor, lá para o nascente, o clarear intenso dos horizontes. Aquella frescura da aragem restaurava-o do cançasso de uma noite em claro.

Foi, por desfastio, apanhando flores; e com a sua habilidade costumada fez tres grinaldas, que destinou ás senhoras.

Não se podia ser mais elegantemente obsequioso; não é verdade? Misturou boninas varias sobre um fundo de alecrim; mas na grinalda destinada á sua Ignez avultava, como que ao acaso, o amor perfeito.

Ella entendeu á legua a intenção; oh! se entendeu! O que não entendem os namorados! e sobre tudo as namoradas!!

O almoço foi tarde, e as Missas foram tarde. Digo *as Missas*, porque, além da dedicada a S. João, ouve outra de obrigação por alma de João Coelho, segundo clausula testamentaria, exarada, como já o leitor viu, no seu epitaphio, que exigia esse suffragio em todos os Domingos e dias santificados do anno.

A Missa do S. João foi *solemne;* deliciosa occasião pois para o encontro demorado dos dois amantes no templosinho. Pareceu-lhes que a Senhora os abençoava.

Uma Missa solemne é, nas casas que possuem ermida propria, acontecimento muito agradavel. Depois da festa, commenta-se tudo, e na devoção entrelaça-se o nobre orgulho satisfeito dos amphitriões. N'um dos Discursos das suas *Prosas Eucharisticas* demonstra Bluteau, que a população lisboeta é uma das mais pias da Christandade; verdade seja que se referia ao seu tempo, e não contava com a suppressão iniqua dos conventos, nem com os desmandos da liberdade de imprensa. No seculo XVII, em 1632, quando sahia á luz o Tomo III da *Monarchia Lusitana,* diz Frei Antonio Brandão que era Lisboa afamada pelo esplendor com que celebrava as festas do culto catholico; só *em aromas e cheiros das Egrejas* (luxo desconhecido hoje) se gastavam por anno para mais de vinte mil cruzados! Por este singelo pormenor se avalia o resto; e por ahi se aprecia o que poderia ser uma festa de egreja em casa dos Morgados da Boa Vista!

Esteve tudo muito brilhante; correu tudo ás maravilhas; houve occasião de se estreiar tal ou tal toalha bordada pelas finas mãos de Ignez, que toda se empenhava em querer ser artista; admirou-se uma casúla rica, enfeitada pela agulha diligente de Margarida; vieram de Lisboa cantores muito

especiaes, que os havia *di primo cartello*, creados na boa escola dos mosteiros; o Capellão da casa celebrou, officiado de dois collegas, talvez Freires da Luz. Foi um gosto seraphico para todos a pontualidade das pragmaticas liturgicas, o bem concertado dos accordes vocaes, e o mavioso arranque dos solos! Na tribuna assistiu a familia, e os muito intimos. Estou a ver o Morgado, com o seu rosario na mão, todo serio e palaciano, retrahindo-se para o lado a fim de dar melhor logar a alguma visita, que lh'o agradece com uma profunda cortezia em silencio. Estou a ver D. Francisca ajoelhada entre as filhas, não as perdendo de vista, e dominando os grupos com o seu ar majestoso. Estou a ver Ignez, pallida da vigilia, fronte inclinada sobre o livrinho, e sentindo adejar a alma n'um mundo novo e delicioso de innocencia. Estou a ver, emfim, o nosso artista, todo elle commoção, todo elle mysticismo, e todo elle amor!...

. . . .

Para quem a saiba comprehender e apreciar, é uma festa religiosa espectaculo de extraordinaria e commovente belleza. Tem a musica sacra (como a oratoria sacra) envergadura de azas muito mais ampla e poderosa, que a profana oratoria e musica.

Á luz da Fé, a mulher querida, avistada atravez da atmosphera ennevoada do incenso, toma proporções de Archanjo. Por isso, no templo, o amor puro e honesto não é profanação; é um culto sui-generis ao Creador do Bello.

Tal era o amor de Ignez e de Francisco Vieira.

. . . .

XXXVI

Depois do jantar, que se serviu pelas duas horas da tarde, foi tudo dormir a sésta. Bem precisados estavam de somno aquelles cerebros.

Ora aqui aconteceu um caso, decisivo na existencia dos dois amantes. O autor ao contal-o invoca Eráto; eu não me atrevo a tanto; invoco apenas a paciencia e a attenção do meu leitor, se acaso tenho leitor, o que será para mim o mais agradavel dos espantos.

Gósto immenso dos dias santificados no campo; ha n'elles uma feição especial. Entre todos é feiticeiro o dia de S. João. Descança a faina das lavoiras; e as searas, já amarellas, siciam á espera do ceifeiro. O silencio rural dos dias santificados, aquella motivada e devota interrupção das tarefas agricolas, tem o que quer que seja de serena bemquerença. Aquella solidão das hortas e dos casaes é uma companhia; é, porque nos recorda a união de muitas almas no mesmo rapto espiritualista.

Ao socego proprio do dia santo, accrescia então na casa da Boa Vista o da hora suave da sésta. Em signal de silencio, tinha-se fechado por dentro a porta grande do pateo. Repoisava o palacio inteiro. Engano-me: não repoisava Ignez. Recostada sobre o leito, na camara onde habitava juntamente com a irman, toda se desvelava em descobrir maneira de dizer a Francisco uma palavra ao menos. E tambem elle não conseguia conciliar o somno, esbrazeado como estava!

Conforme acima disse, hospedara-se o joven pintor n'um pequenino quarto com serventia para o pateo. Não podendo dormir, que fez? pegou n'um livro, e sahiu. Olhou em volta, procurou os assentos de pedra do lado da sombra, estirou-se

n'um d'elles muito á vontade, com a face encostada entre as mãos, e pôz-se a ler. Um livro italiano; versos; versos amorosos; os amores de Psyche.

Tarde amenissima; placidez completa na atmosphera; tudo dizia com uma leitura do conto mais elegante de toda a antiguidade. E assim esteve Vieira muito tempo.

Aconteceu que a expertissima Catherina Margarida, creada de D. Ignez, chegando por acaso a uma das janellas do pateo, viu o attento leitor todo absorvido. Achou graça; e como certamente maliciava já aquella mutua sympathia, foi-se direita ao quarto de sua ama com tenção de a desinquietar. Abriu muito de vagarinho a porta; a janella fechada deixava a camara em penumbra; n'um dos leitos descançava D. Margarida dormindo a somno solto; no outro velava D. Ignez.

Apenas esta viu a rapariga entreabrindo muitissimo cautelosa a porta, sem fazer bulha, e espreitando-a, perguntou de lá baixinho, com certo sobre-salto:

— Que queres tu, Catherina?

A rapariga aproximou-se do leito pé ante pé; e córando ajoelhou ao-pé de sua ama, fitando n'ella os olhos a sorrir.

— O que é? — tornou a perguntar Ignez levantando a cabeça, e sorrindo tambem.

— Ó minha senhora! — murmurava baixinho a ladina emissaria — Se soubesse! O snr. Vieira está deitado n'um banco do pateo.... a ler.

— E então isso que tem? — perguntou Ignez com visivel commoção na voz.

— Não tem nada — replicou a outra n'um tom muito sumido ao ouvido da ama. — Não quer vir espreital-o?

— Eu? — tornou esta confusa — Para quê?

Mas foi-se logo levantando, e ambas em bicos de pés, sem fazer o minimo ruido, deslizaram pelo quarto, sahiram para o corredor, e desceram.

— Onde está elle então?

— Ali, minha senhora.

Foram-se a uma varanda, e sem ser vistas, nem sonha-

das sequer, contemplaram o desprecatado leitor dos versos. Diana, e Endymião.

— Era melhor — dizia Ignez — que em logar de estar a ler, nos estivesse cantando alguma d'aquellas lindas arias que elle sabe, e nós ouvindo-o. Ai! eu não sei que feitiços que elle tem na voz!...

E assim o estiveram as duas commentando, e sorrindo....

E diz de repente a creadinha:

— Ó senhora D. Ignez! eu tambem tinha tanto gosto em o ouvir! Deixe-me V. M.[cê] dizer-lhe uma coisa: podemos chamar mais uma ou duas pessoas, descemos todas juntas lá a baixo á entrada, eu saio fóra ao pateo, chamo o snr. Vieira, levo a viola que os manos me deram hontem á noite para guardar, e.... e elle canta.

Aquellas tentadoras falas da sereia foram como um sopro da aragem por sobre áscuas vivas. Sorrindo-se Ignez com aquelle ar franco e aberto que ella tinha, que parecia um raio de sol, encheu-se-lhe o rosto de rubor infantil; e hesitando primeiro, e pegando depois na mão da sua instigadora, respondeu-lhe com maliciosa alegria, e em voz encoberta:

— Acertaste; tens razão; assim mesmo é que ha-de ser. Vae chamar a minha ama, por ser de idade, e mais a Joanninha. Anda, avia-te; vae n'um pé, e vem no outro. Eu cá vou descendo.

E ao proferir estas palavras, tremia-lhe a voz, como se commettesse um crime.

Tudo isto correu tão rapido, que não admittiu reflexão. Ignez foi descendo, e a pouco espaço alcançou-a a ama, pessoa de porte e séria, mas doida pela sua menina, e as duas complices juvenís d'aquella imprudencia; todas sem rumor e em passo leve.

— Ó ama, — dizia a gentil donzella agarrando-se á boa mulher, e como que justificando-se de uma culpa (de que ninguem aliás a accusava) — vamos ouvir cantar o nosso Vieira como hontem á noite. Bem vê que não ha mal nenhum n'isto. Venha, venha.

— Eu vou, minha menina, eu vou. Não me parece que seja culpa de costa arriba ouvir cantar, Deus me perdôe.... Que eu por mim....

Agora descreverei em duas palavras a loja de entrada, ou vestibulo, para onde as quatro se dirigiam, e por onde se penetrava do pateo no palacio; é indispensavel esse pormenor topographico.

Abre-se sobre o pateo uma porta larga de dois batentes, que dá para um vestibulo; esse vestibulo é uma especie de sala, corrida de azulejo, e pouco allumiada. Correspondendo á porta de entrada ha outra, em plano mais alto, para a qual dão tres degraus largos, com um patamar em cima, cuja planta fórma um trapesio de dois angulos obtusos. A diante d'esses degraus, em baixo, defronte do portal da entrada, havia um guarda-vento, que resguardava do frio a porta interior. Uma vez, ha muitos annos, examinando attentissimamente o palacio, e cotejando-o com algumas descripções minuciosas do livro do Vieira, vi no chão os restos das ferragens, e os vestigios evidentes do guarda-vento, que já tinha desapparecido.

São indispensaveis estas bagatellas para se perceber ao certo a scena intima que vou narrar; e tão necessarias as julgou para a sua historia o protagonista, que as fixou n'estes versos, que parecem photographia:

Pararam lá finalmente
onde havia um guarda-vento,
que da penultima porta
condecorava o ingresso.

Atraz do mesmo anteparo
um patamal nada estreito
ficava, do qual desciam
tres degraus ao pavimento.

E disse Ignez, em tom affectadamente natural, á creada mais idosa:

— Ó ama, chegue á porta, e diga ao Vieira se faz favor de aqui vir.

— Sim, menina.

A *dueña* assomou-se á porta do pateo, e com o seu modo recolhido e serio fez signal a Vieira. Elle, sem perceber para que o chamavam, poisou o livro na bancada de pedra, e correu ao chamamento.

— O que é, senhora ama?

— Faz favor de entrar?

Ao penetrar na loja o moço artista, viu logo, para lá do guarda-vento, sobre o patamal, como sobre um plintho, a esbelta figura de Ignez, muito córada e compromettida, com a guitarra na mão; as duas raparigas por traz, curiosas e sorrindo, e a ama em baixo requintando muito a proposito a sua seriedade. Todo o grupo ficou uns segundos indeciso, como paralysado. Os corações dos dois amantes pulavam-lhes até á bocca. Aproximou-se Francisco, tambem muito córado, e dobrou o joelho, como comprimentando a gentil senhorita. Esta adiantou-se, desceu um degrau, e disse, balbuciando:

— Ó snr. Francisco Vieira... nós gostámos tanto... a minh'ama gostou tanto de o ouvir hontem... não é verdade, ama? gostámos todas tanto de o ouvir, a noite passada, cantar aquelle romance das Saudades... que lhe pediamos... se o repetia outra vez...

E estendia-lhe o instrumento, trémula, e redobrando de rubor.

Francisco, tão timido como ella, pegou na viola.

— Minha senhora do meu maior respeito, sabe Vossa Mercê que sempre desejo cumprir ordens suas... mas...

— Ande, faça o que lhe pedimos — atalhou ella, tomando por disfarce um modo sobranceiro. — Nada mais natural. Gostámos muito de o ouvir. Não é verdade, ama?

— É sim, menina — murmurou a excellente velha com um leve amuo de meio arrependida.

N'isto D. Ignez, que recuperára algum sangue frio, sentou-se no degrau mais alto, as tres creadas no seguinte, e Francisco, encruzando um pouco a perna, e aconchegando ao peito a guitarra, tomou logar no degrau inferior. (Está-me

lembrando Fabiano aos pés da Rainha Maria de Inglaterra).

Houve um silencio demorado.

Ignez, por compostura, endireitava uns tufos da saia, e alisava o guarda-pé; a ama baixava os olhos, e mentalmente invocava n'aquelle aperto S. Lourenço de Carnide; as duas moçoilas sorriam, e acotovelavam-se. O artista, de olhos baixos, afinava o bordão de prima, que não tinha nada que afinar, e corria com os dedos experientes as toeiras, vibrando logo não sei que fundos e melancolicos harpejos, que chegavam ao coração.

Passadas as primeiras volatas, tão abafadas quanto possivel, começou a meia voz o seu *rimance* das Saudades. Cantado isso, e cantada depois uma xácara de certos amores encobertos, com muitas demonstrações do applauso das ouvintes, disse D. Ignez, já de todo recobrada do susto, e apossada da sua experteza habitual:

— Ai que sêde que eu tenho!

— É do calor, menina — observou a ama com muito criterio.

— Ha-de ser, ha-de. Ó minh'ama, faz-me um favor? chegue-me a buscar um pucaro de agua, sim?

— Pois não, menina!

Ignez viu sahir a ama, que abalou na firme convicção de ter deixado a menina bem acompanhada.

— Mas agua sem algum bocadinho de doce para fazer bocca, não é tão bom — continuou a astuciosa fidalguinha. — Vão-me Vocês duas lá acima ao quarto da costura; aqui teem as chaves do armarinho; tragam-me de lá um cuvilhete de chila.

— Sim, minha senhora.

Dito e feito. A ama para um lado com o seu passo ronceiro; as duas andorinhas para o outro lado, ao tal quarto, que era distante, e ao cabo de compridas escadas. Ficaram sós Ignez e Francisco.

Agora, sim, agora é que eu invoco Eráto e todas as deusas e deuses da côrte d'el-Rei Jupiter. Valham-me as

Interior do pateo do palacio dos Falcões. A porta grande á esquerda abria para o vestibulo, ou loja, que dava ingresso para o palacio; ao fundo d'esse vestibulo era a escada de quatro degraus onde se passou a scena da guitarra e do desmaio. A porta estreita do lado direito, sobre seis degraus, deveu ser a do quarto onde costumava pernoitar Francisco Vieira. Esta fachada foi arreada antes de 1894. Desenho á penna por Julio de Castilho em 7 de Novembro de 1861.

lembrando Falstaff aos pés da Rainha Maria de Inglaterra).

Houve um silêncio demorado.

Ignez, por compostura, endireitava uns tufos da saia, e alisava o guarda-pé; a ama baixava os olhos, e mentalmente invocava n'aquelle aperto S. Lourenço de Carnide; as duas moçoilas sorriam e acotovelavam-se. O artista, de olhos baixos [illegible] que [illegible] violan- do [illegible] melancolicos [illegible] que [illegible] muito pos- [illegible] saudades. [illegible] uma xácara de certos amores [illegible], com [illegible] demonstrações do applauso das ouvintes, disse D. Ignez, já de todo recobrada do susto, e apossada da sua esperteza habitual:

— Ai que sêde que eu tenho!

— É do calor, menina — observou a ama com muito criterio.

— Ha-de ser, ha-de. Ó minh'ama, faz-me um favor? chegue-me a buscar um pucaro de agua, sim?

— Pois não, menina!

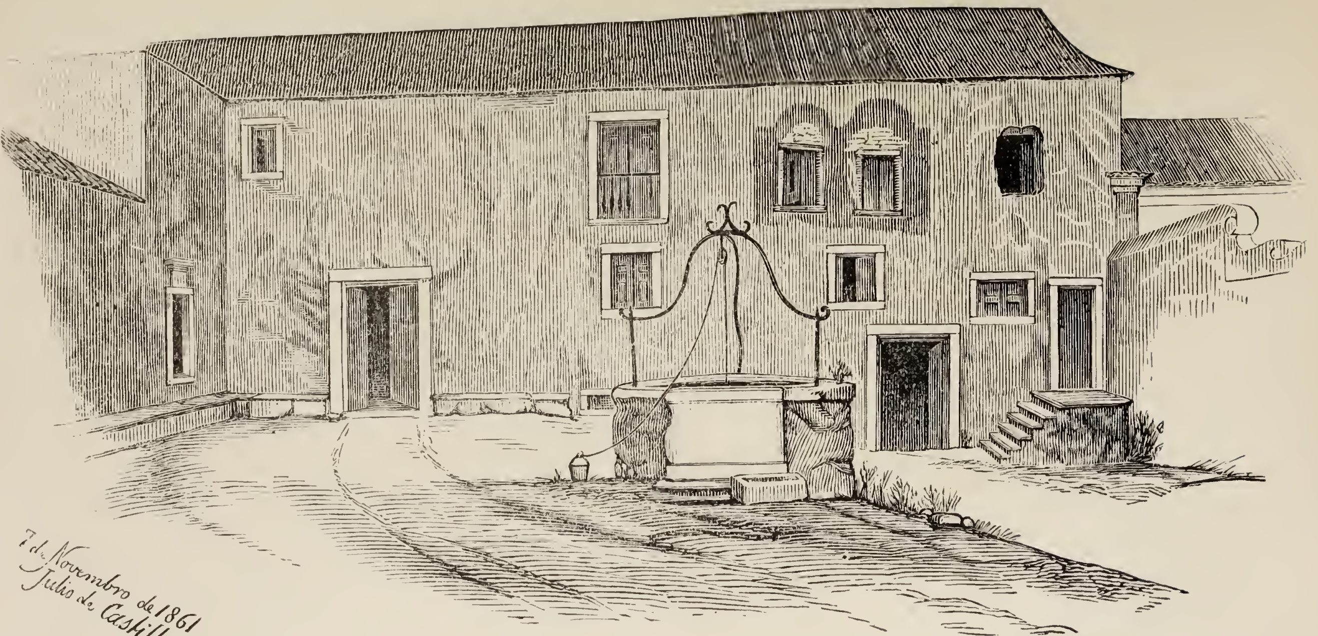
Ignez viu sahir a ama, que abalou na firme convicção de ter deixado a menina bem acompanhada.

— Mas agua sem algum bocadinho de doce para fazer bocca, não é tão bom — continuou a astuciosa fidalguinha. — Vão-me Vocês duas lá acima ao quarto da costura; aqui teem as chaves do armarinho; tragam-me de lá um euvilhete de ginja.

— Sim, minha senhora.

Dito e feito. A ama para um lado com o seu passo ronceiro, as duas andorinhas para o outro lado, ao tal quarto, que era distante, e ao cabo de compridas escadas. Ficaram sós Ignez e Francisco.

Agora, sim, agora é que eu invoco Erato e todas as [illegible] da côrte d'el-Rei Jupiter. Valham-me as


7 de Novembro de 1861
Julio de Castilho

nove Musas ao menos. Ou antes: escusam-me de valer-me; eu nem intento descrever aquelles momentos electricos.

—Meu Francisco!—disse ella, pegando-lhe na mão, e apertando-a ao peito—Ainda bem que nos achâmos sósinhos um minuto sequer! Bem sabes, adorado da minh'alma, quanto sou tua. Dize-me: dize-me se me amas sempre!...

—Ignez, querida filha da minh'alma! Ignez!—balbuciava elle cobrindo de beijos soffregos aquellas mãos—Ignez querida e adorada!

E não poude accrescentar palavra; faltava-lhe a respiração; e n'uma syncope nervosa, descórando de repente, fechou os olhos, descahiu para traz amparado por ella, banhado em suor frío, e ficou sem sentidos. Ignez, no auge da afflicção, cheia de susto e remorso, agarrou-o, encostando a cabeça d'elle ao seu proprio collo, tremula de pavor, e amimava-o em delirio!...

Tornaram as tres creadas, e ficaram passadas de medo.

—É um accidente—explicava D. Ignez falando muito á pressa, e com um riso nervoso muito forçado—Vocês fiquem sabendo: isto é um accidente. Jesus da minh'alma! Santa Rita de Cassia! Santo Nome de Jesus! Vocês não digam nada; é um accidente; costuma-lhe dar isto; pobre rapaz!

Francisco voltava a si, graças a uns borrifos de agua fria no rosto. Deu-lhe Ignez, ella propria, por sua mão, alguns goles, limpou-lhe a testa, e quando o viu melhor recommendou-lhe muito cuidado; e pondo-se em pé de repente, muito pallida, parecendo crescer de estatura, e tomando sem transição outro ar, muito natural e secco, quasi altivo, disse despedindo-o:

—Ó sr. Vieira, recolha-se ao seu quarto. Isto é do calor, de certo; não acha? Deus queira que se ache bom logo. E muito obrigada pela sua condescendencia; ouviu?

E desappareceu, como uma visão de contos de fadas..

....

XXXVII

D'aquelle momento em diante fez crise o amor violento e segurissimo dos dois namorados. Já não podiam estar sem inventar pretextos para se verem; e tão disfarçadamente se portaram, que ninguem suspeitou o acontecido. As tres creadas, essas, por interesse proprio, realisaram a maior difficuldade para boccas femininas da sua classe: guardaram segredo.

Foi este o periodo psychologico, em que tomaram forma definitiva os castos amores de Vieira e D. Ignez.

Os primeiros annos tinham sido o desabrochar da flor. A ausencia em Roma, tão laboriosa para ambos, deu pela saudade força nova ao seu affecto. Quando outra vez se encontraram, na tornada de Francisco á Boa-Vista, reputaram-se noivos.

Depois, as minimas minucias da vida conspiraram em favor d'elles; era tudo a confirmal-os na sua affeição: as conversações ás claras nos ricos aposentos dos Falcões; as meias palavras n'alguma despedida rapida para Lisboa; os elogios que se faziam ao talento d'elle; as modinhas que elle cantava tão bem á espinheta da sala de damasco, e que ella applaudia com sorrisos; uns furtivos colloquios casuaes, das varandas para a quinta, por noites de lua; as guitarradas no pateo, aquellas melodias sentimentaes em que elle primava; os livros emprestados mutuamente, e a drede marcados com mil intenções occultas; os passeios em rancho com Ignez, Margarida, e os irmãos, á tarde, pelas ruas do parreiral, ou nas veredas de pé-posto entre as seáras, em silencio, ouvindo os ralos; os jogos de prendas sempre infantis e alegres; uma ou outra buliçosa cavalgada, de manhan, com a nobre familia, ás romarias do arredor, á Azenha velha, aos Enfer-

mos, a Odivellas!.... mil e mil coisas, emfim, que a pouco e pouco os foram entranhando voluptuosamente na mais doce das familiaridades, n'um profundo conhecimento reciproco, e n'uma franqueza inconsciente e fraternal, que era quasi um parentesco.

Entraram Ignez e Francisco a escrever-se a miude, e arranjaram mil occasiões novas de se encontrar. Deu elle á donzella um tinteirinho romano de prata pequenino, em fórma de tubo, que fechava hermeticamente, e em qualquer parte se escondia; deu-lhe tambem papel, que ella cuidadosa recatava. Apezar de todas essas *facilidades*, quiz Deus proteger aquelles dois, e pôz sempre os seus honestissimos amores sob a vigilancia da virtude.

Desde 24 até 29, dia de S. Pedro, continuou Vieira na Boa Vista; a sua tenção era ausentar-se na noite de 29 para 30.

N'um momento furtivo, em que Ignez conseguiu chegar a uma das varandas, e chamar para baixo o Vieira, que passeava, disse-lhe ella;

—Sabes, Francisco? estou-me com medo á nossa despedida. Agora que nos entendemos tão bem, e que já não precisamos aproveitar até aos ultimos minutos, lembra-me uma coisa: evitar que nos vejam na hora da tua saida para Lisboa.

—Mas como poderá ser?...

—Escuta:—continuava ella, debruçando-se da sacada—Em quanto eu não souber que partiste, não quero nem vir a baixo, nem sahir fóra do meu quarto. Darei a crer que estou incommodada. Só assim poderemos livrar-nos do perigo de ser conhecidos. Não achas justo?

Concordaram n'isso.

Vinha a aproximar-se a hora da ceia; recolheu-se Ignez, dizendo ás suas aias que se não sentia muito bem.

—O que é, minha senhora?—interrogavam ellas cheias de susto.

—Ai isso é que eu não sei. Não me sinto nada boa. Doe-me todo o interior.

E mostrando grande afflicção, e torcendo o gentil corpo, figurava tanto á propria o seu papel, que enganaria a um *physico*.

Faz-se ideia do reboliço. Francisco Falcão, affectuoso como era sempre, não se tirava de junto da filha; ora sentado n'uma cadeira á cabeceira do leito, ora á borda da cama, todo curvado sobre a astuciosa moça... (Deus lhe perdôe!) perguntava, tornava a perguntar, tomava-lhe o pulso, passava-lhe a mão na testa, e procurava ler nas physionomias alheias. D. Francisca era incançavel, ella é que determinava, ella é que receitava umas papas, ella é que ia á cosinha fazer um chá de herva cidreira, ella é que por suas mãos punha uns synapismos, ella é que ralhava, desanimava, e animava. Margarida, a boa irman, que nada tinha percebido, succumbira e chorava. Os irmãos vinham ver, com caras serias.

Francisco Vieira informava-se de longe pelas aias, e desejava (com toda a hypocrisia amorosa)... as melhoras de Sua Mercê.

Ignez, verdade verdade, estava já arrependida do susto que assim causava, e teve de confessar melhoras para que a deixassem em paz, e socegassem todos tambem. Quando soube que Francisco depois da ceia tinha partido, melhorou muito mais, e passou bem o resto da noite.

XXXVIII

Aqui entra a menção seguinte:

Em 22 de Outubro de 1719 foi Vieira nomeado membro da Irmandade lisbonense de S. Lucas. No anno seguinte fez parte do conselho administrativo.

Fôra no anno de 1609, que, no Convento da Annun-

ciada, se erigiu esta notavel Irmandade, com o compromisso approvado pelo Arcebispo D. Miguel de Castro.

«Esta Confraria — diz o meu antigo mestre Francisco de Assis Rodrigues no seu bello *Diccionario technico e historico* — «em conformidade dos estatutos admittia no seu gremio pintores, escultores, architectos, e gravadores, e dava varias providencias sobre beneficencia e regulamento pessoal; porém não tratava de academia, nem do melhoramento das bellas Artes, e era uma prova do atrazamento em que ellas se achavam em Portugal.»[1]

Não sei onde param hoje os papeis da Irmandade de S. Lucas; que foi dissolvida e acabou, parece-me certo.[2]

Devo uma declaração ao leitor; eil-a:

A chronologia que tenho conscienciosamente estabelecido ao longo d'esta muito veridica historia, e que me tem dado consideravel canceira a acertar, padece aqui uma especie de lacuna. Segundo a conta do proprio Vieira, seria n'este anno mesmo de 1719 que elle principiou na Curia Patriarchal as diligencias para realisar o seu casamento com Ignez; mas, segundo um documento que possuo, e a que logo alludirei, deram-se esses trabalhos em 1720. Ora a verdade é que Vieira, apezar de tão minucioso em pormenores descriptivos, se engana varias vezes nas datas; por exemplo:

diz que Ignez é mais nova do que elle, quando as certidões parochiaes affirmam o contrario;

diz que elle em 1718, quando ganhou o premio em Roma, não tinha completos quinze annos, quando tinha já dezanove;

diz que a batalha do Ameixial foi a 7, quando foi a 8; etc.

Tomo pois a justificadissima liberdade de alterar n'este ponto o rigor da deducção chronologica do autor, e suppo-

---

1 Verb. *Academia*.

2 José Silvestre Ribeiro — *Hist. dos estabel. scient., litt. e art.* — T. III, pag. 312.

nho que, depois da scena dramatica do vestibulo da quinta, decorreu mais de um anno, em que os dois namorados continuariam, como até então, a ver-se de quando em quando, por festas, e a cartear-se. Com essa correspondencia assidua, e essas visitas demoradas, cresceu e robusteceu aquelle amor mutuo, já poderosissimo, já invencivel.

Como temos pois um anno de espera, falemos de um assumpto artistico.

Seriam de 1720 os quadros do nosso grande pintor, existentes na egreja de S. Roque, e attribuidos pelo conhecedor Volkmar Machado á *primeira maneira* do mestre, menos acabada (segundo elle), mas de maior effeito de colorido que as obras posteriores? Talvez. Que Vieira trabalhava muito, é certo; e que trabalhava bem, é não menos certo. Já alludi ás suas primeiras obras mandadas executar para a Patriarchal, e de todo destruidas em 1755; não as pude portanto descrever nem apreciar. Ora os admiraveis quadros de S. Roque são, talvez, portanto, as primeiras producções conhecidas d'este pincel nacional, e são ambos de assumpto nacional: a Virgem apparecendo a Santo Antonio de Lisboa, e o mesmo popularissimo Thaumaturgo prégando aos peixinhos.

Foram encommendados a Vieira pela Companhia de Jesus? é provavel, mas não sei; o que sei é que todo o conhecedor ha-de sentir indefinivel encanto ao contemplar aquellas duas paginas interessantes, que ainda hoje palpitam ao calor do estro potente que as soube conceber.

Na do lado do Evangelho vê-se o juvenil Franciscano prégando aos peixinhos do mar. Ha muita poesia e doçura no pallido e sympathico asceta, que, desesperando já de converter o homem, se voltava para o irracional.

No outro quadro vê-se o Santo ajoelhado ante a «sempre Virgem», que sentada no seu throno de nuvens, se digna de acercar-se do penitente. Formosa, de olhos baixos, na attitude castissima que lhe convém, toda a figura de Maria é um sorriso de luz.

Falei da egreja de S. Roque. Mencionarei de passagem

um bairrista, amigo intimo do nosso Francisco Vieira, e seu collega illustre na arte: o bem conhecido André Gonçalves. Era natural de Lisboa, e mais velho uns sete annos que Vieira. Morava, segundo se deprehende de uma phrase do livro «O insigne pintor»

... *lá de San Roque perto.*

Onde, é que se não sabe.

Foi seu mestre um artista genovez, D. Julio Cesar de Femine, domiciliado em Lisboa, e aqui fallecido em 1736. Seria tambem esse D. Julio o primeiro preceptor de Vieira? é possivel.

Parece que não era André Gonçalves pessoa abastada, mas era rico de talento. Taborda lamenta que a falta de meios o tivesse impossibilitado de correr terras e ver galerias: se o tivesse conseguido, diz o mesmo critico, seria um dos assignalados mestres que floresceram entre nós. Ainda assim, tinha merecimento muito distincto: era correcto no desenho; pintava animaes com muita mestria, trabalhava com espontaneidade, possuia bom colorido, mas (conforme o citado Taborda) pouca invenção. Digam o muito que elle valia, os quadros da sachristia da Madre de Deus.

Apezar de não ser rico, tinha conseguido juntar, a poder de economia e perseverança, uma vasta collecção de bons originaes. De Vieira se sabe, porque este o diz, possuia André Gonçalves uma grande collecção de desenhos autographos, encadernada em dois volumes: n'um os desenhos maiores, e no outro os mais pequenos; e nunca Vieira escrevia ao seu amigo, sem incluir na carta algum esboço, algum impromptu, algum quadrinho, dos que elle tão bem traçava a lapis vermelho. Existirão esses preciosos coiseiros? onde?

Basta por agora de André Gonçalves. Aos seus biographos remetto o leitor. Havemos de encontrar-nos ainda com este dedicado artista no decurso das presentes memorias amorosas de Vieira.

XXXIX

Tornarei ao fio da narrativa.

Dirigiu-se Vieira uma vez (provavelmente já no anno de 1720) a casa do Desembargador da Camara ecclesiastica Jacintho Rebello Freire, Provisor dos casamentos no Patriarchado, e em boa confidencia declarou-lhe tudo. Disse-lhe os seus amores, começados na meninice, e nunca interrompidos apezar de sete annos de ausencia; a constancia da nobre donzella; a difficuldade que ambos anteviam á annuencia dos Falcões; e o desèjo d'elle Vieira, e de D. Ignez, de se unirem pelos laços matrimoniaes.

Um casamento tão desproporcional como este projectado, era n'aquelle tempo difficillima empreza; mas, não sei porquê nem como, toaram bem ao Provisor as razões do pretendente. Ou por influenciado de algum empenho, ou porque já conhecesse desde muito o «Estrangeiro», ou porque lhe agradasse a pinta d'elle, ou porque lhe chegassem informações da sua sizudez, do seu admiravel talento, da sua posição já nobre e desafogada, e do que podia esperar-se do futuro de tal mancebo, apadrinhou Jacintho Rebello Freire com todo o zelo a realisação do intento.

Não sei quem era este homem; nem a *Bibliotheca Lusitana*, nem o *Diccionario Bibliographico* me boquejaram d'elle; mas faço do seu caracter bom conceito. Diz Vieira que esse seu juiz

poz na balança a virtude
do amante, e os nascimentos
illustres dos genitores
da amada, e julgou discreto.

Julgou que em Francisco havia
bastante merecimento
para poderem presar-se
de o acclamar por seu genro.

Bastou-lhe isso, e tratou paternalmente o mancebo que assim se lhe lançava nos braços.

Uma pergunta dirijo eu a mim mesmo: entraria n'este conluio o Vieira pae? Não sei, mas suspeito que sim. A sua ausencia da quinta da Boa Vista, segundo nos deixa suspeitar a omissão do seu nome nas narrações do *Insigne pintor*, aquelle pretexto dos parentes que lhe chegaram de fóra... em summa: eu quasi que não me atrevo a formular o que penso. Penso, que, approvando a escolha do filho, não ousaria talvez manifestar ás claras a sua approvação. Veria n'essa approvação uma especie de falsidade para com os seus antigos e leaes amigos Falcões, mas recuaria tambem perante a ideia de contrariar tão auspicioso enlace. Navegou entre duas aguas. Foi pae, e foi amigo. Soube manter a neutralidade, e soube deixar ao coração os seus fóros. Isto supponho eu, já se vê. São assumptos tão melindrosos, que (repito) não me atrevo quasi a formular o que imagino.

O que o amante nos diz (mas poderá ser mais um disfarce da sua parte) é que julgou acertado occultar tudo aos paes, temendo o contrariassem. Acceitemos pois a asserção, e supponhâmos o velho Vieira de Mattos, e a senhora Antonio Maria, estranhos na apparencia á phase novissima que o negocio ia tomando. Continuemos.

Escrevera D. Ignez uma especie de declaração, como lh'a dictava o coração inexperiente, dizendo que amava a Francisco Vieira, e desejava ser sua mulher. Esse papel, communicado em segredo, levou-o Francisco ao Padre Jacintho Rebello. Sorriu-se o Desembargador, e mostrou-lhe não estar o documento (primeiro degrau do processo de supprimento de consentimento paterno) traçado conforme a praxe estabelecida na chancellaria patriarchal. Ficou Vieira muito triste, mas logo o socegou o digno Sacerdote, dando-lhe a norma da declaração como devia ser, em fórma de requerimento, e da procuração que a nubente havia de passar a alguem de sua escolha, que a representasse na ceremonia ecclesiastica.

Deu-se o mancebo por inteirado de tudo, e desejou ver

chegar um pretexto para poder apresentar-se na quinta. Estava proximo o dia de Santiago, 25 de Julho; resolveu esperar por elle.

N'este intervallo, ou fosse por denuncia de alguem, ou porque os olhos perspicazes da familia se fossem abrindo á evidencia, acordou uma vez em D. Francisca a suspeita terrivel de que sua filha a enganava.

Pensou; viu de relance a affeição, já antiga e enraizada, de Francisco a D. Ignez; correu na memoria a longa serie de intimidades que ella propria consentira ao simples pintor, ao filho do fabricante, ao homem de nada, tratando-o como parente, e dando-lhe consideração desde pequeno; lembravam-lhe as formaes e repetidas recusas de Ignez aos invejaveis noivos que se lhe tinham apresentado; cotejou isso tudo, e d'esses factos tirou a convicção. Depois... estremeceu no mais intimo do seu coração de mãe, ao reconhecer as largas que tinha dado aos dois, permittindo-lhes encontros amiudados, n'um palacio enorme, e n'uma quinta vastissima!

Tratou logo de collocar o marido no seu ponto de vista, e pintou-lhe, com as côres mais negras, a longa perfidia do Vieira. Ficou aterrado Falcão de Gamboa; e, no ultimo quartel de uma vida sem mancha, entrevendo talvez a deshonra dos seus cabellos brancos, compenetrou-se da urgente necessidade de saber, antes de dar um passo, o que em realidade havia.

Achava-se Ignez muito desprecatada, sósinha no seu quarto, arrumando uma gaveta de bagatellas, quando sente passos appressados na escada, vê abrir-se-lhe a porta com toda a força, e entrarem seus paes, ambos muito pallidos, e com aspecto desusadamente severo.

Não proferiram palavra; Ignez suspendeu o que estava fazendo; D. Francisca fechou a porta por dentro, e, calada, começou a revolver as varias joias, fitas, e miudezas da tal gaveta aberta. Francisco Falcão seguia muito attento aquella revista, e suspirava de quando em quando em silencio, olhando para a filha com o cantinho do olho. Ignez, a po-

bre Ignez, repassada de susto, sentiu cavarem-se-lhe umas profundas olheiras, e ficou offegante, em pé, silenciosa, junto ao contador.

Continuava a mãe no exame. D'essa gaveta passou a outra, e a outras; e quanto se achava no quarto revolveu. Ignez assistia impassivel. N'aquelle terrivel silencio dos paes rugiam leões.

Passaram dos moveis ás roupas, ás algibeiras, ao leito. Tudo foi visto, revisto, syndicado. Só lhes não occorreu levantar um painel antigo que pendia na parede, e atraz do qual escondia Ignez o seu tinteirinho de prata, o papel, e a penna. Tambem, era tudo quanto teriam conseguido achar; as cartas do Vieira, queimava-as ella apenas as lia; d'essas... nem vestigio.

Acabado este exame inquisitorial, sahiram D. Francisca e o Falcão um pouco mais socegados na apparencia (pelo menos elle).

E dizia pela escada o Morgado, conciliador e credulo:

—Então, vês, filha? eu por mim sempre julguei que te enganavam as suspeitas. Crê n'isto que te digo: não ha nada.

—Ha, sim; ha, que t'o digo eu. E d'ahi, verás.

—Ora adeus!—respondia o Morgado com o seu ar bondoso—Não ha nada. Talvez gostem um do outro; isso é possivel; mas o Vieira nunca se atreveria a escrever a Ignez.

—Atrevia, atrevia; elle já se tem em muita conta.

—Não atrevia, minha querida filha; não julgues isso possivel. Pois quem é elle? e um bom rapaz, e de habilidade; mas, apesar de fazer já bons interesses, bem conhece, coitado, a sua posição.

—Lá vens tu com as tuas boas fés—dizia D. Francisca sacudindo-se.

—Digo-te então mais:—continuava o Morgado—Ignez é orgulhosa, e tem de que o ser; sabe bem quem é por seus paes e avós; e nunca admittiria a mais pequena pretenção a um homem de menos qualidade.

— Eu sei!!... ponderava a afilhada do Duque.

— Tu não te lembras — perguntava convicto o excellente homem — Não te lembras de que já nos declarou a sua tenção de não casar, e de entrar para um mosteiro? hein?

— Quanto a mim são disfarces, Francisco — objectava ella. — Não vês como Ignez gosta sempre de ouvir e ler rimances? a *Phenix renascida* sabe-a de cór. Estes malditos poetas!... desorientam a cabeça ás raparigas de hoje em dia. Renego de tanto soneto e tanta decima! Abrenuncio! Santo Breve da Marca! Isto está tudo perdido. Lisboa já não é o que era.

Apesar d'estas considerações incendiarias, socegou Francisco Falcão; e D. Francisca, se bem que mais rebelde a conciliações, veio tambem a socegar por fim.

XL

Estavam aquelles animos um pouco mais macios, quando chegou o dia de Santiago.

Appareceu Francisco Vieira na Boa Vista. Sabe Deus com que anciedade não devorou aquella jornada, outr'ora tão alegre! Ignez fazia promessas aos Santos, e pedia-lhes livrassem de perigos o seu promettido esposo.

Foi o hospede recebido com urbanidade pelos Falcões, mas muito friamente. A civilidade era quasi a mesma; tinham porém acabado os sorrisos, as festas, os modos affectuosos. Desconfiou logo de alguma coisa o Lisboeta, e disse comsigo:

— Aqui anda moiro na costa.

Passou-se o dia sem novidade. Pairava porém no ar um ponto de interrogação da parte dos Falcões para com o

Vieira, e da parte do Vieira para com os Falcões. Situação intoleravel.

Á noite, emquanto se andava já preparando a meza para a ceia, sahiu Vieira a tomar um pouco de ar; enfiou por um pequeno portal que dava para junto da alameda, e sentou-se n'um poial, ali mesmo ao-pé. Ficava este poial, e esta porta, por baixo de duas sacadas de um canto do palacio, sobre as quaes, lá no alto, se rasgava a linda varanda-coberta do quarto das meninas.

Ignez, tambem triste e preoccupada, achava-se a essa hora gosando a fresquidão nocturna. Encostada ao peitoril da sua varanda, conversava com a noite; é tão bom conversar com a noite! meditava no modo de entregar ainda n'esse dia uma carta a Francisco. Senão quando, ouviu abrir-se o tal portal pequeno, em baixo; affirmou-se, e reconheceu o querido amante. Recolheu-se resoluta, desceu sem perda de tempo, abriu o postigo, e chamou em voz abafada:

— Francisco!

— Ignez! tu aqui!? — murmurou elle levantando-se e correndo sobresaltado.

— Vi-te lá do meu quarto — proseguiu ella — e corri trazer-te este papel. Ahi escrevi tudo quanto queria dizer-te. Vae ler; retira-te, porque acharem-nos agora seria a maior das desgraças.

— Tens razão. Agora — tornou elle — toma o rascunho da procuração que deves escrever. A primeira não estava boa.

— Não? Fico entendendo. Agora vae-te embora, e já; e ámanhan ao romper do sol, torna aqui, e eu lá de cima da minha janella, d'onde vejo toda a quinta, te espreitarei, e te atirarei a procuração já feita. Adeus!

— Adeus....

Correu Francisco ao seu quarto, e leu, fechando-se primeiro por dentro, á cautela. Leu a carta, em que Ignez lhe contava o que nós já sabemos: as buscas que na sua camara lhe tinham feito os paes, infructuosas buscas, que ainda mais os tinham desorientado. Confirmava-lhe o seu amor, e pro-

testava-lhe eterna firmeza; tudo n'aquelles termos exaltados e ardentes da verdadeira paixão.

Vieram d'ahi a pedaço bater-lhe á porta, e chamal-o para a ceia; mas Francisco, temendo trahir-se, ou (quem sabe?) não podendo já soffrer a seccura com que o tratavam, respondeu achar-se muito incommodado de um dente, e, pedindo desculpa de não ir á ceia, declarou que ia já deitar-se a ver se com o descanço lhe passava aquella dor horrorosa.

Quiz escrever a D. Ignez; mas notou com espanto uma minucia que não notára ainda: tinham-lhe tirado de cima da meza o tinteiro do costume. Sorriu-se amargamente, mas não desanimou. Sacando do lapiceiro um lapis de desenho, escreveu na folha do sobrescripto da carta de Ignez umas phrases, que traduziam bem o estado ancioso da sua alma.

Passeou agitado, de canto a canto, horas a fio, nervoso, impaciente; e dizia de quando em quando comsigo mesmo:

— É singular! aqui anda moiro na costa.

Depois, occorreu-lhe uma artimanha. Para ter livre a sahida á hora que lhe parecesse, metteu na bocca uma coisa qualquer, que lhe causava um grande enchaço no rosto, chamou o escudeiro velho, e disse-lhe:

— Ó meu rico snr. Martinho, eu sinto-me muito incommodado de um dente; e por isso....

O escudeiro (como toda a gente; todos n'este mundo são medicos) sahiu-se logo com uma receita adequada á situação; mas o Vieira, agradecendo-lh'a, continuou:

— Como vê, tenho a cara em misero estado de enchação; preciso arrancar este inimigo; logo de madrugada vou-me embora. Como não posso despedir-me dos senhores, peço-lhe queira dizer a Suas Mercês o motivo por que os não vou comprimentar, e que lhes peço as suas ordens, esperando que me perdoem.

— Sim snr., tudo farei — dizia o escudeiro abrançando-o carinhoso; — mas olhe, experimente; é como lhe disse.... vende-se nos hervanarios.... Eu uma vez....

— Deixe estar; obrigado — atalhava Francisco com cara

de quem se levanta de um potro da Inquisição; — não me hei-de esquecer, não. Obrigado, snr. Martinho; obrigado.

E empurrava-o suavemente pela porta fóra.

Socegado, continuou a passear, até querer vir rompendo a manhan.

Então sahiu ao pateo, abriu muito de vagarinho o portão, costeou o terrapleno da capella, e a cabeceira do templo, até chegar ao tal postigo. Já lá em cima na sua varanda aerea o esperava Julieta. Assim que o viu, enviou-lhe um cabazinho enfiado n'um cordel. O cabazinho que trouxe a Romeu a procuração já copiada, levou para cima, á filha dos Montecchios da Boa-Vista, a carta do Capuleto.

Não houve demora. Debruçou-se ella, e suspirou:

— Meu doce amor, vae-te embora; não tardes; adeus! adeus!

— Adeus.... — volvia elle acenando com a mão.

E ao longe.... ao longe.... cantavam as cotovias.

....

Recolheu-se o amante ao seu quarto outra vez, e leu. A carta dizia assim pouco mais ou menos, mais phrase menos phrase:

«Meu doce amor.

«Ai! nem tu imaginas com que sustos fiz o papel que me pediste, n'este aperto e afflicção em que me encontro. Mas fil-o, graças a Santa Rita, com quem me peguei. Só por milagre d'Ella, que é advogada dos impossiveis, poderia ter conseguido isto. Em nome d'Ella t'o entrego. Agora vae-te o mais depressa possivel. Tenho muito medo que te aconteça alguma. Eu cá fico rezando por ti a Nossa Senhora do Livramento. Vae tratar do nosso querido negocio quanto antes! Valha-nos Deus! que trabalhos vou ter aqui sósinha sem ti! Esta casa parece-me agora um tumulo. Mas se Deus quizer que eu perca a vida n'estes trabalhos, espero que lá do Céo te hei-de continuar a ver.

«Sempre, e sempre, tua *I.*»

Vieira sentiu furias de tigre ao ler isto; eram bem justas; mas conseguiu dominar-se. Tornou a simular o enchaço no rosto, e foi procurar o feitor, que acceitou muito bem, e todo credulo, a innocente peta. Montando a cavallo, abalou. Era a ultima vez que via aquelles sitios.

Ao descer a alameda, ia dizendo comsigo a meia voz:

— Não tem que ver, não tem que ver. Aqui anda moiro na costa.

....

A noticia de que o Vieira se tinha retirado por *doente*, foi logo sabida da familia inteira, ao almoço. Observaram os paes com muita attenção o effeito em Ignez; mas como ella conhecia o mysterio, recebeu-a impassivel, continuando a comer com apetite um ovo quente.

E Francisco Falcão, de todo descançado por essa mostra irrecusavel, dizia depois, com ar da maior finura, a sua mulher:

— Não reparaste no modo como Ignez recebeu a noticia? Estou ainda persuadido de que ella se importa tanto com o Vieira... como tu, ou eu.

XLI

A verdade porém é que Ignez ficou aniquilada.

Calculando que Francisco, mal recebido na Boa Vista, e urbanamente machucado no seu orgulho, não tornaria de certo a entrar n'aquella casa, onde quartorze annos tinha sido reputado filho e irmão, sentiu-se a triste menina n'um isolamento medonho. Recebeu demonstrações intencionaes da desaffectuosa frieza de sua mãe, que não as guardava, e de seus dois irmãos, menoscabados por um plebeu no seu

entono aristocratico. O pae (sejamos justos), esse, mais brando, mais tolerante, parecia ter esquecido o caso, e não hostilisava a filha.

Quem d'entre todos se portou melhor, foi Margarida, a boa irman. Tenho-a deixado um pouco esquecida, confesso, na sombra onde ella me parece gostar de que a deixem; mas tenha paciencia; é preciso sahir. Preciso pôl-a na sua verdadeira luz, aquella modesta companheira da delicada Ignez. Colloquemos a violeta ao pé da rosa.

Foi Margarida, em toda a familia, a unica pessoa que não fraquejou, se mostrou sempre leal, pugnou quanto podia pela irman, e lhe serviu de confidente, que é a maior das esmolas que se podem prestar a uma alma attribulada. Eram já muito amigas, mas a amizade augmentou-lhes na desventura. O papel de Margarida, modesto como ella, conteve-se nos limites de uma obscura dedicação. Não se lhe proporcionou ensejo para grandes lances, mas acceitou de bom grado todas as responsabilidades de confidente, conselheira, e consoladora.

Quanto a Francisco Vieira, não perdeu tempo. Guardando segredo a seus paes, correu logo no dia seguinte a casa do Provisor dos casamentos. Este, ao ver a procuração na devida fórma, alegrou-se e disse:

—Temos já grande soccorro; se isto não fosse, seria difficil a victoria; agora, sim, que se póde crer que o triumpho está certo.

Foi o processo seguindo com a possivel pressa. Tinha, ainda assim, muitas formalidades, que todas o actual Codigo Civil tornou superfluas, pelas disposições que introduziu n'estas materias. Ao cabo de algum tempo, demonstrada a probidade do nubente, salvaguardada por pessoa idonea a sua menor edade, e abonados na devida fórma os seus meios de subsistencia, que não eram parcos, faltava conseguir-se o consentimento do Prelado para a fiança dos banhos; convinha andar ligeiro; ligeirissimo.

Apresentou-se Francisco em pessoa ao illustre Patriarcha, talvez no palacio dos Almeidas ao Campo de Santa Clara,

hoje tribunaes militares, ou mais provavelmente no palacio dos Marquezes de Nisa, onde Sua Eminencia residiu, a S. Roque, junto á Torre de Alvaro Paes. Isso hoje, transformado em parte, em parte demolido, é a Companhia das carroagens. Depois das demoras indispensaveis, foi a petição favoravelmente despachada pelo grande Dom Thomaz de Almeida.

Pareciam navegar os dois amantes em maré favoravel; mas como é inconstante a fortuna dos amores! D'essa mesma casa do Patriarcha de Lisboa, onde o nubente acabava de alcançar uma victoria, sahiu uma traição. Bem diz na sua Visita das fontes D. Francisco Manuel: *Lisboa, como é muito grande, é matagal espesso onde se criam monstros de disforme malicia.*

Certo pagem do Prelado farejou o despacho; era sujeito de sentimentos baixos e invejosissimo; e tendo, como tinha, conhecimento na quinta dos Falcões, não se demorou em ir tramar enredo contra os requerentes. Sabida a historia na quinta, graças a elle, houve lá um reboliço de vir tudo a baixo. Foi assim:

Apenas o officioso denunciante (que não posso saber quem fosse, nem com que fim descesse a tal perfidia), appareceu sorrateiro em Carnide, chamou de parte os donos da casa, e informou-os de que estavam sobre um vulcão. Um raio que estallasse por cima dos telhados da Boa Vista, com o seu lugubre e repentino estardalhaço, não causava mais espanto do que os mellifluos avisos do villão-ruim. Constituiu-se logo o palacio inteiro em estado de sitio. Foram inquiridas com extraordinario rigor as creadas, o caseiro, os moços dos bois, que vinham com hortaliça á Ribeira, o feitor, as raparigas que tinham mais trato com as meninas, e, sobre todos e todas, a propria D. Ignez. Foi um horror.

D. Francisca de Almeida, dando largas ao seu genio violento, ameaçava e rugia, em nome do que ella julgava o seu pondonor de mãe; Francisco Falcão tambem se mostrava já muito propenso ao rigor; José e Joaquim, os dois irmãos, eram umas serpentes de lingua farpada. Pobre e

debil natureza humana! tantos excessos.... em nome do amor fraternal e paternal!

A triste donzella, sequestrada no seu quarto, e evitada como leprosa moral, ouvia lá fóra, em toda a casa onde nascera, onde se creara, e onde tinham nascido os seus unicos amores, desencadear-se um temporal desfeito. Os seus maiores sustos eram por Vieira.

— Onde estará elle? que terá elle conseguido? qual será a guerra que lhe fazem? estará tudo perdido sem remedio? —perguntava Ignez a si mesma, e á irman; e acendendo velas bentas no seu oratorio, desfazia-se em orações, e em lagrimas.

Abraçada, enlaçada em Margarida, unica pessoa que tinha de veras por si, exalava em suspiros e ais as suas maguas intimas. Margarida amimava-a como faria a uma pequenita de tres annos, passava-lhe a mão pela testa e pelo rosto, apertava-a ao peito, enchia-lhe os olhos de beijos, e bebia-lhe as lagrimas que lhe rebentavam do fundo da alma.

Passaram dias n'este estado violento. Ninguem comia, ninguem dormia.

Força é confessar, que além de Margarida, houve mais quem se mostrasse leal áquelles sympathicos amores; houve creadas e creados, que, sabendo ou suspeitando do caso desde muito, protestavam em alta voz nunca ter percebido a minina intelligencia entre os dois indigitados criminosos. Logo veremos como se portou um humilde saloio, o carreiro, marido da lavadeira.

Não ha odios mais intransigentes, que os de Religião, e os de classe. N'este caso era o duello entre duas classes sociaes muito separadas então, e ambas poderosas. A lucta havia de ser tremebunda.

D. Francisca, tão carinhosa quando queria, tornara-se um dragão domestico. Fazia-se acompanhar do marido nos interrogatorios crueis com que alanceava a criminosa; elle porém limitava-se a gemer e suspirar em surdina, aventurando de quando em quando alguma pergunta em voz meio supplicante. Depois rematava com isto:

— Valha-nos Deus!
ou
— Valha-nos Nossa Senhora da Assumpção!
e até chegou uma vez a proferir:
— Ha-de ser o que Deus quizer.

Isto tudo irritava sobre-modo a imperiosa neta de João Coelho.

Quiz esta senhora saber com certeza se Ignez teria imprudentemente concedido a Francisco Vieira algum compromettedor papel de sua lettra, alguma promessa formal; interregou a filha com ameaças horrendas. Ignez debulhava-se em lagrimas, e via-se constrangida a mentir; mentir aquella bocca tão pura! dizia sempre que não, que não, e que não.

Para a mãe, arrependida das liberdades que aos dois tinha concedido desde tantos annos, era um phantasma pungente a ideia da possibilidade de ter Ignez... escorregado no recto caminho da virtude. Pondo sobre-posse a mascara da meiguice, e falando ao ouvido da ré, fez-lhe as suas perguntas n'esse sentido. Ignez, que tinha a consciencia plena do cumprimento do dever, e sabia quanto valia a meticulosa honradez do seu noivo, protestou com muitos chóros, protestou em altos gritos, e lastimou-se do injusto e infamante conceito que se fazia da probidade de ambos.

Comtudo, na duvida (muito bem fundada) de que Ignez tivesse passado a Vieira algum papel, sem o qual não teria certamente podido caminhar o processo ante nupcial até ás mãos do Prelado, quiz D. Francisca obter da filha outro documento, em que declarasse o destrate do primeiro, se acaso o havia, e uma annulação formal de tudo quanto ella podesse ter feito na anterior procuração. Com as suas lagrimas, e pretexto de doença, que a obrigava a ficar na cama, foi a diplomata Ignez demorando a realisação d'esse acto, sem se recusar a elle, muito fiada em que por sua parte o noivo iria sem demora adiantando o processo, e caminhando a passos largos para o fim da questão.

Taes foram os horrorosos dramas domesticos represen-

tados nas salas da Boa Vista n'este verão e outomno de 1720, dramas que assumiram quasi proporções de tragedia, e enluctaram para sempre aquelle palacio com as recordações funebres de tamanhas tirannias. Taes eram ás vezes os lastimaveis excessos do patrio poder.

Quem tinha visto aquella quinta tão cheia de vida! Quem a tinha visto tão alegre e ruidosa nas festas do Santo Antonio e S. João, poucos mezes atraz! E quem a via agora!!...

XLII

No emtanto, o negocio adiantava-se.

Tinha Ignez passado procuração, como o leitor já sabe. Era o procurador, encarregado de a representar, um tal Henrique de Castro, que não sei quem vinha a ser. Depois de todas as formalidades *na fórma do Sagrado Concilio Tridentino, e Constituições d'este Patriarchado*, com fiança aos banhos, e por ordem do nosso já conhecido Desembargador Jacintho Rebello Freire, na egreja parochial de S. José, no memoravel dia 30 de Outubro de 1720, celebrava o Vigario Antonio Rodrigues de S. João o solemne casamento de Francisco Vieira de Mattos, morador na dita freguezia, com D. Ignez Helena de Lima, ausente, moradora na de Carnide, representada por procurador. Testemunhas ao acto, o Padre José Gomes da Silva, e Ignacio Vieira, provavelmente irmão do nubente.

Tenho á vista a certidão, descoberta por mim, por acaso, no cartorio de S. José; desejei ver o processo respectivo, não existente n'este cartorio, e que devia achar-se no da Camara Ecclesiastica, em S. Vicente de Fóra; o meu respeitavel amigo Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos respondeu-me:

«... Procedi a buscas na Camara Ecclesiastica. No masso onde devia existir o processo desejado encontrei um papelinho, onde está escripto o seguinte:

«*Francisco Vieira de Mattos. D. Ignez Helena.* — *1720* — *30* — *10.*»

«O processo não existe. Naturalmente foi emprestado, e nunca mais voltou.»

....

Haverá quem se atreva a pôr em duvida que D. Ignez Helena de Lima e Mello, a fidalguinha da quinta da Boa Vista, era desde aquelle dia mulher legitima de Francisco Vieira? Ninguem o poderá admittir. Ignez era mulher de Francisco á face de Deus, e á face do mundo.

Restava porém arrancar a noiva ao patrio lar; e parece não era isso a parte mais facil do caso.

A noticia do casamento ecclesiastico, mandou-a logo n'esse mesmo dia o noivo para Carnide, por meio do já mencionado carreiro, a quem seduziu o premio pecuniario com que o pintor o tentou. Esse carreiro era casado com a lavadeira das senhoras; e ella é que se encarregou de entregar a Ignez a primeira carta do seu marido legitimo, offerecendo-se tambem para mandar a Vieira qualquer resposta de Ignez. Ora essa resposta, escripta logo, e que o leitor já vai ver, graças á minha indiscreção, e á do noivo, só poude ser entregue á lavadeira na tarde do dia seguinte, 31 de Outubro. Dizia assim pouco mais ou menos; traduzo os versos de Vieira:

«Meu adorado Francisco.

«Mal sabes o que por aqui vai! de que enredos tem sido causa um malvado chocalheiro! Um creado do senhor Patriarcha tem vindo contar a meus paes quanto fizeste, e quanto andas pretendendo, aconselhando-os a que tratem de me segurar em quanto é tempo, porque se tardassem ficavam de certo sem mim. Assim que se convenceram d'isto, determinam meus paes ir-me sepultar n'algum convento.

Mas tu, meu Amor, não tenhas susto, porque sempre espero que Deus ha-de ser comnosco; tenho fé que havemos de vencer. A certeza de que já sou tua, por mais que não queiram, tem-me sido de inexplicavel conforto e alento. Em mim não tenhas cuidado, vá eu para onde fôr, que nunca poderei passar tormentos tão atrozes n'outra parte, como os tenho passado aqui; e onde quer que me ponham, nem com modos desabridos nem com meiguices, hão de conseguir diminuir a minha constancia. Concluo aqui, por não poder hoje mais, pedindo a Nosso Senhor te guarde de todo o mal, filho da minha alma, para meu allivio e consolação d'esta alma.

«Tua mulher que te adora.

Ignez.»

Não se enganava. A tenção de a enclausurarem n'um mosteiro ia tomando corpo; acabou de se formar apenas se soube em Carnide que estava celebrado o casamento.

Ignez ficou incommunicavel tres cruelissimos dias, e duas cruelissimas noites. Fixou-se a escolha da mãe no Mosteiro de Sant'Anna: casa de boa reputação, e severa; de mais a mais a menina tinha lá uma tia, que a havia de vigiar de perto.

Francisco Falcão, tristissimo, e não podendo já supportar aquella desordem, nem continuar a consentir nos tormentos da sua filha querida, chorava, e dizia:

— Se o destino quiz que a minha pobre Ignez escolhesse esse noivo, deixêmol-a casar.

— Que dizes tu?!!! — bradava a Morgada da Boa Vista.

— Digo isto mesmo. Sinto cá dentro uma voz a aconselhar-me que os deixe obedecer ao que me está parecendo vontade de Deus. E d'ahi, Francisco Vieira não é agora um villão desprezivel; toda Lisboa vai sabendo dos seus grandes meritos!... e um dia...

D. Francisca furiosa batia o pé na casa, e gritou quatro vezes:

— Não quero! não quero! não quero! não quero!

Então o chefe da família, recolhendo-se ao seu oratorio, disse:

— Pois bem: eu lavo de tudo as minhas mãos.

Triste coisa é n'este mundo a fraqueza dos bons; mas peor coisa é a bondade dos fracos. São os Pilatos de todos os tempos.

N'essa lugubre tarde de 3 de Novembro, Ignez levada por sua mãe n'uma sege fechada, dava entrada no Mosteiro de Sant'Anna.

Os roes dos confessados na freguezia de Carnide ainda hoje confirmam tudo que ahi fica: em principio de 1720, entre a lista dos membros da familia dos Falcões, apparece o nome de D. Ignez. Na Paschoa de 1721 já desappareceu[1].

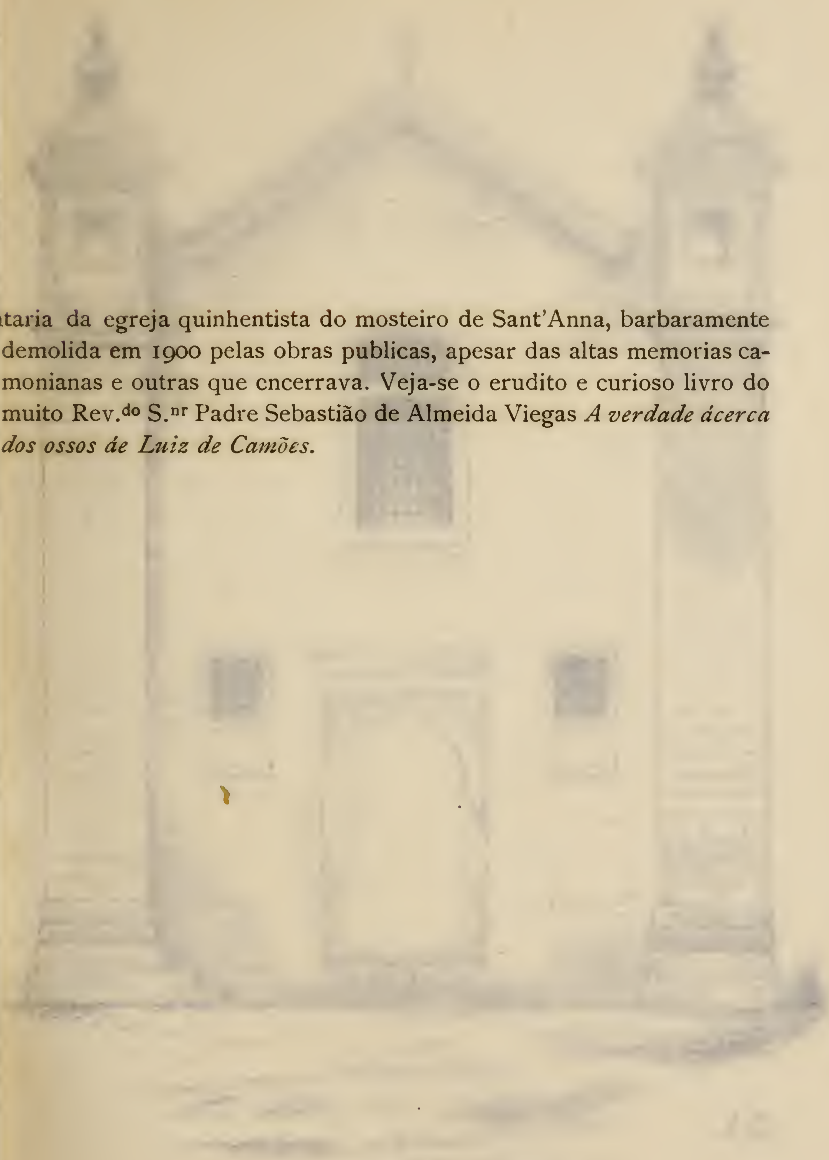
XLIII

Falemos do Mosteiro de Sant'Anna.

Meado o seculo XVI, no alto d'aquelle monte que domina o valle da Annunciada, e que ainda então se via abafado de basto olivedo, conforme a asserção de Braunio, surgia uma ermida, pobre como muitas outras, dedicada desde tempo immemorial á honra da Mãe da Virgem. Ficava mesmo ao cabo do caminho escabroso, que entre sebes sahia do postigo ogival de Sant'Anna, tambem chamado *postigo de D. Henrique*, uma das portas da cerca d'el-Rei D. Fernando. Em 1552 é designada, e muito bem, como *egreja não curada* aquella ermida na Estatistica manuscripta em perga-

---

[1] Informação do muito Reverendo Prior o snr. Padre José Baptista Pereira em Agosto de 1894.



ıtaria da egreja quinhentista do mosteiro de Sant'Anna, barbaramente demolida em 1900 pelas obras publicas, apesar das altas memorias camonianas e outras que encerrava. Veja-se o erudito e curioso livro do muito Rev.do S.nr Padre Sebastião de Almeida Viegas *A verdade ácerca dos ossos de Luiz de Camões.*

— Não quero! não quero! não quero! não quero!

Então o chefe da familia, recolhendo-se ao seu oratorio, disse:

— Pois bem: eu lavo de tudo as minhas mãos.

Triste coisa é n'este mundo a fraqueza dos bons; mas peor coisa é a bondade dos fracos. São os Pilatos de todos os tempos.

N'essa lugubre tarde de 3 de Novembro, Ignez levada por sua mãe n'uma sege fechada, dava entrada no Mosteiro de Sant'Anna.

Os roes dos confessados na freguezia de [illegible] hoje confirmam [illegible] entre a [illegible] o nome de D. Ignez [illegible] de 172[illegible] já [illegible]

XLIII

Falemos do Mosteiro de Sant'Anna.

Meado o seculo XVI, no alto d'aquelle monte que domina o valle da Annunciada, e que ainda então se via abafado de basto olivedo, conforme a asserção de Braunio, surgia uma ermida, pobre como muitas outras, dedicada desde tempo immemorial á honra da Mãe da Virgem. Ficava mesmo no cabo do caminho escabroso, que entre sebes sahia do postigo ogival de Sant'Anna, tambem chamado *postigo de D. Henrique*, uma das portas da cerca d'el-Rei D. Fernando. Em 1552 é designada, e muito bem, como *egreja não curada* aquella ermida na Estatistica manuscripta em perga-

---

Informação do [illegible] Reverendo Prior [illegible] sr. Padre José Baptista [illegible] em Agosto de [illegible]


J.C.

minho pertencente á Bibliotheca publica. A parochia era então Santa Justa. Foi o Cardeal D. Henrique, Arcebispo de Lisboa, quem d'ella veio a desmembrar a da Pena.

Por motivos que o *Agiologio Lusitano* de Cardoso, e a *Chronica dos Franciscanos,* melhor contarão do que eu o poderia aqui, fundou sobre essa capellinha suburbana a nossa Rainha D. Catherina de Austria, em 1561, um Mosteiro de Religiosas Terceiras Franciscanas.

Vi (e copiei) a carta original, assignada pela Rainha, em que esta Senhora, Regente em Nome de seu Neto, ordenou ao Doutor Fernão de Magalhães, Desembargador, Corregedor do Civel, etc., que, tendo-se já obtido da Irmandade de sapateiros, que administrava a dita ermida de Sant'Anna, a concessão d'esta, e de um chão contiguo, procurasse o mesmo Doutor haver mais terreno dos proprietarios limitrophes, concertando-se com elles nos preços minimos e outras condições, e entendendo-se para tudo com D. Martinho Pereira, a quem tocava a constituição do novo Mosteiro. Tem esse documento a data de 10 de Julho de 1561[1].

Em 12 de Junho de 1564 o Prior do Convento de Bemfica, Frei Manuel de Sousa, e os outros Padres conciliarios, outorgaram licença a um Antonio Bicudo para vender ás Madres de Sant'-Anna o terreno para o Mosteiro, terreno de que era directo senhor o Convento de S. Domingos de Bemfica; e não contentes com isso, doaram espontaneamente o dominio directo ás ditas Madres[2].

Tive o gosto de descobrir o nome do primeiro mestre das obras do Mosteiro; era Estevam Affonso, morador em Lisboa, á praça dos Canos. Consta de um instrumento de quitação passado em 8 de Julho de 1573 ao seu herdeiro Gaspar Dias, pintor, de quantias que se tinham ficado a de-

---

[1] Encontrei-o entre os papeis do Cartorio do extincto Mosteiro de Sant'Anna, hoje na *Repartição de Fazenda do Districto de Lisboa.* — Masso n.º 8, papel n.º 3. Vai nas notas do fim d'este volume.

[2] Documento visto por mim. *Repartição de Fazenda do Districto de Lisboa* — Cartorio do Mosteiro de Sant'Anna — Masso 8, n.º 90.

ver ao mestre [1]. D'este importante documento deduz-se que em 1573 era já fallecido Estevam Affonso, e alcança-se uma data certa sobre Gaspar Dias, entidade de illustre e confusa memoria, segundo nos deixa perceber Raczynski: Morava em 1573 esse pintor *ao Joguo da pela da mouraria*, e ainda em 1578 morava *no cabo da rua da Pela*, como consta de uma inquirição para Familiar [2]. O que se não percebe é como se apresentava Gaspar Dias herdeiro de Estevam Affonso; seria filho? seria genro? ahi ficam perguntas para resolver. Continuemos com a historia do Mosteiro.

A Irmandade ex-dona da antiga ermida era dos sapateiros, estabelecida no sitio da Padaria em Lisboa; e dos papeis varios que se conservavam no cartorio das Religiosas conclue o observador uma coisa: os sujeitos, apezar de se lhes ter comprado o chão, julgaram, por muitas dezenas de annos, continuar a ser os donos da casa; davam ordens, oppunham-se a determinações da Abbadessa, em summa: incommodavam aquellas senhoras. Houve protestos, em que o tom mellífluo e muito modesto das Madres disfarça mal o seu justissimo azedume. Tiveram de intervir as auctoridades.

Grangeou nome desde o principio esta casa, inaugurada com os olhos em Deus. Fundara el-Rei D. João III, no Castello de S. Jorge, a rogos do veneravel Pedro Obergon, que era pela sua virtude e doutrina o espanto de Lisboa, um Recolhimento de moças orphãs nobres, filhas de creados do Paço. Eram trinta em dias de Frei Nicolau de Oliveira; d'ali iam para a India, ou para casar com empregados portuguezes da colonia, ou para povoar os Mosteiros de lá. Tinham essas Recolhidas o titulo de «Penitentes da Paixão de Christo»; e, já por sua vida exemplar, já por ser aquella uma fundação do Rei de quem a senhora D. Catherina ficara viuva (piedosa intenção!), quiz a Rainha que do Cas-

---

[1] Citado Cartorio — Masso 8, n.º 83. Vai em nota.

[2] Torre do Tombo. *Inquirições* — processo de Antonio Pires Falcão — Masso 4, n.os 142 a 164.

tello sahissem em 1561 as vinte e quatro primeiras Monjas para o seu viveiro Franciscano.

Acceitaram com boa sombra, a fidalguia e o povo, a nova casa claustral, e na egreja se estabeleceu desde o principio a Matriz da coeva parochia da Pena. A primeira festa rija que se fez em Sant'Anna foi a expensas de Tristão de Sousa, Trinchante do Infante D. Luiz, diz Feo nas *Memorias dos Duques* [1].

Começou a concorrer gente para ali; e era muito para ver como, logo nos primeiros annos, se celebraram, além de outras festas, as de Sant'Anna, com solemnidade pomposa no Mosteiro, e com jogos, merendas, e toda a sorte de diversões populares, no proximo escampado, segundo se infere de palavras do Padre Duarte de Sande. Essa benção, e muitas outras, tinham comsigo as fundações monasticas: attrahiam as vontades e povoavam os ermos. Entrou a affluir para estes cabeços gentio ás rebatinhas. Matagaes só acceitos de pastores, sitios de tão damnada fama, ás abas de Lisboa, que onde hoje vemos Santo Antonio dos Capuchos se diziam as «covas dos ladrões», e chãos escalvados, só de molde para correrem páreo os cavalleiros de mais primor, desenfastiando-se na carreira dos seus cavallos, não tardaram em povoar-se, cobrindo-se primeiro de cabanas e quintas, e logo arruando-se para morada de cidadãos.

Abi perto eram açougues, facilmente abastecidos de todo o termo; ainda as *forçureiras* são vestigio d'isso; e no largo campo visinho ao Mosteiro eram os curraes. Lá menciona um poetastro em 1626 (atropellando a grammatica)

este campo de Sant'Anna,
d'onde tantas mil cabeças
de gado de seus curraes
esta terra se sustenta;

e ainda nos dias de Carvalho da Costa, que eram tambem

---

[1] Pag. 298.

os do nosso Francisco Vieira, ao sitio se chamava *campo do curral*.

O já citado Padre Sande menciona o grande curral, ou matadoiro, em que se recolhia todo o gado que vinha para consumo, cujo numero, diz o Padre, se póde imaginar, sabendo-se que só carneiros todos os dias se degolam cinco mil, os quaes se repartem por tres açougues.

Com essa carniçaria diaria, tornavam-se deshumanos os Lisboetas, a ponto de terem ali, n'aquelle mesmo Campo onde esteve desde 1831 a praça dos toiros, um espectaculo muito mais sangrento ainda: lucta entre cães valentes e adextrados, e toiros muito embravecidos. Era horrivel assistir á encarniçada peleja, e ver os cães agarrados e pendentes ás orelhas dos toiros, e ver os toiros furiosos espetarem-n-os e espedaçarem-n-os muita vez nas aguçadas armas. Estranhos *circenses*, com que o boi celebrava de antemão as suas proprias exequias!

Até ha poucos annos continuou ali a tradição tauromachica. O senhor D. Miguel edificando a praça de toiros, demolida ha pouco, seguiu o costume, já inveterado, de assistirem n'aquelle sitio os Lisboetas ás festas dos gladiadores. É engano dizer-se que as antigas toiradas eram só no Terreiro do Paço ou no Rocio. Possuo dois folhetos datados de 1765 e 1767, onde se prova que havia toiradas n'uma praça em Sant'Anna [1].

. . . .

Junto d'essas repugnantes scenas de aspero e cruento sabor, florescia, sorrindo e orando, o Mosteirinho novo, desafogadamente poisado no seu Ararat, e chamado a trazer fama e civilisação a estes ermos bravios do arrabalde. Muitas senhoras da Nobreza entraram para Sant'Anna, e muitos

---

[1] *A todos os | maganoens | de bom gosto, | que na ultima tarde vam | ver os Touros á Praça | de | S.ta Anna | desta cidade |*, por A. J. P. C. Lisboa, MDCCLXV, 4.°, 1 folha.

Relaçam | preta, | de huma festividade branca. Lisboa, MDCCLXVII.

mortos illustres ali vieram jazer. Citarei apenas dois: Luiz de Camões, e Diogo Bernardes. Esses nomes assim, dão lustre á casa monachal que lhes serve de guarida.

O que fosse a obra do velho Estevam Affonso, isto é, o que fosse o Mosteiro de Sant'Anna ainda em 1720, não saberei dizel-o; que era muito diverso do que vemos hoje, é certo. Tambem é sabido que havia quinze annos sahira d'ali a séde da freguezia da Pena para a sua actual matriz.

Cahiu em 1755 boa parte da fabrica velha: o templo e um lanço de um dos dormitorios, diz Moreira de Mendonça [1]. Diz pouco; houve mais estrago. Apparece um requerimento (sem data) em que a Madre Abbadessa conta que os escombros do terremoto foram tantos ali, que *se entulhou uma rua que vinha ao redor da sua cerca, com sahida para a calçada chamada «do L vre»; sendo n'aquella parte o entulho em tanta altura*—palavras textuaes—que se achava o Mosteiro exposto *a prejudiciaes acontecimentos*, e a assaltos, que já por varias vezes lhe tinham feito os ladrões. Pedia á auctoridade competente providenciasse [2].

Com aquella catastrophe terrivel, para a qual não ha descripção, desabaram as abobadas velhas sobre o pavimento central da egreja, onde jazia Camões; cahiu um dormitorio para a banda da Portaria; outro para a da calçada do Lavre; e tres das varandas do claustro.

De 1834 para cá já temos tambem alterações que notar: em Junho de 1837, o anno demolidor, tiraram-se as inoffensivas cruzes de pedra que serviam para o exercicio da Via-sacra no exterior do mosteiro; em 1851, era tal o estrago da casa, que ao Governo representava a Camara Municipal, pedindo obras, que se chegaram a fazer; em Junho de 1858 mandaram-se collocar uns poucos de degraus em frente da porta da egreja, para reparar o damno causado pelo rebaixamento da calçada; em Junho de 1879 aboliu-se

[1] *Historia dos terremotos*, pag. 132.
[2] *Repartição de Fazenda*—Cartorio de Sant'Anna—Masso 8, n.º 82.

o nome de «Campo de Sant'Anna»; e finalmente, para tirarem d'aqui o sentido os nossos governantes, e guardarem ou venderem os bens das ultimas habitantes do Mosteiro, foi ha tres, quatro, ou cinco annos supprimido mais este retiro piedoso, com escandalo do bom senso, da caridade, e até da nossa probidade como nação. Mas esta e outras taes *suppressões* vandalicas, feitas em nome da rapinagem official, não commovem; todos acham naturalissimos estes actos, e muito legitimos; e a imprensa applaude. Quem mais não póde... protesta como eu faço.

Attendendo ás tendencias pouco artisticas do tempo em que elle foi levantado, devia ser singela e austerissima a feição do edificio. Deita a Portaria, parte muito velha certamente, e cujo aspecto exterior ha-de ser, hoje ainda, o mesmo que sempre foi, sobre uma rua deserta, a travessa do Convento de Sant'Anna; esta leva do alto da calçada de Sant'Anna, que é antiga, para a do Lavre, que era moderna em 1720. A parte mais consideravel dos dormitorios, diz sobre a rua do Convento de Sant'Anna, que prolonga a já mencionada calçada até ao campo que tinha a mesma denominação; as outras duas faces do edificio, a do norte, e a do poente, dão sobre a travessa do Thorel, que vae ao antigo pateo do mesmo nome, e sobre a travessa do Forno do Thorel.

Para o nascente, além do muro da antiga cerca do Collegio dos Jesuitas de Santo Antão, hoje Hospital, dominavam as janellas das Monjas largo horizonte, contra Santa Barbara, Arroyos, e Monte de S. Gens; e não menos desembargada vista dos outros lados, por se achar o edificio muito menos afrontado, do que hoje, da casaria alta que o importuna.

Sitios então muito desacompanhados certamente, como outros muitos, hoje policiados, da moderna Lisboa. A gatunagem, que então era desbragada, perpetrava a salvo as suas proezas, de noite, e até de dia. Espreitando a occasião em que os cirurgiões (que habitualmente cavalgavam machos) amarravam á porta dos clientes as suas inoffensivas caval-

gaduras, apoderavam-se d'ellas com todo o desplante, certos de que a policia não tinha *olhos de ver*. Exemplos:

Era em 1723 cirurgião das Freiras d'este mesmo Mosteiro de Sant'Anna o mestre João de Sousa, morador, por tal signal, na rua dos Odreiros, á entrada do beco do Refrigerio, freguesia de S. Nicolau. Pois pelas 11 horas da manhan do dia de S. Marçal d'esse anno, 30 de Junho, tinha João de Sousa amarrado n'um argolão da portaria de Sant'Anna a sua mula, castanho escuro, fucinho branco e n'elle uma marca redonda, e tinha penetrado para dentro do Mosteiro. Pela rua ninguem passava. Chega um ratoneiro, e abala com a mulinha sellada e enfreada, e (coisa hoje desconhecida) com a espora pegada ao estribo esquerdo. As lastimas do mestre apparecem no annuncio que publicou a 8 de Julho na *Gazeta de Lisboa* n.º 27.

Passados dias, a 19 de Julho, era roubado do mesmo traiçoeiro modo, á portaria dos Loyos outro macho, de marca pequena, cabeça e fucinho muito negros, com uns salpicos no pescoço como especie de sarna, *mantó de pano pardo*, *ametade das rédeas de cadeia de arame*, *e a espora pegada no estribo.* O dono afflicto era o cirurgião Bartholomeu Dias, morador ás Cruzes da Sé. Annuncia na *Gazeta* de 29 de Julho d'esse anno 1723.

Isto são digressões, com que é forçoso acabar. Voltemos a Sant'Anna.

O carcere escolhido pela Morgada da Luz para homisio de sua filha, foi este; não será facil atinar com o motivo; talvez fosse o assistir lá, como Monja professa, uma tia de D. Ignez. Acceitemos o facto; e concordemos n'uma coisa: assim como havia de ser um ante-ceo no mundo a residencia claustral para as verdadeiras vocações, assim tambem nada mais cruel do que uma clausura imposta á força.

Quem poderia pois descrever o aperto de coração da desventurada D. Ignez, ao ver, entre soluços e ais, sahir sua mãe, que a sangue frio a deixava ali encerrada, entre pessoas desconhecidas! ao ver-se curvada sob o jugo de ferro de uma ordem austéra! marcada com o labeo humilhante

de criminosa, ou leviana! e, para cumulo de horror, vigiada de espias severissimas, uma tia Monja professa, e duas creadas inventadas de proposito, e que eram dois vampiros de saias!!

A tactica era esta: achava-se legalmente celebrado o matrimonio, mas não consumado; ainda não se constituira o que os Theologos chamam matrimonio *rato*. Tornava-se urgentissimo impedir que os dois esposos se juntassem, visto que, segundo a Lei, ainda o casamento podia annullar-se no caso de um dos nubentes entrar em Religião. Encerrar Ignez n'um mosteiro, e fazel-a professar á força, foi pois o unico alvitre possivel em tamanho aperto.

....

Na mesma tarde de 3 de Novembro, aproveitando a sahida da mãe, teve D. Margarida de Lima, lá na quinta (então um verdadeiro purgatorio), animo bastante para escrever quatro palavras a seu cunhado Francisco Vieira, contando-lhe as medonhas altercações d'aquelles tristissimos dias. Dizia-lhe a resolução de enclausurarem Ignez, por ter constado que elle, noivo, andava sollicitando uma alçada para conseguir apossar-se de sua mulher. Narrava D. Margarida as tergiversações bondosas do pae, e a definitiva victoria da mãe e dos irmãos. Á hora em que ella escrevia, estava Ignez a caminho de Sant'Anna. Concluia Margarida, que, pelo que lhe respeitava a ella mesma, só dizia uma coisa: sentia-se morrer de saudades, e não sabia senão chorar.

XLIV

Não perdeu animo o ousado Francisco.

Apresentou-se breve no paço da Ribeira, e buscou falar a el-Rei.

Nada mais accessivel do que foram sempre os Reis de Portugal; o senhor D. João V recebeu o seu pintor, e disse-lhe:

— Que queres, Vieira? já acabaste as minhas encommendas todas?

— Não, meu senhor; ainda não. Venho hoje pedir a Vossa Majestade justiça para mim.

— Que é?

— Meu senhor, eu casei; e meus sogros enclausuraram á força a minha noiva, a minha mulher legitima, no Mosteiro de Sant'Anna...

— Sei o caso. Já cá me chegou — atalhou o Soberano com benevolo sorriso. — Mas que queres tu que eu faça? ás Leis é preciso guardar sempre o maior respeito; e a Santa Madre Egreja ordena, que prisioneiras d'esse genero se não soltem, antes de se terem passado dois mezes completos, a fim de verem se querem, ou não, escolher a vida monastica. Vae-te embora, não pretendas coisas injustas, e deixa ver o que a prisioneira decide passado o praso.

E d'ahi a uma hora... rolava talvez no seu estufim doirado a caminho de Odivellas!!...

Se o Rei deu com effeito essa resposta, tal como a traduz Vieira nos seus versinhos insulsos, confessemos que não merece grande elogio.

Era Ignez (ou não era?) mulher de Vieira? Certamente. Logo, como perdia essa qualidade pelo simples facto de transpôr forçada as portas de um Mosteiro?

Estava provado que a encarcerada tinha entrado voluntariamente na clausura? de certo não.

Que cautelas hypocritas vinham pois a ser as do Magistrado supremo do Reino?

Como é que essa clausura, sem mais declarações, invalidava o casamento celebrado em S. José, com todas as formalidades?

Ou esse acto ecclesiastico tinha sido serio, ou não: se o não tinha sido, que nome dar ao Provisor dos casamentos? ao Vigario de S. José? ao Patriarcha de Lisboa? e se tinha sido seriissimo, como podia arrostar com a validade de um Sacramento, e vencel-o, a má vontade de uma mãe?!

Tem graça ver um D. João V, o Luiz XIV de Mafra, o

que sabia ver La Vallières, Maintenons, e Fontanges em todas as Madres Paulas, o que não conhecia peias aos seus insoffrimentos de menino perdido de mimos, o FIDELISSIMO, ajoelhado e batendo nos peitos... arvorar-se em defensor de uma tirannia d'aquelle genero, e annullar com a sua mão Real um acto legal, legalissimo, da auctoridade ecclesiastica.

Peço perdão á memoria dos Reis justos e rectos, se assim me atrevo a julgar aquelle dissipador elegantissimo, que mandava vir de França as suas galas... e os seus exemplos. Faz doer a alma ver que um plebeu, um pobre, um desprotegido, só porque é um desprotegido, e um pobre, e um plebeu, nada consegue n'uma causa justa, e lucta, e escabuja em vão, e em vão se prostra aos pés do seu protector nato, o seu Rei e senhor! Faz arripiar as carnes ver, que perante a prepotencia e a intriga das vaidades irritadas de uns fidalgotes de Carnide, se apesinha uma causa sympathica, apadrinhada de ante-mão pelas Leis, e se invocam essas mesmas Leis para menoscabar a equidade e a justiça! E contrista mais que tudo a attitude resignada dos altos poderes ecclesiasticos do Reino, assim vilipendiados sem pudor!!

Antes de eu ter encontrado a certidão a que me refiro, do casamento celebrado a 30 de Outubro de 1720, na parochial de S. José, devo confessal-o: suppunha rhetorica do Vieira o dizer-nos que Ignez era sua mulher. Suppunha que essa asserção tinha sentido figurado, e só se referia ás tenções e aos protestos dos dois amantes. Em vista d'isso, não me parecia o encerramento claustral de Ignez irrito e nullo, a não ser lá para as suas restricções mentaes; avaliava-o uma prepotencia, e não uma illegalidade. Mas o descobrimento da certidão, e a certeza que hoje tenho de que os dois CASARAM, obrigaram-me a dar-lhes a razão toda, e a reputar a argumentação felina de D. Francisca um verdadeiro castello de cartas.

O caso era este (e el-Rei D. João V na resposta que deu ao Vieira estava bem aconselhado): o matrimonio, sacra-

mento indissoluvel, pode desatar-se, em quanto não se tiver consumado a ligação dos conjuges, se um dos dois (embora contra vontade do outro) quizer entrar em Religião. Assim o mandam os Canones, assim o manda o Sagrado Concilio Tridentino, assim o guardam as *Constituições synodaes* do Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha[1]. E ainda ha mais: No caso de professar solemnemente esse conjuge, fica para todos os effeitos roto e dissolvido o contrato matrimonial, a ponto de poder o outro conjuge contrahir novas nupcias.

Todo o sophisma horroroso d'este nosso caso está em que D. Ignez *não queria* entrar em Religião, e obrigavam-n-a a fingir *querer*; logo, illudiam a lettra e o espirito da Lei canonica.

«Querendo um dos conjuges — diz essa Lei — «depois de celebrado o matrimonio de presente, entrar em Religião, não será constrangido a cohabitar com o outro, e se lhe dará — (note-se) — «espaço de dois mezes, dentro dos quaes ou entre com effeito em Religião, ou, passados elles, faça vida conjugal com o outro.»

Por isso el-Rei invocava com effeito os *dois mezes* legaes. Mas quê?! terminados elles, interrogada D. Ignez, havia obrigação de a soltarem. E nem sequer a interrogaram! nem lhe permittiram um ai.

Vejam o modo illegal e desleal como se invocava a Legalidade, para atropellar a Legalidade.

Não quero porém antecipar demasiado no animo do leitor d'esta historia, e limito-me a seguir pausadamente o fio chronologico.

Tinhamos deixado Ignez em Sant'Anna. Vimos fechar sobre ella os portões inexoraveis, e aferrolhal-os a mão da tirannia. Lá ficou, lá está n'aquelle casarão enorme, para ella desconhecido, entre rostos e usos desconhecidos. Tudo ali é glacial. A pobre engaiolada não faz senão chorar. Tem

---

[1] Livro I — Titulo XIV — Decreto X.

lá uma tia, que a atormenta; duas creadas velhas, que a velam noite e dia; o seu minimo passo é vigiado. Quer escrever, não póde; quer receber noticias, não póde; qualquer rumor de fóra chega-lhe atravez de grades. Chorou, chorou, chorou, deixaram-n-a chorar, e todo aquelle mundo mulheril continuou na sua vida habitual.

Francisco empregou tudo quanto humanamente podia empregar-se, para ter noticias, e para as dar. De balde..

Uma vez, soube não sei por quem, que á força despiram D. Ignez dos seus vestidos seculares, e pretenderam envergar-lhe á força o trajo e a mantilha de Noviça; que, resistindo ella, e debatendo-se contra tamanha violencia, não coraram as tirannas de a ameaçar no que ella tinha mais querido: no seu Francisco. Exasperada, allucinada, cedera a prudente menina, largara o seu trajo de recolhida, e tomára o habito negro e cordão branco de Noviça franciscana. Em presença da força, e da ameaça.... resignara-se a acceitar o tormento dos pesados exercicios para que a indole não a chamava. Foi isso a 20 de Novembro de 1720. Desde esse dia, D. Ignez Helena de Lima e Mello ficou sendo para as Monjas a Noviça *Soror Ignez Ellenna da Apresentação*[1].

Estas noticias cortavam o coração de Francisco Vieira, e atormentavam-n-o cruelmente. E como podia aquelle luctador achar o descanço e o lazer indispensaveis para as suas obras artisticas?

Que rija tempera não era a sua!

---

[1] Documentos no Cartorio do extincto Mosteiro de Sant'Anna hoje conservado na Repartição de Fazenda do Districto de Lisboa, onde os examinei a 30 de Agosto de 1890.

1720

«Noviçiou D. Ignez Ellenna da Aprez.^{am} em 20 de Novembro da mesma Era de seu Dotte e propinnas sette centos e settenta mil rs, tirouse cento e oitenta para as propinnas, que se repartirão pellas Freyras. ficou de seu Dote quinhentos e oitenta mil rs. — 580$000 »

Livro | da | receyta, e despeza | da M. Soror | Jozepha | de S. Bernardo | elleyta Abbadeça | em 21 de Dezembro | de | 1719 | sendo Escrivaa | a M. S. Cypriã — na Maria deJe-zu | .

Exclama elle proprio:

Mas que trabalho Francisco
não teve em todo este tempo,
pintando entre mil cuidados,
sem o preciso socego!

XLV

Lembrou-lhe um estratagema. Recordou-se do tempo feliz, em que na quinta (como isso tudo já ia longe!) elle cantava modinhas á viola, e pensou no gosto de Ignez quando o escutava.

— Quem sabe — devaneava o sonhador — se ella me não poderá ouvir agora, cantando eu na rua, cá por longe, em volta do seu carcere!

Uma noite, a horas mortas, pendurou á cintura uma colubrina, sahiu com a viola bragueza debaixo da capa, e subiu até Sant'Anna. Sitios ermos. Divagou a um lado, a outro; todas as janellas lhe pareciam a da sua amante querida; mas em nenhuma d'aquellas rotulas se lobrigava luz. Só pelas vidraças da egreja se entrevia o mal distincto clarão avermelhado dos lampadarios. Todo o Mosteiro semelhava um mausoleo collossal, dormindo na sombra de uma noite ventosa de Novembro.

Víeira aconchegou a viola e cantou.

Tinha o que quer que era de lugubre aquella voz juvenil desferindo arietas, e garganteando amores, áquella hora, diante de uma casa de mortas.

E a voz cantava; e ninguem respondia, a não serem os echos no Campo do Curral. E quando sentia passar algum transeunte retardatario, calava-se o cantor, ou sumia-se na sombra da travessa. E logo depois, recomeçava o seu reper-

torio dos dias felizes, o rimance «das saudades», a canção italiana, a xácara «dos amores encobertos», tudo emfim quanto sabia; e o Mosteiro mudo; impassivel.

Voltou Francisco outra noite, e muitas outras, e sempre sem resultado.

Certa vez, n'aquella esquina do templo de Sant'Anna para a parte da calçada, sahiu-lhe a ronda, e perguntou-lhe:

— Que faz Você cantando ahi virado para o Mosteiro?

— Faço o que muito bem me agrada — respondeu o cantor imprudentemente, arrancando a espada até ao meio.

Não a chegou a arrancar toda, porque os soldados da ronda lhe detiveram o braço, e lhe gritaram:

— Em nome d'el-Rei, está preso.

E levaram-n'o logo para o tronco.

O tronco era, por assim dizer, a prisão da Cidade, a prisão *municipal;* como quem hoje dissesse: o quartel do Carmo, que é da Guarda Municipal. Havia, e ainda ha, o Limoeiro, mas esse era a prisão geral, a da culpa formada. O proprio Vieira diz:

Foi recolhido n'aquelle
tronco, do qual já não vemos
nem reliquias; tánto póde
a grão passagem do tempo!

Era na freguezia de S. Julião, onde havia a rua chamada «do Tronco»; e Braunio indica no seu Mappa esta prisão, sob o n.º 131, com esta designação: *Carcer privatus Civitatis vulgo tiongo* (sic; visivelmente *tronco);* ficava em plena baixa, perto da ermida de Nossa Senhora da Victoria.

Depois de mencionar o antigo *Limoeiro*, diz o folheto *Explication de l'estampe de la Ville de Lisbonne:*

«Além d'essa prisão ha outra chamada o Tronco; fica nas visinhanças do Paço Real, e serve para delictos de pequena monta.» [1]

---

[1] Pag. 13.

Ora o crime do preso, a falar a verdade, não era grande, a não ser o arrancar do ferro; mas esse mesmo podia imputar-se á precipitação, á irreflexão juvenil.

Viram aquelle bonito moço, com uns olhos muito azues e muito meigos, e um ar de convicção e protecção muito engraçado; viram aquelle D. João de Mosart, de capa e espada, com a sua viola ainda vibrante entre as mãos, inclinando o largo chapéo com desgarre fidalguesco, e falando portuguez como um estrangeiro. Apezar da colubrina, não havia borboleta nocturna mais inoffensiva do que elle. O carcereiro conheceu-o; Vieira conhecia toda a gente. Emprestaram-lhe tinteiro, e o preso escreveu logo a uma sua relação de alto valimento; nada menos que o 3.º Conde de Assumar, D. Pedro Miguel de Almeida Portugal, Mestre de Campo General, e Governador da Cavallaria do Reino.

O carcereiro mandou a carta; e o Conde, que por fortuna estava em casa, provavelmente na nossa rua da Horta secca, no sitio do palacio chamado «do Manteigueiro» que depois foi comprado pelo Visconde de Condeixa, recebeu com benevolencia a petição do preso. O Conde podia tudo; chamou um seu ajudante de grande confiança, e disse-lhe que em seu nome fosse dar ordem para a libertação do rapaz. O caso é que em meia hora estava o Vieira na rua, sendo-lhe restituidas, por magnanimidade, a viola e a colubrina.

Em companhia do tal gentil-homem do Conde foi Vieira, apezar de já ser tarde, agradecer ao seu libertador aquelle favor incalculavel; tanto maior, quanto se suspeitou depois, não sei com que fundamento, ter aquella espera sido feita por diligencia da familia Falcão, e coincidir com a proxima partida de uma nau de viagem para a India... Uma nau de viagem era ás vezes um alçapão que se abria...

O Conde de Assumar levantou Vieira, que respeitoso lhe dobrava o joelho, abraçou-o, apertou-o nos braços, e deu-lhe um conselho excellente: que se deixasse d'aquellas serenatas.

—Sempre na recahida de uma doença—observava elle,

com o seu chiste de membro da recente Academia Real da Historia—Sempre na recahida de uma doença é mais difficultoso o remedio, e o tratamento mais grave para o medico.

Depois, mandou acompanhar o mancebo por dois robustos creados até a casa.

Fosse como fosse, todos aquelles lyrismos de alta-noite, e todos aquelles trabalhos e aventuras, ficaram sem resultado. Ignez, a graciosa e gentil Noviça das Franciscanas, Ignez, a captiva resignada, cuja cella era (muito de proposito) lá para o interior da casa, no *Noviciado*, nada ouviu; nada soube.

. . . .

XLVI

Como não surtira effeito esta tentativa lyrica, pensou Francisco em deixar as toeiras, e valer-se dos burís.

N'uma chapa de cobre gravou, como muitas outras vezes, um assumpto sacro. Este, se podesse ser visto pela Noviça, havia de ser logo percebido. Sabendo que ella invocava muito Santa Rita, representou a mesma Santa, e poz-lhe por baixo umas palavras, uma deprecação muito singela, que dizia pouco mais ou menos isto:

SENHORA SANTA RITA DE CASSIA,
advogada
dos
impossiveis,
se a nossa causa é justa
patrocinae-nos!

(Recommendo aos collectores de gravuras esta estampa; eu por mim, não a possuo; mas se por acaso topar com ella n'algum alfarrabista, já não me escapa.)

Tirou grande numero de exemplares; e como era assumpto de devoção, que facilmente penetrava em todas as camadas sociaes, espalhou aquelle registosinho pelos Mosteiros todos, sem esquecer o de Sant'Anna; foi bem acceito de toda a gente.

Ignez, a quem (sem a minima intenção) trouxe a Mestra das Noviças, ou a Abbadessa, ou qualquer outra senhora, aquelle papel para o Breviario ou para o Oratorio, tomou-o; reconheceu a sua Santa valída; affirmou-se; viu as iniciaes do nome do auctor, e decifrou o amoravel sentido occulto d'aquella prece. Estremeceu de alegria, e suspirou, apertando ao coração a querida gravurinha. Era a primeira vez que tinha noticias do seu ausente! era a primeira vez, desde um anno, que a alma d'elle falava á sua! Que momento! e que lagrimas! oh! como Deus é bom!....

Tinha n'este intervallo passado o anno do Noviciado. Aproximava-se o praso da profissão.

Manifestara Ignez bem clara, desde todo o principio, a sua repugnancia ao estado de Monja; mas, para que ninguem podesse jámais allegar ignorancia, e para que a todo o tempo lhe fosse licito a ella reclamar, escolheu algumas das Madres de mais auctoridade e virtude, e solemnemente lhes declarou que forçada entrara ali, forçada cumprira o anno de Noviça, e só forçada e forçadissima havia de acceitar os grilhões da profissão. Isto era claro, peremptorio, e leal.

Quando me ponho a meditar no assumpto, faço ideia dos longos dias e das longas noites da encarcerada. Como se lhe tinha revirado de repente a existencia, Santo Deus! O seu antigo viver, tão placido, tão sereno, na quinta da Boa Vista, que ella nunca mais havia de ver, acabára de todo. Parecia-lhe um sonho a sua meninice.

Como a alma se lhe apegava aos minimos promenores do viver domestico! Tudo lhe lembrava: a sua varanda, que ella abria de manhan cedo para respirar o ar perfumado das giestas e da vinha! os seus passaros, que ella ali pendurava, e que lhe bicavam na mão torrões de assucar! a sua querida e adorada irman, cujo leito era proximo ao seu!

as saudades amargas que essa boa irman curtiria ao ver agora deserta a cama da victima! os alegres almoços em familia! a sua ama velha que tanto teria chorado! os cães da quinta, o Leão, o Farrusco, o Mondego, que tão bem a reconheciam e tanto a festejavam, pulando e latindo, quando ella sahia ao jardim! o Pedro Pescocinho, que a estremecia tambem, por ser ella uma das unicas pessoas que o não azurragavam de escarneos! as vaccas da casa, a quem ella e a irman offereciam alface, e que mugiam de ternura quando as viam ausentar-se da arribana! as esmolas levadas, aqui, ali, com as aias, aos casaes da Paian! a Missa na capella! a suave e nobre figura de seu pae! uns Domingos de festa, em tardes de verão, quando ella com a irman sahiam a cavallo nos seus jumentinhos, e acompanhadas do escudeiro velho e do capellão iam assistir a vesperas no cenobio de Odivellas! umas merendas lá em baixo no jardim, junto á nora, em que peras e maçans, apanhadas ali mesmo das arvores, faziam as delicias dos pequenos! as visitas sempre bemvindas do tio Leonardo, com a sua conversação alegre e noticiosa de viajante que sabia entreter! o jogo da cabra-cega com os irmãos e o Vieirinha na casa do côro! uns regalados serões de historietas de fadas e lobishomens contadas pelas aias velhas, nas raras vezes em que os paes iam para Lisboa a alguma funcção de estrondo! em summa: os dias de innocencia, em que ella, sem quasi saber porquê, aguardava tão anciosa as idas de Vieira! Tudo acabado! tudo morto! tantos affectos azedados em odios! e ella Noviça!! pois era crivel?! ella proxima a tomar o habito de Monja?!!...

É preciso, para perceber bem o papel passivo de Ignez, e não a accusar de demasiada fraqueza, considerar que ella vergava ao peso de duas instituições santas, que não raro degeneravam então em tirannias medonhas: o vinculo monachal, e o poder paterno.

N'aquelle tempo eram vulgares as *vocações* forçadas; estava isso nos costumes; os exemplos pululavam na parentella de cada qual. Isto (note-se) não é argumento contra a

instituição monastica; é só prova da maldade innata no homem; assim como se não deve inferir do facto de haver paes prepotentes, duros, e crueis, a consequencia de ser inadmissivel, em toda a sua latitude absoluta, a soberania paternal.

Uma filha em 1720 não pestanejava diante de seus paes, e não se atreveria nunca a manifestar vontade diversa da d'elles. Muito tinha já conseguido a audaciosa neta dos Falcões.

Além de tudo, a sua educação caseira, adstricta ao jugo religioso, predispozera-a para uma obediencia cega, que na vida conventual, desde um anno, se lhe tinha quasi tornado segunda natureza.

Depois, havia outra consideração: rebellar-se como? perante quem? para quê? Não sabia ella quanto seria malvisto qualquer acto seu de rebeldia n'aquelle pequenino estado religioso, onde a senhora Abbadessa era uma autócrata, e onde a tirannia materna se mascarava em blandicias freiraticas?

Mais que os outros argumentos, porém, a tinha vencido e maniatado uma certeza: a certeza de que, se ella resistisse demasiado, e fizesse algum escandalo (aliás inutil), iria prejudicar directa e infallivelmente o homem a quem tanto amava! iria pôr-lhe a adorada existencia na ponta de uma colubrina traiçoeira, na bocca de um bacamarte de sicario, ou (quando menos) no porão de um galeão de Angola ou Bazaruto.

Por isso tudo é que Ignez, a quem a Natureza tinha dotado com muita astucia, seguiu n'este lance o caminho cauteloso que sempre a vimos seguir; isto é: não contrariou de frente a difficuldade: ladeou-a.

E se não, recorde-se o leitor:

No começo dos seus amores, declarou por acaso a sua sympathia? não; disfarçou-a sempre.

Quando lhe propozeram vantajoso casamento com um Morgado, disse ella «Amo outro»? não; declarou que a escolha seria optima, se ella não tivesse já planeado enclausurar-se n'um Convento.

Quando lhe pediram que escrevesse o papel de destrate, annullando a procuração, protestou ella que o não escreveria nunca, ainda que lhe cortassem as mãos? não; prometteu escrevel-o, mas pediu apenas adiamento.

Quando a obrigaram a entrar no Noviciado, commetteu ella escandalos, que prejudicassem a sua causa? não; acceitou a sua nova vida, e protestou por palavras respeitosas.

Quando, finalmente, passado o anno das provas, a obrigam com todo o peso do patrio poder, e toda a exageração do preconceito, ella pobre e menor, a largar a mantilha, a acceitar o habito, e a professar, prefere ella morrer, e causar a morte do noivo, a chamar-se Madre Ignez? não; acceita o véo, e protesta.

Era esse o seu caracter. Senhora antes de mais nada, modesta e digna, tinha repugnancia aos escandalos grosseiros, como o arminho a tem ao lodo que o macúla.

Eu não sei se isto é bom, se é mau; se é dissimulação, se é dignidade; sei que ella era assim. Não estou aqui compondo um typo ideal; estou retratando. Não se trata aqui de uma Santa, nem de uma Heroina; trata-se de uma simples mulher.

De mais a mais, para ella aquella sua prisão parecia questão de tempo. Para ella, essencialmente religiosa, não podia deixar de chegar a hora da liberdade. Acreditava piamente na validade do seu matrimonio, e appellava para a justiça de Deus. Piedosa como era, via n'aquelles seus trabalhos asperos uma provação.

Chegou o dia medonho de professar.

Celebrados os commoventes ceremoniaes do ritual catholico, Ignez chorando como uma Magdalena, acceitou o véo, e passou a ser chamada a Mt.to Rev.da Madre Soror Ignez Margarida de S. Joaquim.

Assistiria ao acto a mãe? a irman? o pae? é muito provavel; é quasi certo que a presença d'elles sanccionou aquelle assassinio.

Velou Deus a face, quando o invocaram; e Ignez soube que estava mentindo, quando ajoelhava humilde aos pés do

Altar, mentindo quando protestava o seu desprendimento do mundo, quando acceitava a mortalha d'aquelle longo véo preto, mentindo, mentindo sempre, quando repetia, de olhos baixos, pelo seu Breviario, em voz afogada em lagrimas:

— Eu sou a escrava do SENHOR. *Ancilla Christi sum.*

XLVII

Francisco, vergando ao peso de tristezas indiziveis, perdera o comer, e em nada achava consolação. Era um morto ambulante. Fugia á sociedade dos amigos, e sumia-se.

N'este passo da sua narração vem elle [1] com uma allegoria, ou como se lhe haja de chamar, que de todo não percebo. Diz que, retirando-se para uns arvoredos e penhascos, se encontrára com certo Monge. Consolou-o este, animou-o, e offereceu-lhe a cella. Chegou Francisco a entrar lá, e entreteve-se a ver uma camara optica, onde, entre outras estampas, examinou um quadro que representava o general grego Trasybulo; outro, Tarquinio o Soberbo decepando as papoilas; e outro finalmente o Arco grande das Aguas-livres, e em cima de um andaime uns genios perversos, que andavam a picar o lettreiro commemorativo do nome do Real Fundador.

Tudo isto será muito symbolico; mas o que affirmo ao leitor é que não pude penetrar ainda o sentido d'esses quadros, nem o motivo por que ahi são mencionados.

Trasybulo, Atheniense illustre, teve de se acolher a Thebas para evitar o odio cruel dos trinta tirannos. Quererá Vieira comparar-se com elle, vendo no seu isolamento e no

[1] Pag. 413.

seu homisio parecenças com o do celebre homem de Estado? Os trinta tirannos serão os Falcões de Carnide?

Tarquinio o Soberbo decepava as papoilas mais altas do seu jardim, para significar encobertamente ao emissario de Sexto, seu filho, a matança dos cidadãos mais conspicuos de Gabias. Quereria Vieira indicar a necessidade de fazer correr algum sangue? oh! não o creio; isso era *sangue theorico.*

Os taes *genios pifios* (expressão d'elle), que picavam a inscripção commemorativa d'el-Rei D. João V no Arco das Amoreiras... quem poderiam querer figurar? Examinemos.

No admiravel livro de José Sergio Velloso de Andrade —*Memoria sobre chafarizes*—vejo a paginas 328 um Aviso em que o Marquez de Pombal ordena á Junta da Obra das Aguas-livres *mande logo picar as duas inscripções, que se acham em cima do primeiro arco, que atravessa a rua que vai para S. João dos Bemcasados junto á praça das Amoreiras,*— (diz o documento em tom peremptorio)—*burnindo-se as mesmas pedras, em termos que mais se não conheça a existencia das ditas inscripções.*

Este Aviso pombalino, cujo motivo não entendo, tem a data de 20 de Março de 1773.

Mas, pergunto eu, fazer desapparecer aquellas pobres inscripções porquê? e para quê? e condemnal-as com tamanho rancor como esse que ressumbra de todas as lettras do Aviso! para quê? e porquê?

Note o leitor, que tudo é mysterio n'este caso. Mysterio a excommunhão das lapides, cujo estylo nada tinha de censuravel; e mysterio esta confusão de datas. Como podia Vieira em 1722 ou 23 estar vendo uma estampa dos Arcos, que só em 1729 começaram a construir-se? e como podia então antever o que Pombal havia de preceituar em 1773?!

Aqui ha setta occulta, que não sei onde mira. Deixemos pois as allegorias d'este pintor essencialmente allegorico, e passemos a assumptos mais intelligiveis.

Achando-se D. Ignez já liberta dos grilhões de Noviça, tinha mais livres os passos. Começou com toda a diligencia

a ver se conseguia mandar noticias a Francisco; almejava ser ella a primeira. Elle por seu lado não descançava; e teve a felicidade de poder enviar ao Mosteiro um recado com uma carta, e receber pelo mesmo mensageiro resposta da Madre.

Que prazer! que sensação a do recebimento d'essas caricias por escripto! Como se não endoidece de gosto, meu Deus!

Entraram a corresponder-se os dois infelizes; era o seu unico desafogo.

Uma vez o portador perpetrou a infamia de profanar o sigillo de uma carta. Perceberam ambos os namorados a perfidia do miseravel; mas, para não dar azo a escandalo que os prejudicasse ainda mais, resolveram calar-se, dissimular, e remediar o mal como podessem.

Inventou Francisco um alphabeto de convenção, e mandou, por outra via qualquer, uma copia á Madre Ignez. Applicaram-se ambos alguns dias a estudar aquelles hieroglyphos, e a final conseguiram n'essa escripta nova a maior promptidão.

Eram comtudo muito espaçadas (assim o pedia a prudencia) as trocas de cartas, e esses intervallos atormentavam-n-os immenso. Lembrou-se Ignez de um optimo expediente.

Havia no Mosteiro o costume de se empenharem a dinheiro as cellas melhores, como se fossem joias. Appareceu uma cella muito bem situada, sobre a qual pedia a dona 300$00 réis. Era para a banda do Campo de Sant'Anna, no então chamado *dormitorio moderno;* cahiam as janellas directamente sobre a rua, com bella vista para a cerca de Santo Antão (hoje a quinta do hospital de S. José). Propunha-se Ignez tomar essa cella para si, e de lá poderia com toda a facilidade atirar as suas cartas ao Vieira, e receber as d'elle. Faltava-lhe o dinheiro.

Communicou o projecto ao amante, que louco de enthusiasmo o approvou, e logo no dia seguinte se apresentou na Roda da Portaria, embuçado, e dando um nome sup-

posto perguntou pela creada particular da Madre Soror Ignez. A creada correu ao chamamento, e recebeu na Roda uma condecinha, que foi logo levar á sua ama. Fechava-se a condeça com um cadeado de lettras, Ignez abriu-o, por saber a palavra enigmatica, e achou dentro os mirificos 300$000 reis em bello oiro.

Pago sem demora o preço da cella, para lá mandou passar a sua cama, o seu oratorio, os seus livrinhos, e talvez algum canario ou pintasilgo favorito, a formosa e resoluta Franciscana.

D' ahi por diante (oh felicidade!) todas as noites vinha o Vieira, e *pelo correio seguro de um cordelinho* trocava carta com a dona dos seus pensamentos. Já conhecedor do perigo a que se expunha, ia armado de espada e pistolas. O signal para elle se aproximar da parede, era uma palma sahida fóra das rotulas da janelinha.

Outras vezes rondava de dia o Mosteiro; e, sem ser vista, podia Ignez vel-o muito bem de dentro das grades.

Um dia estava ella com algumas Madres, senhoras novas, já suas amigas, quando passou o gentil pintor. E disse uma, tocando no braço de Ignez:

— Ignez, olha que galante, olha que airoso mancebo que ali vem; elle não póde deixar de ser estrangeiro.

Ignez corou muito, e baixou os olhos, sorrindo. As outras, que sabiam todo o romance, deram parabens pela feliz escolha á graciosa e firmissima donzella.

XLVIII

Este estado assim era (está-me parecendo) mil vezes peor que a anterior interrupção completa de relações. Nada mais cruel, que o supplicio indefinido! Tornava-se indispensavel

empregar um esforço ultimo, e ver se se podia melhorar de situação. Pouco que fosse, tudo se lhes figurava muitissimo.

Mandou Ignez pedir a Francisco fosse falar-lhe sem demora. O que lhe queria dizer não era para carta. Soube quando havia vagante n'um dos locutorios, e conseguiu aprazar-lhe hora muito certa.

Appareceu pontual, como era sempre seu costume, o nosso artista, e introduziu-se rapido e em silencio na chamada *grade,* fechando a porta por dentro. N'isto, abre-se a communicação interior, e apparece com o seu véo branco e o seu habito negro, que ainda lhe realçava o garboso porte, a menina da quinta da Boa Vista.

Que supplicio! separados pela Lei, separados pela Religião, e separados agora, ainda para mais, por duas ordens de grades! Desataram ambos a chorar como duas creanças, e mal conseguiam explicar-se. Eu poupo ao leitor os pormenores de scena tão afflictiva; digo-lhe em resumo o de se tratou.

A verdade, a triste verdade, era esta: via D. Ignez definida a sua posição; via-se Monja professa; isto é: achava-se para todo sempre separada de Francisco. Tinha contra si a familia, e nada podia esperar das Leis portuguezas, nem da protecção dos amigos em Portugal. E no emtanto, permanecer assim... era inadmissivel. Restava, segundo ella, um recurso: ROMA.

Queria a piedosa e honesta rapariga, que Francisco fosse tentar em Roma a annullação dos votos d'ella, ou (por outra) o reconhecimento legal do seu casamento. Queria que Francisco, já conhecedor da Italia, partisse para lá quanto antes, a vêr se da Chancellaria pontificia obtinha um Breve, que a libertasse sem escandalo, e a deixasse viver o resto dos seus dias unida sem peccado, unida á face de Deus e do mundo, ao homem que ella tinha escolhido, que ella conhecia desde pequenino, que para ella personificava todas as alegrias innocentes da mocidade, e a quem amava tanto, e tanto, que mais não podia ser!

E dizia isto entre lagrimas, e repetia, e parava, e enxu-

gava o rosto, e tornava a chorar, e tornava a dizer mil vezes a mesma coisa.

Francisco, muito pallido e commovido, Francisco desejoso do mesmo havia muito, e só receoso de que uma tão violenta resolução affligisse a sua querida Ignez, disse entre lagrimas ser isso tambem desde mezes a sua ideia fixa, e que portanto estava promptissimo a abalar.

— Quanto a meios — accrescentava elle — tenho bastante para a jornada; e lá em Roma o meu pincel cunhará ducados e dobrões.

Partiu.

. . . .

Temol-o pois em Roma outra vez, este infatigavel, para quem a existencia foi uma lucta de todos os momentos.

Quiz, apenas chegou, visitar os seus antigos mestres e protectores; deu o primeiro logar ao Cardeal Barberini; mas qual não foi a sua dôr ao saber que tinha fallecido?! [1]

Alguem de muita influencia suppriu certamente o logar d'aquelle respeitavel amigo, com quem tanto contava o pobre pretendente.

Levava Vieira certidão authentica do acto do seu casamento; mostrou-a na estação competente da Chancellaria apostolica; expoz a iniquidade da profissão forçada de D. Ignez; e tanto barafustou, que obteve para o Patriarcha de Lisboa um Breve do Santo Padre sobre o assumpto. Ordenava Sua Santidade a Sua Eminencia, que por algum ministro recto e probo mandasse interrogar em Sant'Anna a Madre Ignez, e remettesse para Roma o resultado da inquirição que lhe fosse feita. Que o papel chegou a Lisboa, é certo; mas é não menos certo que nunca volveu resposta á Curia Papal.

---

[1] Este fallecimento devia dar-se, conforme o computo de Vieira, pelos annos de 1722. Moreri porém traz no artigo respectivo do seu Diccionario que Barberini ainda vivia em 1730. Não sei harmonisar estas asserções.

Decorrido muitissimo tempo na dolorosa espectativa, teve Francisco valimento bastante para alcançar outro Breve no sentido do primeiro; mas, temendo que por falta de bom padrinho o Breve morresse moiro, mandou-o elle mesmo incluso n'uma carta muito instante ao seu honrador Conde de Assumar, (depois Marquez de Alorna) carta em que lhe pedia a mercê de entregar em mão ao Cardeal D. Thomaz de Almeida o Decreto de Sua Santidade.

Alegrou-se o Conde com uma occasião de poder valer ao talentoso e infeliz Vieira; e mettendo-se na sua sege, correu sem delongas ao paço patriarchal.

Introduzido á presença do Prelado, disse-lhe o Conde de Assumar, que tinha em Roma um afilhado de muita estimação, o qual, como Sua Eminencia de certo sabia, tinha requerido á Curia a annullação dos votos da sua noiva, ou antes «sua mulher»; e que pedia muito a Sua Eminencia fosse servido attendel-o, pois a causa era justa.

Escutou o Cardeal o obsequioso recommendante, e muito severo respondeu, com a liberdade de parente: que tinha as maiores duvidas em dar assenso a taes instancias; que tinha recebido já o primeiro Breve sobre o negocio, mas lhe pozera uma pedra em cima; que portanto não acceitava o segundo.

Despediu-se D. Pedro de Almeida muito magoado da attitude do Cardeal Patriarcha; e soube que se tinham com effeito começado por parte da Camara ecclesiastica as diligencias; fôra inquirida a Madre Ignez, e declarára com toda a lisura e lealdade pretender sahir do Mosteiro para fazer santa e honesta vida marital com seu legitimo esposo, isto é, com o homem que a tinha já recebido por mulher antes de a clausurarem em Sant'Anna; insistiu a Madre em que a sua profissão era nulla e violentada, e em que acceitára o véo só por medo do perigo a que estava exposto seu marido, no caso de ella contrariar a ordem da sua familia. Tudo tinha o tabellião trasladado em termos authenticos.

Isso sabia muitissimo bem o Cardeal Patriarcha, mas tinha-o esquecido.

Calco da assignatura do Cardeal D Thomaz de Almeida, da Casa de Avintes, 1.º Patriarcha de Lisboa, n'uma carta de Outubro de 1753 appensa ao processo de habilitação do Familiar do Santo officio D. Antonio da Silveira de Albuquerque Mexia de Brito Freire, hoje no Real Archivo da Torre do Tombo.

E talvez lhe não occoresse tambem á memoria a lettra expressa de um Titulo das Constituições da Diocese, que diz:

«Mandamos que em nenhum mosteiro de Freiras... faça profissão Religiosa alguma, sem que primeiro, antes d'ella, Nós ou nosso Provisor, ou outra pessoa por Nós deputada, examine pessoalmente a vontade da dita Religiosa, se é constrangida a professar, ou vai a isso enganada.»[1]

Tudo isso ordenava peremptoriamente a Lei ao Ordinario; e o Cardeal, ou o cumprira em tempo, ou não. Se o não cumprira, commettera erro de officio, e deixara ficar nulla a profissão da Monja; se obedecera ao Decreto, ouvira certamente as leaes declarações da encarcerada, e desprezara-as, tornando *ipso facto* nulla a mesma profissão. D'este circulo de ferro não havia sahir, e por isso é que o Prelado preferiu o silencio.

Mandou o Conde de Assumar contar exactamente a Francisco, para Roma, o pessimo resultado da sua commissão, devolvendo-lhe o documento, sellado como de lá viera.

Isto tudo foi para o supplicante um grandisssimo desgosto. Está-se a perceber no nobre Purpurado lisbonense um designio assente, um fito feito em contrariar a pretensão.

---

[1] Livro III — Titulo XIV — § II.

Ou para não abrir exemplo annullando os votos da donzella (exemplo, que, mal interpretado, poderia dar azo a outros requerimentos intempestivos), ou, quem sabe? influenciado pelos seus preconceitos de aristocrata, e pelo *empenho* dos Falcões, está-se a ver em D. Thomaz de Almeida um proceder faccioso, que honra muito pouco a sua magnanima imparcialidade paternal de Prelado supremo de uma Egreja.

Á vista d'essas recusas desdenhosas, e mais que desdenhosas, que podia o infeliz pintor? Muito tinha elle feito Ainda assim não desanimou.

Dirigiu-se ao Governo do Santo Padre, deu conta do succedido, entregou o Breve recambiado de Lisboa, e mostrou a carta do Conde de Assumar. Disseram-lhe que era preciso mandar reconhecer a lettra e assignatura d'este fidalgo; que, se em Roma não se achasse quem o podesse fazer, era preciso mandal-a outra vez a Portugal. Para abreviar, andou Vieira diligenciando, se entre os Portuguezes respeitaveis domiciliados na Cidade eterna algum haveria, que soubesse e quizesse reconhecer o documento. Ninguem appareceu.

N'este comenos chegou a Roma um sabio Jesuita de Lisboa; Vieira não lhe declara o nome, mas, pela indicação que d'elle nos deixou, deu-o perfeitamente a conhecer: era o Padre Manuel de Campos, natural de Lisboa, e geometra distincto. Foi procural-o á sua residencia no Collegio Romano, cabeça da Companhia de Jesus.

Quanto ao tempo em que se deu este facto, póde talvez calcular-se. Diz Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, que o Padre Campos foi a Roma no sequito do Cardeal Pereira (que era D. José Pereira, do titulo de Santa Suzana), quando este Purpurado foi votar no Conclave para a eleição do Santo Padre Innocencio XIII. Não será (pergunto eu a medo) lapso da penna do insigne bibliographo? Vejamos.

Parece-me ter ficado certo, segundo a chronologia fixada por Vieira, que esta sua sahida para Roma foi em 1722; ora Innocencio XIII foi eleito Papa em Maio de 1721. Quero

pois suppôr, que, succedendo-se n'este tempo, e com pequenino intervallo, dois Pontifices com o numero ordinal XIII, a saber Innocencio XIII, e Benedicto XIII, aquelle dos dois em cuja eleição foi votar o Cardeal Pereira seria este ultimo, eleito em 29 de Maio de 1724. É verosimil que Barbosa confundisse os dois Papas; o que dá toda a força a essa minha supposição é que em Maio de 1721 se não achava Vieira em Roma, e se achava em Maio de 1724.

Estava o Padre Manuel de Campos, laborioso como todos os seus confrades, occupado em desenhar um mappa das conquistas ultramarinas de Portugal, quando lhe annunciaram o Vieira. Interrompeu a tarefa, e sorrindo, com aquelle condão especial de cortezia, que teem os Jesuitas (hoje tão infamemente calumniados pela má fé e pelas paixões politicas), tomou a visita ao seu juvenil patricio.

Este contou-lhe o succedido, pediu-lhe conselho, e supplicou-lhe quizesse reconhecer a lettra e a assignatura do Conde. N'essa simples formalidade estava tudo.

O Padre, como prudente e sabido, meditou e respondeu:

— Sim senhor; eu bem podia reconhecer qualquer papel da mão do snr. Conde de Assumar, se houvesse vantagem n'isso; mas n'este caso não acho que a haja.

— Porquê, meu Padre? — perguntava Vieira pendente dos labios de tão bom mentor.

— Porquê!! pois não vê que, se se conseguisse o intento, se se formulasse e documentasse uma accusação contra o nosso Prelado lisbonense, nos resultariam, a ambos nós, damnos gravissimos, por termos entrado em semelhante acto de indisciplina?

— Então... eu que morra, não é assim? — exclamava o pintor com os seus impetos dos verdes annos — eu que seja apesinhado no que tenho mais caro no mundo? eu que seja vilipendiado, como se não tivesse por mim a justiça?!... Não é assim, meu Padre?

— Dê-se por feliz, meu carissimo filho — objectava o Ecclesiastico em voz paternal, e com todo o bom criterio—

dê-se por muito feliz em não ter achado quem podesse reconhecer o papel. Eu bem sei o que digo. Pelo amor de Deus lhe supplico! não dê mais um passo; vai caminho muito errado, e podiam acontecer-lhe grandes trabalhos no futuro.

—Mas não vê Vossa Reverencia como são terriveis os trabalhos em que já me estou vendo?

—Tem motivo para falar assim; comtudo, conserve-se calado e paciente. Em emprezas mais difficeis se teem conseguido victorias grandes com a arma da paciencia; apenas. Ponha a sua causa nas mãos de Deus; e se ella fôr justa, como creio, Elle lhe aplanará o caminho.

Tinha razão o experiente conselheiro; tinha toda a rasão.

Uma de duas:

Ou Francisco obtinha que o Patriarcha fosse constrangido, por ordem positiva do seu Chefe supremo, a mandar proceder á annullação dos votos, ou não.

Se obtivesse, ficava impossibilitado de viver em Lisboa, mal visto do seu Prelado, mal visto de todos os apaniguados e parentes do Cardeal, assim humilhado por um homem obscuro; e quem sabe o que alguem machinaria contra o pobre artista ameaçado certamente na sua propria existencia!

Se nada obtivesse, peor ainda, porque, além de não conseguir unir-se a D. Ignez, acarretava sobre si e sobre ella os mesmissimos odios. Quem poderia calcular o que se tornaria para ella a clausura! e se um areal de Moçambique ou da India lhe não comeria a elle os ossos!...

Recolheu-se Francisco ao seu silencio resignado, e concentrou-se no trabalho, que lhe era o pão, e já a gloria ao mesmo tempo. Mas o que elle padeceu! A dor humana não tem fundo.

XLIX

É a esse periodo, que devem attribuir-se muitas das obras do nosso homem, das quaes umas se perderam, e outras talvez existam em Roma. A egreja de Santo Antonio dos Portuguezes possue uma tela magnifica do mestre.

Ainda não ha muitos dias recebi de Roma [1], obsequiosamente offerecida pelo meu amigo Augusto de Andrade, Secretario da nossa Embaixada junto á Santa Sé, uma bella copia photographica da *Natividade*, ou Virgem de Bethleem, que Vieira pintou para a egreja de Santo Antonio. Nobre composição! a Sagrada Virgem é um primor de graça e doçura; os pastores lembram o que ha melhor nas mais altas escolas italianas; o Menino é pintura de inspirado; n'aquella physionomia infantil ha já lampejos do Redemptor; e um Anjo, que ali paira de azas abertas, é digno de Raphael d'Urbino.

Por este quadro se vê quanta era a pujança nativa do genio do nosso patricio, do nosso «Lusitano», e quanto o estudo e a perseverança lh'a tinham desenvolvido.

Falta-me por ora a lista de outros quadros de Roma. Citarei, por exemplo, o que representava a côrte de Plutão, e que provavelmente foi pintado por estes annos; era a scena de Orpheu, perdendo Eurydice, que lhe é arrebatada. Na escolha d'esse episodio tão sentimental da mythologia pagan (a verdadeira perola das Georgicas de Virgilio), expressou Vieira a sua pessoal situação, ao ver arrastada para o Convento a sua Eurydice querida. Elle proprio o confessa:

Por allegorico modo
quiz o Vieira um exemplo
significar n'este passo,
com esperanças de effeito.

---

[1] Em fins de setembro do anno de 1890.

para que á vista de tanto
indulto do Rei protervo (Plutão),
se commovesse o benigno
e justo (el-Rei D. João V) *a favorecel-o:*

a lhe livrar da penosa
clausura, quasi de inferno,
a suspirada consorte,
por indulgente Decreto [1]

Via-se o Rei das trevas sentado com Prosérpina no seu throno, em postura arrogante, e de sceptro em punho. É essa a descripção que em verso nos deixou o proprio auctor. Dispostos em volta, á maneira de cortezãos, viam-se Euménides, Harpías, e Górgonas; e á direita do throno as tres Parcas. Ao centro avultava, de pé, e dominando tudo mais, o vulto inspirado do mavioso Orpheu, commovidissimo, e intercedendo ao som da lyra em favor da amante.

Outra obra do mestre, provavelmente pintada para André de Mello e Castro, já então Conde das Galveias, e Embaixador em Roma, foi o Perseu combatendo Phineu, tio de Andrómeda. Via-se a magnifica sala, onde Perseu celebrava em grande pompa as suas nupcias com a formosa filha de Cepheu; na sala irrompia Phineu com um grupo de sequazes armados, no intuito de perturbarem a festa e arrebatarem Andrómeda. Erguia-se logo Perseu, e, graças ao celebre escudo de Medusa, conseguia afugentar e vencer os seus inimigos. Nas feições do heroe vencedor soube Vieira retratar-se a si proprio, e retratou Ignez nas de uma Victoria, que esvoaçava sobre a composição, e parecia querer engrinaldar de loiros o elmo de Perseu.

O seu pensamento fixo reproduzia-se-lhe insensivelmente na tela. A palheta era para elle um espelho de muita luz.

Ha outra obra, cujo data ignoro, mas que deverá talvez suppôr-se d'este periodo da estada em Roma; falo n'uma

[1] Pag. 6 e 7.

bella gravura, que felizmente possuo, e que, pelo seu estylo resoluto e largo, se póde collocar entre as obras da primeira maneira do mestre. Interpretando-a com o facho da allegoria, que era o guia constante do Lusitano, vou explical-a e commental-a.

Tudo n'esta gravura é allegorico.

Vê-se ao centro, moribundo sobre um grabato, um bello mancebo, nú, apenas coberto, em parte, com o lençol; uma das pernas jaz no leito; a outra pende e poisa o pé no chão. Á esquerda no primeiro plano, chora o Genio da Pintura, tendo aos pés livros, a palheta, e uns ramos truncados de loiro. Mais á esquerda levanta-se uma folha, ou tela, onde se lê JOANNES NOMEN EJUS, e onde se vê desenhado o sol a atufar-se no horizonte, e uma espada poisada sobre um livro. Por traz do leito do moribundo as tres Parcas: uma d'ellas fia n'uma roca o fio da existencia do mancebo; a outra largou da mão o fio, e traz n'uma fita enrolada na roca já vazia, que esta Parca empunha: LUSTR. IIII. Á cabeceira do manceho o Tempo, levando aos hombros a Morte, parece dar ordem á Parca do meio para cortar o fio; e ella obedece. Na parte superior do quadro ha mais figuras, tambem cheias de symbolismo. Á esquerda, no alto, como que se rasga aos nossos olhos a cortina das eternas verdades; vê-se no firmamento o arco-iris, com as lettras REQUIESCAT. Sobre uma nuvem, uma figura, que póde talvez personificar a Mocidade, chora em posição melancolica, ao passo que o genio da Paz, mostrando-lhe o ramo da oliveira, a socega, e lhe aponta para a cortina que se abriu. Á direita, em cima, avista-se o templo da Gloria, em cujo friso se lêem estas palavras, que respondem ás do arco-iris: IN PACE ETERNA. Á porta do templo uns vultos juvenis estão como que chamando pelo moribundo. Finalmente, no primeiro plano, em baixo, á direita, ha umas admiraveis figuras, que representam a familia chorando: o pae, com o rosto encoberto na mão, um irmão, uma irman, e uma figura de Minerva (ao que me parece) que intenta mostrar ao pae um espelho, um escudo, ou não sei bem quê. Toda esta complicada composição é contida

Morte de João Vieira. Gravura de Vieira Lusitano em estylo franco e largo. A chapa de cobre appareceu á venda; foi adquirida pelo sr. João Hilario Pinto de Almeida, que a mandou reproduzir, e offereceu um exemplar da nova estampa a Julio de Castilho em 14 de Outubro de 1890. O mesmo Castilho comprou n'um basar por 1:600 réis um exemplar, menos cançado, da tiragem primitiva.



nesta gravura, que felizmente possuo, e que, pelo seu estylo resoluto e largo, se póde collocar entre as obras da primeira maneira do mestre. Interpretando-a com o facho da allegoria, que era o guia constante do Lusitano, vou explical-a e commental-a.

Tudo n'esta gravura é allegorico.

Vê-se ao centro, moribundo sobre um grabato, um bello mancebo, nú, apenas coberto em parte com o lençol: uma das pernas jaz no leito; a outra pende e poisa o pé no chão. [illegible] ficha uma roca o fio da existencia do mancebo; a outra largou da mão o [illegible] a tesa n'uma lata carregada da roca já vazia, que esta Parca empunha: [illegible]. A cabeceira do mancebo o Tempo, levando aos hombros a Morte, parece dar ordem à Parca do meio para cortar o fio: e ella obedece. Na parte superior do quadro ha mais figuras, tambem cheias de symbolismo. A esquerda, no alto, como que se rasga aos nossos olhos a cortina das eternas verdades: vê-se no firmamento o arco-iris, com as letras [illegible]. Sobre uma nuvem, uma figura, que póde talvez personificar a Mocidade, chora em posição melancolica, ao passo que o genio da Paz, mostrando-lhe o ramo da oliveira, a socega, e lhe aponta para a cortina que se abriu. A direita, em cima, avista-se o templo da Gloria, em cujo friso se lêem estas palavras, que respondem ás do arco-iris: IN PACE ETERNA. A porta do templo uns vultos juvenis estão como que chamando pelo moribundo. Finalmente, no primeiro plano, em baixo, á direita, ha umas admiraveis figuras, que representam a familia chorando: o pae, com o rosto encoberto na mão, um irmão, uma irman, e uma figura de Minerva (ao que me parece) que intenta mostrar ao pae um espelho, um escudo, ou não sei bem quê. Toda esta complicada composição é cortada

REQVIESCAT

IN PACE ÆTER

IOANNES NOMEN EIVS

Seu parcialíssimo am.

n'um circulo. Por baixo, ao meio, está a assignatura, que é muito curiosa; diz em lettras de phantasia, quasi inintelligiveis: INEZ HEL.NA VIEIRA LUZITANO INVENTO (sic) E FEZ. Tambem em baixo, ás duas ilhargas do circulo, lê-se a italianada dedicatoria da obra aos pintores amigos do auctor; da esquerda:

Meu dilettissimo Irmam em — sinal da quelle fratérno Amor q̃ — sempre me mereceste, esta demõstra= | çam de minha perpetua saudade, em teu | Louvor consacro aos meus Amigos PINTORES | *Sei q̃ nam menos relevarão elles o exeço da mi= | nha pena do q̃ tu agradeceras o meu puro dezejo q̃—hé só de q̃ se lembrem da tua Gentil Alma nas suas= | oraçõis.*

Seu parcialissimo am.º

da direita:

Carissimi Amici PITORI *gra= | dite questo ch'a voi consacro puro | parto di quel dolor che mi traspor= | ta a tanto; ma come ad altro fine= | non é che di ricordavi* (sic) *l'Alma d'un | mio dilettissimo Germano mi fo lecito in= | questa maniera salutarvi di vero Core | vostro partialmo affetionato* | (e aqui uma mãosinha a apontar para a assignatura ao centro).

Conclusões:

1.ª — Esta gravura celebra o fallecimento de um irmão de Francisco;

2.ª — Chamava-se elle João;

3.ª — Tinha vinte annos;

4.ª — Era tambem pintor;

5.ª — Era, ou pretendia ser, militar;

6.ª — Era mancebo estudioso;

7.ª — Sendo Francisco Vieira o mais velho, e calculando que João nascesse por 1704 ou 5, podemos conjecturar a esta obra a data aproximada de 1724 ou 25.

Outra gravura ainda, de que possuo uma reproducção

moderna, por favor do actual dono da chapa, o sr. Joã Hilario Pinto de Almeida, vem collocar-se n'este mesm periodo: representa Minerva defendendo de Neptuno Princeza Coronis. Neptuno, a primeira figura á nossa mã direita, estende soffrego os braços para a Princeza, que ab as azas, e esvoaça, em quanto Minerva, interpondo-se, f esforços para separar os dois. No alto avoeja Cupido. A fundo paizagem amena. Á direita em baixo lê-se: *Fra Vieira inu pin 1724.* Á esquerda ha uma lapide onde est escriptos estes versos:

Se Palas divide ancioza
Coronis do Rey do Mar
he por ella assim rogar
fogindolhe rigoroza;
Que fora couza orroroza
e tirania sem par
quando a quizece apartar
se lhe foce, amante, espoza
Fran V^{ra} Luzit. inv. pinxit
et: sculpsit Romœ
1724.

(É esta a producção mais antiga do Vieira, por c encontrada por mim, onde, junto de uma data irrecusav se vê o grande artista usando já o titulo de «LUSITANO

Em tudo a ideia fixa. O rosto de Coronis é o de Igne o assumpto refere-se a um amante a quem o objecto ama foge; o lettreiro emfim accentua que seria horrivel a sep ração, se fosse de uma esposa amada, como a elle, pint succedia.

Coronis, filha de Coroneu, Rei dos Phocios, era amada por Neptuno, que a perseguia. No momento em que ia ser agarrada pelo deus dos mares, sobreveio Minerva, que para a salvar a metamorphoseou em gralha, e a tomou sob sua protecção. A gravura, feita por Vieira em Roma em 1724, representa Minerva separando os dois. Nas costas de Coronis já apparecem azas de ave. Allusão clara á separação que a familia dos Falcões promovia aos dois fieis amantes. Em baixo, á esquerda, lê-se em maus versos, de sintaxe italianada, o seguinte:

Se Pallas divide ancioza
Coronis do Rey do mar,
he por ella assim rogar
fogindolhe rigoroza;
Que fora couza orroroza
e tirania sem par
quando a quizece apartar
se lhe foce amante, espoza.

Fran. V.ra Luzit. inv. pinxit | et sculpsit Romæ | 1724 |

Por aqui se percebe que, em virtude do seu casamento legalmente celebrado em S. José, no anno 1719, Vieira para todos os effeitos se considerava marido de D. Ignez.

Do lado direito da gravura lê-se: *Fran. Vieira inu. pin. 1724.*

Vê-se que esta gravura foi feita segundo uma pintura. Onde parará?

A chapa de cobre appareceu á venda; comprou-a o snr. João Hilario Pinto de Almeida, que a mandou estampar, e em 14 de outubro de 1890 offereceu um exemplar a Julio de Castilho.

Coronis, filha de Coroneu, Rei dos Phocios, era amada por Neptuno, que a perseguia. No momento em que ia ser agarrada pelo deus dos mares, sobreveio Minerva, que para a salvar a metamorphoseou em gralha, e a tomou sob sua protecção. A gravura, feita por Vieira em Roma em 1724, representa Minerva separando os dois. Nas costas de Coronis já apparecem azas de ave. Allusão clara á separação que a familia dos Falcões promovia aos dois fieis amantes. Em baixo, á esquerda, lê-se em maus versos, de sintaxe italianada, o seguinte:

Se Pallas divide anciosa
Coronis do Rey do mar,
he por ella assim rogar
fogindolhe rigoroza;
Que fora cousa orrorosa
e tirania sem par
quando a quizere apartar
sa lhe fore amante esposa.

Fran. V.ra Lusit. inv. pinxit | et sculpsit Romæ | 1724 |

Por aqui se percebe que, em virtude do seu casamento legalmente celebrado em S. José, no anno 1719, Vieira para todos os effeitos se considerava marido de D. Ignez.

No lado direito da gravura lê-se: *Fran. Vieira inv. pin. 1724.*

Vê-se que esta gravura foi feita segundo uma pintura. Onde parará?

A chapa de cobre appareceu á venda; comprou-a o snr. João Hilario Pinto de Almeida, que a mandou estampar, e em 14 de outubro de 1890 offereceu um exemplar a Julio de Castilho.



L

Pergunta-me certamente quem tiver seguido com attenção esta narrativa, o que foi feito de D. Margarida Antonia de Lima, a affectuosa irman da Monja. Pouco sei. Percebe-se que a sua attitude, toda contraria ao proceder da familia Falcão, lhe tivesse creado em casa a posição falsa das minorias vencidas que protestam.

Durante algum tempo, pouco se deu talvez com a irman, porque a tinha longe de si, em Sant'Anna, a uma legua. Fracas poderiam ser em casa as suas relações com os irmãos, cujo orgulho balôfo se mostrava tão adverso á causa do pobre pintor. Entre ella e os paes, emfim, salvo o respeito devido, a que Margarida não saberia faltar nunca, havia por força frieza desusada. O que ella pois padeceu no seu isolamento, só o calcula quem mede as proporções que assumem no seu tanto os dramas de familia. Nada mais sei dizer, senão isto: suspeito que esses tormentos obscuros, a que Margarida não via remedio nem fim, a obrigaram, para poder sahir de casa com dignidade de senhora, a manifestar o desejo de se recolher n'um Mosteiro. Em homenagem á sua saudade, escolheu Sant'Anna. Visivelmente entrou para lá no correr do agitado anno 1721. Até esse anno apparece o nome d'ella no registo dos confessados em S. Lourenço de Carnide, e já não se encontra em 1722. Annos depois, affeita ao viver claustral, e desenganada do mundo, noviciou.

Com effeito, por portaria de 15 de Fevereiro de 1727, permittia el-Rei D. João, por mão do seu Ministro Diogo de Mendoça Côrte-Real, a transferencia de uma tença usufruida pelo velho Morgado Falcão para suas filhas. Uma d'ellas era D. Ignez Margarida de S. Joaquim, Religiosa professa em Sant'Anna; a outra, D. Margarida, já noviça no mesmo

Mosteiro com o nome de soror Margarida Josepha do Sacramento, e desejosa de abraçar tambem o estado religioso.

Essa tença, já herdada do pae por Francisco Falcão de Gamboa, eram uns magros 50$000 réis assentados em padrão de juro no Almoxarifado da imposição dos vinhos. Como se vê, a pitança não timbrava de muito anafada. O Mosteiro das Franciscanas não era abastado; as tristes fugitivas de Carnide eram duas filhas-segundas, e viviam provavelmente das migalhas que de longe em longe se lhes atiravam da casa paterna. Esta migalha, 25 mil reis annuaes a cada uma, era irrisorio lenitivo aos apertos e amarguras de duas encarceradas á falsa-fé [1].

LI

Voltemos a Roma.

De todo o occorrido na Chancellaria pontifical quiz Vieira mandar por mão muito segura noticias á sua fiel Ignez. Fez isto:

Iam de toda a parte a Roma certos penitentes cumprir promessas piedosas; no numero é bem de crer se contassem não raro os Portuguezes. Procurou Vieira os seus patricios em S. Pedro; encontrou uns, que tinham ido com elle desde Lisboa; andavam, por signal, varrendo por humildade a capella do Sacramento. Era o mais moço dos dois sobrinho de um cerieiro, que tinha uma loja defronte do Loreto. Entendeu-se o pintor com elle, e perguntou-lhe se quereria fazer-lhe o favor (visto estar proximo a regressar á Patria), de levar uma carta e um rolo de desenhos a um intimo amigo

---

[1] Torre do Tombo — Chancellaria do senhor D. João V — Livro 23 — fl. 33 e 33 v.

que elle Vieira lá tinha, na visinhança da egreja de S. Roque.

— Isso é lá perto da minha casa — respondeu o rapaz. — E como se chama o seu amigo?

— É o pintor André Gonçalves — tornou Francisco; — quem sabe até se o conhece!

— Conheço-o de vista, e muito bem; e sei onde mora.

Foi um achado; e a esse bom portador entregou Vieira uma carta para André Gonçalves, onde ia inclusa outra para Ignez. O rolo do desenho era um mimo ao amigo. Já lá em cima referi o apreço em que André Gonçalves tinha qualquer obra de Vieira; mandava-lhe este agora, e competentemente resguardado n'um canudo de folha de Flandres, o esboço a lapis vermelho do já mencionado quadro de Perseu.

Não se demorou muitos mais dias em Roma o penitente; e decorridas poucas semanas, entregava em mão propria a André Gonçalves o desenho e a carta.

Este talentoso homem ficou doido de contente por obter noticias do amigo, e por se achar possuidor de mais aquella joia para a sua collecção. Não tardou a apresentar-se em Sant'Anna, onde aliás era já conhecido da Rodeira, e até da Madre Ignez, por ter andado havia tempo a executar algumas pinturas na egreja.

Tendo recebido recado de que alguem a procurava para assumpto de importancia, chegou a Madre Ignez alvoroçada á abertura da Roda, e, sem ser vista, interrogou com a sua voz muito suave:

— Quem está ahi?

— Sou eu, minha senhora, um creado de V. Reverencia, André Gonçalves.

— Pois não! conheço muito bem; e como tem passado, snr. André Gonçalves?

— Vamos vivendo, minha senhora, vamos vivendo. E V. Reverencia? bem?

— Bem, obrigada. Então o que o traz por aqui?

— Ora estimo muito, minha senhora. Trago muito boas noticias de certa pessoa que sabe; já me entende; não?

—De Roma?—perguntou a Monja mais baixo, e em voz tremula.

—De Roma, sim minha senhora; de Roma mesmo é que é. Estava bom, e mandou-me uma carta para eu entregar aqui. Mas para não estar a tomar muito tempo a V. Reverencia, metti a carta n'outra minha, onde vai tudo explicado, e onde digo quem m'a trouxe, e tudo.

—Santa Rita de Cassia nos valha! não é assim, snr. André Gonçalves?—murmurava de lá em voz dolente, e com um suspiro mavioso, a gentilissima fidalguinha; e a Roda rodando subtil poz-lhe nas mãos a missiva.

—Amen!—respondia o pintor, inclinando-se respeitoso, mesmo sem ver a sua interlocutora.—E não manda mais nada de mim, Madre Ignez?

—Obrigada. Fico-lhe summamente grata. Nosso Senhor o tenha sempre em sua santa guarda.

—Amen Jesus! E ponho-me aos pés de V. Reverencia, minha senhora.

—Obrigada. Adeus, snr. André Gonçalves.

. . . .

Ignez voou logo á sua cella, tendo chamado sua irman; ia toda tremula; fechou-se com ella por dentro. Abriu a carta de André Gonçalves, e saltou-lhe logo a outra, com o sobrescripto de lettra muito sabida, e muito querida, e que dizia:

Á Senhora

D. Ignez Helena de Lima e Mello

minha dilecta consorte
G. D. como desejo.

Ignez tremia como varas verdes. Margarida muito pallida forcejava dar-lhe animo, Ignez não sabia se lesse primeiro as palavras de Gonçalves (como devia ser); e pegava n'uma carta, e na outra, fóra de si; e de repente achou-se a ler a de Francisco.

Chorou como uma Magdalena; e lia; e tornava a ler; e não percebia; e parecia-lhe impossivel que assim se mallograsse uma causa tão justa! tão santa!...

Batem á porta da cella muito subtilmente, e de certa maneira convencional. Ignez, enxugando á pressa os olhos, correu a abrir. Era a sua creada particular, uma boa rapariga, já nossa conhecida lá de Carnide, Catherina Margarida, amiga de infancia, e muitas vezes confidente e auxiliar leal de D. Ignez, e D. Margarida.

Andavam todas tres pouco mais ou menos pelas mesmas edades; e como tinham vivido juntas desde pequenas, na quinta da Boa Vista, possuiam as mesmas tradições, o que sempre cimenta os affectos reciprocos.

— Que vem a ser isto, menina? — exclamou Catherina de repente ao vêr as lagrimas de sua ama. — Que aconteceu? que negregados papeis foram esses? que noticias teve? diga, minha rica senhora, se é coisa a que eu possa dar algum remedio!

Ignez tornou a fechar por dentro a porta, e sentando-se n'um tamborete, junto a um antigo bufete de páo santo, em quanto a rapariga ficava em pé, cheia de anciedade... contou-lhe tudo: o mallogro total das diligencias em Roma, a attitude hostil do senhor Patriarcha, a desesperança formal de libertação proxima ou remota.

Catherina, apezar das suas apparentes levezes de genio, era um archivo de segredos. O proprio Vieira o diz. Um contador de ebano aferrolhado a sete chaves, e com mil escaninhos disfarçados, não era mais seguro e impenetravel do que ella. Grande e inapreciavel qualidade! *virtude*, direi eu.

Ora ácerca dos varios personagens d'este livro, tenho ás vezes visões, que não posso, nem devo, deixar de communicar aos leitores (se acaso os tenho); serão illustrações ao texto, arabescos pela margem. Esta Catherina, por exemplo, quando penso n'ella, vejo-a.

E quem, como eu agora estou olhando mentalmente, olhasse para a engraçada moça, desempenada e robusta,

com as suas sobrancelhas muito pretas e o seu pescoço roliço, quem a visse com o seu ar bondoso e experto ao mesmo tempo, quem a visse chegar com a sua saia curta, meia muito puchada, braços á vela, sapato branco, lencinho traçado singelamente sobre o peito, e um ar sempre activo e alegre, via o perfeito typo da antiga creada saloia lisboeta. E saloia mesmo é que ella era, como natural de um dos mais agradaveis sitios d'estes contornos: o valle de Chellas.

Junto á figurinha leve, esbelta, e aristocratica de D. Ignez, junto ao rosto sereno e resignado de Margarida, fazia contraste notavel esta moçoila, que apezar de polida pela sociedade de seus nobres amos, e já tambem domada pelas peias austeras de um Mosteiro, era sempre, e em tudo, camponeza. A sua tez, abrigada do vento, era ainda queimada e colorida; o seu buço, revelava-lhe o caracter firme e decidido; e no falar, todo florído de annexins, e no sorriso, todo doirado de sol, via-se em tudo e sempre a filha das ceifas e das mondas, a neta das lavoiras e das descamisadas, a bisneta das vendimas, das canceiras, e das alegrias ruraes.

Quer o leitor saber outra coisa, que vem a proposito?

Quando se celebrava alguma festa grande do calendario, havia em Sant'Anna um uso, que n'outras casas claustraes se praticava tambem: solemnisava-se, já se vê o Orago cá fóra na egreja, para o Povo, conforme o ritual, e lá dentro no Mosteiro com procissões das Monjas; procissões muito devotas; e não só devotas; vistosas, apparatosas, theatraes, divertidas até. Permittia sempre a Abbadessa estas folganças e costumeiras innocentes, e iam nas taes procissões algumas Religiosas e Noviças mascaradas de figuras biblicas, ou representando scenas do Genesis e das parabolas do Evangelho, ou tecendo alegres danças de pastorinhas em frente do Presepio, em summa: realçando com trajos fantasiosos, com sedas e oiros, gazas e velludos, as ceremonias austeras do Breviario.

Pois n'essas occasiões, em que Ignez e Margarida eram de certo apenas espectadoras, quero crer que a vivissima Catherina, com o sangue a ferver, fesse um azougue, já no

preparo dos adornos, já na actividade e invencionice da agulha e da thesoira, já talvez na graça e chiste do trajar e figurar. Folganças, claro está, todas á porta fechada, lá dentro, nos claustros e corredores, mas presenceadas tambem por uma ou outra senhora de fóra admittida por abuso.

Eram abusos, convenho, aliás innocentes, com que as pobres Monjas se desenfastiavam, uma ou duas vezes por anno, da reclusão monótona do seu viver; eram restos palpaveis de usos medievaes: o *Mysterio*, com a sua *chacota* e os seus jograes sacro-profanos, ainda vivia; escorraçado da capella-mór, tinha-se refugiado no côro dos Mosteiros.

Deixando porém esse uso, de que logo tornarei a falar, insistirei n'uma coisa: entre todas as creadas era Catherina a mais jovial. Ás vezes com um dito, com uma observação a tempo, desannuveava o rosto entristecido de D. Ignez; bastava uma historieta lá da cosinha contada por ella, á noite, quando aos pés de sua ama se entretinha a coser, e a vel-a bordar alguma d'aquellas producções delicadissimas do lavor freiratico, bastava uma nota comica lançada por ella nas melancolias da pobre prisioneira, para trazer para ali a alegria da meninice, e enganar a ambas com recordações. Era aquillo, por que assim o digâmos, enfeitar com bem-me-queres as saudades.

Ao caracter um pouco altivo, um pouco reservado até, da filha dos Falcões, tornava-se indispensavel a companhia d'aquella descuidosa moçoila dos casaes de Chellas; assim como a esta, boa e virtuosa, mas ás vezes imprudente, era util, como compensação, o genio dominador de D. Ignez. Amicissimas, completavam-se.

Meditaram ambas muito o caso da chegada das cartas; volveram e revolveram as palavras de Vieira; emfim, convenceram-se, cada vez mais, de que só um milagre divino podia remediar tamanho infortunio.

Na carta do honrado André Gonçalves, offerecia-se elle para medianeiro seguro da correspondencia; acceitou a Madre o alvitre, e pareceu tranquilisar-se a pouco e pouco.

Desde 1722 até 1728 continuou esta correspondencia

activa, visto que n'esses seis longos annos permaneceu Francisco Vieira em Roma, entregue todo á sua saudade, e á Arte. O que elle fez n'esses seis annos é estupendo; e a não ter sido infelicissimo o seu destino, pois quasi todas as suas obras pereceram no fatal terremoto e incendio de 1755, veriamos ainda hoje todos o quanto foi fecundo o seu genio.

Seis annos, d'esta segunda vez, trabalhou e labutou em Roma o perseverante artista, verdadeiro gigante da Pintura portugueza; ganhou rios de oiro, graças ás encommendas que lhe faziam os Principes romanos e as Irmandades; venceu os seus emulos; confundiu os invejosos (que os teve), e logrou a ventura de espalhar a sua fama, elle estrangeiro e desprotegido, de uma fronteira á outra da terra mais artistica da Europa.

Em 1727 foi recebido membro da Academia de S. Lucas, na classe dos *Academicos de Merito*, nomeação a que se seguia um ceremonial no templo do mesmo Santo, assistindo toda a Academia, e grande concurso de convidados.

Pintou então para a nobre corporação um quadro representando Moisés a arrojar a vara; depois do que, pensou em tornar-se para Lisboa. Já era tempo.

Deixemol-o embarcar. Vem com o fito feito em tentar, seja como fôr, um supremo esforço para libertar do Mosteiro a sua querida inspiradora. Deixemol-o embarcar! lá vem! lá vem! é esta a viagem mais aventurosa que elle jámais emprehendeu.

Deus proverá.

LII

Foi no fim da primavera de 1728, que Vieira se despediu da sua querida Roma, a que tanto e tanto ficou devendo. Roma é sempre mãe. Se ella não fosse, teria acaso aquelle talento subido a tamanhas alturas? foi ali que elle

cresceu, que elle floresceu, que elle bracejou e encorpou, á larga, n'aquella cumieira banhada do sol dos seculos.

Levou dezasseis dias a viagem, até se avistarem os nossos cabos do Espichel e da Roca. Salto por cima das minucias da jornada e da entrada no Tejo, e vejo desembarcar o nosso heroe no Caes da Pedra.

Que vida laboriosa e contrariada a sua! não é assim? como tem custado cara a celebridade áquelle homem! Ainda ha pouco era uma creança; agora temol-o a perfazer vinte e nove annos. Vinte e nove annos, sem nunca ter logrado, senão em sonhos, as venturas do amor!

Correu inesperado a casa de seus paes, que ambos eram felizmente ainda vivos. Foi d'elles recebido como é de suppôr. A todos da casa distribuiu por sua mão varias reliquias que trazia nas malas, e começou a dar conta do que tinha alcançado com o seu ganha-pão: o pincel.

Descançou dois dias, recebendo visitas de alguns amigos e conhecidos. No numero é impossivel deixar de ver o fiel André Gonçalves.

Sem contar aos paes os seus projectos (novo indicio, quanto a mim, de que elles jogavam de fóra em tudo isto), soube noticias de Carnide.

Tinha casado o Morgadinho! É sempre facto notavel n'uma familia illustre a consolidação da estirpe. Em 1 de Setembro de 1727 tinha José Falcão de Gamboa desposado D. Leocadia Felicia de Assis e Almeida filha de Adrião de Almeida Paulo, que de ourives do oiro subira a Cavalleiro da Ordem de Christo e Fidalgo da Casa Real, e de D. Josepha da Silva e Sousa. Já não importavam (segundo parecia) na quinta da Boa Vista essas desegualdades de sangue, desde que a noiva trazia, sobre o seu dote de 180:000 cruzados, uma tença de outros 3:000 em cinco vidas, e era (de mais a mais) irman carnal da Madre Paula de Odivellas. Fraquezas humanas!...

---

1 Pormenores tirados da habilitação de D. Leocadia para casar com o Familiar José Falcão.

Esta D. Leocadia, então muito novinha, pois andava pelos seus quatorze annos, era irman de duas freiras professas, e desde pequenina a tinham recolhido em Odivellas, onde vivia na clausura; e o que tem graça é que o pae, homem rico e vivendo á lei da nobreza, fôra morar no proprio couto do mosteiro, para ficar assim mais proximo das tres filhas que adorava. Ainda lá existe a casa d'elle.

LIII

Voltemos a Francisco Vieira.

A terceira noite depois da chegada, levou-a elle a escrever em cifra uma carta. De manhan muito cedo levantou-se, e correu ao Mosteiro; fez chegar a carta á Madre Soror Ignez Helena, e n'ella pedia que sem demora diligenciasse da Prelada uma vagante no locutorio; em tão boa occasião, que foi pedir, e ser admittido.

Ignez esperava tudo menos o seu Francisco tornado a Lisboa! apenas elle se achou só no locutorio, viu logo, dentro da grade, a pobre desgraçada, que em lagrimas, e de braços abertos, o devorava com os olhos. Que momento horroroso! Havia seis annos que se não avistavam, para a final se encontrarem assim!!

Passados os primeiros minutos de commoção, e dadas as primeiras explicações, diz elle:

—Meu querido Amor, fizemos todo o possivel, e nada conseguimos; batemos a todas as portas, e nenhuma se nos abriu. Já não posso esperar; já não acho resignação. Todos nos desampararam; resta-nos a astucia. Venho disposto a livrar-te d'este captiveiro, á custa do meu proprio sangue. Tudo tem limite.

E continuou expondo o meio que julgava mais condu-

cente ao seu fim: limar alguma grade por onde Ignez podesse fugir. Para isso já elle tinha comprado agua-forte, e trazido de Roma bellissimas limas...

Ignez não o deixou acabar; e impondo-lhe silencio com o gesto, disse:

— Não, meu amado Francisco, isso nunca. Isso podia ser para nós o maior dos precipicios. Não; isso nunca. Sahir, quero eu, e hei de sahir, mas ha-de ser pela Portaria por onde entrei ha quasi oito annos. Escuta:—accrescentou ella depois de pequena pausa — andam cá dentro obras no Mosteiro.

— Andam?

— Sim; está-se reconstruindo um dormitorio. Lembra-me uma coisa: sahir disfarçada de pedreiro quando todos despegarem do trabalho ás Ave-Marias. Acredita, meu Francisco— continuava ella em tom convencido: — isto parece-me inspiração do Céo.

— Mas, minha pobre filha, terás tu por acaso o animo preciso?

— Não me conheces ainda? Manda-me os preparos necessarios: uma vestia, uns calções, um capote, não esquecendo sapatos grossos, e sombreiro. Olha, tambem quero umas meias de homem, e uma camisa; uma camisa das tuas talvez me sirva.

Francisco Vieira pasmava de ouvir aquella resolução.

— E se te conhecem? — objectava elle — Como queres que te tomem por um operario, a ti, com esse rosto?...

— Já pensei n'isso; podem conhecer-me, sim, — continuava ella — mas tu faze-me uma mascarasinha de meia cara, testa e nariz: e assim talvez escape. Sobre tudo, tenho muita esperança nos Santos. Deus é muito bom; não quer sacrificios violentos como este meu; e continuar n'esta clausura é um sacrilegio.

Agora, deixando-os combinar o seu segredo, direi duas palavras historicas explicando o que ouvimos á Freira. Disse ella que andavam (em Agosto d'este anno de 1728) obras no seu Mosteiro. Achei no cartorio dois documen-

tos curiosos, que não deixam mentir aquella bocca tão linda [1].

O primeiro é uma licença passada em 10 de Maio por Frei Diogo da Conceição, Ministro Provincial Apostolico dos Franciscanos, e datada do seu antiquissimo Convento (hoje Bibliotheca Nacional), permittindo a entrada dos operarios indispensaveis para as obras a que lhe constava ser necessario proceder-se n'um dos dormitorios de Sant'Anna.

O segundo documento é de 6 de Julho seguinte, e n'elle permitte o mesmo Frei Diogo a venda de certo predio das Freiras, sito em Valverde, para com o producto se poderem pagar as projectadas bemfeitorias.

D'onde se conclue, que depois d'essa venda é que principiaram os trabalhos, que em Agosto, quando Ignez planeava tão imprudentemente a sua fuga, se achavam em toda a actividade. Tudo assim se completa; e os papeis do cartorio do extincto Mosteiro veem como facho allumiar estas minhas narrativas.

Recolhido a casa, foi Francisco tratar de se munir dos aprestes indispensaveis, o fato, o calçado, etc., para Ignez: e por duas vezes lh'os remetteu.

Depois (isto agora é muito importante) mandou buscar uma porção de barro ás Olarias dos Anjos, e sósinho no seu quarto, sem metter a nenhum dos seus na confidencia, esculpiu um rosto do tamanho natural. Sobre essa esculptura ainda fresca applicou um retalho de cambraia muito fina, unindo-o bem, conchegando-o bem ao barro. Depois, tendo derretido n'um tachinho uma pouca de cera, com ella pintou ou cobriu essa cambraia a pincel, deixando a cera congelar e ficar bem liza. Congelada ella, cortou á thesoira a meia-mascara, até o tamanho preciso: testa e nariz. Por dentro arranjou-lhe uma péga de arame, para fixar bem e adaptar a mascara ao rosto da pessoa. Feito isso, pintou a mascara a oleo, côr de carne, e cortando os pellos a uns pinceis finos,

---

[1] Vão em nota.

pegou esses pellos no logar das sobrancelhas por fórma tal, que enganariam um Santo.

Acabada esta obra insigne de esculptura e pintura, mas de astucia ainda mais, e principalmente de amor, metteu-a dentro de um cofresinho, que fechou com um cadeado italiano de prata, de sete lettras, e remetteu tudo para o Mosteiro.

Ignez abrindo o cofre com a sua confidente Catherina, achou perfeita a mascarilha, e doida de gosto pôl-a em si, e correu a vêr-se ao espelho. Parecia feita por medida. Ambas as duas amigas riram muito.

— Está tão natural — dizia Ignez — que eu propria me estou desconhecendo.

Tirou a mascara, pegou na penna, e respondeu a Vieira, que estava tudo muito bem; e quanto ao dia certo, ella avisaria.

De Margarida não consta entrasse na conspiração. Quero crêr que, receiosa do genio tímido e irresoluto da irman, não a tivesse Ignez mettido na confidencia. Catherina, essa sabia tudo, e tudo ajudou com denodo e dedicação de verdadeira amiga.

Já se não podia recuar. Fez Ignez muitas promessas a Santos e Santas da sua maior devoção, e conversou immenso com a boa Catherina, que a animava com os seus enthusiasmos habituaes. Que projectos não formariam!...

A noite, passou-a toda em claro a gentil conspiradora. Não sei que fogo lhe agitava as entranhas! Sonhava; queria que raiasse a manhan; tinha medo; depois revestia-se de intrepidez; logo recuava... emfim: um não acabar de tormentos.

Desde manhan cedo collocou pelas capellas interiores do Convento velas accezas; recommendou ás Monjas mais suas intimas rezassem a Deus para que a amparasse em certo requerimento; mandou dizer por sua conta algumas Missas na egreja; e depois escreveu a Francisco estas palavras pouco mais ou menos:

«Meu adorado Francisco

«Saberás que hoje mesmo quero ir para ti. Tudo está prompto; nada falta, senão marcar o momento. Será á hora em que os officiaes das obras largam o trabalho. Repara bem no que te vou dizer: Quando forem 6 horas da tarde, has-de tu estar embuçado á esquina do beco que fica defronte da Portaria; e logo que me vires sahir, não bulas comtigo até perceberes que eu voltei a esquina para a calçadinha do Lavre. Basta; e Deus tenha dó de nós. Tua

I.»

Escreveu, e guardou esta carta no seio. Depois tornou a escrever a Francisco um simples bilhete, pedindo-lhe que chegasse quanto antes a Sant'Anna, pois o ficava esperando na Roda.

O portador correu, e Francisco, que morava perto, pegou logo no capote e no chapéo, e galgou até ao Mosteiro. Chegou á Roda, falou, e foi conhecido de Ignez, que se achava proxima.

Falando o menos que poude, fez-lhe Ignez chegar a carta ás mãos; elle leu-a; e apenas respondeu em voz sumida:

— Percebi. Não é preciso mais nada. Adeus!

LIV

São interminaveis as tardes de verão. Davam na torre do relogio da proxima capella do chamado Paço da Rainha, na Bemposta, as 7 horas da tarde d'aquelle formoso dia de Agosto, e só então começava a escurecer. Tendo Francisco sahido de casa embuçado n'uma capa, trepou a calçada do

›nvento de Sant'Anna em Lisboa. Fachada da egreja e da portaria. Desenho de Julio de Castilho á penna, em Abril de 1901, segundo outro do mesmo auctor feito em 23 de Maio de 1880. Nota-se na fachada do templo a antiga *porta-principal*, ainda não de todo desentaipada como o veio a ser por occasião do centenario de Camões; apenas se vê a cornija resahida.

«Meu adorado Francisco

Saberás que hoje mesmo quero ir para ti. Tudo está prompto; nada falta, senão marcar o momento. Será á hora em que os officiaes das obras largam o trabalho. Repara bem no que te vou dizer. Quando forem 6 horas da tarde, has-de tu estar embuçado á esquina do beco que fica defronte da Portaria; e logo que me vires sahir, não bulas comtigo até perceberes que eu voltei a esquina para a calçadinha do Lavre. Basta, e Deus tenha dó de nós. Tua

I.»

[illegible]

O portador correu, e Francisco, que morava perto, pegou logo no capote e no chapeo, e galgou até ao Mosteiro. Chegou á Roda, fallou, e foi conhecido de Ignez, que se achava proxima.

Falando o menos que poude, fez-lhe Ignez chegar a carta ás mãos; elle leu-a; e apenas respondeu em voz sumida:

— Percebi. Não é preciso mais nada. Adeus!

LIV

São interminaveis as tardes de verão. Davam na torre do relogio da proxima capella do chamado Paço da Rainha na Bemposta, as 7 horas da tarde d'aquelle formoso dia de Agosto, e só então começava a escurecer. Tendo Francisco sahido de casa embuçado n'uma capa, trepou a calçada d


23 Maio 1880
J. de Castilho
P. Marinho g.
Abril 1901

Lavre, e foi postar-se com ar disfarçado n'um canto do beco fronteiro á Portaria de Sant'Anna, e que hoje se chama travessa do Adro. Sabe Deus como lhe pulava o coração! quem visse aquelle rosto, via o de um defuncto.

Esperou. Ouvia vozes femininas na Portaria, e estremecia ao pensar o que podia ser; pareciam altercar; illusões do susto. Tremulo e inquieto, sentia palpitar as arterias nas fontes.

Quanto a Ignez, se podessemos espreital-a de relance na sua cella, veriamos o seguinte:

No fim da tarde chamou a Monja pela sua creada, e fechou-se com ella no quarto. Era chegado o momento decisivo; era mistér não fraquejar. Tiraram de uma gaveta a véstia, os calções, o capote, e os mais petrechos; e (como se estivessem a disfarçar-se para uma das procissões figuradas do Natal ou da Paschoa) começaram n'esta empreza arriscadissima, em que Ignez ia jogar talvez duas existencias.

Ajudada de Catherina, foi a Monja desvestindo á pressa os seus habitos de Franciscana, calçando aquellas meias grosseiras de algodão, enfiando aquella camisa aspera de operario, ageitando aquelles calções de brixe remendados, e aquella vestia que lhe cingia o corpo; metteu-se n'aquelles sapatos velhos, onde os seus pés mimosos ficavam a nadar; e assim entrajada começou a exercitar-se de canto a canto na cella, a vêr se conseguia um andar masculino, um ar ordinario, uns ademanes de homem do povo.

Catherina, de parte, presenceava, examinava, mas não ria. Ella, tão alegre sempre, achava-se agora mais pallida que um lençol, e só proferia monosyllabos. Ignez, pelo contrario, habitualmente séria, ria com um rir nervoso, e forcejava com esse esforço enganar a si propria. Era horrivel aquelle ensaio; era lugubre aquella mascarada.

Tinha quasi chegado a hora das Ave-Marias. Dos andaimos do dormitorio vinham descendo os operarios para um claustro interior, onde n'uma pia de marmore costumavam lavar as mãos ao findar da tarefa diaria. Observavam-n-os das janellas Ignez e Catherina. N'um momento

dado, correu Ignez a tomar a mascara, fixou-a no rosto, abraçou Catherina com affecto, deixou-a a toda a pressa, e saltou com ligeireza para o tal pateo, ou claustro. N'aquelles instantes já não sabia a timida Monja o que era medo, nem receio sequer. Ia a passos firmes, e muito naturaes. Pelo claustro atravessavam então algumas Religiosas, muito suas conhecidas; e como davam as badaladas no sino do Mosteiro, as Monjas e os operarios ajoelharam n'um relance. E disseram ellas para o supposto pedreiro, sem o reconhecerem:

— Muito boa noite, mestre.

Ignez, em vez de se misturar no rancho dos officiaes, foi sahindo, por não convir deter-se mais, para não ser notada de algum d'elles. Ao passar para a Portaria, teve de seguir por uma quadra, onde as Preladas, sentadas com umas senhoras de fóra, estavam conversando, e fazendo disposições para a proxima entrada de umas meninas; mas antes de passar, foi-lhe preciso pedir licença; e pediu-a, com a voz mais grossa que lhe foi possivel. E disse a propria Abbadessa, que se achava mesmo junto á porta:

— Passe.

E ia arredar-se para deixar o transito livre ao joven operario. Este, que já não via claro, tanta era a confusão em que se achava, deu sem querer um encontrão no cotovello da Abbadessa; e ella então não poude reprimir esta censura:

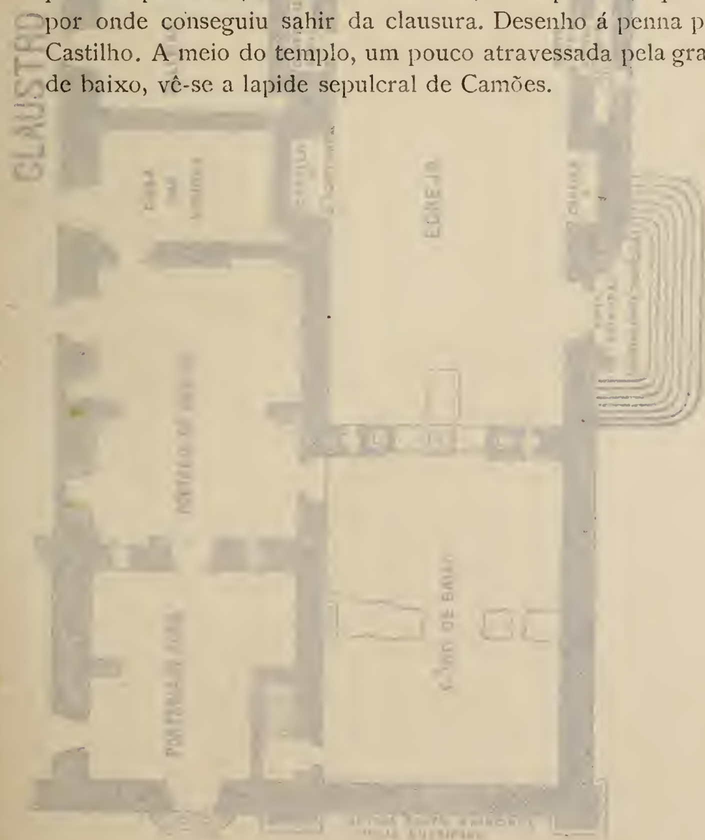
— Ai! não enxérga, grosseiro?

Bem lhe importou a reprimenda! Seguiu, seguiu, sahiu a Portaria, tomou para o Lavre, e d'ahi a minutos era alcançada por Francisco a fugitiva Monja de Sant'Anna.

Monja? não; a sua mulher legitima; á face dos homens e á face de Deus.

. . . .

Conta-se que no reboliço medonho que este facto causou nas conversações em Lisboa, chegou breve a noticia ao paço da Ribeira; e encarecendo alguem o escandalo a el-Rei D. João V, respondeu o Soberano rindo ás gargalhadas:



Claustro e portaria de Sant'Anna; planta. Ahi se percebe o caminho que D. Ignez seguiu, entrando do claustro para a casa das vendas, d'ahi para as portarias, de dentro e de fóra, até á porta de quatro degraus por onde conseguiu sahir da clausura. Desenho á penna por Julio de Castilho. A meio do templo, um pouco atravessada pela grade do côro de baixo, vê-se a lapide sepulcral de Camões.

dalo, correu Ignez a tomar a mascara, fixou-a no ro[illegible] abraçou Catherina com affecto, deixou-a a toda a press[illegible] saltou com ligeireza para o tal pateo, ou claustro. N'aque[illegible] instantes já não sabia a timida Monja o que era medo, [illegible] receio sequer. Ia a passos firmes, e muito naturaes. [illegible] claustro atravessavam então algumas Religiosas, muito s[illegible] conhecidas; e como davam as badaladas no sino do M[illegible] teiro, as Monjas e os operarios ajoelharam n'um relance. [illegible] disseram ellas para o supposto pedreiro, sem o reconhe[illegible] rem:

— Muito boa noite, mestre.

[illegible] disposições para a proxima entrada de umas [illegible] antes de passar, foi-lhe preciso pedir licença; e pedi[illegible] com a voz mais grossa que lhe foi possivel. E disse a p[illegible] pria Abbadessa, que se achava mesmo junto á porta:

— Passe.

E ia arredar-se para deixar o transito livre ao jov[illegible] operario. Este, que já não via claro, tanta era a confus[illegible] em que se achava, deu sem querer um encontrão no co[illegible] vello da Abbadessa: e ella então não poude reprimir es[illegible] censura:

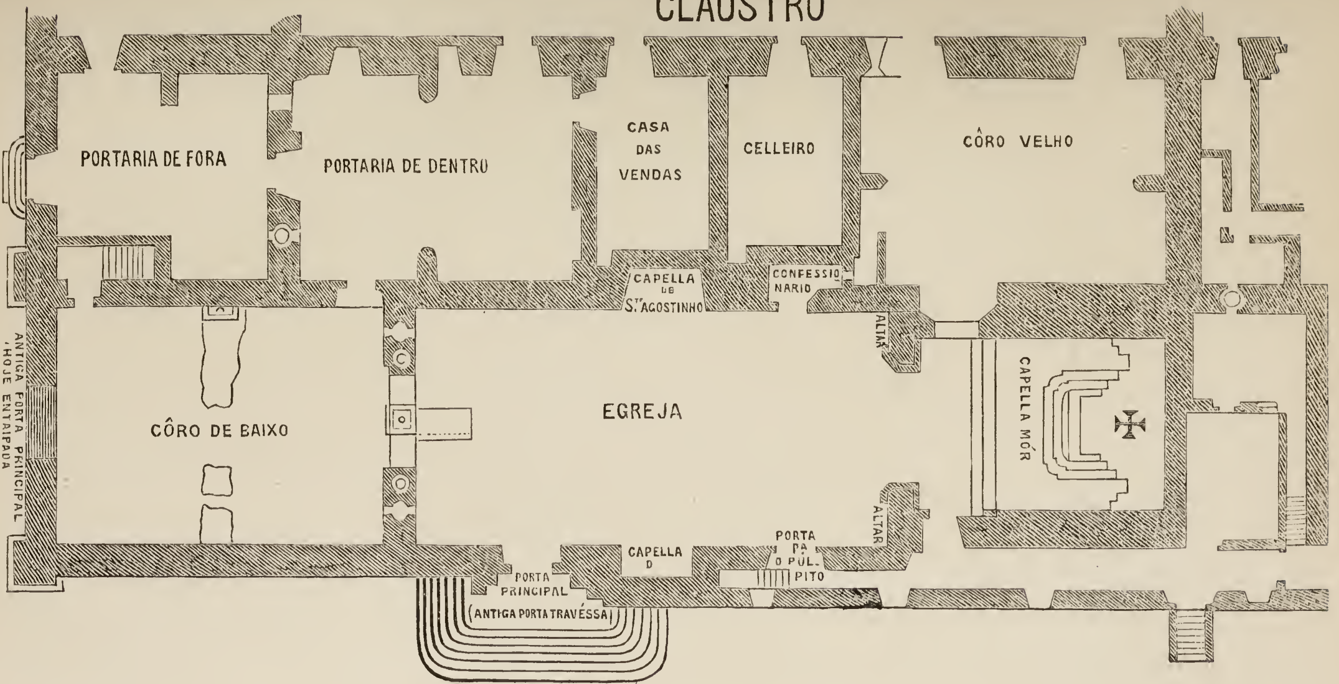
— Ai! não enxerga, grosseiro?

Bem lhe importou a reprimenda! Seguiu, seguiu, sa[illegible] Portaria, tomou para o Lavre, e d'ahi a minutos era a[illegible] çada por Francisco a fugitiva Monja de Sant'Anna.

Monja? não; a sua mulher legitima; á face dos ho[illegible] e á face de Deus.

. . . .

Conta-se que no reboliço medonho que esta facto [illegible] nas conversações em Lisboa, chegou breve a notic[illegible] paço da Ribeira; e encarecendo alguem o escandalo a el [illegible] D. João V, respondeu o Soberano rindo ás gargalha[illegible]


CLAUSTRO
PORTARIA DE FORA
PORTARIA DE DENTRO
CASA DAS VENDAS
CELLEIRO
CÔRO VELHO
CAPELLA DE Sto. AGOSTINHO
CONFESSIONARIO
ALTAR
CAPELLA MÓR
CÔRO DE BAIXO
EGREJA
ALTAR
PORTA PA O PULPITO
CAPELLA D
PORTA PRINCIPAL
(ANTIGA PORTA TRAVÉSSA)
ANTIGA PORTA PRINCIPAL
HOJE ENTAIPADA

— Deixem-n-os lá. Ninguem nunca a fez mais limpa.

Um acto de tanta ousadia mereceu legitimado pela Egreja, e pela opinião. Francisco Vieira ficou, de direito e de facto, marido de D. Ignez Helena de Lima e Mello.

Raivasse quem raivasse. Vencera o plebeu.

LV

Não sei calcular o que houve no Mosteiro, ao darem lá pela falta da ladina Madre Ignez. O cartorio, que examinei, é completamente mudo no assumpto; essas coisas não deixam rasto; e algum que deixam, oblitera-se. A estampa dos fugitivos pés de Ignez na terra do claustro, bem depressa a apagaram as pisadas das companheiras.

Umas indignaram-se; calaram-se outras; outras deram toda a razão á heroina; algumas rasgaram-lhe as carnes a golpes de thesoira; outras justificaram-lhe a memoria. A sua cella, muda e deserta, seria primeiro um sitio excommungado; só se entrava lá com hyssope. Depois... foi-se a pouco e pouco habituando a Communidade áquella ausencia, foi esquecendo o facto, e recahiu tudo no seu silencio habitual.

«O cartorio é completamente mudo no assumpto» — acabei de dizer. Perdão; talvez o não seja. Duas palavras de explicação.

Ha no masso n.º 2 um documento, datado de 4 de Março de 1729, onde me parece ler (nas entrelinhas) o nome de Ignez de Lima. Querem ver?

A Paschoa em 1729 cahia a 17 de Abril; isto é: desde a data d'esse documento até lá só mediava um mez e poucos dias. Nas festas da Paschoa costumavam as Religiosas cele-

brar lá dentro, nos corredores do seu Mosteiro, as procissões figuradas a que alludi ainda agora; portanto, haviam de estar prestes a começar os preparos para essas festas de tão engraçada puerilidade. E é então, que desce lá do morro de S. Francisco, e sóbe ao monte de Sant'Anna, uma carta severa de Frei Diogo da Conceição á Madre Abbadessa. Abre-se, e lê-se, com espanto e pena, o seguinte: que, tendo chegado á noticia do Ministro Provincial, que as senhoras intentavam lá fazer algumas procissões, onde elle, no seu muito escrupulo, receava se encontrassem coisas menos rigorosamente decentes, ordena que a Abbadessa não permitta *que alguma Religiosa, ou Religiosas* (palavras formaes), *para fazerem figuras nas taes procissões se vistam de quaesquer adornos seculares, nem deixem os proprios habitos;* impõe tambem Frei Diogo á mesma Prelada, não permitta a entrada de seculares na clausura, com o pretexto *de concertarem andores, ou fazer Passos, ou outra qualquer coisa;* nem sequer consinta *que entrem alguns meninos ou meninas a fazerem figuras de Anjos*, *ou a outro qualquer fim.* Conclue recommendando que as ditas procissões no interior da casa se façam com toda a decencia, sem que as Religiosas sejam vistas dos seculares de fóra, para o que se *mandará fechar a grade* (do córo), *ou pôr alguma cortina bem tapada.*

Pergunto: não andariam n'estas meticulosas e insolitas recommendações os receios de scenas parecidas com a mascarada do pedreiro? o ressaibo da recente fuga? uma especie de castigo á Communidade? o susto de repetição de caso analogo? em summa: não vemos n'este documento o vestigio de Ignez? Eu por mim, não distingo outra coisa.

Deixemos porém as boas Monjas, a quem nem sequer era já tolerado esse desafogo que tanto lembrava os *aytos de devação* da Madre de Deus e da Sé, e sigâmos os dois fugitivos.

Seguil-os? seguil-os.... é difficil. Estou a ver que, na austeridade de costumes de Vieira, o que elle faria seria levar Ignez logo logo para o lar de seus paes, e entregal-a, como filha, á guarda carinhosa da velha Antonia Maria.

Como se não abriram aquelles braços á pomba foragida, que assim procurava o abrigo da arca!

. . . .

É pena não nos ter o auctor dito muito ao certo o sitio onde foi morar. Apenas escreve:

Em santa paz dignamente
gosavam thalamo e meza
n'aquelle ameno e aprazivel
sitio das Hortas-da-cera,

que foi o feliz primeiro
porto, em que os acolhera
o puro Hymeneu cantando
mil nupciaes doces lettras.

Eram as Hortas-da-cera, como todos sabem, umas terras pertencentes aos Condes de Castello-Melhor, e que se alastravam desde as muralhas trazeiras do paço da Inquisição, ou *dos Estaos*, até quasi ao Valle de Pereiro, subindo ao longo do que veio a ser o nosso Passeio publico (de saudosissima memoria), e é hoje a nossa hirta e pretenciosa Avenida. Ainda existe o nome de travessa da Horta-da-cera; era ha poucos annos uma viella quasi deserta, tortuosa, que levava desde a calçada do Salitre até á rua de S. José. A Avenida cortou-a ao meio, como se corta uma cobra, por fórma que o principio occidental d'essa antiga serventia é a 5.ª travessa á esquerda no Salitre, para quem vai do Rato, e finda na Avenida; e o outro troço oriental da cobra é a 3.ª travessa á esquerda, na rua de S. José, indo da rua das Pretas, e finda na mesma Avenida.

Vieira se ressuscitasse não reconheceria o sitio. Talvez a sua morada já não exista. Quero crer que fosse, como disse, a de seus paes, mas não sei.

O que é bem certo é que (na phrase d'elle)

aquelle ameno e aprazivel
sitio das Hortas-da-cera

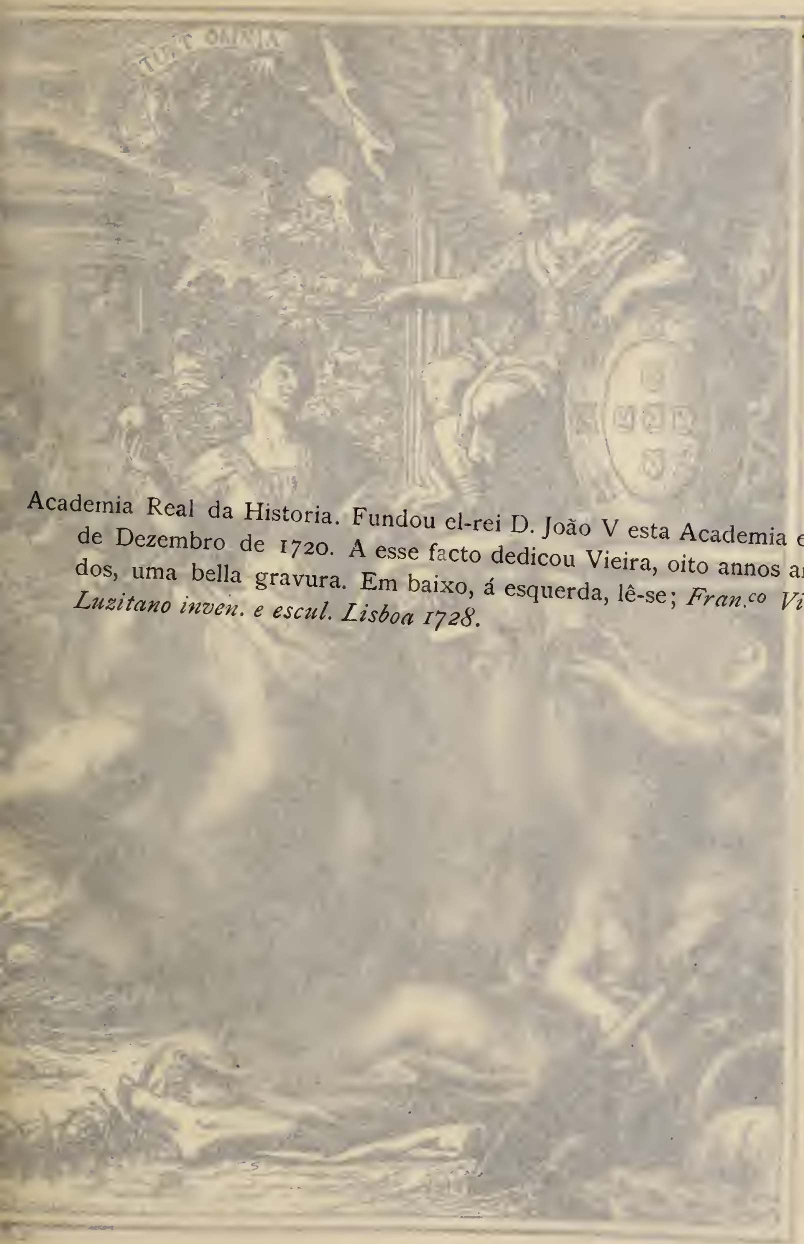
mudou de todo; poucas paragens haverá em Lisboa tão transformadas. Aquillo d'antes era puro campo, ás portas da Baixa. Todo o sorriso das hortas da Paian se encontrava nas hortas planissimas da cera, muito cheias de agua, esperguiçadas pelo valle, subindo pelas encostas do Salitre, da Cotovia, e de Rilhafolles, e pegando com os arvoredos de Andaluz (ou *Anda á luz*, conforme a cerebrina etymologia de um chronista monastico). Este valle, todo de alluvião, era fresquissimo retiro, que muitos lisboetas apeteciam. Apeteceu-o o espirito bucolico de Francisco Vieira, querendo dar á sua reclusa uma afastada amostra do campo onde ella tinha nascido e vivido, e de que tantas e tantas saudades curtiria de certo.

Das suas janellas, n'aquelle extase indescriptivel do primeiro tempo, espraiariam os dois a vista pelo verde dos pomares florídos, e ouviriam as longas musicas dos arvoredos e cannaviaes. Por todos aquelles contornos, onde o que hoje são ruas eram estradas ermas, ou atalhos escusos entre sebes, poderiam passear quasi incognitos, como quem passeasse na Costa da Luz.

Quando penso n'estes sitios, e me transporto ao tempo do Vieira, vejo que deserto era isso tudo! Existia o templo das Freiras da Annunciada, com a sua frente para o largo, onde tambem cahia o palacio interessantissimo dos Ericeiras. Atraz d'esse templo, a residencia claustral. Seguia-se a cerca, até onde hoje vemos a rua das Pretas. Os predios da praça da Alegria, e lado occidental da nossa Avenida todos são modernos. O palacio dos Lavres, na esquina da empinada calçada do mesmo nome, era recentissimo. Tudo por aqui tinha o aspecto de campo em transformação. Antes de 1764, em que o lapis de Reynaldo Manuel delineou o Passeio e as duas serventias lateraes, era todo este arrabalde das Hortas-da-cera (assentemos n'isto) sitio tão ermo, como são hoje as immediações da Penha de França [1].

---

[1] Este capitulo escrevia-se em 1890.



Academia Real da Historia. Fundou el-rei D. João V esta Academia em 8 de Dezembro de 1720. A esse facto dedicou Vieira, oito annos andados, uma bella gravura. Em baixo, á esquerda, lê-se; *Fran.co Vieira Luzitano inven. e escul. Lisboa 1728.*

mudou de tudo; poucas paragens haverá em Lisbôa tão transformadas. Aquillo d'antes era puro campo, ás portas da Baixa. Todo o sorriso das hortas da Paiau se encontrava nas hortas planissimas da cera, muito cheias de agua, espreguiçadas pelo valle, subindo pelas encostas do Salitre, da Cotovia, a de Rilhafolles, e pegando com os arvoredos de Andaluz (ou *Anda à luz*, conforme a cerebrina etymologia de um chronista monastico). Este valle, todo de alluvião, era fresquissimo retiro, que muitos lisboetas apeteciam. Apeteceu-o o espirito [illegible] de Francisco Vieira, querendo dar á sua [illegible] uma [illegible] do campo onde ella tinha nascido e vivido, e de que tantas e tantas saudades curtirá de certo.

Das [illegible] [illegible] e canaviaes. Por todos [illegible], onde o que hoje são ruas eram estradas ermas, ou atalhos escusos entre sebes; poderiam passear quasi incognitos, como quem passeasse no Costa da Luz.

Quando penso n'estes sitios, e me transporto ao tempo do Vieira, vejo que deserto era isso tudo! Existia o templo das Freiras da Annunciada, com a sua frente para o largo, onde tambem cahia o palacio interessantissimo dos Ericeiras. Atraz d'esse templo, a residencia claustral. Seguia-se a cerca, até onde hoje vemos a rua das Pretas. Os predios da praça da Alegria, e lado occidental da nossa Avenida todos são modernos. O palacio dos Lavres, na esquina da empinada calçada do mesmo nome, era recentissimo. Tudo por aqui tinha o aspecto de campo em transformação. Antes de 1764, em que o lapis de Reynaldo Manuel delineou o Passeio e as duas serventias lateraes, era todo este arrabalde das Hortas-da-cera (assentemos n'isto) sitio tão ermo, como são hoje as immediações da Penha de França [1].

---

[1] [illegible] escrevia-se em 1893?


ITUET OMNIA
HISTO
RIA

Ahi, pois, fixou os seus lares o aventuroso amante, trazendo nos braços aquella que foi o unico verdadeiro amor da sua vida, aquella que foi o seu orgulho, e metade da sua gloria.

Catherina Margarida, a vivissima companheira, a confidente dedicada, acompanhou de certo sua ama; e a lua de mel illuminou aquelle casal, com os raios mais doces de que ha memoria na historia dos namorados celebres. D. Margarida, a boa irman, ainda então Noviça, continuou no Mosteiro. A sua solidão havia de ter sido tristissima! tristissima!

LVI

O descanço que poderam alcançar ao cabo de tantos trabalhos e desgostos, não foi muito duradoiro. Sete mezes andados, já outra desgraça os assaltava. Diz o pintor-poeta:

Mas este tranquillo estado
não lograram mais que apenas
quanto de Ceres madura
vai até Flora completa.

Deu-se a fuga, como disse, em Agosto de 1728; logo em principios de Junho de 29 andava com elles a contas o infortunio.

Antes porém de contar este triste caso, preciso citar duas gravuras, que possuo, e que me quer parecer podem, talvez sem grande temeridade, collocar-se n'este intervallo dos sete mezes.

Uma d'ellas anda collada no frontispicio de varias obras do tempo do senhor D. João V, e a nenhuma pertence em

especial. Está-se a ver que foi encommendada ao grande artista uma gravura allegorica á Historia em geral, ou antes talvez á fundação da Academia Real da Historia, ou a algum assumpto assim; e elle desenhou e gravou por sua mão, com o seu valente estylo de pouco acabamento (maior acabamento, ainda assim, do que a outra gravura á morte do irmão) o seguinte, embuçado nos seus eternos commentarios symbolicos:

Sobre um plintho alto vê-se o Genio de Portugal, em trajo romano, coroado de Rei, com duas enormes azas nas costas, e segurando debaixo do braço esquerdo o escudo portuguez ovado; com a mão direita aníma, tocando-lhe com o sceptro, uma grande figura, a dominante do quadro, e que toma de pé a linha central perpendicular da composição. Esta figura é a Historia. Traja tunica e peplum, corôa-se de Rainha, enfia no antebraço direito uma grinalda de hera, allegorica ás tradições vetustas, e levanta n'essa mão uma roman, symbolo do agrupamento dos individuos que formam a sociedade humana. Na mão esquerda sustenta uma lima, indicativa do indispensavel apuro e castigo critico das pesquizas historicas, e uma corrente, com que a Historia está agrilhoando o Tempo, que aos pés lhe ajoelha em ar submisso. Ao fundo vê-se entre arvoredo o templo da Memoria, e duas figuras escrevendo: uma, HISTORIA ECCLESIASTICA, e a outra, HISTORIA SECVLAR. Ao lado direito, no primeiro plano, os nossos dois rios principaes, o velho Tejo, com o dragão brigantino por distinctivo, e o Douro, mais novo, mais vigoroso, com os seus pampanos e cachos, e offerecendo á grande figura oiro a plenas mãos, para realisação dos seus commettimentos litterarios. No alto, um Genio alado fazendo esvoaçar uma fita que diz: RESTITUET OMNIA.

A gravura é assignada *Francisco Vieira Lusitano inven. e escul. Lisboa 1728.*

Está tudo descripto? não, ainda não está tudo.

Reparem na figura da Historia. Tem ao peito, junto á cintura (como que rematando e unindo duas fitas bordadas

que lhe descem do collo) uma chapa, semelhante ao «racional» dos antigos sacerdotes hebraicos, na qual, munido de lente, vejo lettras de convenção, algumas eguaes ás do nome de *Ignez Ell.ⁿᵃ* na gravura, já citada, ao fallecimento de João Vieira. Parece-me rastrear n'isso um resto talvez do alphabeto convencional dos dois amantes. Elle era assim; em tudo (como tenho dito cem vezes) gostava de mesclar a individualidade da sua querida amante; e tanto, que leio claramente ali INEZ, e não sei ainda que mais palavras; e na physionomia d'essa mulher convencional creio ver o typo de Ignez; e na *lima* que ella empunha, uma clara reminiscencia do appellido da fidalguinha da Boa-Vista.

Elle quando compoz esse quadro estava de bom humor; estava feliz; tinha conseguido o seu sonho; el-Rei D. João V tinha a final mandado *legalisar* aquella união já tão legitima; o pintor possuia em casa, junto a si, a sua inspiradora; não admira que personificasse n'ella a Historia! não admira que achasse chiste em pôr uma figura que significava o Rei animando essa outra! não admira que applicasse ao seu caso peculiar e pessoal a divisa OMNIA RESTITUET! e não admira que pozesse na mão da Historia a roman, que, segundo a iconographia das medalhas gregas, representava tambem Prosérpina, separada de Plutão, e só passados seis mezes restituida a elle! Vieira era um sublime doido, é preciso que se convençam bem d'isto; e a Arte... outra coisa não é senão uma loucura sublime.

A segunda estampa de que vou falar, é muito curiosa. Parece-me rara; nunca vi senão este meu exemplar, que possuo desde 1870. Representa o seguinte:

Junto de um banco, e encostada a elle, vê-se, sentada no chão, uma mulher, que, pelo trajo, e pelas fitas do penteado, me parece uma Vestal. Ao pé d'ella um loireiro encostado tambem ao dito banco. A mulher é muito graciosa, e tem as linhas physionomicas de Ignez; é indubitavel. Ao lado direito do espectador expande-se uma nuvem, e sái d'ella, como que desprendendo-se de um altar, cujo suppedaneo se vê á direita, o meio corpo de Santo Antonio, com

a Cruz, e um ramo de lyrios na mão esquerda; aponta com a direita para o céo onde rutila entre irradiações de luz o numero nove em caracteres romanos: IX. Á direita, em baixo, lê-se F. V. L. *in. & fecit.* O estylo da gravura é bellissimo; é d'elle.

Muito tempo, muitissimos annos, não passou para mim de enigma esta allegoría; agora creio poder explical-a assim:

Uma Vestal é Ignez freira; Ignez está orando diante de um altar; o chão lageado representa o da egreja; o banco é tal qual da fórma dos que ainda ha nos templos; o loireiro é Vieira, como artista e poeta. O Santo, patrono das coisas perdidas, invocado pela Monja nas suas orações, indica-lhe aquelle numero, que significa o dos annos que hão-de mediar entre a chegada de Vieira de Roma, e a sahida de Ignez do Convento: 1719, 1728; *nove* annos.

Será isto? não será? Quem m'o podia explicar já não existe ha mais de um seculo.

Com a sua graça e amabilidade habitual, diz o meu muito querido Thomaz de Mello Breyner, que eu leio uma allegoria complicada com a facilidade com que elle lê o *Diario de Noticias.* Oh! se assim fosse!...

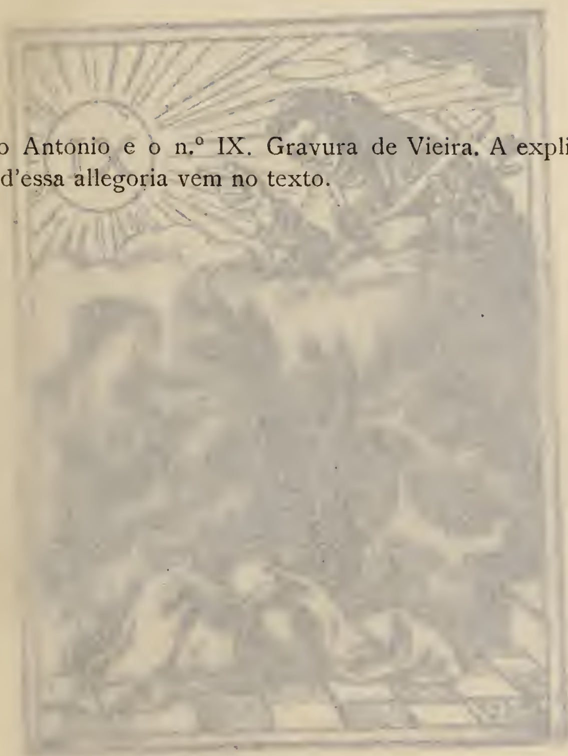
LVII

Vamos agora ao caso triste que prometti contar.

Estavam tocando á Missa de festa na egreja das Freiras da Annunciada. Era Domingo do Espirito Santo 4 de Junho de 1729; dez horas e meia da manhan.

Vestidos os dois esposos, preparavam-se para sahir. Sahiu primeiro Francisco, e seguiu em direcção á Annunciada (que era onde hoje vemos a parochial moderna de

Santo Antonio e o n.º IX. Gravura de Vieira. A explicação e decifração d'essa allegoria vem no texto.



a Cruz, e um ramo de lyrios na mão esquerda; aponta com a direita para o céo onde rutila entre irradiações de luz o numero nove em caracteres romanos: IX. Á direita, em baixo, lê-se F. V. T. *in. & fecit.* O estylo da gravura é bellissimo; é d'elle.

Muito tempo, muitissimos annos, não passou para mim de enigma esta allegoria; agora creio poder explical-a assim:

Uma Vestal é Ignez freira; Ignez está orando diante de um altar; o chão lageado representa o da egreja; o banco é tal qual da forma dos que ainda ha nos templos; o loireiro é Vieira, como artista e poeta. O Santo, patrono das coisas [illegible] aquelle numero, que significa o dos [illegible] entre a chegada de Vieira de Roma, e a sahida de Ignez do Convento: 1719, 172[illegible]; *nove* annos.

Será isto? não será? Quem m'o podia explicar já não existe ha mais de um seculo.

Com a sua graça e amabilidade habitual, diz o meu muito querido Thomaz de Mello Breyner, que eu leio uma allegoria complicada com a facilidade com que elle lê o *Diario de Noticias*. Oh! se assim fosse!...

LVII

Vamos agora ao caso triste que prometti contar.

Estavam tocando á Missa de festa na egreja das Freiras da Annunciada. Era Domingo do Espirito Santo 4 de Junho de 1729; dez horas e meia da manhan.

Vestidos os dois esposos, preparavam-se para sahir. Sahiu primeiro Francisco, e seguiu em direcção á Annunciada (que era onde hoje vemos a parochial moderna de


IX

S. José, quasi defronte da calçada do Lavre). A rua da Horta-da-Cera formava um cotovello muito arqueado; depois seguia-se, no chão que veio a ser no nosso tempo a praça da Alegria de baixo, ou praça das Hervas, uma viella muito deserta chamada rua das Pretas, e de que existe hoje apenas o troço oriental antes da rua do Telhal, que sobe para os Capuchos. Sobre essa viella cahia o muro da cerca das Freiras; sitio apartado de tudo, como se está vendo, e com sahida para as ermas ribanceiras da Cotovia.

Trinta passos teria dado o Vieira na rua das Pretas, sem reparar sequer n'um embuçado que se lhe escondia a um canto, quando de repente ouve o estrondo de um tiro muito proximo, e sente-se ferido no rosto e no hombro. O embuçado, que elle (ao voltar-se) reconheceu muito bem, correu, e sumiu-se.

N'isto, D. Ignez, que vinha a alguma distancia, no encalço do marido, com o rancho das servas, ouviu o tiro, e avistou o seu adorado todo lavado em sangue, e pedindo em altos brados Confissão! Ao presencear tamanho horror, quiz correr, não poude! quiz gritar, não poude! descorou, abriu os braços, e cahiu fulminada nos das creadas. Vieira, por momentos esquecido do seu proprio mal, corre para ella por um supremo esforço, julga-a morta, e cai sem sentidos junto de Ignez.

Gente que perto passava, e ouviu o alarido das aias, amotinou-se; juntou-se muito mais povo, e não tardaram os dois infelizes em ser levados para a propria casa aos hombros de alguns homens caridosos.

Foi Francisco Vieira, a escorrer sangue, collocado sobre o seu leito, e as creadas seguravam no collo a desmaiada senhora. Não tardaram soccorros da mais proxima pharmacia, e os dois tornaram a si.

Os medicos chamados applicaram os primeiros apparelhos de pontos nas feridas; mas tendo-se o caso espalhado logo em Lisboa, chegou á noticia do Rei, e este senhor mandou immediatamente a casa do grande pintor o cirurgião do Paço, um allemão Henrique (trazido no sequito da Rainha

D. Maria Anna[1]), e o insigne florentino Bernardo Santucci, que, além de ser medico, tinha luzes da pintura e era apreciado escriptor scientifico. Menciona-o o Diccionario de Innocencio[2]. Certificaram os dois sabios não serem mortaes as feridas, mas reprovaram os pontos, e em vez d'isso pozeram não sei que outras coisas.

Santucci foi tambem ver D. Ignez, e pediu-lhe que socegasse, pois não era caso de perigo; mas disse-lhe que, ainda assim, Francisco, sempre piedoso, insistia para que lhe trouxessem da freguezia os Sacramentos. Trouxeram-lh'os.

Correram Lisboa estas varias noticias em todas as direcções, augmentadas e deturpadas, como é uso: chegou a dizer-se que tinha fallecido o «Lusitano». Foi muitissima gente informar-se d'elle, e a Nobreza distinguiu-se pelo seu carinhoso affecto. Lá o conta o interessado:

Cavalheiros infinitos,
das mais distinctas nobrezas,
mostraram do LUSITANO
ser cada qual um Mecenas.

Demorou-se o restabelecimento. Offendera o tiro os nervos da banda direita do queixo, e isso impediu Vieira por

---

[1] O Dr. Henrique, Allemão, Cirurgião da dita Rainha, vem mencionado a pag. 16 dos *Apontamentos para a biographia do notavel Architecto de ... Mafra J P. Ludovice* — pelo Visconde de Sanches de Baêna.

[2] Dá-o este Diccionarista como natural de Cortona, na Toscana, e Doutor em Medicina pela Universidade de Bolonha; e accrescenta que foi *chamado em 1732 por el-Rei D João V para reger a cadeira de anatomia, que o mesmo Monarcha creára poucos annos antes no Hospital de Todos os Santos, de Lisboa.* Hesitei perante aquelle adjectivo empregado por Innocencio, quando vi que Santucci em 1729 tratava o Vieira; é que a palavra *chamado* não quer certamente dizer que el-Rei o mandasse vir de Italia, mas sim o empregasse no Hospital, achando-se já em Portugal este notavel Medico. O certo é que na *Gazeta de Lisboa*, n.º 29, de 17 de julho de 1732 se lê: «O Dr. Bernardo Santucci, de Toscana, que agora rege a cadeira de Anatomia no Hospital Real de Todos os Santos, fez a sua prefação a 7 do presente mez, a 9 a primeira lição demonstrativa, e a 11 a segunda, com grande concurso dos professores das Artes, e de um grande numero de curiosos.»

muito tempo de comer. Alimentava-se bebendo caldos por um gomil. Ignez, a affectuosa e dedicada enfermeira, dava graças a Deus por poder prestar ao adorado da sua alma todos os serviços que a dedicação lhe dictava.

No dia 18 de Junho ainda a doença durava; nem convinha fechar tão cedo a ferida do hombro, por se julgar tivessem ficado dentro n'ella alguns fragmentos de lan, algodão e seda do fato, que a final foram cuidadosamente extrahidos em 21 do mesmo mez, menos a bala de chumbo.

Quinze dias se protrahiu a laboriosa convalescença. Quando se accentuaram as melhoras, e os medicos se despediram, deu-lhes Vieira, além dos devidos honorarios, uns bonitos presentes, que foram: ao allemão um camafeu grego, que representava duas cabeças brancas sobre campo escuro, peça valiosa trazida de Roma. Quer-me parecer seria o mimo do Cardeal Barberini. O medico italiano obteve um quadro, que representava Diana transformando em fonte a Nympha Egeria, pelas lagrimas que ella derramou depois de perder a Numa Pompilio.

Ao achar-se mais forte, metteu-se Vieira n'uma sege, e encaminhou-se á audiencia d'el-Rei.

N'uma sala do paço, entre alguns Gentis-homens e outros Grandes, achava-se sentado o senhor D. João V, quando introduziram o celebrado pupillo do Marquez de Abrantes. Tinha sido annunciado, e por isso todos os olhos se voltaram para a porta, quando o porteiro da camara correu o reposteiro.

Vinha Vieira muito pallido; alquebrado, e a passos debeis e vagarosos, seguiu ao longo da sala até á cadeira de el-Rei. Poz o joelho em terra, e beijou a mão do Soberano. Examinou-o este Principe com ar de bondoso interesse, e reparou na casaca do recem-chegado, intencionalmente a mesma que recebera o tiro: rota no hombro, ensanguentada, vinha ser testemunha irrecusavel do attentado infame. Antes de mais, disse logo o Rei com modo severo:

— Isto é incrivel! Pois pódes ter a certeza, meu Vieira, de que has-de ser vingado.

— Meu senhor, — respondeu este — como eu julguei que era chegada a minha ultima hora, tive occasião de perdoar. Perdoei ao inimigo; não é bem que me arrependa. Vingança, não a desejo. Agora a vida, meu senhor, essa quero-a segura e quieta; e como me consta que o meu aggressor prosegue nas suas pessimas tenções, venho pedir licença a Vossa Majestade para fugir, antes que algum furor me perca.

Ouviu el-Rei, e louvou de certo a magnanimidade da victima; entretanto, na sua qualidade de Magistrado supremo da Justiça, deu logo ordem a fim de se passar um Decreto para a immediata captura do supposto delinquente.

Era Ministro de Estado desde muitos annos um notavel homem, a quem já duas vezes alludi: Diogo de Mendoça Côrte-Real; e quiz a má fortuna que elle fosse, como sabemos, amigo intimo de Francisco Falcão. Ora como a fama publica indigitava réo do frustrado assassinio um dos dois Falcões, filhos, procedeu o Ministro por fórma tal, que, sem quebra do seu respeito de aulico, teve artes de inutilisar a ordem do Soberano, e entorpecer a acção da Real Justiça. Os Soberanos nem sempre podem tudo. Por mais que Francisco pediu deferissem ás suas supplicas, não fazendo mal ao criminoso, muito embora, mas garantindo-lhe as suas immunidades e liberdades a elle, supplicante, nada conseguiu. O Decreto ficou lettra morta. D. João V não era D. João II.

. . . .

Aqui, n'este periodo da minha historia, condensam-se as trevas, e só ás apalpadellas se caminha, por culpa do proprio Vieira, que mais explicito podia e devia ser na sua narrativa.

Diz Cyrillo que Vieira, depois do tiro de 4 de Junho, teve motivo para se temer de outro assalto, e foi esconder-se no Convento dos Paulistas, na calçada do Combro. Ahi pintou em 1730 e 31 os *famosos eremitas*, que lá vemos no cruzeiro do templo.

Será a este homizio no Convento dos Paulistas da Serra

Diogo de Mendoça Côrte-Real, Secretario de Estado das mercês e do expediente d'El-rei D. João V.

Copia aproximada á penna (traducção de verso bom para má prosa) de um fragmento da magnifica e notavel gravura de Debrie e Gaillard. Lisboa 1730, por Julio de Castilho, obsequiosamente emprestada a este pelo snr. Annibal Fernandes-Thomaz, da Figueira da Foz.

— Meu senhor, — respondeu este — como eu julguei que era chegada a minha ultima hora, tive occasião de perdoar. Perdoei ao inimigo; não é bem que me arrependa. Vingança, não a desejo. Agora a vida, meu senhor, essa quero-a segura e quieta; e como me consta que o meu aggressor prosegue nas suas pessimas tenções, venho pedir licença a Vossa Majestade para fugir, antes que alguem [illegible] me perca.

Ouviu o Rei, e louvou de certo a magnanimidade da victima; entretanto, na sua qualidade de Magistrado supremo da Justiça, deu logo ordem a fim de se passar um Decreto para a immediata captura do supposto delinquente.

Era Ministro de Estado desde muitos annos um notavel homem, e [illegible] alheio: Diogo de Mendoça Corte-Real; e [illegible] a má fortuna que elle fosse, como sabemos, amigo intimo de Francisco Falcão. Ora como a fama publica indigitava reo do frustrado assassinio um dos dois Falcões filhos, procedeu o Ministro por fórma tal, que, sem quebra do seu respeito de amigo, [illegible] de annullar a ordem do Soberano, e entorpecer a acção da Real Justiça. Os Soberanos [illegible] no criminoso [illegible] immunidades e liberdades a elle, supplicante, nada conseguiu. O Decreto ficou lettra morta. D. João V não era D. João II.

. . . .

Aqui, n'este periodo da minha historia, condensam-se as trevas, e só ás apalpadellas se caminha, por culpa do proprio Vieira, que mais explicito podia e devia ser na sua narrativa.

Diz Cyrillo que Vieira, depois do tiro de 4 de Junho, teve motivo para se temer de outro assalto, e foi esconder-se no Convento dos Paulistas, na calçada do Combro. Ali pintou em 1730 e 31 os *famosos ermitas*, que lá vemos no cruzeiro do templo.

Será a este homizio no Convento dos Paulistas da Ser


P. Marinho gr

d'Ossa (hoje séde da freguezia de Santa Catherina), que alludia Vieira encapotadamente, quando nos descreveu a sua reclusão em casa do Monge da camara-optica? talvez, mas deslocou a descripção, que só agora parece teria cabimento.

Estou a perceber que passou muitos mezes de angustia: separado de Ignez, occulto entre os seus amigos Frades, e vendo que, pelas artimanhas politicas de Diogo de Mendoça, não tinham deferimento as suas supplicas a el-Rei. El-Rei, esse já provavelmente tinha esquecido o caso.

O certo é que o aggressor, fosse elle quem fosse, teve todo o ensejo para fugir de Portugal; deram-lhe, muito de proposito, mil occasiões para isso. Passados annos porém, cahiu em pobreza, e viu-se constrangido a mendigar o pão, a quem? ao proprio Vieira. Tudo isto é vago; dil-o Cyrillo, que o ouvira a Vieira; eu repito, mas não achei provas de coisa alguma. Houve quem dissesse que o aggressor era um dos cunhados do Lusitano. Não percebo como é que um Bacharel, filho segundo de uma Casa tão opulenta, se deixou afundir em tamanha mingua, que viesse a carecer das migalhas da meza de um inimigo! (o «Morgadinho» parece dever excluir-se pela sua posição mais que desafogada, riquissima). O mundo tem ás vezes casos assim, que veem contrariar toda a logica.

Deixemos porém esse leviano, em cuja mão tanto pesou a escopeta do sicario, e voltemos ao interessante casal dos noivos.

Mais duas palavras de Margarida:

Por qualquer motivo que se ignora, a sua profissão em Sant'Anna demorou-se; protrahiu-se alguns annos o seu noviciado. Em Junho de 1730 ainda ella era Noviça, na mesma respeitavel clausura onde professara sua irman querida.

Em 3 d'esse mez, no escriptorio de um tabellião na rua dos Odreiros, de Lisboa occidental, compareceram o Padre Mestre Frei Salvador da Guia, Franciscano, como procurador de sua sobrinha a Noviça D. Margarida Antonia de Lima, e Antonio José de Carvalho, procurador de Francisco

Falcão de Gamboa e de sua mulher. Celebrou-se um contrato, pelo qual D. Margarida, em attenção ás despezas que seus paes tinham feito com ella para entrar em religião (!), renunciava n'elles todas as legitimas que podesse vir a haver por herança (!!), e os paes se obrigavam a darlhe a ella 50$000 réis annuaes de tença em quanto viva fosse (!!!) [1].

D'ahi a poucos dias, contava o Mosteiro mais uma Freira professa, chamada Soror Margarida Barbara de S. José.

Terceira victima das intransigencias de D. Francisca de Almeida.

LVIII (e ultimo)

Vou concluir o meu estudo, mera traducção (chamemoslhe assim) do livro de Vieira *O insigne pintor e leal esposo.* Traducção de verso para prosa.

Ao chegarmos a este ponto da vida do nosso grande pintor, perdemol-o de vista; foi uma visão que se esvahiu aos nossos olhos.

Até aqui logrei recompôr, auxiliado por elle mesmo, a sua biographia quasi completa; d'aqui por diante pouco posso, e sei pouquissimo.

Tambem, que mais é mistér? Que necessidade temos de enumerar os passos da longa peregrinação terrena d'este homem, quando o seu verdadeiro caminhar é de ora avante nas regiões altissimas da gloria?

Vimol-o nascer, trabalhar, aguerrir-se, luctar, luctar

---

[1] Vide a Nota no fim do volume.

muito; entregar os mais florídos annos da sua vida a um sonho, e reivindicar, em nome do talento, o logar que uns vaidosos timbravam em disputar-lhe. Venceu. Que mais queremos? O imaginoso e valente pintor alcançou a gloria; o leal amante conquistou a amante estremecida. Agora descança; e ao passo que o estro lhe aquece e lhe conforta o coração, elle, o buliçoso mancebo de outr'ora, hoje homem trabalhador e serio, confina-se nas delicias obscuras do lar, e, ainda por cima, consegue a felicidade de deixar de si tenuissimo rasto.

É incrivel quanto tenho procurado e pesquizado, em cartorios officiaes e particulares, em livros, em tradições, e até na mina fecunda das conjecturas! Por mais que percorra, nada se me depara; por mais que levante a voz por entre o cemiterio das memorias portuguezas do seculo XVIII, os ecchos são surdos, e em parte nenhuma, de 1733 em diante, se me deparou vestigio claro d'esta personalidade originalissima, a não ser de relance. Tanto mais espanta essa falta de noticias, quanto (a crermos o que blazona em verso o proprio Vieira) Lisboa inteira o conhecia! Era apontado nas ruas; e a sua chronica amorosa, que tão cara tinha custado a ambos, sabia-a e repetia-a toda a gente [1].

Em 18 de Junho de 1736 D. Ignez perdeu sua mãe [2]. Grande e profunda foi certamente a dor d'aquella alma; ainda maior por não poder acompanhal-a, e receber-lhe o suspiro final.

Em 23 de Setembro de 1744 recebia Francisco Vieira o Alvará regio, que lhe permittia ser armado Cavalleiro na Ordem de Santiago da Espada; distincção mesquinha e serodia, que tem a sua historia. Eil-a:

Comecemos pelo principio:

Havia um Vicente de Velasco, pessoa obscura, se-

---

[1] *O insígne pintor*, pag. 572.

[2] Informação do Rev.do Prior de Carnide, meu amigo, Padre José Baptista Pereira, colhida no cartorio da freguezia.

gundo creio, natural de Argete, no Reino de Castella, e que parece ter prestado durante o lapso de treze annos bons serviços em Madrid, como pagem do Enviado portuguez Antonio Guedes Pereira, do Embaixador Marquez de Abrantes, e do Plenipotenciario Pedro Alvares Cabral. Este mandou-o pela posta a Lisboa em serviço da Princeza das Asturias. Desempenhou-se Velasco com diligencia e probidade dos seus mandados, a ponto de lhe ser concedida por Despacho Real de 16 de Maio, e Portaria de 20 do mesmo mez, de 1733, uma tença de 12$000 réis n'um dos Almoxarifados do Reino, com o Habito de S. Thiago; mercês que não passaram de nominaes, segundo reconhece el-Rei D. João V por Despacho de 11 e Portaria de 24 de Março de 1738. Ora n'esse intervallo de cinco annos tinha Velasco resolvido recolher-se á Congregação do Oratorio; pelo que, requereu licença para renunciar aquellas graças no seu amigo Francisco Vieira Lusitano. Concedeu-se-lhe.

Decorreram mais dois annos. Fizeram-se as *provanças*, isto é: procedeu-se officialmente ao exame da *limpeza* do sangue do Vieira, e do seu porte e sizudeza como cidadão. Averiguou-se, por testemunhas, que não tinha raça de Judeu, e era por si pessoa digna da honra da Cavallaria; que porém o pae era fabricante de meias, e a mãe filha de um sapateiro e de uma mulher de *segunda condição;* pelo que, consultaram tres magistrados «não estar capaz de entrar na Ordem», na forma do que dispunham os respectivos definitorios.

Isto foi em 18 de Maio de 1740; seguiu-se o Despacho superior: «ESTÁ BEM»; quer dizer: está tudo na razão; se o Vieira fosse um insignificante, um nullo, um mentecapto, mas tivesse paes e avós nobres, embora tão insignificantes como elle, entrava na Ordem S. Thiago; mas como tinha apenas o seu grande talento, o seu consumado saber, e o seu longo serviço á Arte, e isso tudo mal chegaria para accessorio, ficava excluido. *Está bem;* quer dizer: Portugal assim não periga. Deitem lá fóra esse villão. *Está bem.*

O processo dormiu quatro annos, apesar da obrigação

que teem os Governos de premiar quem trabalha, apesar da tolerancia que n'esses assumptos teve el-Rei D. João V, e apesar do empenho, que (estou certissimo) teria o illustre genro de Francisco Falcão de Gamboa em pendurar na lapella da sua casaca de seda aquella Cruz!

Uma vez resolveu-se Vieira a representar a el-Rei o seguinte:

1.º — que os impedimentos não eram sordidos, isto é, não importavam defeito de heresia, e versavam apenas sobre a mesquinha condição dos seus antecessores;

2.º — que isso parecia atenuado pelos motivos honrosos que dictaram a concessão da mercê;

3.º — que ainda accrescia o outro louvavel motivo que originára a renuncia de Velasco;

4.º — que as delongas prejudicavam sobremaneira o supplicante, por lançarem nos juizos publicos desconfiança da limpeza do sangue d'elle;

5.º — e que portanto pedia a Sua Majestade a mercê de o dispensar nos allegados impedimentos.

Logo em 8 de Julho a Meza da Consciencia e Ordens consultou favoravelmente, dizendo que «por ser o supplicante homem insigne na sua arte de pintura, e se achar casado nobremente», era digno da dispensa.

Em 23 de Julho de 1744, nas Caldas da Rainha, põe el-Rei o seu despacho: COMO PARECE.

Não argumentemos com usos do tempo, leis geraes, e outras banalidades. Pergunto apenas: merecia Vieira uma distincção régia? evidentemente. Pois essa distincção só lhe adveio em virtude da renuncia obsequiosa de um terceiro, que ninguem poderá equiparar-lhe em merito. A effectividade d'essa mercê por tabella, que vinha reconhecer o extraordinario merecimento do Pintor, levou onze annos a chegar! e em quanto os poderes publicos enchiam de veneras e alcaidarias, commendas e sinecuras brilhantes, certos sujeitos, cuja unica recommendação era serem os derradeiros da sua estirpe, a munificencia do Magnanimo regateava onze annos o Habito de S. Thiago a um tama-

nho honrador da nossa terra! e regateava-lh'a por ser elle o primeiro da sua raça, como tambem foi o ultimo.

Fosse como fosse, o dia 23 de Julho, em que obteve o *Como parece* d'el-Rei, e o dia 23 de Setembro de 1744 em que se lhe permittiu ser armado Cavalleiro na egreja do Mosteiro de Santos, foram de grande jubilo para o nosso homem. Via-se agraciado com um premio ainda então estimado, e podia mostrar aos Falcões, que na familia do seu antigo protegido tambem havia cavalleiros. O barro humano sempre assim foi.

*

Mas... (compensação dilacerante!) em 22 de Agosto de 1774 passou Vieira pela maior dôr da sua vida. Perdeu sua mulher.

Morava este casal feliz n'uns quartos que lhe concedia a Casa Real no paço de Mafra, no rez do chão da ala entre a egreja e o torreão esquerdo, em baixo. Era de certo um ninho afoufado pela mão dos amores; n'alguns tectos tinha Vieira pintado composições suas. E foi ahi que a morte lhe roubou metade da alma.

....

Dos ultimos momentos d'esta virtuosa e notavel mulher, immaculada figura a quem coube a honra de illuminar de amor a existencia do grande Artista, nada resta senão um magro e secco documento parochial. O que vale é que ainda hoje o nome d'ella, a dedicação d'ella, as lagrimas d'ella, acordam a admiração e o respeito dos seus patricios, e a acompanham com orações lá nas regiões immortaes, onde foi reunir-se-lhe para sempre, nove annos e nove dias andados, o espirito de Francisco Vieira.

Com effeito, em 13 de Agosto de 1783 falleceu no sitio de Xabregas, freguezia do Beato Antonio, o grande Pintor portuguez, e foi sepultado no templo dos Franciscanos, hoje profanado. Serve de fabrica dos tabacos!!!

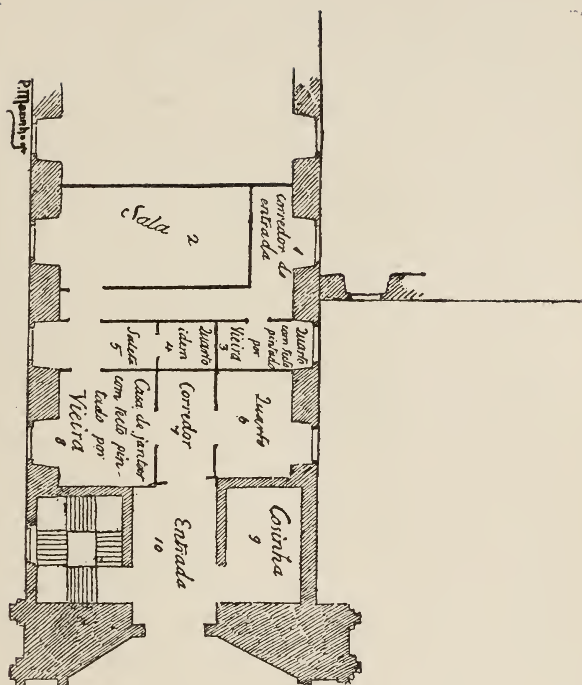
Eloquente symbolo! tudo n'este mundo se reduz a fumo.

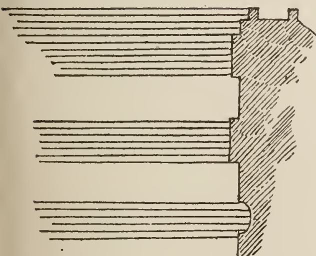
Francisco Vieira e sua mulher. Gravura de G. F. Machado, sobre desenho de Vieira. Vê-se o pintor, com olhar lacrimoso, e coroado de papoilas, segurando um retrato emmoldurado de D. Ignez. Por baixo da composição ha uma quadra de Vieira. D. Ignez tem sobre a testa uma estrella; no braço direito uma pulseira com a palavra *Firme;* e pende-lhe do pescoço um amor perfeito. Sempre allegorias affectuosas! Esta gravura foi feita entre os annos de 1774, fallecimento de D. Ignez, e 1783, fallecimento do gravador; mas é preciso notar que já em 1780 esta gravura existia, por ter apparecido na edição do livro *O insigne pintor e leal esposo,* que é d'aquelle anno, em gravura de madeira copia da de cobre. O snr. José da Cunha Porto possue o desenho original por Vieira, a lapis sanguinho, a elle offerecido pelo snr. Julio Carlos Mardel de Arriaga, que o tinha comprado no armazem de antiguidades do Campião na rua de S. Bento, e provinha do leilão do espolio artistico do erudito bibliophilo Jorge Cesar de Figanière. O exemplar d'esta gravura aqui photogravado foi offerecido pelo snr. Conselheiro Augusto Gomez de Araujo a Julio de Castilho em 11 de Agosto de 1890.



BELLA IGNES O TEU FRANCISCO
SEM TI NAÕ PODE TER PAZ
PEDE A DEOS QUE ELLE COMTIGO
LA VÁ ESTAR ONDE TU ESTAS

Quartos no Paço de Mafra, que habitava (e onde falleceu) D. Ignez Helena de Lima e Mello com seu marido Francisco Vieira Lusitano. N'esses quartos habita agora D. Thomaz de Mello Breyner durante o verão. No quarto n.º 3 existe ainda um tecto pintado pelo grande artista. No quarto n.º 4 e na casa de jantar n.º 8 tambem os havia; mas foram caiados, porque o branco sempre é branco.


Praça em frente do paço; lado esquerdo do espectador.
Corredor de entrada 1
Sala 2
Quarto com tecto pintado por Vieira 3
Quarto idem 4
Saleta 5
Quarto 6
Corredor 7
Casa de jantar com tecto pintado por Vieira 8
Cosinha 9
Entrada 10
Entrada para o saguão que rodeia o templo


Escadas do adro

*

Eis ahi o que sei. Vou concluir o meu trabalho. Vieira chorou a sua Ignez. Por sua vez a Arte nacional chora o seu Vieira Lusitano.

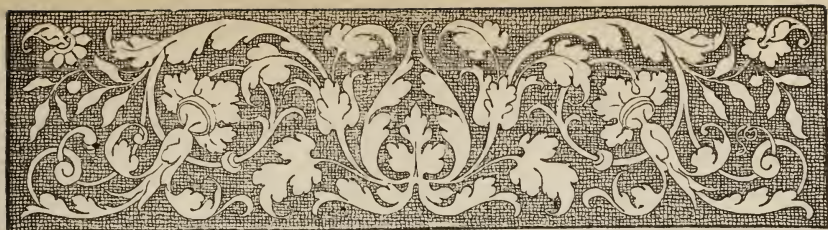
Estas são as exequias litterarias, celebradas por um humilde admirador do Mestre.

Póde ser que algum dia emprehenda a lista e analyse tão completa quanto possivel das obras d'elle. N'estas paginas limitei-me a esboçar a historia vibrante e melancolica do unico affecto grande de toda a sua longa vida. Se os seus quadros ainda hoje attestam o que valia o seu talento, a chronica fidedigna dos seus romanticos amores demonstra o que valia o seu coração.

Na gloria, e no amor, resume-se a personalidade vigorosa e nobilissima de FRANCISCO VIEIRA LUSITANO.

Quinta da Costa
(Carnide)
Junho de 1893





DERRADEIRAS CONSIDERAÇÕES

Entende o autor d'este livro, que isto de criticar mortos é muita vez arriscadissimo.

N'estas paginas, porém, que o leitor tem entre mãos, ha menos critica do que singela exposição de factos.

Criticam-se os mortos quando pertencem á Historia, e merecem exame. Ora os Falcões de Carnide nem pertencem á Historia da nossa Terra, nem, verdade verdade, merecem censurados com crueza. Na opposição, ferrenha e intransigente, que moveram ao casamento de sua filha, obedeciam ás influencias da sociedade em que tinham nascido, ás ideias do seu tempo, e á maneira como sabiam interpretar o patrio poder. Viam no VIEIRA um inferior, e olhavam-n-o com sobrecenho; viam no VIEIRA um intruzo, e expungiam-n-o da familia. Eram n'isso logicos, perfeitamente logicos. Ninguem lhes pode levar a mal as consequencias que tiravam de premissas para elles verdadeiras, mas a que a philosophia moderna chama talvez falsas.

Podiam elles por ventura adivinhar então, vagamente que fosse, a gradual subida da onda democratica? a abolição dos vinculos? o regimen constitucional? o nivellamento

das classes? a latitude dos codigos modernos? a importancia que as evoluções sociaes trariam aos homens do pensamento, aos cultores das artes liberaes, aos artistas summos da estatura intellectual de um VIEIRA LUSITANO? Não, não podiam. Logo, os exforços desesperados que empregaram em defensa da sua classe vincular, para impedir a mistura do seu sangue com o de um plebeu, foram mais que legitimos; nos proprios desmandos, nos proprios exageros, representam um principio sagrado: a lucta pelas immunidades da sua casta nobre, privilegiada em nome do justo equilibrio dos seculos.

Até ahi nada ha que extranhar.

E se pareceu extranhar-lh'o, até certo ponto, em mais de um passo do seu escripto, o narrador d'este veridico romance, é que, por se ter encarnado no VIEIRA LUSITANO, pobre, perseguido, e victima, padecia como elle padeceu, chorava nas dores d'elle, via o caso do ponto-de-vista d'onde elle o viu, e era, por assim dizer, o arauto posthumo, o advogado clamoroso do grande homem, que já não tem voz para reclamar. Assim se levantou, no fim do seculo XIX, o protesto de ambos, a victima e o seu lingua, contra as crueldades legaes do seculo XVIII. Esse protesto não se dirige, porém, contra os Falcões de Carnide, familia então relativamente obscura, e de quem a Litteratura não trataria hoje, podem crel-o, se não a illuminasse o esplendido reflexo de uma das glorias mais altas e puras da nossa Arte nacional; dirige-se contra a falsa-fé como os successos correram; contra a parcialidade manifesta d'el-Rei D. João V, e (com o devido respeito) contra as machinações surdas de D. Thomaz Patriarcha de Lisboa. Esses dois potentados, civil e ecclesiastico, representavam o quê? a Lei do Reino. Logo, deviam tel-a mantido; com firmeza e sem tergiversações, visto que era Lei; com lizura e sem deslealdades, visto que eram Grandes. E não só não a mantiveram, mas illudiram-n-a, sophismaram-n-a, calcaram-n-a aos pés. E' pois contra elles que se revólta o sentimento de justiça innato em todos os corações de bem; contra elles, sim, que per-

tencem á Historia, e como taes podem e devem ser francamente julgados no tribunal da Historia.

Os Falcões, guerreando a inclinação de sua filha, andaram logicamente; concedamos-lh'o. Os meios que elles foram induzidos a adoptar é que tornaram antipathica a sua causa. Contra esses meios reclama a vozes o bom senso, e insurge-se a boa razão.

Permanecer calado diante de tão flagrantes injustiças, não podia o autor d'este livro, desde que, ennamorado do seu assumpto, se lhe entregou todo, e o perscrutou a fundo.

Estas paginas que ahi ficam (entenda-se bem) não são pois insulto aos mortos; o somno dos mortos é uma majestade; nem insurreição contra as auctoridades constituidas, que é mistér acatar; nem censura ás Ordens religiosas, asylo dos desgraçados, e uma das manifestações mais augustas da liberdade de associação; nem rebellião anti-christan contra o patrio poder, sempre venerando nas suas mesmas aberrações; nem, e muito menos, insinuação venenosa contra as desegualdades das classes sociaes; essas desegualdades são de todos os tempos, de todos os graus de civilisação, inevitaveis, e uteis; a propria familia primitiva as tem; a propria demagogia moderna as reconhece; a propria Religião as consagrou.

Que é portanto este livro?

Em primeiro logar, um protesto leal contra a dissimulação, o dólo, e a tirannia; depois, justiça aos fracos fundada sobre documentos; finalmente um brado caloroso em favor das grandes e immaculadas intelligencias que illuminam o Mundo, os nobres escolhidos da confraria da Arte, os eminentes sacerdotes do Bello.

Nada menos, e nada mais.

*

E á vista do exposto, e depois de assim estudado e contemplado o VIEIRA LUSITANO, quanto não conviria que

os nossos juvenís artistas se compenetrassem d'esta lucida verdade!:

A Arte, sob qualquer das formas que revista, não nos foi dada para desmoralisar, mas para ser a moralisadora universal, a mais suave, a mais bemvinda das esforçadoras. Honrar a Arte é servir a humanidade, e glorificar o Creador.

O que é a Arte? é a imitação apaixonada e idealisada das obras divinas. Aquella que só vive de torpezas não merece o seu titulo senão com mil restricções.

— Mas — dizem os que não crêem na Arte — para que é tentar imitar um original inimitavel? admiremos a obra de Deus, este nosso assombroso Universo, e não tenhâmos a veleidade quasi impia de o querer imitar.

Respondo: essas tentativas de imitações são enthusiasmo, são admiração ás obras divinas, são uma especie de vassalagem, são uma oração *sui generis*. Ora o enthusiasmo, n'esta prosaica e derrancada vida humana, é raro, é sempre util; é bom mantel-o porque levanta, aquece, transfigura. O enthusiasmo é um creador; a elle deve a humanidade os mais altos beneficios: os descobrimentos de novos mundos, as conquistas da sciencia, a independencia das nações, os rasgos da virtude, as obras-primas artisticas e poeticas, os adejos celestes das Religiões, as loucuras sublimes do martyrio.

Com a sua quota parte de enthusiasmo communicativo, deve o artista ser um operario do bem commum. Na pintura historica, na de genero, na sacra, se pode ser eloquente e util. A propria paizagem, em que o vulto humano é mero accessorio, tem um idioma muito seu, que nos commove, que nos eleva a alma; é a mesma linguagem que falam as montanhas, os arvoredos, os estrellados céos de Agosto, ou as nacaradas calmarias do mar. A luz, a sombra, a linha, a côr, a gradação, a perspectiva aerea, a entoação do claro-escuro, eis ahi os vocabulos d'essa lingua natural. Escutar as harmonias da paizagem ou da figura humana, perceber melodias e accordes, interpretar phrases, balbucial-as, é a Arte.

Ora o nosso primacial pintor, VIEIRA LUSITANO, ardeu em aspirações sempre puras; pôz muito alto o fito dos seus tentames; nunca se aviltou derogando a sua palheta soberana ao serviço do vicio e do mal; timbrou em ser um sabedor consciencioso, correcto, imaginativo; mas antes de mais nada, um christão e um bom. Nunca enxovalhou o seu genio atassalhando gratuitamente o proximo; pairou em regiões elevadas e azues, d'onde se não enxergam miserias.

A esthetica desbragada do paganismo tem bellezas de primeira ordem, que seria ocioso desconhecer. Entretanto, essa interpretação essencialmente materialista e sensual da natureza, obedecendo á influencia de civilisações corruptas, não deve seguil-a o pintor christão. Em certos museus de Italia, em certas exposições do *salão* de París, penetra a observação, e córa. Perante os quadros de certos mestres, vibrantes de sentimento e anhelo religioso, ajoelha o coração, e levanta-se melhorado.

VIEIRA, desde os seus mais verdes annos, furtou-se, como vimos, ao escolho tentador, nobilitou-se. A Historia sacra, a Mythologia conceituosa e decente, as allegorias á moda da sua era, o retrato pensante, a aspiração idealista, eis ahi o seu campo. E que vastissimo campo! Isolado no meio da frivola sociedade da côrte, alheado ás ambições, recluso, como cenobita, no casulo dos seus honestos amores, assim atravessou a vida; assim serviu os seus contemporaneos e os seus vindoiros.

Preste um tal exemplo, vindo de tão alto, para guia dos artistas novéis, dos poetas e dramaturgos inexperientes, em summa: de todos os que, em qualquer ramo da actividade intellectual, buscam os seus ideaes.

Bem sei que na pinacotheca do Vaticano conserva o esclarecido espirito dos Pontifices marmores antigos que não primam pela compostura; d'ahi tira o sophisma os seus quebradiços argumentos. Mas vamos, que prova isso? prova apenas, mais uma vez, a tolerancia paternal da Santa Sé ante as fraquezas innatas no homem; demonstra um preito

aos Genios, embora desmandados. Destruir essas telas, ou essas esculturas, seria facil, mas vandalismo vil. O espirito christão não as preconisa, não as louva, mas tolera-as excepcionalmente em attenção ao talento que as animou.

Desmoralisa-se e engana-se o publico de muitas maneiras: com a penna, com os pinceis, com a palavra, com o escopro. Livros venenosos, jornaes infames que nada poupam, comedias descompostas, pamphletos odientos, quadros naturalistas, esculturas obscenas, facundias tribunicias vesgas e facciosas, teem tanto de nocivo á verdadeira civilisação de um povo, como os exemplos publicos pessoaes de improbidade e desregramento.

Queimar certas obras velhas, que, a final de contas, todas tiveram os seus porquês historicos, seria já agora delicto imperdoavel de lesa-Arte. Vivam embora, vivam no seu pedestal de seculos, vivam como marcas de civilisações desapparecidas, vivam como documentos humanos da Historia humana.

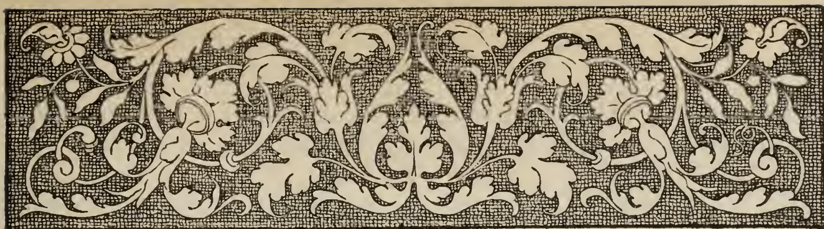
Mas a Arte moderna, a Arte contemporanea, a Arte allumiada pela moral christan, deve pôr o seu alvo no espiritualismo; e, como eleita que é, e como guia que pode ser, combata, quanto em si caiba, as tendencias baixas e materialistas do seculo. Pode muito; pode muitissimo; empregue o seu poder em causas nobres, habituando o povo a tomar o Bello como revestimento do Bom.

A forma, essa mudou; porém a essencia da Arte não muda nem fenece; é immortal como Deus, de quem se nos figura reflexo sobre a intelligencia do homem.

Como consequencia do que ahi fica ponderado, gloria, gloria ao artista portuguez! a elle, que foi honesto! a elle, que teve a hombridade, n'uma terra sensual, mortiça, e decadente, de proclamar, com o seu porte civico e com o espirito das suas obras, uma altissima verdade: a Arte só é deveras grande, quando se estriba na Virtude.

Lumiar, 30 de Abril de 1901.

NOTAS



NOTA I

Descripção da quinta da Boa-vista, ou dos Falcões

(PAG. 9)

O aspecto d'esta outr'ora bella vivenda está differentissimo d'aquelle em que ainda a conheci e a visitei muitas vezes, nos meus passeios de artista, com o meu *bloc* e o meu lapis, desde 1858. O que trinta e tantos ou quarenta annos ali fizeram (antes desfizeram!) é bem triste. Lamento que, aliás no seu plenissimo direito, um cavalheiro intelligente, conservador, e illustrado, o nobre proprietario actual, neto e representante dos titulos e das opulentas casas vinculares de seus maiores, o snr. Sebastião Francisco Falcão de Gamboa Trigoso, deixasse (e certamente com grande pena sua) este latifundio em mãos de successivos rendeiros gananciosos, cujo ponto de vista nunca pode ser o das tradições historicas de uma estirpe fidalga.

Facto innegavel é este: do que foi no seculo XVII e no seculo XVIII a grande quinta, nada resta, ou resta pouquissimo. Haja vista a synthetica descripção que d'ella faz o proprio Vieira, ao falar dos Falcões, e ao encarecer a abundancia de flores *(Flora)*, fructos *(Pomona)*, hortaliças *(Vertumno)*, cereaes *(Segesta)*, vinho

(Thioneu), azeite *(Minerva)*, e aguas correntes *(Nayades)*, que em tão farta propriedade rural se encontravam a rodo:

Em uma quinta moravam,
a qual, sobre um monte ameno,
da *Boa-vista* lograva
dignamente o epithéto.

Senhoreava, em redondo,
de abençoado terreno,
delicioso e fecundo,
notavel espaço extenso.

Flora, Pomona, e Vertumno,
Segesta e Thioneu, attentos,
profusamente a faziam,
rica com seus largos fendos.

Assim Minerva, da planta
que foi já seu alto invento,
grinaldas perpetuas sempre
lhe estava em torno mantendo.

Tambem Nayades perennes
em abundancia vertendo
puras lymphas, lhe rendiam
vassalage em todo o tempo.

Tendo-se passado largos annos sem eu voltar á Boa vista, fui-me lá n'uma tarde de Maio de 1893, com os meus dois cães Dick e Argus, quando morava na proxima quinta da Costa. Que desengano! A estrada militar tinha rasgado em volta do palacio vallos e escarpas, e cortado as hortas; por modo que esses arredores se achavam, a bem dizer, desconheciveis, até para quem tanta vez os percorreu e examinou. Tinha sido arrazada a sombria alameda senhoril dos freixos, que em linha recta, desde a estrada da Porcalhota, levava ao portão. Tinha desabado a frontaria do palacio sobre o pateo, por forma que desapparecêra o vestibulo ladrilhado onde passou a scena do desmaio; e até a lindissima capella, tão cheia de tradições intimas, e onde dorme ainda o fundador do predio e do vinculo, o velho João Coelho, é um ermo profanado e frio!

As minhas descripções no texto d'este livro são já portanto historia velha... e da mais melancolica.

NOTA II

Fallecimento de João Coelho instituidor do morgado da Boa vista

(PAG. 15)

Eis a certidão authentica:

O Presbytero Francisco Mendes Alçada de Paiva, Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Parocho Collado na freguezia de São Lourenço de Carnide, Patriarchado de Lisboa:

Certifico que vendo o Livro n.º 1 dos obitos desta freguezia de São Lourenço de Carnide pertencente ao anno de mil seiscentos e quarenta e sete, nelle a fl. 21 se lê o termo do theor seguinte:

«Aos nove de novembro de 647 falleceu João Coelho, está enterrado na sua Ermida, fez testamento, Fr.co de Freita, e seu f.º e mulher foram testament.º est. O P.e C. V.te Gomes.»

E nada mais se contem no referido termo que para aqui transcrevi e fielmente copiei o que attesto e juro in fide Parochi.

Parochial de São Lourenço de Carnide, 17 de Junho de 1890.

O Parocho, *Francisco Mendes Alçada de Paiva.*

NOTA III

Genealogia de Francisco Falcão de Gambôa

(PAG. 16)

Esta genealogia foi feita segundo asserções documentadas de um conspicuo linhagista, João Carlos Feo Cardoso de Castello-branco e Torres, a quem forrageei desbragadamente, transcrevendo (muita vez *ipsis verbis)* o que elle escreveu ácerca d'esses primeiros nomes. Vali-me tambem das habilitações no Santo Officio, e de outros documentos authenticos extrahidos dos cartorios parochiaes respectivos. O que ahi deixo parece-me certo, e demonstra ser velha e pura esta estirpe dos Falcões de Gamboa.

Entro em materia.

[1] Lopo Mendes do Rio, cuja ascendencia ignoro, foi da creação d'elRei D. João II, Cavalleiro da sua Casa, Alcaide mór de Cezimbra, e Thesoireiro mór da Casa de Ceuta, officio que depois

largou ao dito senhor; mais houve na sobredita villa de Cezimbra uma capella, e a renda que a el-Rei pagavam os quatro tabelliães de Setubal; mercês estas que elle lhe fez por tres alvarás passados em Cintra em 1485, dois a 20 de Abril, e um a 14 de Dezembro. Foi um dos tres individuos presentes ao miseravel assassinio do Duque de Vizeu por el-Rei D João II, o *Principe Perfeito*. Falleceu em 1511, porque a 26 de Março d'esse anno se deu um alvará feito em Lisboa, de mercê da mencionada pensão a seu filho Francisco Mendes do Rio, no qual ha a seguinte expressão: *pelo seu pae ora se finar*. Teve filhos:

2 *Francisco Mendes do Rio*, de quem nada sei; e

2 *Maria Mendes*, com quem se continua.

2 Maria Mendes casou com Antão Gonçalves, Cavalleiro da Casa d'el-Rei, Alcaide mór de Cezimbra, e filho de Francisco Gonçalves, homem obscuro, que vivia na segunda metade do seculo xv, natural de Cezimbra, e ahi dono de armações de pesca por sua conta. O dito Antão Gonçalves já era Alcaide mór em 5 de Novembro de 1492, como consta de uma visitação que n'esse dia se fez ao castello de Cezimbra. Creado de pequenino nas fainas maritimas, em plena ebullição dos espiritos no fim do seculo, entregou-se á arte nautica, estreando-se talvez em navegações de cabotagem, até que as suas aspirações o levaram para longe. Passou á India em 20 de Março de 1505 por Capitão da nau S. Christovão, indo com D. Francisco de Almeida. Barros menciona-o (*Asia*, Dec I, Liv VIII, cap. III). Tornando-se ao Reino na companhia de Fernão Soares, chegou a Lisboa a 22 de Maio de 1506, tendo essa expedição descoberto e reconhecido a Ilha de Madagascar, dita de S. Lourenço, onde os navegantes se conservaram 17 dias. Antão Gonçalves deixou o seu nome, segundo parece, ao cabo que hoje se chama de Antão Gil, por má leitura (conforme se crê) da abbreviatura de Gonçalves, *Gzl*, que alguns interpretaram *Gil*. Ainda vivia em 1513. Tiveram filhos:

3 *Ayres Gonçalves*, cuja descendencia não importa aqui, e

3 Francisco Gonçalves, Cavalleiro do Conselho d'elRei D. Manuel, Alcaide Mór de Cezimbra já em 12 de Setembro de 1516, e Provedor dos orphãos da Comarca de Setubal, como consta de varias cartas Reaes de 13 de Junho e 15 de Julho de 1521, de : de Agosto de 1526, de 18 de Agosto de 1528, de 20 de Março de 1539, e de 9 de Outubro de 1542. Casou com Maria Leitão. Tiveram filho:

4 Antão Gonçalves Leitão. Foi Escudeiro fidalgo da Casa d'el-Rei D. Sebastião, e Contador da fazenda da Torre de Moncorvo e de Villa Real, por alvará de 2 de Janeiro de 1563. Não teve a Alcaidaria mór de Cezimbra, que por fallecimento de seu pae foi dada ao Duque de Aveiro D. João de Lancastre, por carta de

de Dezembro de 1554. Casou com Violante Falcôa, filha do Licenciado Francisco Dias de Gambôa, Desembargador, e de Isabel de Sella (ou Isabel Falcôa). Já se achava casado em 1565; em 1570 já tinha fallecido em Moncorvo. A viuva falleceu em 1596, sendo a primeira administradora do morgado instituido por seu irmão Aleixo Dias Falcão no testamento que fez em Cochim a 3 de Fevereiro de 1573 Este era Bacharel em Canones, Capellão d'elRei, Vigario de S. Salvador de Pinhel, sua naturalidade, Mestre escola da Sé de Portalegre, Inquisidor na India, Desembargador da Supplicação, Cavalleiro da Ordem de Christo. Pelejou na India. Ao dito vinculo pertencia, entre outros bens, a quinta da Gataria, na freguezia de Sant'Anna da Carnota, termo de Alemquer. Tiveram Antão Gonçalves Leitão e Violante Falcôa por filho:

5 Francisco Falcão de Gamboa. Foi Escudeiro fidalgo, Cavalleiro na Ordem de Christo, e falleceu a 7 de Setembro de 1643, sepultando-se, com lettreiro, na egreja das Freiras do Salvador em Lisboa. Succedeu no morgado de Santo Aleixo, e casou duas vezes nobremente; primeiro, com Antonia Barreta, já viuva de Duarte Lobo da Gama, e filha de Filippe Cerniche e de Ignez Barreta; segunda vez, com Sebastiana de Macedo, filha de Francisco Fragoso e de Antonia de Macedo. Do segundo matrimonio teve:

6 José Falcão de Gamboa. Nasceu na freguezia de S. Vicente de Lisboa, baptisado a 2 de Junho de 1629[1]. Seguiu a vida das armas, e foi 2.º administrador do morgado de Santo Aleixo. Casou com Maria de Lima, filha de Heitor Barbosa de Lima e de D. Ignez Taveira da Costa.

Esse Heitor Barbosa de Lima era senhor da quinta do Paço de Ternianes; filho de Belchior Barbosa Mendes, senhor do Paço de Boyamonte, e de D. Maria de Lima e Mello, filha de Heitor de Leão de Lemos, e de D. Ignez de Lima e Mello. Esta D. Ignez foi filha de Francisco de Caldas e Sousa e de D. Filippa de Abreu de Lima, filha de João Gomes de Abreu de Lima, 1.º senhor da Casa de Anguião, e Moço fidalgo, e de D. Joanna de Mello de

---

[1] Aos dous dias do Mez de Junho de 1629 baptisei a Jozeph filho de Francisco Falcão, e de sua mulher Dona Sebastiana. Padrinho Gaspar Cotta Falcão. — Bertolameu Alveres.

E não conthem mais o d.º assento a que me reporto, de q̃ passei a perz.te per mandado dos S.es Inq.es Lx.a no S.to Off.º 12 de M.ço de 1708.

Jacome Esteves Nog.ra

Livro dos baptisados de S. Vicente de fora fl. 7 v.

Lima, filha legitimada de D. Rodrigo de Lima e Mello, Abbade Commendatario do mosteiro de Pombeiro, e filho de D. Leonel de Lima, 1.º Visconde de Villa nova da Cerveira [1]. De tão honrosa alliança por femeas com a nobre estirpe dos Limas velhos conservava-se a tradição na familia dos Falcões. Vieira, que tinha ouvido alludir a isso, menciona no seu livrinho, algures, este remoto parentesco.

Tratando dos Limas no 2.º volume da sua obra monumental sobre os Brasões da sala do paço de Cintra, Braamcamp Freire não desce a pormenores sobre a descendencia do 1.º Visconde, D. Leonel; diz apenas: «Tiveram os Viscondes muitos filhos; dez lhes nomeiam os nobiliarios, sendo seis varões.» (Pag. 284) Entre esses deveria encontrar-se o supracitado D. Rodrigo.

A mulher do dito Heitor Barbosa de Lima, a citada Ignez Taveira da Costa, foi filha de Diogo Soares de Tangil e de Isabel Taveira da Costa. Tiveram, José Falcão e Maria de Lima por filho:

7 Francisco Falcáo de Gambôa. Nasceu na quinta da Gataria; foi baptisado em casa por nascer muito fraco; recebeu os Santos Oleos em 3 de Maio de 1649 [2]. Foi o 3.º administrador do seu morgado de Santo Aleixo. Ajustou casamento com uma rica herdeira, D. Francisca de Almeida, baptisada na freguezia de Carnide a 6 de Dezembro de 1656 [3], senhora do vinculo instituido na mesma freguesia, na quinta chamada outr'ora de Thomé Nunes

---

[1] *Mem. hist. gen. dos Duques*, pag. 748.

[2] Aos tres de Maio de 649 Fis os Exorcismos e pus os Santos oleos a Francisco por ser Baptizado em Caza por nacer fraco Filho de Jozeph Falcão, e de sua mulher D. Maria moradores na sua quinta da Gataria foram Padrinhos Feliciano de Abreu de Lima e D. Luiza todos da mesma quinta e por verdade me asignei — O Padre Manoel Mendes — Certidão no cartorio da freguesia da Carnota.

[3] O Presbytero Francisco Mendes Alçada de Paiva, Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Parocho Collado na freguezia de São Lourenço de Carnide, Patriarchado de Lisboa:

Certifico que vendo o Livro n.º 2 dos Baptismos desta freguezia de São Lourenço de Carnide pertencente ao anno de mil seiscentos e cincoenta e seis, nelle, e fl. 64 se lê o termo do theor seguinte:

«Aos seis de Dezembro de 656 baptisei a Fr.ª, f.ª de o Doctor João Coelho e de D. Margarida Bernardes, foi padrinho o Duque de Aveiro D. Raimundo do Lencastre, Etc. — O P.e V.te Gomes.»

E nada mais se contem no referido termo que para aqui transcrevi, e fielmente copiei, o que attesto e juro in fide Parochi.

Parochial de São Lourenço de Carnide 17 de Junho de 1890.

Francisco Mendes Alçada de Paiva.

(chrismada depois em quinta da Boa Vista) por seu avô João Coelho, que jaz na capella da mesma quinta. Essa senhora era filha do Desembargador João Coelho de Almeida, baptisado em 1625 na freguesia dos Martyres, de Lisboa, e de D. Margarida Bernarnardes (ou Bernarda) da Cunha, baptisada em 1633 na de Nossa Senhora da Conceição de Mattosinhos, termo do Porto, e filha de Sebastião Ferreira e de Maria Bernardes; a dita D. Francisca era neta paterna do alludido João Coelho e de Sebastiana de Almeida. Pelo seu casamento, celebrado na ermida da Assumpção, em 25 de Maio de 1692 [1], fixou Francisco Falcão de Gambôa o seu domicilio na quinta da Boa-Vista, onde viveu largos annos. Ahi lhe nasceram os filhos seguintes:

[8] *José Falcão de Gambôa*, com quem se continua;

[8] *Joaquim Falcão de Gambôa*, nascido e baptisado na mesma quinta a 12 de Julho de 1694 [2]; sem geração:

---

[1] Aos vinte e sinco dias do mes de Maio de mil e seis sentos e noventa e dois em prezença de mim o P.e Cura desta freg.a de S. Lourenço de Carnide por ordem do snr. Juis dos cazam.tos Sebastiam Monteiro da Vide se receberão na ermida de N. snra da Assumpcão por marido e mulher in facie Eclesiœ Fr.co Falcão de Gamboa filho de Jozeph Falcão de Gamboa e de sua mulher D. Maria de Lima ja falescidos baptisado na freg a de S. ta Anna da Carnotta termo da villa de Alamquer aonde elle comtrahente foi baptisado, com D. Fr.a Thereza de Almeida filha do Dezembargador João Coelho de Almeida, já falescido, e de sua mulher D. Margarida Bernarda da Cunha, a qual comtrahente foi baptizada nesta Freg.a de S. Lourenco de Carnide, e moradora na sua q.ta de N. S.a da Asumpção test.as q̃ prezentes estauão Manoel Barboza, Joseph de Aguiar, de q̃ fis este assento, dia, mes, era, ut supra. O P.e Cura Ignacio Ferrão de Sequeira. — Jozeph de Aguiar — M.el Barboza. — E não dizião mais os d.os assentos, q̃ bem e fielm.te tresladei por ordem do R do Parocho aos quais me reporto. E eu o P.e Sylvestre Mo.ra e Souza o escrevi e asignei. — O P.e Sylvestre Mo.ra e Souza.

Livro dos recebimentos da freguesia de Carnide fls. 23 v.

[2] O Presbytero Francisco Mendes Alçada de Paiva Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Parocho Collado na freguesia de São Lourenço de Carnide, Patriarchado de Lisboa:

Certifico que vendo o Livro n.º 3 dos Baptismos desta freguezia de São Lourenço de Carnide pertencente ao anno de mil seiscentos e noventa e quatro, nelle, a fl. 33, se lê o termo do theor seguinte:

«Aos dose dias do mez de Julho de mil e seiscentos e noventa e quatro baptisei a Joaquim, filho de Francisco Falcão de Gamboa e de D. Francisca de Almeida; foi padrinho, Leonardo de Mello de Lima, de que fiz este assento; dia, mez, e era ut supra. O P.e Cura Ignacio Ferrão de Siq.ras.»

[8] *D. Ignez Helena de Lima e Mello*, nascida na quinta da Boa Vista, e baptisada a 2 de Maio de 1696 [1]; casada por procuração na freguesia de S. José de Lisboa a 30 de Outubro de 1720, com o immortal pintor portuguez Francisco Vieira, ou Francisco Vieira de Mattos, mais conhecido pelo nome de FRANCISCO VIEIRA LUSITANO [2]; sem geração.

[8] *D. Margarida Antonia de Lima*, nascida e baptisada na quinta

---

E nada mais se contem no referido termo que para aqui transcrevi e fielmente copiei o que attesto e juro in fide Parochi.

Parochial de S. Lourenço de Carnide, 17 de Junho de 1890.

O Parocho, Francisco Mendes Alçada de Paiva.

[1] O Presbytero Francisco Mendes Alçada de Paiva, Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Parocho Collado na freguezia de São Lourenço de Carnide, Patriarchado de Lisboa:

Certifico que vendo o Livro n.º 3 dos Baptismos desta freguezia de São Lourenço de Carnide pertencente ao anno de mil seiscentos e noventa e seis, nelle a fl. 35 v. se lê o termo do theor seguinte:

«Aos dois dias do mez de Maio de mil seiscentos e noventa e seis, baptisei a Ignez, filha de Francisco Falcão de Gamboa e Dona Francisca d'Almeida, foi padrinho, Leonardo de Mello; de que fiz este assento. Mez e era ut supra. O P.e Cura Ignacio Ferrão de Siqur.as.»

E nada mais se contem no referido termo que para aqui transcrevi e fielmente copiei o que attesto e juro in fide Parochi.

Parochial de São Lourenço de Carnide, 17 de Junho de 1890.

O Parocho, Francisco Mendes Alçada de Paiva.

[2] Aos trinta dias do mes de outubro de mil e setecentos e uinte anos nesta Parochial Igr.a de S. Joseph feitas as delig.as na forma do Sagrado Consilio Trid. e Constetuicois deste Patriarchado, e por mandado do Des. Jacinto Rebello freire Prouisor dos casam.tos deste Patriarchado confiança (sic) aos banhos, e com Procuração da contrahente como tudo constaua do mandado q̃ se me aprezentou, e em minha precença e das testemunhas a baixo asinadas se cazarão por palauras de precente por marido, e molher asim como manda a S.ta Madre Igr.a de Roma Franc.co Veiera (sic) de Mattos m.es (sic) nesta freguesia filho de Fran.co Veiera (sic) de Mattos e de sua molher Antonia Maria cõn (sic) Henrique de Castro como Precurador de D. Ignez Helena de Lima natural e moradora na freguezia de Carnide filha de Fran.co Falcão de Gamboa e de D. Fran.ca Thereza sendo testemunhas o P.e Joseph Gomes da Silua, e Ignacio Veeira (sic) ambos moradores freg.a de q̃ fis este termo q̃ todos asinamos.

— O Vig.ro Ant.º Roiz de S. João.

— O P.e Joseph Gomes da Sylua

— Ignacio Vieira.

Registo fielmente copiado por mim em 26 de Agosto de 1889, com licença do meu antigo e respeitavel amigo o M.to Reverendo Snr. Padre Domingos da Silva, então Prior de S. José, no cartorio da dita Parochia, Livro 9.º, fl. 58.

da Boa Vista, em 17 de Agosto de 1699 [1], e depois Freira no mosteiro de Sant'Anna de Lisboa.

8 José Falcão de Gamboa, baptisado em Carnide a 6 de Julho de 1693 [2], Fidalgo da Casa Real por successão, 4.º administrador do morgado de seu pae, e 3.º do de sua mãe. Casou com D. Leocadia Felicia de Assis e Almeida, baptisada na freguesia de S. Julião de Lisboa em 1 de Novembro de 1713 [3], filha de Adrião de Almeida, e de Josepha da Silva, recebidos na freguesia de Santa Justa no 1.º de Maio de 1686, elle filho de João Paulo e de Leonor de Almeida, e baptisado na freguesia dos Martyres, ella filha de Manuel Martins e de Antonia de... [4].

Com geração illustre, e nobres allianças, ainda hoje representadas por seus 3.os netos.

---

[1] O Presbytero Francisco Mendes Alçada de Paiva, Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Parocho Collado na freguezia de São Lourenço de Carnide, Patriarchado de Lisboa:

Certifico que vendo o Livro n.º 3 dos Baptismos d'esta freguezia de São Lourenço de Carnide, pertencente ao anno de mil seiscentos e noventa e nove, nelle, a fl. 41, se lê o termo do theor seguinte:

«Aos desasete dias do mez de Agosto de mil seiscentos e noventa e nove, baptisei, digo, com minha licença baptisou o P.e Manoel dos Santos a Margarida, filha de Francisco Falcão, e de Dona Francisca de Almeida, foi padrinho José Falcão, seu irmão, de que fiz este assento, dia, moz, e era ut supra. O P.e Cura, Ignacio Ferrão de Siqr.as.»

E nada mais se contem no referido termo que para aqui transcrevi e fielmente copiei o que attesto e juro in fide Parochi

Parochial de São Lourenço de Carnide, 17 de Junho de 1890.

O Parocho, Francisco Mendes Alçada de Paiva.

[2] Aos seis dias do mez de Julho de mil seiscentos e noventa e tres annos baptisei a Joseph filho de Fran.co Falcão de Gamboa e de D. Fran.ca de Almeida; foi padrinho Leonardo de Mello de q̃ fiz este assento dia mez era ut supra. O P.e Cura Ignacio Ferrão de Seq.ra.

Livro 3.º dos baptisados de Carnide, fl. 31.

[3] Ao Primeyro dia do mez de Nouembro de mil sete centos e treze annos, eu o P.e Jozeph Rodrigues Lobo, Cura desta Igreja baptizei a Leocadia, filha de Adrião de Almeida, Ourives do Ouro, e morador na rua delles, e de sua molher Jozepha da Sylva, Padrinho Antonio Troyano, Ourives do Ouro. — O Cura Joseph Rodrigues Lobo.»

Livro dos Baptisados da freguesia de S. Julião de 1711 a 1720, fls. 49.

[4] Livro dos casamentos da freguesia de Santa Justa, de 1686 a 1700, fl. 5.

NOTA IV

Genealogia de Francisco Vieira de Mattos, (Vieira Lusitano)

(PAG 17)

Era-me desconhecida a genealogia de Francisco Vieira Lusitano. Apenas do pae e da mãe sabia pela habilitação do filho na Ordem de Santiago.

Uma vez manuseando na Torre do Tombo os processos dos Familiares do Santo Officio, tive que estudar as provanças de Bento Luiz da Costa e Sousa (*Bentos* m. 13, n. 192) e topei casualmente com certas indicações, que muito me aguçaram a curiosidade. Achava se Bento em 1772 para casar com D. Maria Ignacia Miquelina de Almeida e Sousa, moradora no Porto, assim como o nubente, neta materna de Custodio *Vieira de Mattos*, natural da freguesia da Collegiada de Guimarães, e irmão de Sebastião *Vieira de Mattos.* Cheio de esperança, julgando ter encontrado o fio, e descoberto algum depoimento testemunhal, que estabelecesse o parentesco entre esta familia e o insigne pintor, seu contemporaneo, segui o rasto, e achei que este Sebastião era negociante no Porto, natural de Guimarães, e fôra já duas vezes ao Brazil; filho de Leonardo *Vieira*, sapateiro, e de Anna *de Mattos;* neto paterno de João Luiz, mercador, e de Maria Vellosa; materno de Bento de *Mattos*, estudante, e depois Religioso benedictino, e de Maria de Freitas. Nada mais.

Não pude estabelecer a ligação entre estes Vieiras de Mattos e os nossos. Deixo o enigma para ser deslindado por alguem de melhor faro do que eu. Entretanto, se se chegar algum dia a provar que eram consanguineos, achar-se-hiam até certo ponto explicadas as relações intimas que existiam entre o pae do *Lusitano*, e a familia de João Coelho, oriunda de Guimarães como os outros.

Ainda ha mais: João Coelho, fallecido em 1647, deixa por testamenteiro um Francisco de Freitas, que bem pode ser proximo parente de Maria de Freitas acima citada.

Por ora tudo isto está nebuloso; mas é de desejar que a nevoa se dissipe. Saber esperar é uma das melhores prendas de quem escreve historia Essa ao menos tenho eu.

Esperei.

O snr. Prior de Sacavem, Padre Porphyrio da Cruz Quintella, offereceu-se-me, estando eu doente, para fazer buscas na fregue-

sia de S. José, onde eu suspeitava ter morado a familia Vieira. Com effeito, em 17 de Maio d'este anno de 1901 escreveu-me que algumas noticias importantes tinha achado; nada menos que o termo do casamento de Francisco Vieira de Mattos com Antonia Maria (Livro 7.º fl. 233 v.) a 19 de Abril de 1694. Por este documento se estabelece a filiação de ambos: elle, filho de Francisco (ou Bernardo) Vieira, e de Maria de Mattos, e baptisado na freguesia da Atouguia da Baleia; ella, filha de João Ribeiro e de Catherina Gomes, baptisada em Muge.

De tres filhos d'este casamento (irmãos do grande pintor) constam os nascimentos; eis as certidões:

I

Aos vinte e oito dias do mez de Janeiro de mil seiscentos e noventa e sete annos baptisei a *Antonio*, filho de Francisco Vieira de Mattos e de sua mulher Antonia Maria de Sant'Anna. Padrinho Manuel de Almeida e Brito. — O Coadjutor Antonio Fonseca Freire.

Cartorio de S. José — L.º 8, fl. 218 v.

II

Aos vinte e cinco dias do mez de Janeiro de mil seiscentos e noventa e nove annos baptisei a *Catharina*, filha de Francisco Vieira de Mattos e de sua mulher Antonia Maria. Padrinho o Capitão Manuel de Almeida e Brito. — O Coadjutor, Antonio da Fonseca Freire.

Cartorio da freg. de S. José — L.º 8, fl. 224.

III

Aos dezoito dias do mez de Julho de mil setecentos e um baptisei a *João*, filho de Francisco Vieira de Mattos e de sua mulher Antonia Maria de S.ta Anna. Padrinho Antonio de Mello Freire. — O Coadjutor, Antonio Fonseca Freire.

Cartorio de S. José — L.º 8, fl. 293.

IV

Aos vinte e oito de Dezembro de mil sete centos e quatro annos baptisei a *Maria* filha de Francisco Vieira e de sua mulher Antonia Maria de S.ta Anna. Padrinho Luiz Teixeira, e madrinha por procuração Soror Maria L.ça Religiosa na Annunciada. — O Coadjutor Ant.º Fon.ca Freire.

Cartorio de S. Jose — L.º 8, fl. 324.

Que grande achado! Tudo isto me chegou depois de impressa a maior parte do livro, o que invalída algumas asserções, que o leitor por estes documentos corrigirá. Glorie-se o Rev.do Prior de

Sacavem, por ter assim lançado muita luz sobre a familia do grande homem. A certidão baptismal de Vieira é que ainda não appareceu. Ao snr. Prior os meus cordeaes agradecimentos por tudo.

NOTA V

Fundação do Mosteiro de Sant'Anna

(PAG. 160)

ALVARÁ

da Rainha Regente a senhora D. Catherina, em nome de seu Neto el-Rei D. Sebastião, ao Doutor Fernão de Magalhães, Desembargador e Corregedor do Civel.

Eu ElRey faço saber a vós doutor fernão de mag.aes do meu Desembarguo e corregedor dos feitos e causas ciueis de minha corte que avemdo respeito ao bem comun q̃ se ofrece de se fazer a cassa das pinitentes nesta cidade de lixboa e se dar ordem a seu recolhimento em luguar comviniemte e com menos despesa, ouue de comsemtimento dos mordomos e comfrades da casa e comfraria de samta ana da dita cidade a dita Igreia e sitio que hora tem pera se fazer o moesteiro e recolhimento das ditas penitentes E por quamto pera as officinas do dito moesteiro são necessaryos allgũs chãos que estao jumtos da dita cassa vos mando que vades ver os ditos chãos e sabereis cujos são e o que vallem de compra aquelles de que ho dito moesteiro tem necessidade, fazemdoos avaliar per homeẽs que o bem emtendão sem sospeita a que dareys Juramento dos samtos evangelhos na forma acustumada, e ouuyndo sobre este casso as partes cujos forem a que fareis mostrar os titollos que delles tiuerem *Informandouos de tudo per dom martinho pereyra fidalguo de minha cassa que tem careguo* [1] de ordenar o dito moesteiro e fazemdo quaeesquer outras dilligemçias que cumprirem, e do que achardes e fizerdes e... e outros diserem, fareis fazer autos a que sera junta esta minha prouisão e me dareys rrellação do q̃ se nelles comtem pera prouer no casso como for meu serviço e cumprio asy posto que este não seja passado polla chancellaria sem embarguo da ordenação em

[1] As palavras em italico acham-se sublinhadas no original.

contr.º dominguos de seyxas o fez em lix.ª aos dez de Julho de mil e quinhẽtos sesemta e huu anos. Diogo de proença o fez escreuer. E posto q̃ este alu.ª va deregido ao c.ºʳ· fernã de mag.ᵃᵉˢ mando ao c.ºʳ· simão cabral q̃ o cumpra como se nelle contem.

RAINHA.

Manda V. A. ao doutor fernão de mag.ᵃᵉˢ do vosso desembarguo e c.ºʳ do ciuel da corte que va aos chãos que são necessaryos pera as officinas do mostr.º q̃ hora nouam.ᵗᵉ manda faz.ʳ das pinitemtes na cassa de samta ana desta cydade, e faça sobre yso as delligemçias asima declaradas de que dará rellação delles a V. A.

Rep. da Fazenda do Distr.º de Lisboa — Papeis do Most.º de Sant'Anna, Masso N.º 8 — n.º 3.

NOTA VI

Estevam Affonso autor do antigo Mosteiro de Sant'Anna

(PAG. 161)

Saibão quaatos este estromẽto de conheçimẽto e quitação vyrem que no anno de nacim.ᵗº de noso senhor Jhũ Xp.º de mil e quinhentos e setemta e tres annos Aos oito dias do mes de Julho na cidade dellixboa no paço dos taballiais pareçeo hi de presẽte f.ᶜº guodinho criado da Rainha nosa senhor morador no valle demxobreguas de juto desta çidade e lloguo hy perãte mim taballião e testemunhas ao deante nomeadas em nome da madre de d.ˢ abadessado mosteiro de sãtana de jumto desta cidade e madres do dito mosteiro deu e paguou a guaspar dias pimtor e morador nesta çidade Ao Joguo da pela da mouraria que a esto presẽte estava dosẽtos mil rs por moedas douro as quoaes lhe paguou ha conta... mill e tantos rs que elle dito guaspar dias estaua demandando ha dita abadessa e conuento do dito mosteyro por lhe serem deuidos como a herdeiro que he de estevão afomso mestre que foi das hobras do dito mosteyro e morador q̃ foi nesta çidade a praça dos canos ja defumto como consta de hua espritura e autos que esstão em poder de fr.ᶜº glez esprivão das auçois nouas e por asi receber os ditos dozemtos mill r̃s ha comta sobredita dice elle dito guaspar dias que elle por este estromento daua como loguo de feito deu quitação dos ditos dozẽtos mill r̃s que hora recebeo ha dita abadessa e madres do dito moesteiro deste dia pera todo sẽpre e prometeo e se obriguou de numca e em

nenhũ tempo demandar a dita abadesa e cõvẽto do dito mosteiro pelos ditos dozẽtos mill rs por sy nẽ por outrẽ em joizo nem fora delle de feito nẽ de dereito nẽ p.r modo allgum que seja sob pena de lhos paguar em dobro com todas as custas e despesas perdas e danos que por ellos dita abadessa e comuẽto do dito mosteiro..
.... por si e todos seus bẽns moues e de raiz avidos e por aver e que para ello obriguou e..............................
....
e elle fr.co guodinho comfeçou perãte mim taballião e testemunhas q̃ os dozẽtos mill rs que hora paguou sao de dinheiro q̃ a dita abadessa e conuẽto lhe pera ello derão e ẽ testemunho de verdade asy o outorguarão e dello mãdarão ser feito este estromẽto de quitação e decraração nesta minha nota. E dellas dous e tres trellados e mais se mais lhe comprire e prometerão a mim taballião como a pessoa pubriqua.................................
.... e aceitante em nome da dita abbadessa e comuẽto a esto auzẽte......... asy ter e mãter e como neste estromẽto he comteudo testemuñas que forã presẽtes luis do couto taballião no dito paço q̃ dice que bem conhecia o dito guaspar dias q̃ estaua presẽte e ser o comteudo neste estrom.to e foi testemunha......
.... moço da camara dellrei noso senhor e morador nesta çidade ao chão do lloureyro e amdre de brito taballião no dito paço E eu Jacome de carualho de bragua taballiaom p.co por ellrey noso senhor nesta cidade delixboa e seus termos q̃ este estromento de quitação e decraracaom nesta nota notei..........
ho mandei tirar por o meu esprivão e o comcertey aos trese de agosto (?) de mil quinhentos setenta e tres annos.

Assignatura illegivel.

---

[1] Cartorio do extincto Mosteiro de Sant'Anna — Na Rep. de Faz. do Distr. de Lisboa — Masso 8 — N.º 83.

NOTA VII

Doação por Francisco Falcão de Gamboa de 50$000 réis annuaes a suas filhas D. Ignez e D. Margarida

(PAG. 197)

Franc.co Falcão de Gamboa f.o de Joseph Falcão de Gamboa

ElRey Nosso S.or tendo respeito a lhe reprezentar Fran.co Falcão de Gamboa fidalgo de sua caza e Cavaleiro professo na Ordem de Christo acharse com hũa f.a leg.a chamada D. Ignez Margarida de São Joaquim Religioza professa no Convento de S.ta Anna desta Cidade, e outra por nome D. Margarida Josepha do Sacram.to q̃ tinha vocação de ser Religioza e sem cabedal p.a lhe deixar hũa tença p.a acodirem a suas necessidades Religiozas em razão do Convento lhes não poder asistir com o preçiso e os bens de q̃ a caza delle Fr.co Falcão se compunha serem som.te de Morgado e na sua falta poderem experimentar urgentes necessidades e ter 50$ de tença effectiva assentados na impozição dos vinhos por Padrão de 15 de Novembro de 694 e dezejar com a mesma antiguid.e largalos por iguais partes as d.as suas 2 filhas p.a em parte remirem alguas operçóes a q̃ o Convento não pudesse abranger, Ha pbem concederlhe faculd.e p.a dentro de hũ mes que principiará de 10 do corrente mes de Fever.o poder renunciar nas d.as suas 2 filhas dos 50$ refferidos a cada hũa dellas a p.te q̃ lhe pareçer e por haver feito a renuncia em 12 do corrente mes e anno 25. em a d.a D. Ignez Margarida de São Joaquim Religioza professa no Convento de S.ta Anna desta Cid.e e os outros 25, q̃ restão em D. Margarida Jozepha do Sacram.to ambas suas filhas se passarão em seos nomes da d.a quantia Padroes e o acuzado se resgará e em seos registos se porão as verbas e declaraçoes nr.as — Lx.a occid.al 15 de Fever.o de 1727 — D.o de Mendoça Corterreal — ElRey Nosso S.nr ha pbem q̃ pella Portr.a asima se faca obra sem embargo de ser passado o tempo. Lx.a occid.al 24 de Novembro de 1731. D.o de Mendoça Corterreal.

Pedindo a S. Mgd.e a d.a D. Margarida Jozepha do Sacram.to q̃ por quanto pella Portaria a sima encorporada, fizera m.ce a seo Pay o d.o Fr.co Falcão de Gamboa da faculd.e de lhe renunciar 25$. dos 50. contheudos no Padrão tambem a sima encorporado e com effeito lhe fizera a d.a renunçia a 12 de Fever.o do anno de 727 dentro do mes q̃ lhe foi conçedido como constava da d.a Portr.a

lhe fizesse m.ce mandar passar Padrão delles em seo nome, desmembrados dos 50$ refferidos no d.º Padrão Assentados no Almox.do da Impozição dos Vinhos destas Cidades, e visto seu requerim.to Portr.a e Padrão de q̃ tudo houve vista o Proc.or da Fazenda: Ha S. Mg.de pbem q̃ a d.a D. Margarida Josepha do Sacram to tenha e haja da d.a sua faz da dos refferidos 12 de Fever.º de 727 em diante estes 25$ de tença cada anno em vida, e q̃ lhe sejão assentados no d.º Almox.do da Impozição dos Vinhos destas Cidades e pagos com antiguid.e de 7 de Dezembro de 694 q̃ he a mesma com q̃ os lograva o d.º seo Pay, e nelle lhe serem pagos com certidão da Abb.a do Conv.to de S.ta Anna desta Cidade feita pella Escrivã delle e assignada por ambas de como he viva, porq.to o ass.to dos refferidos 50$. de tenca q̃ estavão em nome do d.º seo Pay e asim o registo do Padrão delles dos L.os da Chancelaria q̃ ja estavão na Torre do Tombo se riscarão e puzerão pellas verbas do contheudo neste a respeito destes 25$. de que lhe foi passado Padrão a 15 de Janr.º de 732.

No pr.º deste Padrão depois da Portr.a atras vinha encorporado o Padrão q̃ está reg.do no L. 9 de ElRey D. P º a fl. 133.

(Á margem). Os 25$ rs. de Tença q̃ por este Padrão lograva D. Margarida Josefa do Sacram.to esta com faculd.e R.al os renunciou em sua sobrinha D. Luisa Barbara de Lima Falcão e Mello na conformid.e do Alvará e Apostilla q̃ se registarão no L.º 26 da R.a D. M.a 1 a a fl 210,

(*Com uma rubrica*).

Pedindo a S. Mg.de D. Ignes Elena de Lima q̃ porqto p.la Portaria atras encorporada constava haver concedido faculd.e a seu Pay Fr.co Falcão de Gamboa p.a q̃ lhe pudesse renunçiar 25$. dos 50$ q̃ tinha no Almox.do da Impozição dos Vinhos destas Cid.es pello Padrão q̃ neste vinha tresladado tirado do Livro do reg.to da Chancelr.a q̃ estava na Torre do Tombo e q̃ p la Sn.ca de Iustificação q̃ offerecia tambem constava ser a mesma contheuda na d.a Portr.a q̃ n'aquelle tempo se apelidava em q.º estava no conv.to de S.ta Anna com o nome de D. Ignes Marg.da de S. Joaquim e porq̃ o d.º seo Pay lhos havia renunciado em 12 de Fevereiro do anno de 727 lhe fizesse m.ce mandar passar Padrão em seo nome, e vistos seo requerim.to Portr.a e Padrão neste encorporados de q̃ tudo houve vista o Proc.or da Fazenda Ha S. Mg.de pbem fazer m.ce a d.a D. Ignes Elena de Lima destes 25$ de tença cada anno em vida e q̃ lhe sejão assentados no Almox.do da Impozição dos Vinhos destas Cidades e pagos em antiguid.e de 2 de Dezembro de 694 aonde os principiara a vençer de 12 de Fever.º do refferido anno de 727 em que lhe forão renunciados porq.to o ass.to q̃ dos d.os 50$. q̃ estava nos Livros da Faz.da em nome do d.º Fr.co

Falcão se riscarão e puzerão verbas do conteudo neste Padrão o qual foi feito aos 7 de Março de 736.

(*Com uma rubrica*).

Torre do Tombo — Chancellaria d'elRei D. João V — Livro 33 — fl. 33 e 33 v.

Dom João por graça de Deos Rey de Portugal &. — Faço saber aos que esta minha Carta de Padrão virem q̃ por parte de D. Ignes Helena de Lima me foy aprezentada hua Portaria e hũ Padrão tirado da Torre do Tombo cujo treslado he o seg.te:

Por Desp.o de Sua Mag.de de 10 de Fever.o de 1727 ElRey N. S.nr Tendo resp.to a lhe reprezentar Franc.co Falcão de Gamboa fidalgo de sua Casa e Cavaleyro profeço na Ordem de Christo acharse com hũa filha legitima chamada D. Ignez Margarida de São Joaquim Relligioza profeça no Conv.to de S.ta Anna desta Cid.e e outra por nome D. Margarida Jozefa do Sacram.to q̃ tinha vocação de ser Relligioza, e sem cabedal p.a lhes deyxar hua Tença p.a acudirem as suas necesid.es relligiozas em rezão do Conv.to lhes não poder assistir com o precizo; e os bens de q̃ a caza delle Franc.co Falcão se compunha serem som.te de morgado, e na sua falta poderem experimentar urgentes necesidades; e ter 50$000 rs. de Tença effectiva assentados na Impozição dos vinhos por Padrão de 15 de Nov.ro de 1694; e dezejar com a mesma antiguidade Largalos por Iguaes Partes ás D.as suas filhas p.a em parte remirem alguas opressoes a que o Conv.to não podesse abranger: Ha por bem conceder lhe faculd.e p.a dentro de hũ mes q̃ principiara de des do corrente mes de Feuer.o poder renunciar nas D.as suas duas filhas dos 50$000 rs. reffer.os a cada hua dellas a parte q̃ lhe parecer, e por haver feito a renuncia em doze do corrente mes e anno vinte sinco na D.a D. Ignes Margarida de São Joaquim religioza profeça no Conv.to de S.ta Anna desta Cidade e os outros 25$000 rs. q̃ restão em D. Margarida Jozefa do Sacram.to ambas suas filhas se passarão em seus nomes da D.a q.tia Padrões, e o acuzado se rasgará, e em seos registos se porão as verbas e declarações neces.as Lx.a occ.al 15 de Fever.o de 1727 — e por se reprezentar haverse perdido esta Portaria antes de em todo se fazer obra por ella, e se mostrar por certidão de reg.to das merces se passou esta segunda com salva pello q̃ resp.ta aos 25$000 rs. de D. Ignes Margarida de São Ioachim que na d.a m.ce lhe tocão. Lix.a occ.al 8 de Jan.ro de 1735. — Diogo de M.ca Corte Real — ElRey N. S.r ha por bem q̃ pella Portr.a assima se faça obra sem emb.o de ser passado o tempo. — Lx.a occ.al 12 de Out.ro de 1735 — Diogo de M.ca Corte Real.

Dom Ioão por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem Mar em Africa S.or de Guine e da Conquista Na-

vegação Comercio de Ethiopia Arabia Percia e da India &. Faço saber q̃ por parte de D. Ignes Margarida de São Ioachim me foy reprezentado por sua p.[am] q p.[a] serto Req.[to] lhe hera neces.[o] por certidão da Torre do Tombo a copia autentica de hũ Padrão de 50$000 rs. de Tença q̃ foy passado a seu Pay Fr.[co] Falcão de Gamboa assentados na Impozição dos vinhos dos quaes renunciou a metade delles na supp.[te] com Lic.[a] minha, eme pedia lho mandasse dar na forma do Estillo. E visto por mim seo req.[to] se lhe deferio com a Provizão seg.[te]:

Dom Ioão por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem Mar em Africa senhor de Guine &. Mando a vos Guarda mor da Torre do Tombo q̃ deis a D. Ignes Margarida de São Ioachim o treslIado dos papeis de q̃ na p.[am] atras escripta faz menção a qual lhe dareis na forma das Provizões passadas p.[a] se darem semelhantes tresllados.

E pagou de novos dir.[tos] trinta rs que se carreg.[r] ao thez.[ro] delles a fl 83 v. do L.[o] 23 de sua rec.[ta] e se registou o c.[to] em forma no L.[o] 19 do Reg.[to] g [al] a fl. 315 v. ElRey N. S.[r] o mandou pellos D. D. Gregorio Per.[a] Fidalgo da Sylv.[ra] e B.[ar] do Rego e Andr.[a] ambos do seu Cons.[o] e seus Dez.[res] do Paço — Joze da Costa Pedrozo a fez em Lix.[a] occ.[al], a 26 de Jan.[ro] de 1735 annos — de feitio desta cem reis -- Ant.[o] de Castro G.[es] a fes escrever — Gregorio Per.[a] Fidalgo da Sylv.[ra] — B.[ar] do Rego e Andr.[a]

E sendo passada pella Ch.[ra] foy aprezentada ao Guarda mor da Torre do Tombo e em seu comprim.[to] se buscarão os L.[os] della, e no q̃ servio na Ch.[ra] de reg.[to] de off.[os] e mais m.[ces] pellos annos de 1694 the 1695 de q̃ foy Escrivão Innocencio Correa de Moura a fl 160 v. se achou hũ Padrão de 50$000 rs de Tença passado a Fr [co] Falcão de Gamboa pedido e apontado pella sobre d.[a] do qual o seu tresllado he o q̃ adiante se segue:

Dom Pedro por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa S.[or] de Guine e da Conquista Navegação Comercio de Ethiopia Arabia Percia a da India, &. Faço saber aos q esta minha Carta de Padrão virem q tendo resp.[te] aos serviços de Iose Falcão de Gamboa n.[al] desta Cid.[e] filho de Fr.[co] Falcão de Gamboa feytos por espaço de 25 annos des mezes e 15 dias, de 19 de Mayo de 660 athe 30 de Iulho de 687, os prim.[ros] dous annos des mezes e 15 dias de sold.[o] na Prov.[a] de Alem Tejo e o demais tempo com o posto de M.[e] de Campo do Terço auxilliar da Com [ca] de Torres Vedras; assistindo o anno de 661 na Praça de Elvas, e se achar no Ex.[to] q̃ sahio a campanha, e da mesma man.[ra] o anno de 662 e no anno de 664 exercitando ja o D.[o] posto de M.[e] de Campo se achar com o seu Terço na campanha daquelle anno em tudo o q̃ se offereceo. No de 665 ordenandolhe o M.[e] de Campo Gen.[al] formasse o seu Terço prefa-

zendoo de mil homens, e se achar com elle no Ex.[to] de Alem Tejo, e de Guarnição na Praça de Elvas; no de 666, vindo o In.[o] sobre a Berlenga, assistir em sua defença guarnecendo com o seu Terço os postos da Lourinhãa e Iriceyra com cuydado; no de 667 se lhe emcarregar tivesse o Terço prompto p.[a] o q̃ fosse necess.[o], se haver com cuidado e zello; e da mesma man.[ra] os annos de 676 e 681 na execução das ordens q̃ se lhe encarregarão, e a lhe pertencer por Snn.[ça] do Iuizo das Iustificaçoes a acção da m.[ce] de 15$ rs. de promeça de penção com q̃ estava despachado seu cunhado Felliciano de Abreu de Lima com o habito de São Bento de Aviz tudo por Alvará de 27 de Mayo de 648 e Portr.[a] de 27 de Mayo de 647: Em satisfação de tudo e do mais q̃ por parte do mesmo Ioze Falcão de Gamboa se me reprezentou, Hey por bem e me pras fazer-lhe m.[ce] alem de outras p.[a] seu filho Fr.[co] Falcão de Gamboa de 50$ rs. de Tença effectivos cada anno em vida q̃ lhe serão assentados em hũ dos Almox.[dos] do R.[no] em que couberem sem prejuizo de 3.[o] e não houver prohibição e o vencim.[to] delles desde 22 de Mayo do anno de 688 em q̃ lhe fiz este m.[ce] the o dia de seu Assento sera na forma q̃ Eu for servido resolver na cons.[ta] q̃ se me fes pello Cons.[o] de minha Faz.[a] com declaração q̃ do tempo em q̃ o d.[o] Fran.[co] Falcão de Gamboa não tiver cabim.[to] dos d.[os] 50$ rs de Tença nos Almox.[dos] ou cazas dos dir.[tos] Reaes aonde os assentar, ou depois de os ter assentados em algum ou mais annos lhe ficarem por pagar por falta de rendim.[to] se lhe não hão de passar Provisões para o Thez.[ro] mor do R.[no] nem produzirão obrigação de divida mais q̃ naquella Caza ou Almox.[do] em que for assentada a d.[a] Tença, como Ordeney por Decreto de 17 de Jan.[ro] de 689: Pello q̃ mando aos vedores de minha Faz.[a] q̃ na forma reffer.[a] lhe fação assentar nos L.[os] della os d.[os] 50$ rs de Tença, e levar cada anno em folha do Assentam.[to] de hũ dos ditos Almox.[dos] do R.[no] em q̃ couberem sem prejuiso de 3.[o] e não houver prohibição, em nome do d.[o] Fran.[co] Falcão de Gamboa p.[a] lhe serem pagos como d.[o] he. E pagou de novos direytos 25$ rs. q̃ se carregarão ao Thez.[ro] Diogo Soares da Costa a fl 113 do L.[o] 1.[o] de sua rec.[ta] como constou por c.[to] em forma reg.[do] a fl. 99 v. do L.[o] 1.[o] do Reg.[to] g.[al] o qual com o Alvará assima reffer.[o] de 27 de Mayo de 648 foy tudo roto ao asignar deste Padrão q̃ por firmeza de tudo o q̃ d.[o] he mandey passar ao dito Franc.[co] Falcão de Gamboa por mim asignado e cellado com o meu cello pendente, e pello d.[o] Alvará não haver sido reg.[do] em parte algũa senão mandão por verbas em seus reg.[tos] e no reg.[to] da Portr.[a] de 22 de Iulho de 688 por vertude da qual se obrou este Padrão se porá verba do contheudo nelle. João Cardozo o fez em Lix.[a] a 15 de Nov.[ro] de 694 annos. Martim Teyx.[ra] de Carv.[o] o fez escrever — ElRey — O Marques de Alegrete —

Por Portr.ª do Secretr.º das Merces e expediente Pedro Sanches Farinha de 22 de Iulho de 688 e suprim.to de 4 de Nov.ro de 694. — João de Roxas de Az.do — Pagou 12$500 rs E aos off.es 514 rs — Lix.ª 4 de Dez.ro de 694 — Dom Fran.co Maldonado — E a margem do d.º Padrão se acha posta hua verba a qual he do theor seg.te — Verba — Por Portaria do Secretr.º de Est.º Diogo de M.ca Corte Real de 15 de Fever.º do anno de 1727 foy Sua Mag.de q D.s G.de Servido conceder faculd.e a Fr.co Falcão de Gamboa p.ª q̃ dentro em hũ mes podesse nomear esta Tenca em suas duas filhas D. Ignes Margarida de São Ioachim Relligioza no Conv.to de S.ta Anna desta Cid.e e D Margarida Iosefa do Sacram.to; e porq.to fez a d.ª nomeação dentro no mes asignado 25$ rs a cada hũa p.ª haver de se lhes fazer Padrões em seos nomes das d.as q.tias pus esta verba e risquey este assento por Desp.º do Cons.º da Faz.ª de 17 deste mes e anno — Lix.ª ori.al 30 de Iulho de 1728 — Sylva — E não dezia mais o D.º Padrão, e verba posta a margem delle q̃ tudo aqui foy traslladado a pedimento da sobred.ª que lhe mandey dar nesta com o sello de minhas Armas, a q̃ se dará tanta fée e credito como ao mesmo L.º donde foy treslladada, e esta com elle concertada. — Dada na cid.e de Lix.ª ori.al em o pr.º dia do mes de Fever.º — ElRey N. S.r o mandou por Ioão Couceyro de Avreu e Castro Guarda Mor da Torre do Tombo, e esta não vallerá sem q̃ p.ro seja por elle assignada, e cellada — anno do nascim.to de N. S.r Iezus Christo de 1735 e vay escripta em cinco meyas folhas de papel com esta — Alex.e M.el da Sylva a fez escrever — Ioão Couceyro de Avreu e Castro — Pagou 1$040 rs. e de asinar 370 rs —

Pedindo-me a dita D. Ignes Helena de Lima q̃ porq.to pella Portr.ª assima incorporada constava haver concedido faculd.e a seo Pay Fr.co Falcão de Gamboa p.ª q̃ lhe podese renunciar 25$ rs dos sincoenta q̃ tinha no Almox.do da Imposição dos vinhos destas cid.es pello Padrão outrosim treslladado tirado do L.º do reg.to de minha Ch.ra q̃ ja estava na Torre do Tombo, e q̃ pella Snn.ca de Instificação q̃ offerecia tambem constava ser a mesma contheuda na d.ª Portr.ª q̃ naquelle tempo se apelidava em q.to esteve no Conv.to de S.ta Anna com o nome de D. Ignes Margarida de São Ioachim; e porq o d.º seu Pay lhos havia renunciado em 12 de Fever.º do anno de 1727 lhe fizesse m.ce mandarlhe passar Padrão em seo nome; E visto por mim seu req.to Portr.ª e Padrão neste emcorporados de q̃ tudo houve v.ta o Proc.or da Faz.ª Hey por bem e me pras fazer m.ce a d.ª D. Ignes Helena de Lima destes 25$ rs de Tença cada anno em vida e que lhe sejão assentados no Almox.do da Impozição dos vinhos destas cid.es, E pagos com antiguid.e de 2 de Dez.ro de 1694 aonde os principiara a vencer de 12 de Fever.º do reffer.º anno de 1727 em

q̃ lhe forão renunciados. Pello q̃ mando aos vedores da minha Faz.ª q̃ na forma reffer.ª lhe fação assentar nos L.os della estes 25$ rs; e os despachar cada anno na folha do assentam.to do d.o Almox.do p.ª lhe serem pagos como d.o he por q.to o assento dos d.os 50$ rs q̃ estavão no dito L.o de minha Faz.da a fl. 419 v. em nome do d.o seo Pay Fran.co Falcão de Gamboa, e assim o reg.to do Padrão delles dos L.os de minha Ch.ra q̃ ja estavão na Torre do Tombo se riscarão e pozeram verbas necesarias e assim mais se porão novas verbas do contheudo neste Padrão por ser a mesma q̃ ao tempo da dita renuncia se intitulava D. Ignes Margarida de São Ioachim de q̃ se passarão certidões nas costas deste Padrão de q̃ pagou de novos dir.tos 12$500 rs. q̃ forão carregados ao Thez.ro delles Iose Correa de Moura a fl 107 do L.o 23 de Sua rec.ta como constou por hũ c.to em forma reg.do no L.o 19 do reg.to geral dos mesmos dir.tos a fl. 333 e roto com a d.ª Portr.ª e Padrão ao asignar desta minha carta de Padrão que por firmeza de tudo mandey dar á d.ª D.ª Ignez Helena de Lima por mim asignado e cellado com o meu cello pendente q̃ será reg.do nos L.os das m.ces Ch.ra e Faz.e — Lix.ª occ.al 7 de M.co de 1736 annos — ElRey. —

P. por Portr.ª do Secret.ro de Est.o Diogo de M.ca Corte Real de 15 de Fever o de 1727 e tirada com salva do mesmo Secretr.o de Est.o de 8 de Ian.ro de 1735 com seu suprim.to de 12 de Out.ro do mesmo anno — Ioze Mendes da Maya o fez — Fern do Ioze da da Gama Lobo o fez escrever — Pedro de Roxas e Az.do — Gualter de Andr.ª Rua — Ioze Vas de Carv.o — Pagou 6$250 rs. e aos off.es 1$314 rs — Lix.ª occ.al 29 de Mayo de 1736 — Dom Miguel Maldonado. —

Torre do Tombo — Officios e mercês, Livro 89 — fl. 252 v. e seg.

NOTA VIII

Obras no Mosteiro de Sant'Anna em 1728

(PAG. 208)

I

Fr. Diogo da Conceição, Preg.or Iub.o, Minr.o Prov.al Ap.co e servo dos Frades Menores da Regular Observ.ª de N. S. P. S. Fran.co desta Santa Prov.ª de Portugal. &. A. R.ª M. Abb.ª do nosso Mostr.o de Santa Anna de Lisboa Occ.al saude, e paz em o Snr. Por q.to V. R. nos reprezentou ser precizo acudir á ruina

q̃ ameassa hum dos Dormitorios desse Mostr.º, e q̃ p.ª o pagamento desta obra por se não achar a Cõmunid.e com o dr.º, lhe era necessr.º vender a propriedade de hũas cazas sitas em Valverde, de q̃ o Mostr.º por falecimento da Madre Joanna da Graça he snr. e pessuidor; e por serem foreyras as não pode pessuir seg.do as Leys do Reyno. Pela prezente lhe concedemos licença p.ª q̃ possa vender as ditas cazas; com tanto q̃ ao celebrar a Escritura da d.ª venda assistirá o R. P. Conf.or e o dr.º em q̃ se ajustar a venda hirá da mão do comprador inteiramente para a mão de M.el Barboza morador ao Pelourinho desta Cid.e, ao qual constituimos depositario do dinr.º das ditas cazas. E outro si ordenamos q̃ os pagamentos e ferias dos officiaes pr.º que se lhes fação serão asignados pelo M.e das obras, por V. R. M.e Escrivaã, e pelo R. P. Conf.or, o qual guardando as ditas ferias na sua mão, p.ª nos prezentar quando por nos lhe forem pedidas, passará escrito para o d.º Depozitario M.el Barboza dar o dr.º para o pagamento de cada hũa das ditas ferias, declarando no escripto o numero da feria, e a quantid.e do dr.º q̃ della consta. Encarregamos m.to a conciencia do R. P Conf.or sobre o exame da verdade de cada hũa das ferias; e lhe ordenamos que não passe algum escrito, que não seja unicamente p.ª o pagamento dos Off.ciaes, q̃ concertarem e repararem o d.º Dormitorio a ruinado. E assim ordenamos em virtude do Esp.º Santo por santa Obb.ª a R. M. Abb.ª e a outra qualquer nossa subdita q̃ não divirtão qualquer quantid.e do dr.º das ditas cazas por pequena q̃ seja para outra couza q̃ não seja para o reparamento do Dormitorio. Dada neste nosso conv.to de S. Fran.co da Cid.e de Lx.ª occ.al em 6 de Julho de 1728. Sob nosso sinal, e sello menor do nosso Off.º

Fr. Diogo da Conceyção
Mr.º Prov.al

Sello

D. M. D S. P. M. R.
Fr. Manoel de S. Damazo
Secretario da Provincia.

Rep. da Fazenda Masso N.º 2 dos papeis relativos ao extincto Mosteiro de Sant'Anna.

II

Por quanto estamos informados, q̃ no nosso Mosteyro de S. Anna necessita de reedificarse hum dos seus Dormitorios, pelas prezentes concedemos licença para q̃ possão entrar na clausura do

d.ᵒ nosso Mostr.º os officiaes q̃ forem necessarios, para a dita reedificação. E recomendamos muyto a Rd.ª M.ᵉ Abb ª e ao Rd.º P.ᵉ Confessor ponhão muyto cuidado em não admittir á dita obra officiaes q̃ não sejão de conhecido e louvavel procedimento, e que entrem e sayam a clausura ás horas competentes, no que lhes encargamos suas conciencias. Dada neste nosso Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa occ.al 10 de Mayo de 1728. Sub nosso sinal e sello menor do nosso officio.

Fr. Diogo da Conceyção
Mro. Prov.al

Logar do sello

Secretario da Provincia

Repartição de Fazenda do Districto de Lisboa — Cartorio do extincto Mosteiro de Sant'Anna — Masso N.º 2 — Escripturas &.

NOTA IX

Nomeação de Francisco Vieira Lusitano para Cavalleiro da Ordem de Santiago da Espada

(PAG. 227)

I

Da Meza da Cons.cia e Ordenz. — Sobre as prov.cas de Fran.co Vieira Luzitano.

Copia

Por desp.º de S. Mag.de de 16 de Mayo de 1733

ElRey N.S. tendo respeito alhereprezentar Vicente de Velasco n.al de Argete Rn.º de Castella hauer servido por tempo de treze annos, assistindo ao Inviado Ant º Guedes Pr.ª na Corte de Madrid na ocupação de pagem, e com o mesmo foro na embaixada do Marques de Abrantes, e vltimam.te assistir ao Plenipotenciario Pedro Alz. Cabral, q̃ o mandou aesta Corte pella posta com hua dilig.ª do serviço da Serenissima Sr.ª Princeza de Asturias; em consideração do q̃, e por graça especial: Ha por bem fazerlhe m.ce de dose milr.s detença eff.ª em hũ dos Almox.dos do Rn.º em q̃ couberem semprejuizo de terceiro e não houver prohibição com o vencimento naforma daordem de VMag.de, os quais

logrará atit.º do habito de São Tiago q̃ lhe tem mandado lançar
Lx.ª occ.al 20 de Mayo de 1733. Diogo de M.ça Corte Real.

II

Pordesp.º de S. Mag.de de 11 de Mr.co de 1738.

ElRey N S.r tendo respeito alhe reprezentar Vicente de Velasco de Nasção Hespanhol hauer-lhe feito m.ce do habito da Ordem de S. Tiago com dose mil rs. de tença eff.ª pella portr.ª assima assima de vinte de Mayo de mil setecentos trinta e tres de q̃ até o prez.e não tivera effeito, e a dezejaua renunciar p.ª com o procedido da renuncia satisfazer os preparos p.ª se recolher na Congregação do Oratorio desta Cid.e onde está aceito. Ao q̃ tendo concideração: Ha por bem concederlhe faculdad.e p.ª q̃ possa renunciar a m.ce do habito da Ordem de S. Tiago, e os doze mil rs. de de (sic) tença eff.ª att.º do mesmo; e por ter feito a renuncia em Fr.co Vieira Luzitano se lhe passarâ padrão dos referidos dose mil rs de tença eff.ª, os quais Logrará att.º do mesmo habito qlhetem mandado Lançar; e a margem do reg.º das portr.as acuzadas ficao postas as verbas necess.ras e a q̃ se havia passado p.ª o habito se rasgou. Lx.ª occ.al 24 de M.co de 1738. Reg.da a fl. 242.

Jeronymo godinho de Niza.

Está bem. Lx.ª Occid.al 24 de
Mayo de 1740

(Rubrica)

Senhor

Foy V. Mag.de seruido fazer m.ce do ha
bito da Ordem de Santiago, a Fran.co
Vieira Luzitano, e de suasprovancas
constouter aspartes pessoaes, e Limpe
za necessaria. que o Supp.te
he Pintor Academico, o Pay fabrican
te de meyaz, o avo materno sapa
teiro a May, e avó materna pes-
soas de segundacondição, e por
estes impedimentos sejulgou não
estar capas de entrar na Ordem,
doque se dá conta a V. Mag.de
comoGov.or eperpetuo Adminis
trador della, naforma q̃ dispoem

os deffinit.ros Lx.a occ.al de zoutto de Mayo de mil sette centos equarentta.

João Correa de Abreu—Philippe Maciel—D.r Fran.co Pr.a da Cruz.
Vejase na Meza da Conscia eordens esse consulte o q̃ parecer sem embargo das ordens em contr.o Lx.a dezoito de Iunho de mil setecentos e quarenta e quatro.
(Assignatura q̃ não sei ler)

III

S.r

Diz Franco Vieira Luzitano q̃ V. Magd.e lhe fes m.ce dohabito da Ordem de S. Tyago e abelitandose p.a o receber p.la Meza da Cons.cia e Ordens lheresultarão alguns empedim.tos de q̃ sedeu conta a VMag de eporq̃ os respeitos porq̃ am.ce foi feita constão da Copia da Portaria Iunta, emtende osupp te serem dignos da Real atenção p.a esperar dapied.e de V. Magde odispence nos d.os empedim.tos porq̃ a lem denão serem sordidos acabarão â annos e osupp.te serve a V. Mag.de nas couzas q̃ deseu Real agrado lhe são recomendadas, ecomo arenuncia foi p.a obra tão pia edoserviço de Ds. justamte deve osupp.te esperar de V.Mag.de odispence nos d.os empedim.tos q̃ denão conseguir agraça dadispença lherezulta g.de prejuizo no seu credito emtendendose q̃ esta falta nassera dade sangue oq̃ não ha e VMag.de Costume atender asemelhantes motivos.

P. a VMag.de lheFaça m.ce dispençar aosupp.te dos d.tos empedim.tos atendendo aoq alega.

E R M.ce

Cons.ta aseu favor, porq̃. indaq̃ osupp.te nam ter servicos proprios eam.ce do habito ser renunciada comtudo porser osupp.te homen insigne na sua arte de pintura, eseachar casado nobrem.te sefas digno deq̃. V.a Mag.e ohonre, e destinga comohabito da ordem deS. Tyago q̃ secostumadar apessoas de inferior condiçam Meza 8 de Julho de 1744.

(*Tres rubricas*)

Cons.ta em 9 dod.o

IV

Como parece. Villa
das Caldas 23 de Julho
de 1744

(Rubrica)

Senhor

Das provanças que se fizerão a Francisco Vieira Luzitano para receber o habito da Ordem de S. Thiago, lhe rezultarão os impedimentos que constão da cons ta incluza.

Recorreo a V. Mag.e com hua petição dizendo q̃ os respeitos porq̃ a mm.a fora feita constavão da coppia da Portaria junta, e emtendia o supp.e serem dignos da Real attenção para esperar da piedade de V. Mag.e o dispensasse nos ditos impedimentos, porq̃ alem de não serem sordidos, acabarão havia an.s; e o supp.e servia a V. Mag.e nas couzas q̃ de seu Real agrado lhe eram recomendadas; e como a renuncia fora para obra tão pia, e do serviço de Deus, justamente devia esperar o supp e a graça da d.a dispensa, q̃ de a não conseguir lhe resultava grande prejuizo no seu credito, emtendendosse q̃ esta falta nasceria da de sangue, q̃ não havia, e V. Mag.e costumava attender a semelh.es motivos.

P. a V. Mag.e lhe fizesse mr.ce dispensalo nos ditos impedimentos attendendo ao q̃ allegava.

E por V. Mag.e mandar q̃ a dita petição se veja neste Tribunal, e se cons.te o q̃ parecer sem embargo das ordens em contrario.

Pareceu q̃ V. Mag.e dispense ao supp.e porq̃ ainda q̃ não tem serviços proprios, e a m:ce do habito ser renunciada: comtudo por ser o supp.e homem insigne na sua Arte de pintura, e se achar cazado nobremente [1], se faz digno de q̃ V. Mag.e o honre, e destingua com o habito da ordem de S. Thiago, q̃ se costuma dar apessoas de inferior condição. Lisboa nove de Julho de mil setecentos quarenta e quatro.

Philippe Maciel — José Frr.a de Horta — Philippe de Abranches e Castro.

Torre do Tombo, Ordem de S. Thiago — Habilitações — Maço 2 — N.º 65.

---

[1] Prova official e irrecusavel de que foi reconhecido o casamento, e invalidados os votos de D. Ignez como *Freira professa,* apesar de não apparecer na camara ecclesiastica e respectivo documento de annullação.

J. de C.

V

Alvará para ser armado Cavalleiro da Ordem de S. Thiago na egreja do Mosteiro de Santos. — 23 de Setembro de 1744.

Da mesma data: Alvará para professar na egreja do Mosteiro de Santos; e

Carta para se lhe lançar o Habito.

Torre do Tombo — Chancellaria da Ordem de S. Thiago — Livro 29 — fl. 321.

NOTA X

Fallecimento de D. Ignez Helena de Lima e Mello, mulher de Francisco Vieira Lusitano

(PAG. 230)

Livro dos obitos da freguezia de Santo André de Mafra — N.º 5 — fl. 122.

Copia — Aos vinte e dois de Agosto de mil setecentos e setenta e quatro, falleceu com todos os Sacramentos D. Ignez Helena de Lima e Mello cazada com Francisco Vieira Luzitano, d'idade de setenta e cinco annos, moradora no Real Palacio. Foi sepultada na igreja. Não fez testamento. Em fé do que fiz este assento que assignei. Era ut supra. O Vigario Luiz da Silva.

N. B. — Ha engano na edade da fallecida, que em vez de 75 tinha 78 annos.

Diz o texto que foi sepultada *na egreja*. Poderia suppôr-se que o fosse no celebre templo do convento, edificação d'elRei D. João V, mas assim não foi. Na egreja do convento nunca se sepultou pessoa alguma antes de 1835, em que se promulgou a Lei dos cemiterios, nem sequer depois, quando esse templo passou a ser parochia. D. Ignez foi enterrada na antiga parochia, Santo André.

Esta certidão foi para mim obsequiosamente copiada pelo actual M.to Rev.do Prior de Mafra, o snr. Padre Dr. Thomaz Joaquim de Almeida, a quem muito agradeço a sua promptidão, e as amaveis expressões e explicações da carta com que me honrou em 13 de Junho de 1890.

NOTA XI

Fallecimento de Francisco Vieira Lusitano

(PAG. 230)

A fl. 57 do Livro I dos Obitos da Parochia de S. Bartholomeu do Beato, lê-se este termo:

Em trese de Agosto de mil sete centos oitenta e trez falleceo n'esta Freguesia com todos os Sacramentos Francisco Vieira Luzitano, Cavalleiro da Ordem de S. Thiago, viuvo de D. Jgnez Elena de Lima e Mello, foi sepultado na Egreja do Convento de S. Francisco de Xabregas, de que fiz este assento.

O Parocho Luiz Miguel Coelho Alb.ᶻ

N. B. — A orthographia é exacta conforme a copia que me deu o M.ᵗᵒ Rev.ᵈᵒ Prior (já fallecido) Marques de Oliveira, a cuja memoria deixo aqui a expressão do meu agradecimento.

NOTA XII

Ramalhete poetico desfolhado na campa de Vieira Lusitano

Desejo reunir aqui alguns dos testemunhos poeticos do alto apreço que a alguns litteratos mereceu o grande Pintor. De serem poucos, não se infira que houvesse contra elle *conjuração de silencio*, como hoje é moda dizer-se, e escrever-se, que a houve contra Luiz de Camões,

*

Filinto Elysio em carta a Francisco José Maria de Brito fala em Vieira, e diz:

Que homem tégora ousou arguir Vieira,
Luso Apelles, de ter ennobrecido
de um moderno pincel a formosura
co'as ruinas de um templo, de um colosso,
co'os derrocados arcos de um triumpho? [1]

Edição parisiense — T. I, pag. 84.

*

Joaquim Machado de Castro, o nosso insigne escultor, contemporaneo e amigo de Vieira Lusitano, publicou em 1758 o *Elogio* do famoso pintor, em quatorze oitavas, glosando um soneto do Padre Frei Antonio da Conceição, Religioso arrabido, em louvor do mesmo artista. Reproduzo textualmente o folheto onde se contém o soneto e a glosa, e mais algumas coisas. Emprestou-m'o o meu amigo o snr. Annibal Fernandes Thomaz.

ELOGIO |

ao senhor | Francisco Vieira | Lusitano, | Cavalleiro professo da Ordem de Santiago, Academico de Me- | rito da insigne Academia de S. Lucas de Roma, e dig | nissimo Pintor de Sua Magestade Fidelissima. | Em hum Soneto | Por seu Author o muito R. Padre Pregador | Fr. Antonio da Conceição, | Religioso da Provincia de Santa Maria da Arrabida. | Glosado, e dado á luz | por | Joaquim Machado e Castro, | Natural da Cidade de Coimbra. | (logar de uma vinheta) | Lisboa, | Na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. | (Logar de um traço typographico) | M.DCC.LVIII. | Com as licenças necessarias. |

SONETO

Morreo Apelles: nem he a vez primeira,
Que a Parca igual successo acomettesse:
Mas que importa, que Apelles nos morresse,
Se logra o mundo todo a hum Vieira?

Findou Apelles a mortal carreira,
E foy dita, que agora não vivesse,
Só porque sua fama não corresse
Perigo, em fabulosa, ou lisonjeira.

Se o pincel, com que Apelles fez figura,
Hoje da mesma sorte renascera,
Que encomios não tivera! Por ventura,

Se nas mãos do Vieira apparecera:
Antes de dar o rasgo na pintura,
Assombrado o pincel na mão tremera.

GLOSA DO SONETO

em applauso | ao senhor | Francisco Vieira | Lusitano, | Cavalleiro Professo da Ordem de Santiago, Academico de Me- | rito da insigne Academia de S. Lucas de Roma, e dig- | nissimo Pintor de Sua Magestade Fidelissima. |

I

Os Heróes, que no mundo esclarecidos
Se tem feito, com obras portentosas,
São nestas, como em luzes, renascidos,
Quando aos olhos se mostrão luminosas:
Mas, se d'outro nas mesmas são vencidos,
Nella morrem; sem já serem lustrosas:
Cada vez que assim vemos ao Vieira,
Morreo Apelles; nem he a vez primeira.

II

Em morrer foy assim mais venturoso,
Que se o fio da vida conservara,
Vendo-se já vencido, furioso
Elle mesmo a si proprio hoje o cortara:
E se acaso este impulso vagaroso
Lhe fosse, que a paixão o perturbara,
Pode ser que por gloria elle tivesse,
Que a Parca igual successo accommetesse.

III

Foi de Alexandre Apelles tão querido,
Que o honrou com a joya mais amada;
Mas, se o Vieira já fora nascido,
Preferindo-o lhe fora tributada.
Foste, Apelles, feliz não ter vivido!
He crivel, sua estrella acautelada,
Prevendo ao Vieira assim quizesse,
(Mas que importa,) que Apelles nos morresse.

IV

Que importa pois, que a estrella prevenida
Sua tocha immortal não conservara!
Se até a mesma fama he escurecida,
Rouca a Trompa voante sem voz clara:
Seria como Lua inda luzida,
Se este Sol, que he mais claro, não brilhara.
Ah, Pintura! só tens gloria inteira,
Se logra o mundo todo a hum Vieira.

V

Qual soberbo Leão, altivo, iroso,
Se vivo Apelles fora, bravamente
Pulsara as duras garras, muy raivoso,
Da torpe emulação mais indecente.
Qual Lebreo, com bramidos invejoso [1]
Seguiria esta luz resplandecente:
Mas por não se abismar em tal cegueira,
Findou Apelles a mortal carreira.

VI

Summamente ficou vangloriado
Parrhasio, por deixar Zeuxis vencido, [2]
Quando foy nas pinturas enganado,
Sem poder Zeuxis tal ter conseguido:
No que Parrhasio foy afortunado,
Foi não ter com Vieira competido;
Pois affirmo, que ufano não vencesse;
E foy dita, que agora não vivesse.

VII

Brilhão no firmamento essas estrellas,
Antes de Febo ir seus passos dando,
E perturbadas deixão de ser bellas,
Quando eminentes torres vay dourando:
Apelles, e Parrhasio vão, como ellas,
No firmamento historico acabando,
Se o Febo dos Pintores apparece
Só, porque sua fama não corresse.

VIII

Já Zeuxis, e Parrhasio escurecerão;
Protogenes, Apelles, se famosos
Todos estes na historia, já morrerão,
Sem no Templo immortal serem lustrosos:

---

[1] Lunarem noctu, ut speculum, canis inspicit orbem,
Seque videns, alium credit inesse canem.
En latrat, sed frustra agitur vox irrita ventis;
Et peragit cursus surda Diana suos.
Alciat.

[2] — Vicisti, Parrhasi; nam ego fefelli, tu artificem. *Zeu.*

Deste Heróe virtuoso se esconderão, [1]
Pois dá exemplos em tudo portentosos:
Não corra em os louvar penna ligeira
Perigo, em fabulosa, ou lisongeira.

IX

Subi ao alto cume do sagrado
Monte, a consultar com rendimento
Urania, que me olhava com agrado, [2]
Pois penetrava já meu pensamento:
Que já estava (me disse) ventilado,
Qual preferencia ter no firmamento,
Se a palheta do Vieira, por mais pura,
Se o pincel, com que Apelles fez figura.

X

Se Apelles outra vez tornara ao mundo,
E quizesse por unico ser tido,
Imitara ao Vieira, por fecundo
Nas virtudes, que o fazem tão luzido:
Alcançara assim só gosto jucundo,
Sendo com tal sciencia enriquecido; [3]
E só, se com o Vieira elle aprendera [4]
Hoje, da mesma sorte renascera.

XI

Mais, que hum bem, ou hum mal não se deviza [5]
Nestes, do nescio o sabio se diffrença:
O sabio sempre vivo se eterniza,
Ficando o nescio morto sem defença. [6]
Deste bem o Vieira he a balliza,
Porque até mudo, dá sabia sentença: [7]
Se ha mais tempo brilhasse na Pintura,
Que encomios não tivera por ventura!

---

[1] — Vir bonus Dei simulachrum est. *Diog.*
[2] Urania Cœli motus scrutatur et astra. *Virg.*
[3] Sapientia rectrix, dominaque est. *Senec.*
[4] Multas utiles doctrinas multis pecuniis prœstare ducito etc. *Socr.*
[5] Unicum est bonum, scientia; malum contra unicum inscitia. *Socr.*
[6] Quod differt vivens á mortuo. *Arist.*
Nam sine doctrinâ vita est quasi mortis imago. *Cat.*
[7] São as suas pinturas tão doutamente ornadas com simbolos, e jeroglificos, que em cada figura se acha hum conceito, e em cada acção huma sentença.

XII

He possivel se esqueça hoje a Esculptura,
Sendo irmã do Vieira inseparavel,
Não lhe fazer de marmore a figura, [1]
Fugindo de um descuido abominavel?
Olha, que elle tambem te dá ventura;
E com erudição mais agradavel,
O livro de Polymnia se estendera,
Se nas mãos do Vieira apparecera.

XIII

He ornado com summa gentileza, [2]
De sciencia, o Vieira Lusitano,
Cultivando este fruto (amarga empreza) [3]
Lá desde esse Paiz do invicto Jano: [4]
Sazonado o logrou com tal grandeza,
Que infundindo-lhe gosto soberano,
Fertiliza-lhe a idéa com doçura,
Antes de dar o rasgo na pintura.

XIV

Parabens, oh Pintura, em toda a parte
Decantados te sejão, pregoeiros;
Que um Luso multiplica em ti com arte
(Como em espelho claro) mil luzeiros:
Faz luzir assombrando, por mostrarte,
Que se o pincel mais destro, dos primeiros
Ser do Luso movido merecera,
Assombrado o pincel na mão tremera.

---

[1] Malim ut de me quœrant homines, quamobrem Catoni non sit posita statua, quam quare sit posita. *Cat.*

[2] Inter prospera ornamentum, inter adversa refugium. *Arist.*

[3] Eruditionis radices amaras esse, sed fructus dulces. *Arist.*

[4] Estudou em Roma, com tanto desvelo como a sua sciencia mostra.

ANAGRAMMA AO SENHOR

FRANCISCO VIEIRA LUSITANO.

LUSIA N'AURORA SCIENTIFICO,

E crescendo no arrebol,
Veyo a ser brilhante Sol.

A Vós, douto Vieira esclarecido,
E a vós, ó Frey Antonio, tão discreto,
Peço me desculpeis (se he que atrevido
Nesta acção vos parece) o meu projecto.
He sacrificio só, o mais rendido,
Que feudatario mostra o meu affecto;
Pois Soneto como este com decoro
Só pudera glosallo Orfeo canoro.

LICENÇAS

Do Santo Officio

Censura do M. R. P. M. Fr. Nicoláo da Assumpção Becquer, Qualificador do Santo Officio, etc.

Illustrissimos senhores. Neste Elogio feito a Francisco Vieira Lusitano, que quer imprimir Joaquim Machado e Castro, não encontro cousa alguma contra a nossa Santa fé, ou bons costumes. Vossa Illustrissima mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa 9 de Mayo de 1758. — Fr. Nicoláo da Assumpção Becquer.

Vista a informação póde imprimirse o Elogio, que se apresenta, e depois de impresso tornará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 9 de Mayo de 1758 — Silva — Abreu — Trigoso — Silveiro Lobo.

Do Ordinario

Censura do Doutor Francisco Xavier dos Santos da Fonseca, Promotor fiscal na Mesa da Consciencia.

Illust. e Excel. senhor. Póde-se conceder a licença, que o supplicante pede. Vossa Excellencia mandará o que for servido. Lisboa 11 de Mayo de 1758. — Francisco Xavier dos Santos Fonseca.

Vista a informação, pode se imprimir o papel, que se apresenta,

e depois de impresso, voltará conferido para se dar licença, sem a qual não correrá. Lisboa 11 de mayo de 1758. — Costa.

DO PAÇO

Censura de Filippe Joseph da Gama, Academico da Real Academia da Historia Portugueza, etc.

Senhor. Esta obra, que Vossa Magestade me manda examinar, he dedicada aos louvores de Francisco Vieira, que competindo felizmente com Rafael, Ticiano, e outros excellentissimos Pintores, de que tanto se desvanece a veneravel antiguidade; chega a fazer mais elegante nos seus quadros a sabia natureza, e tem illustrado a Patria com a fama do seu nome, que ha de ser immortal, em quanto no mundo se estimarem as Artes e as Sciencias. E assim por este motivo, como pela circunstancia de não ter cousa alguma contra, que se opponha ao Real serviço de Vossa Magestade, me parece muito benemerita da licença, que se pede para se divulgar na estampa. Belém, 23 de Mayo de 1758. Filippe Joseph da Gama.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa 30 de Mayo de 1758 — Duque P. — Carvalho — Doutor Velho — Castello.

Domingos dos Reis Quita dedicou a Vieira o seguinte soneto:

Fecundo imitador da Natureza,
Tu, Vieira immortal, com vivas cores
Crias em novo prado tenras flores,
Verdes plantas em rustica aspereza.

Parece que a celeste luz acceza
Nos encanta co'os puros resplendores,
Quando nas mãos dos Anjos protectores
Representas das Virgens a Princeza.

Se um astro queres ver illuminado,
Ao astuto pincel a mão applicas,
E brilha de improviso o sol doirado!

Assim da Patria a gloria multiplicas;
Á tua fama e nome decantado
Eternos monumentos edificas. [1]

---

[1] — *Obras* de Quita — T. I. pag. 260.

SONETO

El necio orgullo de la humana ciencia
Nunca el misterio augusto ha penetrado
De hacer vivir lo muerto y acabado,
O crear a un ser nuevo la existencia.

Mas Dios en su infinita Omnipotencia
De su poder destello al hombre ha dado,
Y en su divina imagen lo ha creado
Dandole el pensamiento y la conciencia.

Y son del genio la suprema gloria
Los que en la mente vida han conseguido
A los muertos ilustres de la historia.

Castillo los arranca del olvido.
A «Gil Vicente» insigne rehabilita,
Y a «Vieira Lusitano» resucita.

Mayo 9-1901 — Luz

DUX FEMINA FACTI

Vieira «*Lusitano*», o artista primoroso,
O amante apaixonado,
Se de «insigne pintor» as palmas conquistou,
E' que a formosa Ignez, ao seu «leal esposo»
Qual anjo dedicado,
Celeste inspiração na fronte bafejou,
E num beijo lhe abriu da Eternidade o Templo.

Assim, mais uma vez, nos fica demonstrado
Neste brilhante exemplo
O supremo poder da magica influencia,
Da suggestão divina,
Que sobre nós exerce a fórma peregrina,
O doce e meigo incanto, a perfumada essencia
De uma linda mulher, quando esta nos fascina.

Lisboa. — Abril de 1901 — Xavier da Cunha

A VIEIRA LUSITANO

Quando, de enthusiasmo arrebatado,
Tomavas o pincel, nobre Vieira,
Ignez, a tua amante e companheira,
Junto da Gloria punha-se a teu lado.

Vendo-as, ia-te o olhar maravilhado
De uma á outra, e egualava-as de maneira,
Que era uma como a outra feiticeira,
E uma da outra o mais fiel traslado.

Deram-te azas de luz á farta mente
O amor da mulher, o amor da arte;
N'elles bebeste a inspiração ardente.

E comprovaram tanto e tanto amar-te
Ignez e a Gloria, que, ó pintor ingente,
Inda vivem comtigo em toda a parte.

28 de Abril de 1901 RAMOS-COELHO

VIEIRA E IGNEZ

Na lacrimosa chronica de amores
são claro exemplo Ignez e o grão Vieira:
elle, genio; ella, amante verdadeira;
ambos modelo aos animos melhores.

A obra d'elle, os lumes tragadores
n'um só dia a aniquilam quasi inteira;
ella perde a familia, e o veo de freira
a amortalha, a sepulta entre amargores.

Um dia... acordam immortaes na Historia.
Surgem. O nome d'elle é luz famosa;
o d'ella, opprobrio e estygma de vaidades.

Honremos-lhes a esplendida memoria!
Flores a elle! o loiro! o myrto! a rosa!
flores a Ignez! martyrios e saudades!...

Lumiar — Maio de 1901 LUCILIO DE JASOTH

AO SENHOR FRANCISCO VIEIRA LUSITANO

CAVALLEIRO DO HABITO DE SANTIAGO E PINTOR D'EL-REI NOSSO SENHOR

És mestre na sciencia portentosa
de imitar os assombros da Natura.
Teu Genio ao Creador e á creatura
rende preito em linguagem respeitosa.

Raro exemplo é tua alma affectuosa
na amisade e no amor. A desventura
não logrou transviar-te a mente pura,
nem rebaixar-te aos lodaçaes da prosa.

Hoje, que a tua estatua ovante cobre
o aureo templo da Fama portugueza,
contempla-te a Nação, e a ti se inclina;

e hesita sobre a gloria em que és mais nobre:
se amante, dando cultos á belleza,
se pintor, illustrando a obra divina!

Do seu convento do Lumiar — Frey José Tulio Dalich

Um curioso moderno dedicou ao assumpto as seguintes dez oitavas antiquadas:

I

A VIEIRA LUSITANO

Quem é este, que á luz da sacra lampa
da sombra emerge envolto em claridade,
e em cuja fronte o seu talento estampa
clarões de gloria e de immortalidade?
Funebre e só, lá sai da fria campa
coroado de myrto e de saudade.
Ah Vieira! inda o estro te illumina
(feliz!) o olhar da tua Ignez divina.

II

VIEIRA FELIZ

«Estavas, linda Ignez, posta em socego»,
do campo e da familia entre as delicias.
Pobre, ao teu nobre lar um dia chego;
amâmo-nos; envolves-me em caricias.
Perseguem-nos; luctei; destino cego!
encarceram-te; augmentam-se as sevicias;
furto-te ao claustro, ó misera e mesquinha!
e eis-te emfim, doce Ignez! és minha! és minha!

III

Á MORTE DE IGNEZ

É morta Ignez. Jaz n'essa cova fria
o corpo d'ella, e o coração do esposo.
Ei!-o, quando a existencia lhe sorria,
viuvo, e para sempre desditoso.
No seu lar, solidão! melancolia!
Elle passa, inconsciente e lacrimoso,
buscando em vão no Averno d'esta vida,
novo Orpheu, sua Eurydice perdida.

IV

VIEIRA VIUVO

Que saudades do tempo, em que eu menino
da infantil doce Ignez me ennamorava!
Co'os annos transformou-se o meu destino;
é meu limpido ceo tormenta brava.
Aos mandos do meu Deus a fronte inclino.
E hoje... oh terror! Ignez, que eu tanto amava,
fugiu-me! e é para sempre!! horrivel sorte!
Ignez, penar sem ti desbanca a morte.

V

VIEIRA NA SUA VIUVEZ

Amar, e ser amado, eis a ventura.
Amei; luctei; venci. Dei aos vindoiros
o claro exemplo da paixão mais pura.
Mostrei que a murta não desdenha os loiros.
Hoje... tenho a soidão e a desventura;
mas oro, e espero; os prantos são thesoiros.
Ignez, volve do Ceo! consola um triste,
«Alma minha gentil que te partiste!»

VI

A VIEIRA

Grande Vieira, Ignez amada, amante,
deu-te em ventura um rapido momento;
illumina-a teu nome rutilante;
dá-lhe o teu estro eterno monumento.

Morre. O teu genio arranca-a triumphante
ao abysmo fatal do esquecimento.
Por ti ditosa é «a misera e mesquinha,
«que depois de ser morta foi Rainha.»

VII

EPITAPHIO DE VIEIRA

— Quem jaz sob esta campa? — O grão Vieira.
— Seu titulo melhor? — O *Lusitano.*
— Qual sua gloria? — A pura, a verdadeira.
— E que levou do mundo? — Um desengano.
— Amou? — E de que modo! a vida inteira.
— Foi-lhe o berço leal? — Foi-lhe um tiranno.
Entre as Artes e o Amor correu-lhe a vida
«pelo mundo aos pedaços repartida.»

VIII

OUTRO EPITAPHIO

Jaz n'esta cova um triste, que a existencia
sagrou nas aras da Arte e da Ternura.
Agrilhoou-o ao Genio a Providencia;
deu-lhe a tragar o calix da amargura;
ateou-lhe no peito a santa ardencia
dos ideaes do Amor e da Pintura;
e hoje ainda o illumina, como um astro,
novo Pedro, uma nova Ignez de Castro.

IX

VIEIRA TRIUMPHANTE

Amaste, e padeceste; a tua gloria,
quem senão o infortunio t'a prepara?
Tem lagrimas de sangue a tua historia,
que aos corações mais duros apiadára.
Mas hoje, eis-te no alcáçar da Memoria;
saúda Portugal tua fama rara;
e vendo espinhos transmudar-se em flores,
enlaças nos laureis rosas de amores.

X

GLORIA A VIEIRA LUSITANO

Luctou; venceu. Da mente dolorida
foram-lhe o Amor e o Genio inspiradores.
Viu na sua Ignez a Musa estremecida;
viu na palheta allivio ás suas dores.
Cantou na pobre lyra a amarga vida,
co'os olhos nos ethereos resplendores.
Hoje, immortal, surgiu com a alma acceza
no aureo templo da gloria portugueza.

19 de Abril de 1901
Lumiar

LICIO DE VACSEN DHOST

NOTA XIII

Não devo ser supersticioso; nem desejo alimentar crendices no espirito dos leitores; mas como trabalho com microscopio, não pude deixar de notar, a titulo de fugitiva curiosidade, que varias vezes o numero *nove* figura em factos importantes da vida de Vieira.

1.° — Vieira nasceu em 1699; dois *noves*.

2.° — Dedicou-se toda a vida ao culto das *nove* Musas, e, como os grandes artistas da Renascença, foi pintor, musico, architecto, escultor, e poeta.

3.° — O palacio da quinta da Boa-Vista tem na frente principal *nove* janellas, que elle mil vezes contemplou.

4.° Foi em *nove* de *Novembro* de 1711 que Vieira concluiu a copia do jogo da Oca, tarefa que motivou a primeira entrevista amorosa entre os dois, elle de pouco mais de doze annos, ella de quinze; annos que sommados dão 27; multiplo de *nove*.

5.° — Quando ganhou premio de pintura na Academia de Roma, parece que tinha dezoito annos, conta egual a duas vezes *nove*.

6.° — Mediaram *nove* annos entre a chegada de Roma (principio das diligencias matrimoniaes dos dois amantes), e a legalisação do casamento: 1719, 1728.

7.° — A sahida do convento foi em 1728, data que representa a dezena augmentada de duas vezes *nove*.

8.° — Vieira tinha vinte e *nove* annos quando conseguiu raptar sua legitima mulher á clausura de Sant'Anna.

9.º — D. Ignez falleceu em Mafra a 22 de Agosto de 1774; *nove* annos e *nove* dias andados, falleceu em Xabregas o seu viuvo; 13 de Agosto de 1783.

Elle, que tão visionario era por indole, deveu notar alguma coisa d'isto; e a prova é a gravura já analysada, do Santo Antonio apontando para o numero IX.

P. S. — As illustrações d'este volume são 27, egual a tres vezes *nove*.

NOTA XIV

Apontamento final

Em Setembro de 1861, na nossa casa de S. Francisco de Paula, depois de varias tentativas frustradas, comecei esta obra. Descontente com os capitulos escritos, queimei-os em 12 de Dezembro.

Continuando sempre a armazenar documentos e desenhos, e a pensar no assumpto, comecei redacção nova em Outubro de 1889 na quinta de S. Bento (Olivaes).

Continuei-a até Setembro de 1890, com alguns intervallos, na quinta das Varandas (Olivaes).

Conclui-a na quinta da Costa (Carnide) em Junho de 1893.

Retoquei-a e accrescentei-a successivamente até Março e Abril de 1901 no Lumiar.

Devo gratidão a muitas pessoas na feitura d'este livro:

a meu Pae, de cuja palavra me proveio a ideia primordial, e a primeira faisca;

ao insigne bibliophilo, bibliographo, e colleccionador, Annibal Fernandes-Thomaz, pela amabilidade com que pôz á minha disposição as suas ricas collecções de estampas e livros, cheio de boa vontade de me auxiliar, elle que tem por dever e direito a avareza dos seus thesoiros artisticos;

ao meu antigo e estimadissimo amigo, como irmão, alto historiador, Anselmo Braamcamp Freire, pela revisão que fez do meu manuscrito, e pelo gosto sincero que sempre teve em o ver concluido, facilitando as minhas pesquizas historicas na sua opulenta e completa livraria da quinta da Aldeia junto a Sacavem;

á memoria do meu sempre (e cada vez mais) saudoso D. Antonio da Costa, pelo gosto com que seguia a leitura d'estas paginas no *Instituto*, e pelas animações com que me honrava, incitando-me a não levantar mão da tarefa;

á memoria do obsequioso Augusto de Andrade, Secretario da Embaixada de Portugal junto á Santa Sé, pelo valioso presente

de uma grande photographia do quadro de Vieira que existe em Santo Antonio dos Portuguezes em Roma;

a Augusto Gomez de Araujo, bom entendedor e auxiliador d'estes assumptos, pela offerta de um exemplar da gravura de Vieira que representa o pintor segurando no retrato de Ignez;

ao erudito escritor e genealogista Ayres de Sá, notavel autor do *Frei Gonçalo Velho*, pelas diligencias que pessoalmente empregou, a meu pedido, na procura, aliás infructuosa, da campa funeraria de Ignez no cemiterio de Mafra, e na egreja parochial antiga da mesma villa;

ao incansavel D.^or Candido de Figueiredo, poeta e philologo, pelo zelo e amisade com que em 1896 andou diligenciando espontaneamente junto de um livreiro lisbonense a publicação d'este livro, diligencia mallograda por motivos alheios á boa vontade do mesmo amigo;

ao meu querido amigo e visinho Francisco José de Carvalho, da Ameixoeira, pelo interesse que tomou n'esta publicação, exforçando-me nos meus justos desanimos, dando-me amiudadas vezes parte do gosto que lhe causava a leitura no *Instituto*, e por fim ajudando-me bondosamente na revisão das provas, para o que vinha todas as manhans da sua quinta na Ameixoeira;

ao talentoso General Henrique das Neves, que, por ter lido a obra, foi o promotor espontaneo d'esta edição, e seu preconisador enthusiasta junto da Parceria «Antonio Maria Pereira», por um modo tão obrigante e fraternal, que empenhou para sempre a minha gratidão;

á memoria do douto Academico, meu mestre em *Lisboa antiga*, Ignacio de Vilhena Barbosa, por ter acceitado a dedicatoria d'este estudo, tel-o lido attentamente ao passo que ia sahindo em Coimbra, e ter-me por mais de uma vez dado animações que nunca esquecerei;

á illustre Redacção do *Instituto* de Coimbra, então representada pelo D.^or Abilio Augusto da Fonseca Pinto, já fallecido, a qual deu honrosa hospitalidade á minha obra recusada por dois ou tres livreiros;

ao meu provado amigo João de Freitas Branco, distincto apreciador de materias litterarias, philologo, dramaturgo, e critico de bons quilates, pelas buscas que fez para a achada da glosa de Machado de Castro;

ao esclarecido artista João Hilario Pinto de Almeida, que, tendo adquirido por compra as chapas de duas grandes gravuras do Mestre, a de Coronis, e a da morte de João Vieira, as mandou estampar, e teve a inapreciavel lembrança de me offerecer um exemplar de cada uma;

á memoria do bom e illustrado Jorge Cesar de Figanière, an-

tigo amigo de todos os meus, pela maneira bizarra como me facultava folhetos e gravuras das suas extraordinarias collecções (hoje dispersas aos quatro ventos!), incitando ao trabalho d'esta biographia um obscuro rapaz de dezoito ou dezanove annos, como eu então era;

ao fino espirito do meu amigo José Arthur Barcia, pela obsequiosa offerta de uma gravura do Mestre, pelo emprestimo de desenhos originaes do mesmo, e pelo trabalho que teve em me auxiliar algumas vezes na revisão typographica;

ao m.^to^ Rev.^do^ snr. Padre José Baptista Pereira, digno Prior de Carnide, por esclarecimentos que me communicou tirados do seu cartorio parochial:

á memoria do m.^to^ Rev.^do^ Prior do Beato, o snr. Padre José Joaquim Marques de Oliveira, pela promptidão com que tirou, a meu rogo, copia do assento obituario de Vieira;

ao meu collega e bom amigo José Ramos Coelho, o historiador poeta, o escultor do grande monumento ao Infante D. Duarte, pelos versos bellissimos que lhe foram inspirados pela sua admiração a Vieira, e pela sua já antiga amisade a mim;

ao meu excellente D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa, da Casa de Rio Maior, pelos esclarecimentos que teve a bondade de me trazer ácerca de Mangin, e pelos preciosos documentos manuscritos que me offereceu sobre a Moeda, da qual foi digno e intelligentissimo Director, introduzindo ali com o seu sabido talento melhoramentos, e combatendo denodado a ignorancia e a rotina;

ao meu amigo e collega D. José da Sylva Pessanha, que diligentemente me auxiliou copiando os dados genealogicos de Sebastião Vieira de Mattos n'uma occasião em que, impossibilitado pela doença, não pude ir á Torre do Tombo;

á illustre senhora estrangeira, que assigna *Luz* o soneto castelhano, e a quem não tenho licença para nomear; só direi que usa pela linha materna um dos appellidos mais brilhantes da Litteratura das Hespanhas, e que a seu fallecido pae, a sua nobre mãe, e a seu amabilissimo e talentoso marido, me uniram sempre os laços inquebrantaveis do mais cordeal affecto;

á memoria do distincto artista amador, desenhista e aguarellista primoroso, Manuel San-Romão, que (além de ter illustrado a aguarella um exemplar das minhas *Manuelinas)* me offereceu varias gravuras de Vieira Lusitano, photographias de algumas, e calcos de outras, por elle tirados expressamente sobre os originaes;

á memoria do amavel Marquez de Abrantes, D. José Maria da Piedade de Lancastre, amigo de meu Pae e seu alumno em poesia, pela bondade com que me acolhia (ou antes me aturava) no

seu palacio de Santos, diversas vezes, conversando comigo n'estas antigualhas, procurando na sua galeria um retrato, que aliás não appareceu, do 1.º Marquez de Abrantes, emprestando me papeis, ministrando-me apontamentos, e incitando me a este trabalho, que tanto gloriava o seu illustre antepassado;

ao m.to Rev.do snr. Prior de Sacavem, Padre Porphyrio da Cruz Quintella, pelas buscas a que espontaneamente teve a bondade de proceder na Camara ecclesiastica para a achada dos papeis antenupciaes de Vieira, e na freguezia de S. José para certidões da familia do mesmo;

ao m.to Rev do snr. Padre Thomaz Joaquim de Almeida, Prior de Mafra, pelo grande favor que me fez copiando, a meu pedido, e remettendo-me sem a minima demora, o termo do fallecimento de D. Ignez Helena de Lima e Mello;

ao meu dilecto Thomaz de Mello Breyner (Mafra), pelas indicações luminosas que me deu, com o seu vivaz talento, sobre a ultima morada de D. Ignez no paço de Mafra, nos mesmos quartos que hoje habita no verão esse meu amigo, e pelas seccas que lhe dei com a infructuosa busca da campa de D. Ignez;

ao meu amigo o Conselheiro Venancio Deslandes, pelo trabalho que teve em procurar, por interposta pessoa, esclarecimentos que desejei ácerca do palacio habitado em Roma pelo Marquez de Fontes;

ao meu sempre querido Visconde de Sanches de Baêna, pelas noticias genealogicas com que me ajudou, extrahidas dos seus opulentos e inesgotaveis archivos, menos fartos, ainda assim, do que a sua amabilidade;

ao meu antigo condiscipulo e amigo o D.or Xavier da Cunha (hoje atormentado por doença que Deus queira se dissipe breve), pelas suas constantes animações ao passo que lia esta obra no *Instituto*, pela valiosa offerta do desenho de Róxa, copia de um original de Vieira, além de gravuras, e pelos formosos versos que me offereceu em louvor do grande artista;

á Parceria «Antonio Maria Pereira», porque, arrostando animosa com a indifferença geral do nosso publico para livros essencialmente portuguezes, não duvidou emprehender esta edição luxuosa, prestando assim homenagem inequivoca de admiração ao eminente LUSITANO, homenagem que, se é honrosa para elle, o é não menos para a Parceria;

finalmente ao snr. Antonio Maria dos Santos Freire, digno Director da imprensa da Parceria, pelo zelo, intelligencia, e pericia, com que dirigiu a impressão, aturando os meus caprichos, e encaminhando o seu habil pessoal por forma, que em cheio correspondeu ás exigencias technicas, litterarias, e artisticas do livro,

tornando-o digno das formosas photogravuras do perito artista o snr. Pires Marinho.

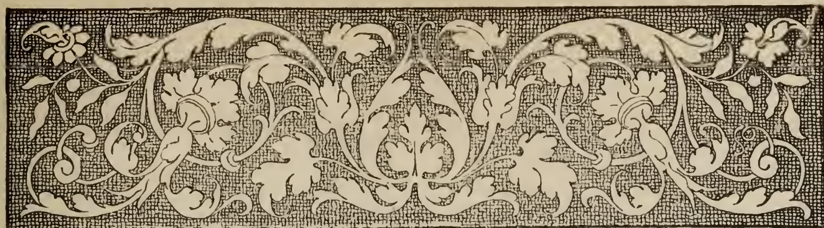
Entendi desabafar aqui o meu agradecimento. Por isto tudo se vê que isolado ninguem consegue coisa alguma. A união é que faz a força.

Agora nada mais me resta, senão escrever (e com saudade) a palavra

FIM

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

INDICE ALPHABETICO





ALTERAÇÕES E ERRATA

PAG.	LIN.	EM VEZ DE	LEIA-SE
17	33	João, e Joaquim	João, Antonio, e Joaquim.
»	34	Catherina; das outras duas	Catherina; outra era Maria; da terceira
»	35	não sei os nomes	não sei o nome.
80	28	lhes bastava	lhe bastava.
115	25	Elle não se acha	Elle não se achava
149	6	ali mesmo ao-pé	ali mesmo ao-pé de uma pequenina porta.
»	15	portal pequeno em baixo	portal.
155	20	minina	minima.
156	11	interregou	interrogou
177	32	promenores	pormenores
185	17	o de se tratou	o de que se tratou.
195	31 32 33 34	Calculando que João nascesse por 1704 ou 5, podemos conjecturar a esta obra a data aproximada de 1724 ou 25	Tendo João nascido em 1701, podemos conjecturar a esta obra a data aproximada de 1722.
279	5	Ei l-o	Eil-o.
230	26	e a acompanham	que a acompanham.



PEDIDO

Desejando o auctor d'este livro coordenar um catalogo, tão completo quanto possivel, das producções de Vieira Lusitano, quadros a oleo, gravuras, e desenhos, catalogo que se acha muito adiantado, pede por este meio a todas as pessoas que possuam, ou presumam possuir, desenhos, gravuras, ou quadros do Mestre, o favor de o communicarem para o Lumiar, travessa do Prior n.º 11, permittindo que essas obras sejam examinadas, e citadas com os nomes dos actuaes donos.

Lumiar, 16 de Julho de 1901.

Julio de Castilho.


BRIGHAM YOUNG UNIVERSITY
3 1197 20918 0287

